



PHILIP KERR

MERCADO DE INVERNO

QUANDO O TREINADOR PORTUGUÊS
DE UM CLUBE LONDRINO
É ASSASSINADO...

 Porto
Editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



**PHILIP
KERR**

**MERCADO
DE INVERNO**

QUANDO O TREINADOR PORTUGUÊS
DE UM CLUBE LONDRINO
É ASSASSINADO...

 Porto
Editora



© Getty Images

Philip Kerr nasceu em Edimburgo, em 1956, e é o autor *bestseller* dos célebres *thrillers* em torno da personagem Bernie Gunther (no catálogo da Porto Editora figuram já *O Projecto Janus* e *Se os mortos não ressuscitam*), pelos quais recebeu, em 2009, os prémios CWA Ellis Peters Historical e RBA International for Crime Writing. Para além dos catorze romances publicados, escreveu uma série de livros juvenis com o pseudónimo de P. B. Kerr. Colabora assiduamente em publicações como o *Sunday Times*, o *Evening Standard* e o *New Statesman*. Um dos nomes mais consagrados do policial britânico, é traduzido em 25 idiomas e várias das suas obras foram adaptadas ao cinema e à televisão. Um adepto de longa data do Arsenal, vive agora em Londres.

Mercado de Inverno

Philip Kerr

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

January Window

© by thynKER Ltd

Tradução: Carlos Sousa de Almeida

Design da capa: © Manuel Pessoa

Imagem da capa: © Ilona Wellmann / Arcangel Images

1.^a edição em papel: outubro de 2015

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68634-3

Este livro apresenta-se como uma obra de ficção e os erros que contém não podem ser atribuídos ao meu agente secreto (por favor, não perguntem). Devo acrescentar que tem a minha total confiança e prometo não o despedir mesmo que este romance não ganhe nada.

Philip Kerr

Para Paul Sidey

Capítulo 1

Janeiro de 2014

Detesto o Natal. Tenho quase quarenta anos e acho que o odiei mais de metade da minha vida. Antes jogava futebol profissional, agora treino outros para que façam o mesmo, por isso, o Natal é uma época do ano que associo a um calendário de jogos tão cheio como a loja de brinquedos Hamleys. Isto significa treinos de manhã cedo em campos congelados, tendões maltratados sem tempo para recuperar adequadamente, adeptos embriagados que esperam da equipa muito mais do que se afiguraria razoável – para não falar das elevadas expectativas que tem um proprietário implacável ou um presidente de clube – e presumíveis encontros fáceis contra equipazitas do fundo da tabela que podem acabar por nos pregar um susto.

Este ano não é diferente. Enfrentamos o Chelsea a 26, o que significa que no dia de Natal, bem cedo, quando noventa e nove por cento das pessoas está a abrir as prendas, a ir à igreja, a ver televisão diante de uma agradável lareira ou simplesmente a emborrachar-se, nós estaremos no complexo desportivo de Hangman's Wood, em Thurrock. Dois dias mais tarde, a 28, temos outra saída, a Newcastle, antes de um jogo

em casa contra o Tottenham Hotspur no dia de Ano Novo. Três jogos em sete dias. Isto não é desporto, é um maldito Triatlo Ironman. Quando as pessoas do mundo do futebol profissional falam da beleza deste desporto, não incluem normalmente as férias do Natal. E sempre que recordo a história da revista *Boy's Own* sobre um jogo de futebol amigável disputado em terra de ninguém durante a I Guerra Mundial entre soldados britânicos e alemães, penso com os meus botões: «Pois, gostava de os ver sem um guarda-redes em forma e a alinhar com um médio imbecil e mandrião que espera assinar por outro clube para duplicar o salário, já de si astronómico, no mercado de inverno.» O mercado de inverno é o período de quatro semanas durante o qual a FIFA autoriza os clubes europeus a registar um novo jogador a meio da época. Francamente, a ideia parece-me uma estupidez – o que é típico da FIFA – porque fomenta uma mentalidade de venda de garagem em que os clubes procuram livrar-se dos pesos mortos para pagar barbaridades por um menino de ouro que lhes dê a possibilidade de ganharem qualquer coisa ou simplesmente de permanecerem na Liga. Dito isto, não há dúvida de que todos os treinadores procuram comprar jogadores: uma boa contratação pode decidir o título da Liga ou evitar a despromoção. Basta ver que jogadores foram comprados em mercados de inverno recentes para perceber o valor de se contratar alguém a meio da época: Luis Suárez, Daniel Sturridge, Philippe Coutinho, Patrice Evra e Nemanda Vidic, todos chegaram aos seus clubes no mercado de inverno. Se alguma vez tiverem feito parte de uma rede de vendas imobiliárias, em que uma série de consumidores não pode adquirir uma nova casa até ter vendido a antiga,

então começarão a perceber um pouco a enervante complexidade do que acontece em janeiro. Pessoalmente, acho que as coisas corriam melhor quando o mercado estava sempre aberto; mas eu sou daqueles que acha que quase tudo neste desporto era melhor antes de a Sky TV, as repetições instantâneas e a mudança das regras do fora de jogo imposta pelo IFAB¹ em 2005 terem feito dele o que agora é.

Há, no entanto, outro motivo, este mais triste, pelo qual não gosto muito do Natal. Em 23 de dezembro de 2004, fui considerado culpado de violação e condenado a oito anos de prisão, e não é preciso ser o fantasma do maldito Jacob Marley dickensiano para imaginar o efeito negativo disso sobre o Natal de qualquer um, passado, presente ou futuro.

Mas voltarei mais adiante a este assunto.

Chamo-me Scott Manson e sou treinador adjunto do London City. Como sempre treinei com os jogadores, gosto de dar o exemplo, o que significa nada de álcool desde 22 de dezembro até à noite de Ano Novo. É como ser Testemunha de Jeová numa dessas festas de casamento luxosas de uma noiva pateta com um futebolista que aparecem na *Hello!*. Nada de álcool ou de noitadas, uma dieta sensata e, é claro, nada de fumar; queira Deus que eu – ou melhor, Maurice McShane, o mediador extraoficial do clube – não veja numa revista um dos meus jogadores ao volante, depois de sair de uma discoteca em noite de Natal, com um *Silk Cut* na mão. Cheguei a dar uma descasca a um avançado-centro por ter tatuado um dragão – um presente de Natal da atrasada da mulher no dia anterior ao jogo do dia de Ano Novo. Caso não saibam, as tatuagens doem como o diabo, e, além disso, as tintas e

os pigmentos podem estar contaminados, o que, às vezes, provoca náuseas, granulomas, doenças pulmonares, infecções nas articulações e problemas oculares. Já ouviram falar numa passagem da Bíblia que diz que o nosso corpo é um templo? Isto é especialmente verdade com os futebolistas, e bem podem ir rezando para não darem cabo dele se quiserem continuar a cobrar cem mil libras à semana. Não estou a brincar. Querem oferecer algo bonito a um futebolista no Natal? Compre-lhe uma coleção de DVD e um frasco de *Acqua di Parma*. Não lhe ofereçam um vale para cobrir o seu templo de grafítis, pelo menos até terminarem os jogos do Natal e início de janeiro.

Em conclusão, o London City empatou a zero com o Manchester United, perdeu por 4-3 com o Newcastle e venceu por 2-1 o Tottenham – o que nos deixou em nono lugar na 1ª Liga – e voltou a empatar a zero com o West Ham no primeiro jogo da Taça da Liga inglesa. Mas nada disso parecia ter importância – ao menos para mim – porque no quinto minuto da partida em Silvertown Dock contra o Tottenham, Didier Cassell, o nosso guarda-redes titular, sofreu uma lesão grave na cabeça depois de chocar com a trave ao tentar deter um potente chute com efeito de Alex Pritchard.

As imagens do impacto são horríveis; a princípio, toda a gente pensou que o som captado pelo microfone que estava junto à baliza fosse o da bola a bater num painel publicitário, e só depois de a Sky Sports ter mostrado o incidente várias vezes em câmara lenta – o que deve ter encantado a família de Didier –, é que as pessoas se deram conta de que o ruído surdo era o do crânio do guarda-redes a fraturar-se contra a trave. Não

sei quem estava mais preocupado, se os nossos jogadores, se os do Tottenham.

Quando o pessoal médico levou Cassell do campo, ele ainda não tinha recuperado os sentidos. Quatro dias depois, continuava inconsciente no hospital. Ninguém usa a palavra coma – ninguém, exceto os jornais, claro, que já o põem a defender a baliza da equipa de Deus – mas com uma terceira ronda da Taça de Inglaterra contra o Leeds United programada para o fim de semana, já estamos a pensar em comprar um guarda-redes àquele que foi o clube do meu pai, o Heart of Modlothian, cujos credores acham que saldar as dívidas é mais importante do que não sofrer golos. Kenny Traynor é uma pechincha por nove milhões, o que é quase dois terços do que, ao que parece, os do Heart devem aos bancos.

João Gonzales Zarco, o nosso recém-nomeado treinador, falou de Didier Cassell com o seu habitual ar enigmático perante as câmaras de televisão e os jornalistas postados frente ao Royal London Hospital quando eu e ele fomos visitá-lo:

– Não quero falar sobre a substituição de guarda-redes. Por favor, não me façam esse tipo de perguntas. Neste momento, os nossos pensamentos estão com o Didier e com a sua família. Obviamente, desejamos a sua rápida recuperação. O que posso dizer sobre o que aconteceu é que, por mais planos que façamos, ou por muito que controlemos a equipa, a vida atira sempre a bola para o fundo das redes.

Zarco, um homem amiúde emotivo, enxugou uma lágrima e acrescentou:

– Ouçam, no futebol não se pode jogar sob os holofotes sem que haja sombras, e é necessário

perceber-se isso. Todo o jogador, todo o treinador da nossa Liga sabe o que é, às vezes, jogar assim. No entanto, gostaria ainda de acrescentar que – e dirijo-me àqueles que escreveram ou disseram coisas que nunca se deviam dizer quando um valente jovem luta pela vida – sou como um elefante. Não me esqueço do que alguns disseram e quando o disseram. Não me esqueço. Por isso, quando tudo tiver acabado, hei de espezinhá-los, limpar o rabo às palavras deles e mijar-lhes em cima. Os restantes devem lembrar-se sempre de que o London City é uma família unida. Um dos nossos filhos prediletos está doente, sim, mas havemos de superar isso. Prometo-vos que este clube voltará a andar sob os holofotes. E Didier Cassell também.

Eu não o teria dito melhor. Gostei especialmente do momento em que João Zarco disse que limparia o rabo às palavras de certos jornalistas e lhes mijaria em cima. Mas eu faria o mesmo, não é? Não tenho motivos para gostar de nenhum jornal. Muitos dos jornalistas que conheço são agitadores, ainda que chamem a isso obter um furo, como se o mesmo justificasse tudo. Não justifica. Para mim, não.

Evidentemente, naquela altura não o sabíamos, mas os nossos problemas na Coroa de Espinhos apenas tinham começado.

1 International Football Association Board. (*N. do T.*)

Capítulo 2

A Coroa de Espinhos é o nome que as gentes do sítio dão ao estádio de futebol do City em Silvertown Dock, uma zona do East End de Londres, embora a expressão tenha sido cunhada pela escultora Maggi Hambling, que foi consultora artística dos Bellew & Hammerstein, os arquitetos do edifício. Gosto muito do seu trabalho e tenho várias marinhas fantásticas pintadas por ela. Sim, o mar. Pode parecer uma porcaria, eu sei, mas se as vissem, perceberiam que são algo de muito especial.

O estádio, constituído por duas estruturas independentes – uma arquibancada de cimento de cor laranja (o cor de laranja é a cor da faixa do equipamento do City quando joga em casa) e uma estrutura exterior de aço que se parece realmente com uma coroa de espinhos – não é muito diferente do Ninho de Pássaro, que foi usado nos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008. É o edifício mais distintivo de todo o Este de Londres e a sua construção custou quinhentos milhões de libras, por isso, ainda bem que o clube é propriedade de um multimilionário ucraniano que deve estar a afogar-se em dinheiro. Segundo a revista *Forbes*, Viktor Yevgenovich Sokolnikov possui uma fortuna de vinte mil milhões de dólares, o que faz dele o quinquagésimo homem mais rico do mundo. Não me

perguntem como é que ele juntou uma pipa de massa do tamanho do monte Cervino. Francamente, sobre essas coisas, prefiro viver na ignorância. O que sei é o que o próprio Sokolnikov me contou: que o pai dele trabalhava numa fábrica de película fotográfica numa pequena cidade ucraniana chamada Shostka e que ganhou o primeiro milhão a negociar carvão e madeira, dinheiro com o qual fez depois alguns investimentos arriscados que deram os seus lucros. E também não me perguntem como é que ele convenceu a Associação de Futebol e o *mayor* de Londres a permitirem que assumisse a dívida de quatro velhos clubes do Este de Londres que tinham sido intervencionados para poder relançá-los na Segunda Divisão com o nome de London City. Suponho que o dinheiro, às carradas, tenha tido algo que ver com isso. Sokolnikov gastou uma fortuna a reabilitar Silvertown Dock e Thames Gateway, e o clube de futebol – que subiu à I Liga ao fim de apenas cinco anos – dá trabalho atualmente a mais de quatrocentas pessoas, isto para não falar do dinheiro que injeta numa zona de Londres em que a palavra investimento era considerada antigamente uma obscenidade. Além do estádio, Sokolnikov prometeu que a sua empresa, a Shostka Solutions AG, faria a nova ponte de Thames Gateway, construção que foi cancelada por Boris Johnson em 2008 por ser demasiado cara; ou pelo menos, há de fazê-la quando os imbecis dos trabalhistas do planeamento urbanístico acordarem e descerem das nuvens. Neste momento, o projeto esbarra com muitas objeções.

Ao voltar do hospital para o meu apartamento na Manresa Road, em Chelsea, a minha namorada, Sonja,

veio à porta com os olhos arregalados e a voz contida.

– O Matt está aqui – disse.

– O Matt?

– O Matt Drennan.

– Meu Deus, e o que é que ele quer?

– Creio que nem ele sabe – respondeu-me Sonja. – Acho que está bêbedo e num estado lamentável.

– Que surpresa.

– Está cá há uma hora, Scott. E tenho de dizer-te que foi o cabo dos trabalhos mantê-lo afastado da bandeja das bebidas.

– Não duvido.

Beijei-lhe a face fria e apalpei-lhe o rabo simultaneamente. Sabia que ela não gostava do Drennan e não podia censurá-la; nunca tinha conhecido o Drennan que eu conhecera no passado.

– Scott, não vais deixá-lo ficar cá, pois não? Não vai passar a noite aqui. Assusta-me quando está bêbedo.

– É inofensivo, querida.

– Não, não é, Scott. É um desastre completo.

– Eu trato dele, amor. Vai lá... fazer outra coisa. Já fizeste a tua parte. Eu ocupo-me dele a partir de agora.

Drennan estava de pé – mais ou menos – na sala de estar, a contemplar um dos quadros de Hambling: uma onda enorme, uma espécie de tsunâmi em vias de se quebrar numa praia de Suffolk próxima de onde vivia e trabalhava a artista. Fiquei um momento junto do meu antigo companheiro de equipa e pus-lhe a mão no ombro para que deixasse de cambalear. No breve intervalo que decorreu entre a saída de Sonja e a minha entrada, fora à bandeja e servira-se de um copo de uísque, e eu contava poder tirar-lho caso o pousasse. Tinha a camisa rasgada e não muito limpa e, no lóbulo

da orelha, onde antes brilhava um diamante, havia agora uma grande crosta de sangue.

– É exatamente assim que me sinto – disse Drennan.

O seu bafo parecia saído de um vidro.

– Não vais vomitar, pois não, Matt? É que o tapete é novo.

Drennan pôs-se a rir.

– Não. Teria de ter comido alguma coisa para vomitar – respondeu.

– Se quiseres, podemos ir buscar um *kebab*. E depois posso levar-te a casa.

Há muito tempo que não ia ao Kebab Kid, em Parsons Green; ultimamente, o *sushi* entusiasmava-me mais, mas estava disposto a ir lá se isso deixasse o Drennan feliz.

– Não tenho fome – disse ele.

– Que estás aqui a fazer? Julguei que passavas o Ano Novo com a Tiffany.

Drennan mirou-me com o olhar turvado.

– Vim saber como é que está o tipo francês. O que rachou a cabeça. Fui ao hospital, mas puseram-me na rua por estar emborrachado.

– Espanta-me que não te tenham oferecido uma cama. Olha para ti, Matt. Puseram-te na rua antes de estares assim ou o Serviço Nacional de Saúde é realmente tão mau como dizem?

– Tive uma pequena zanga com a Tiff.

Era coisa que já lhe tinha ouvido dizer antes, mas não fazia ideia de que tivesse sido muito mais que um arrufo; nem de que Tiff estava no mesmo hospital que Didier Cassell, o que, provavelmente, era o verdadeiro motivo por que Matt Drennan tinha aparecido no meu apartamento.

– Atirou-me com uma maldita bota de montar.

Riu-se de novo.

– Como o Fergie. Bem nos teria dado jeito no balneário em Highbury, hem! A sério, Scott, aquela mulher cospe fogo pela boca. Não é como essa tua miúda, Sandra, não é? É um docinho. Que disseste que fazia?

– É psiquiatra, Matt. E chama-se Sonja.

– Ah, pois, é verdade. Uma psi. A forma de ela olhar para mim parecia-me familiar. Como se eu fosse um maluco de merda.

– Tu és um maluco de merda, Matt. Toda a gente o sabe.

Drennan fez um sorriso largo e sacudiu a cabeça com um gesto afetuosos, coisa que ele era – quase sempre – e depois esfregou-a com força.

– Voltou a deixar-te?

– Voltou. Ela é assim. Mas já passámos por coisas piores. Acho que tudo se irá recompor. Vai dar-me cabo dos ouvidos e terei de ir dormir para a garagem.

– Pelos vistos, já o fez – observei. – Tens sangue na orelha. Se quiseses, posso pôr-te qualquer coisa nisso. Um penso rápido ou uma pomada antisséptica. Ou um fotógrafo do *Sun*.

– Não, eu estou bem. Atingiu-me com uma bota de montar, mais nada.

– Normal, então?

– Bastante normal, sim.

Gordo e calvo, Matt Drennan estava com um ar lastimável. Olhando para ele agora, era difícil de acreditar que ainda não tivessem passado dez anos desde que ambos tínhamos jogado no Arsenal. Uma perna partida acabara com a carreira de Drenno tinha

ele apenas vinte e nove anos, não sem que antes tivesse marcado mais de cem golos pelos Gunners, tornando-se um ídolo em Highbury. Ainda hoje podia apresentar-se no Emirates e ter o público inteiro a aclamá-lo enquanto pisava o relvado. Era mais do que os filhos da mãe alguma vez tinham feito por mim. Até os adeptos dos Spurs pareciam gostar dele, o que não é pouco. No entanto, desde que deixara de jogar futebol, a sua vida não passara de uma série de trapalhadas anunciadas com estardalhaço: álcool, depressão, dependência de cocaína e Nurofen, três meses de prisão por conduzir embriagado e seis meses por atacar um agente da polícia – não posso recriminá-lo por isso –, envolvimento com a cientologia, uma breve e ignominiosa carreira em Hollywood, insolvência, um escândalo de apostas, um divórcio traumático da primeira mulher e provavelmente um segundo casamento falhado; a última vez que soube dele tinha voltado a entrar pelo seu próprio pé na clínica Priory para tentar desintoxicar-se. Ninguém apostava nada nas suas possibilidades de êxito. Era sabido de todos que Matt Drennan se tinha submetido muita vez a tratamento. Por todas estas razões, Drennan era o único futebolista que conhecera cuja autobiografia era fascinante, e isto inclui o meu deplorável livro. Ao pé dele, Syd Barrett parecia o Moderador da Igreja da Escócia. Mas gosto dele como se fosse... bem, minha irmã, não, porque não falo muito com ela ultimamente, mas como alguém importante na minha vida.

– Então, como é que ele está? Não me falaste dele.

– O Didier Cassell? Não está bem. Nada bem. Está arrumado até ao final da época, disso não tenho dúvida. Neste exato momento, diria que tens tu mais

possibilidades de voltar a jogar do que ele.

Drennan pestanejou como se pensasse que aquilo era uma possibilidade real.

– Meu Deus!, daria tudo para voltar a jogar uma época inteira.

– Todos o fariam, companheiro.

– Ou uma final da Taça de Inglaterra num dia soalheiro de maio. *Abide with Me*². Nós contra uma equipa decente como o Tottenham ou o Liverpool. O ambiente de Wembley. Como era a I Liga noutros tempos e antes de os estrangeiros e a televisão transformarem tudo num maldito espetáculo de feira.

– Eu sei. Sinto o mesmo que tu.

– De facto, tenciono fazer uma última aparição espetacular em Wembley e depois acabou.

– Claro, Matt, claro. Podes fazer de diretor do coro do encontro.

– A sério.

Drennan levou o uísque aos lábios, mas antes de lhe tocar, agarrei com cuidado no copo e pu-lo a salvo.

– Vamos. Tenho o carro lá fora. Deixava-te dormir cá, mas bebias-me o uísque todo e teria de te dar um raspanete, por isso, é melhor que te leve a casa agora. Ou melhor ainda, porque não te levo diretamente para a Priory? Podemos estar lá em menos de meia hora. Olha, pago eu a primeira semana. É um presente de Natal atrasado do teu companheiro de camisola.

– Eu iria, mas eles lá não nos deixam ler e sabes como eu sou com os livros. Aborreço-me de morte se não tiver nada para ler.

Como que a comprovar a sua afirmação, olhou para um livro que levava enrolado no bolso do casaco a verificar se lá estava.

– E porque fazem isso? Porque não te deixam ter livros?

– Os estúpidos acham que a leitura não deixa a pessoa sair da concha e falar da porcaria dos seus problemas. Como se isso melhorasse alguma coisa. Uma pessoa está a tentar afastar-se dos problemas, não a chocar com eles de frente. Além disso, tenho de ir a casa, nem que seja para recuperar o meu brinco de diamante. Caiu-me da orelha quando a Tiff me agrediu e o safado do cão achou que era um caramelo de menta e engoliu-o. Adora caramelos de menta. Por isso, fechei o filho da mãe no abrigo de jardim para que a natureza siga o seu curso. Espero que ninguém o tenha levado a passear. O brinco custou-me seis notas de mil.

Ri-me.

– E eu que achava que me encarregavam de todos os trabalhos de treta no London City.

– Exato.

Drennan sorriu e deu um arroteo sonoro.

– Gosto dele – disse, apontando para o quadro.

Depois examinou a sala e fez um sinal de aprovação com a cabeça.

– Gosto de tudo. Da tua casa, da tua namorada. Saíste-te bem, meu sacaninha. Invejo-te, Scott. Mas sabes que me alegro por ti, depois de tudo aquilo por que passaste.

– És um palerma. Vou levar-te a casa.

– Não – disse Drennan. – Vou a pé até King's Road e apanho um táxi. Com um pouco de sorte, o condutor reconhecer-me-á e não me levará dinheiro. Costuma acontecer-me.

– E é assim que dás por ti posto na rua pelo dono de outro bar e acabas nos jornais.

Agarrei-o pelo braço.

– Eu vou levar-te e acabou-se a conversa.

Soltou o braço da minha mão com uns dedos extraordinariamente fortes e meneou a cabeça.

– Tu ficas aqui com a tua pequena. Eu apanho um táxi.

– Diretamente para casa.

– Prometo.

– Ao menos, deixa-me acompanhar-te um pouco – disse-lhe.

Fui com ele até à King's Road e mandei parar um táxi. Paguei a corrida antecipadamente e, enquanto o ajudava a entrar no táxi, meti-lhe duzentas libras no bolso do casaco. Quando ia a fechar a porta do carro, ele voltou-se, agarrou-me na mão e segurou-a firmemente. As lágrimas assomavam-lhe aos olhos azuis-claros.

– Obrigado, amigo.

– Obrigado, porquê?

– Por seres um amigo, ora. Que nos resta a nós, a pessoas como tu e eu?

– Não tens que agradecer. Tu mais do que ninguém, Matt.

– Obrigado, de qualquer maneira.

– Agora desaparece antes que eu comece a ficar sentimental.

Havia um homem sentado no passeio diante de um multibanco. Dei-lhe uma nota de vinte, ainda que, sinceramente, tivesse sido melhor dar-lhe as duzentas libras. Ao menos estava sóbrio. No momento em que pus o dinheiro no bolso de Drenno, percebi que fora um erro, tal como sabia que fora um erro não o levar eu próprio a casa, mas às vezes é assim, esquecemo-nos de

como é lidar com bêbedos, de como podem ser autodestrutivos. Sobretudo um bêbedo como Drenno.

2 Hino escrito pelo anglicano Henry Francis Lyte e cantado pelos adeptos na Taça de Inglaterra antes do pontapé de saída do jogo. (*N. do T.*)

Capítulo 3

Quando voltei ao apartamento, Sonja estava a preparar o jantar na cozinha. Era uma excelente cozinheira e tinha feito uma mussaca com um aspeto delicioso.

– Foi-se embora? – perguntou ela.

– Foi.

Cheirei a mussaca com avidez.

– Podíamos ter dado isto ao Drenno – disse. – Talvez seja só o que ele precisa, de um pouco de comida no corpo.

– Não é de comida que ele precisa – respondeu Sonja. – Além disso, fico contente que se tenha ido.

– Tinhas obrigação de ser compassiva.

– Porque é que dizes isso?

– Porque és psiquiatra. Pensava que fazia parte da tua profissão.

– Não é de compaixão que os meus pacientes necessitam, é de compreensão. É diferente. O Drenno não quer compaixão. E temo que não seja difícil de compreender. Ele quer algo que não é possível. Voltar ao passado. Os problemas dele resolver-se-ão quando reconhecer o facto e, conseqüentemente, adaptar a sua vida e o seu comportamento a isso. Como tu fizeste. De contrário, é fácil de adivinhar como acabará. É uma

coisa raríssima: é uma personalidade autodestrutiva que quer realmente destruir-se a si mesmo. É um exemplo clássico.

– É possível que tenhas razão.

– Claro que tenho razão. Sou médica.

– Se tu o dizes...

Envolvi-a com os braços.

– Mas daqui parece-me a mulher de futebolista mais atraente que alguma vez vi.

– Tomo isso como um cumprimento, ainda que considere a ideia de me parecer com a Coleen Rooney³ um anátema.

– Duvido que Ana Tema diga alguma coisa à Coleen.

Estávamos nós a acabar de jantar na bancada da cozinha e a pensar em deitar-nos cedo quando o telefone tocou. O número que aparecia no visor era o de Corinne Rendall, a secretária de Viktor Sokolnikov. Não era alguém com quem costumasse falar muito, o que em alguns casos me alegrava. Como muita gente no mundo do futebol, tinha visto o especial *Panorama* dedicado recentemente a Sokolnikov através do qual soube que havia um rumor de que tinha herdado o negócio de outro ucraniano chamado Natan Fisanovich, um chefe do crime organizado em Kiev. Segundo a BBC, Fisanovich e três dos seus sócios tinham desaparecido em 1996, e meses depois foram encontrados em quatro covas. Sokolnikov negou ter alguma coisa que ver com a morte de Fisanovich, o que qualquer um faria, não é?

– O Sr. Sokolnikov quer saber se pode atender um telefonema dele dentro de dez minutos – disse Corinne.

Instintivamente, olhei para o relógio – um *Hublot*

novinho em folha – e concluí que não podia dizer que não ao homem que acabara de gastar dez mil libras com o meu presente de Natal. Eu, Zarco e todos os membros da equipa tínhamos recebido um *Hublot* igual.

– Sim, claro.

– Voltaremos a telefonar.

Desliguei o telefone e disse em voz alta: «Que raio me quererá?»

– Quem?

– O Sr. Sokolnikov.

– Seja o que for que queira, não lhe digas que não. Não desejo nada acordar um dia na cama e descobrir que estive a aquecer os pés com uma cabeça de cavalo ensanguentada⁴.

– Ele não é assim, Sonja – disse, enquanto punha alguns pratos na máquina de lavar. – Ele não é nada assim.

– Para mim, são todos assim – respondeu, e empurrou-me para a sala de estar. – Vai lá esperar o teu telefonema. Eu já arrumo. Além disso, deves estar cansado, a carregar com esse relógio o dia inteiro.

Minutos depois, Corinne telefonou de novo.

– Scott?

– Sim.

– Tenho o Viktor ao telefone.

– Viktor, feliz ano novo e obrigado, uma vez mais, pelo relógio. Foi muito generoso da sua parte.

– É um prazer, Scott. Alegra-me que tenha gostado.

Eu tinha gostado, mas Sonja tinha razão, pesava muito.

– Em que posso ajudá-lo?

– Duas coisas. Primeiro, queria saber como está o Didier? Esteve com ele hoje, não foi?

– Temo que continue inconsciente.

– Uma pena. Estou a pensar ir visitá-lo quando regressar. Neste momento, estou em Miami, a caminho do iate nas Caraíbas.

Com cento e dez metros de comprimento, o *Lady Ruslana*, o iate de Sokolnikov, não era o maior do mundo, mas tinha o mesmo tamanho de um campo de futebol internacional, facto que não passou despercebido aos jornais. Estivera no barco uma vez e fiquei escandalizado ao descobrir que só encher os depósitos de combustível custava setecentas e cinquenta mil libras, que era o que eu ganhava num ano.

– É um tipo forte. Se há alguém que consegue recuperar é o Didier Cassell.

– Assim espero.

– E que há quanto ao Ayrton Taylor?

– A cabeça que se transformou em mão?

– Isso mesmo.

Durante o mesmo jogo contra o Tottenham, Howard Webb, o árbitro, assinalara um golo ao London City quando o nosso avançado-centro, Ayrton Taylor, pareceu cabecear um canto. Mas quase imediatamente, enquanto o resto da nossa equipa festejava, Taylor tinha falado veladamente com Webb e dito que, na verdade, empurrara a bola com a mão. Nesse momento, Webb alterou a sua decisão e assinalou pontapé de baliza a favor do Tots, o que foi motivo para os nossos adeptos começarem a insultar tanto o árbitro como Taylor.

– Acha que ele agiu bem? – perguntou Sokolnikov.

– Quem? O Taylor? Bem, na repetição da jogada na televisão ficou bem claro o que sucedeu. E o homem

tem pontuação máxima em desportivismo por tê-lo reconhecido. Foi isto que os jornais disseram. Talvez tenha chegado a altura de haver mais jogo limpo neste desporto. Como daquela vez, em 2000, quando o Paolo Di Canio apanhou a bola em vez de a chutar no jogo com o West Ham, em Goodison. Eu sei que o João pensa de maneira diferente, mas o facto aí está. Em 2013, vi de maneira bastante clara o Daniel Sturridge, quando jogava no Liverpool, meter golo ao Sunderland com a mão, e era óbvio, pela maneira como olhou furtivamente para o árbitro assistente, que sabia que não era um golo limpo. Apesar disso, o golo não foi anulado e o Liverpool venceu o jogo. E veja o que aconteceu com o Maradona no Mundial de 1986 contra a Inglaterra.

– A mão de Deus.

– Exato. É um dos melhores jogadores da história do futebol, mas certamente que não ajudou a aumentar a sua reputação neste país.

– Bom argumento. Mas o árbitro já tinha assinalado o golo, não? E uma mão involuntária não é o mesmo que uma mão intencional.

– A Lei 5 diz claramente que o árbitro pode alterar a sua decisão até que o jogo tenha recomeçado. E não tinha. Por isso, o Webb estava no direito de fazer o que fez. E acrescenta-se que é preciso ser um árbitro com força de carácter para fazer o que fez. Se tivesse sido outro, é de crer que o golo se tivesse mantido, apesar do que o Taylor disse. A maioria dos árbitros detesta mudar de decisão. Acho que foi uma sorte termos vencido o jogo por 2-1. Não estaria tão satisfeito com o que ele fez se tivéssemos perdido dois pontos. Mas não ficaria nada surpreendido se o Taylor vier a ser eleito

Jogador do Mês graças a essa confissão. É o tipo de desportivismo para o qual a FIFA gosta de chamar a atenção.

– Está bem, convenceu-me. Agora fale-me desse guarda-redes escocês, o Kenny Traynor. O Zarco diz que o Scott o conhece e já o viu jogar.

– É verdade.

– O João quer contratá-lo.

– Eu também.

– Nove milhões é muito dinheiro por um guarda-redes.

– Alegrar-se-á por ter gasto nove milhões num guarda-redes se tivermos de ir a desempate por pontapés da marca de grande penalidade numa final europeia. Foi o Manuel Neuer, o guarda-redes do Bayern, que defendeu o penáti de Lukaku e deu aos alemães a Supertaça da Europa em 2013. No ano anterior, quase venceu a Liga dos Campeões contra o Chelsea. Marcou mesmo uma grande penalidade no desempate. Não, chefe, quando a equipa se vê pressionada, ninguém quer descobrir que tem o Calamity James na baliza.

Calamity James era a alcunha que os adeptos do Liverpool tinham dado a David James – um pouco injustamente – quando ele jogava na equipa.

– Postas assim as coisas, sim, acho que tem razão.

– Traynor é o número um na Escócia. Também não é que haja lá muito por onde escolher. Mas vi-o mergulhar e fazer uma defesa contra Portugal, em Hampden, de que os escoceses continuam a falar. Cristiano Ronaldo fez um potente remate, a mais de dezasseis metros, que ia direto ao ângulo superior da baliza, mas juro que o Traynor deve ter saltado uns seis

metros para socar a bola por cima da trave. Ao ver aquilo, uma pessoa acredita que um homem é capaz de voar. Procure-o no YouTube. Por alguma razão os escoceses lhe chamam Clark Kent. É um bom rapaz. Tranquilo. Não é irritável como alguns tipos do Norte. Treina intensamente. E tem as maiores e mais seguras mãos do futebol. O pai é um açougueiro de Dumfries, herdou as manápulas dele. São umas mãozorras. E a coordenação dele entre mãos e olhos é esplêndida. No BATAK Challenge5, fez 136. O recorde está em 139.

– Se soubesse o que é isso... – disse Viktor.

– Para não falar do chuto dele. O tipo tem um excelente pontapé e nunca falha.

– Vi alguns vídeos e concordo que é bom, mas sentir-me-ia mais à vontade a contratá-lo se o agente dele não fosse o Denis Kampfner. O homem é um vigarista, não é?

Contive o meu primeiro impulso, que era o de lhe dizer «quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho», e dei-lhe razão.

– Os agentes? São todos uns vigaristas. Mas Kampfner, ao menos, é um vigarista com licença da FIFA.

– Como se isso fizesse diferença.

– É como a evolução, Viktor. Os agentes parecem satisfazer uma necessidade e acho que temos de os tolerar. É como aqueles pássaros que pousam nos rinocerontes e lhes tiram as carraças das orelhas com o bico.

– Dez por cento de nove milhões é um pouco mais que uma carraça.

– É verdade.

– Então, talvez recorra ao meu agente para tratar

disso. O Zarco acha que devia fazê-lo.

– Pensava que era por isso que temos um diretor desportivo. Para ajudar a negociar acordos como este.

– O Trevor John é mais um embaixador do que um negociador. Ajuda a promover o clube e dá-lhe boa imagem quando, graças à BBC, eu não a dou. Entre si e mim, seria incapaz de comprar um pacote de batatas fritas sem pagar demasiado por ele.

– Percebo. Bem, Viktor, quanto ao negociador, a decisão é sua. A decisão e o dinheiro.

– Com certeza. A propósito, viu o *Panorama*?

– Eu? A menos que seja futebol ou um filme decente, nunca vejo televisão. Menos ainda se forem porcarias como o *Panorama*.

– Só para que saiba, vou processá-los. Não houve uma palavra naquele programa que fosse verdadeira. Até o meu patronímico estava errado. Não é Sergeyevich, é Semyonovich.

– Compreendo. São uma cambada de idiotas. Isso não discuto. Domingo, vai ver o jogo contra o Leeds em Elland Road?

– É possível. Não tenho a certeza. Depende do tempo que estiver nas Caraíbas.

3 Mulher do jogador inglês Wayne Rooney. (N. do T.)

4 Alusão a uma cena de *O Padrinho* em que Woltz, por se ter recusado a contratar Johnny Fontane – um cantor popular e afilhado de Corleone – para o seu futuro filme, acorda no outro dia com a cabeça de Khartoum, o cavalo de corrida que acabara de comprar, na cama. (N. do T.)

5 Aparelho concebido para melhorar a coordenação entre mãos e olhos e a velocidade de reação. (N. do T.)

Capítulo 4

O complexo desportivo do City, em Hangman's Wood, era o melhor do seu tipo em Inglaterra, possuindo vários terrenos de jogo com as dimensões oficiais, instalações cobertas com uma zona médica e de reabilitação, saunas, banhos turcos, ginásios, salas de fisioterapia e massagem, vários restaurantes, salas de raios X e de ressonância magnética, piscinas de hidroterapia, banhos de gelo, sala de acupuntura, campos de basquetebol e um velódromo. Havia mesmo um estúdio de televisão no qual jogadores e pessoal podiam ser entrevistados para a London City Football Television; no entanto, Hangmans's Wood estava estritamente vedado à imprensa e ao público no dia a dia, algo que os meios de comunicação social detestavam. Os nossos campos de futebol estavam rodeados de altos muros e de cercas de arame farpado para que as sessões de treino não fossem objeto das atenções de fotógrafos de jornais sensacionalistas com escadas altas e objetivas de longo alcance; assim, as disputas entre jogadores, ou mesmo entre jogadores e técnicos, que são por vezes inevitáveis num mundo de enorme tensão como é o do desporto moderno – como esquecer os tão publicitados empurrões que houve entre Roberto Mancini e

Mario Balotelli em 2012? – mantêm-se na mais absoluta privacidade.

E em vista do sucedido naquela manhã em Hangman's Wood, provavelmente fora o melhor.

Normalmente, não havia muito que ver, pois João Zarco preferia deixar as sessões de treino a meu cargo; como muitos treinadores, gostava de as observar de fora das quatro linhas ou até de binóculos da janela do seu gabinete. As questões da forma física e da aptidão futebolística eram de minha responsabilidade, o que significava que podia desenvolver uma relação mais pessoal com todos os jogadores; não era um deles, mas quase.

João Zarco controlava a filosofia do clube, a seleção da equipa, a motivação nos dias de competição, as transferências, as táticas e todas as contratações e despedimentos. Também lhe pagavam muito mais do que a mim – umas dez vezes mais, na realidade –, mas com todo o seu estilo e carisma e a sua grande cabeça para o futebol, era provavelmente o melhor treinador da Europa. Gostava dele como se fosse um irmão mais velho.

Começámos às dez da manhã e, como de costume, treinámos no exterior. A manhã estava muito fria e o terreno continuava coberto de uma forte camada de geadas. Alguns dos jogadores levavam cachecol e luvas; outros vestiam mesmo meias-calças, o que, no meu tempo, lhes teria valido cem flexões, duas voltas ao campo e um olhar divertido do presidente. O facto é que alguns dos jogadores levam mais cremes para a pele e produtos capilares nos seus estojos de *toilette Louis Vuitton* do que a minha primeira mulher tinha no toucador. Conheci até futebolistas que se recusaram

a participar no treino de cabeça porque tinham de rodar um anúncio da Head & Shoulders à tarde. É o tipo de coisas que pode fazer ressaltar o sádico que um treinador tem dentro de si, por isso, acho que se consegue mais com um pontapé no traseiro e uma piada do que só com um pontapé no traseiro. Seja como for, o treino tem de ser duro, pois o futebol profissional ainda o é mais.

Tinha acabado de realizar uma sessão de *paarlauf* com os jogadores, o que produz sempre muito ácido láctico no organismo e é uma maneira bastante rápida de saber quem está e quem não está em forma. Trata-se de uma corrida de revezamento e uma versão em equipa do *fartlek*: um homem *sprinta* duzentos metros pela pista até tocar no companheiro, que percorreu todo o diâmetro, e depois volta a *sprintar* para tocar o mesmo companheiro, e assim sucessivamente. Isto deixa a maior parte das pessoas ofegante, sobretudo os fumadores. Eu fumava, mas só quando estive na prisão. Não há mais nada para fazer na prisão. Complementei o *paarlauf* com um exercício em que um jogador corre com a bola o mais rápido que pode na direção da baliza e chuta. Imediatamente depois põe-se à defesa e tenta impedir o seguinte de marcar. Parece simples, e é-o, mas quando é feito com rapidez e se está cansado, põe à prova a destreza dos jogadores; é difícil controlarem a bola, exaustos e correndo a toda a velocidade.

Durante o exercício dei algumas explicações sobre o motivo por que estávamos a fazê-lo. Uma sessão de treino torna-se mais fácil quando se conhece o propósito que lhe subjaz.

– Se estiverem em forma, podem abrir o campo e

criar espaços. É apenas uma questão de quebrar o vento e o espírito do homem que tenta marcar-vos. Tenham olhos na nuca e aprendam a ver quem ocupa o espaço e passem-lhe a bola e não ao que esteja mais próximo de vocês. Passem-na rapidamente. O Leeds vai defender forte e fazer jogo sujo. Por isso, acima de tudo, sejam pacientes. Aprendam a ser pacientes com a bola. A impaciência é o que acaba por fazer com que percam a bola.

Zarco tinha-se envolvido mais do que o costume na sessão de treino, gritando instruções de fora das quatro linhas e criticando alguns jogadores por não correrem o suficiente. É uma situação que custa muito quando se está ofegante; se se está quase a vomitar, ainda é pior.

Acabado o treino, Zarco entrou no campo e, instintivamente, os jogadores reuniram-se em torno dele para ouvir os seus comentários. Era um homem alto e magro que continuava a fazer lembrar o forte e destemido defesa-central dos anos 1990, quando jogou pelo Porto, pelo Inter de Milão e a seguir pelo Celtic. Além disso, era atraente, ainda que com um estilo rude, com a barba por fazer, de olhos sonolentos e um nariz partido tão grosso como uma trave. O seu inglês era bom e falava num tom monocórdico, fastidioso e profundo, mas tinha um riso esganiçado e fino, quase efeminado, que a maior parte das pessoas – exceto eu – achava intimidante.

– Ouçam, meus senhores – disse ele, pausadamente. – A minha filosofia é simples. Juguem o melhor futebol que souberem, o mais intensamente possível. Pelos séculos dos séculos. Amém.

Comecei a traduzir para os nossos dois jogadores espanhóis, Xavier Pepe e Juan-Luis Dominguin; falo

bastante bem o espanhol – e o italiano – e o meu alemão é quase fluente graças à minha mãe, que é alemã. Sabia que lá vinha borrasca da grossa. As piores reprimendas de Zarco eram sempre as que ele dava em voz baixa e com o seu tom mais triste.

– Esta filosofia nunca vos desiludirá, não é como a de Lenine ou Marx, Nietzsche ou Tony Blair. Por outro lado, em toda a história da humanidade, talvez não haja mistério filosófico mais profundo e inexplicável do que o facto de conseguirem perder um jogo por quatro bolas quando chegaram ao intervalo a vencer por 3-0. E com a porcaria do Newcastle.

Os menos sensatos começaram a sorrir; erro crasso.

– Eu, pelo menos, considerava um mistério.

Esboçou um sorriso maldoso e agitou o dedo indicador.

– Até ver a farsa que foi o treino desta manhã. Não te ofendas, Scott, meu amigo, tu tentaste, como sempre, mas do mau não se pode fazer bom. De repente, como se me tivesse caído uma maçã em cima da cabeça, percebi a razão: vocês são todos uma cambada de idiotas preguiçosos. Sabem porque é que um idiota preguiçoso é chamado idiota preguiçoso? Porque não presta.

Houve alguém que se riu dissimuladamente.

– Achas engraçado, idiota? Não estou aqui a fazer piadas. Vês-me rir? Achas que o Viktor Sokolnikov me está a pagar uns milhões de libras por ano para eu estar com piadas? Não. Os únicos que aqui são uma piada são vocês quando chutam uma bola. Empate a zero com o Manchester United? Isso é que foi uma piada. Vou dizer-vos uma coisa: não é só a natureza que detesta os empates sem golos. Eu também. A menos que

marquemos, não ganharemos. É tão simples como isto, meus senhores.

»Como a maior parte de vocês sabe, leio muito sobre história para que a minha equipa possa fazer história. O que é uma loucura, pois vocês não têm físico nem para preparar o chá no autocarro que vos leva para casa, quanto mais fazer história. A sério. Olho para vocês e penso: «Porque me incomodei eu a vir treinar este clube se eles nem sequer se dão ao trabalho de tentar?» Ontem, um palerma de um jornalista fez-me umas perguntas disparatadas sobre o que faz com que alguém seja um bom treinador. E eu respondi-lhe: «Ganhar, palerma. Ganhar é o que faz de alguém um bom treinador. Agora faz-me uma pergunta que não seja tão estúpida como a última; pergunta-me qual devia ser o objetivo de um bom treinador e dar-te-ei uma resposta mais extensa para os teus leitores. Escrever-te-ei eu próprio o artigo, imbecil.» Como sempre, estava a fazer o trabalho dele, não é? Porque sou um tipo prestável. Zarco é sempre uma boa notícia. O objetivo de um bom treinador no futebol é ensinar onze imbecis a jogar como um só homem. Mas acho que hoje, até a mim me escapa essa tarefa. Todos os treinadores desta liga são produto da época em que vivemos, mas em minha opinião, sou o único que consegue estar acima do pensamento dominante do seu tempo. A verdade é que sou capaz de fazer o impossível. Mas não sou Jesus Cristo e acho que atualmente nem mesmo eu sou capaz de realizar o milagre bíblico de conseguir que onze imbecis joguem como um só homem.

»Os maiores imbecis que vi esta manhã és tu, Ron, e tu, Xavier, e tu, Ayrton. Preguiçosos, é o que vocês são, o que significa que são mais preguiçosos do que os

outros. Preguiçosos com a bola e preguiçosos sem ela. Se não procuram a bola, então procurem espaços. Lembram-se do Gordon Gekko, no filme? «A cobiça é boa.»⁶ Era o que ele dizia. E é o que eu digo também. Tens de ser cobiçoso para roubar a bola ao adversário, Xavier. Por todos os meios. Ron, devias querer tanto a bola como querias a teta da tua mãe.

– Sim, chefe – respondeu Ron Smythson.

– O que foi, provavelmente, o teu caso a semana passada, Ayrton. Jogas como um bebé, não como um homem. Olha para ti. Os atacadores desapertados, as meias a cair... porque não chupas também o dedo como o pequeno Jack Wilshire? Nem sequer te falta a respiração, meu caro. Olho para ti e vejo um imbecil que não presta para nada. Um imbecil que não vale um corno. E outra coisa, Ayrton: jogar futebol por amor ao desporto e porque uma vez leste um poema sobre um cavaleiro inglês é um luxo que nem o Viktor Sokolnikov pode permitir-se. Se quiseses jogar futebol assim, será melhor ires para o Eton College ou para Harrow ou para uma dessas equipas de estudantes maricas que se destacam e jogam certinho porque querem realmente vencer a Batalha de Waterloo. Mas não o faças com o London City. Ou melhor ainda, vai lambe as botas à FIFA e talvez te deem um prémio por jogo limpo. A mim, essa merda não me interessa. Se tiveres de ir de pau feito para meter a porcaria da bola no fundo da baliza, fá-lo. E não quero saber que dês cabo das tuas possibilidades de ter filhos por marcares um golo; será melhor que o faças, meu caro. Para isso é que te pagam cem mil por semana. Para ganhar. Por isso, da próxima vez que empurrares a bola com a mão, ou juras sobre um monte de bíblias que marcaste com a

cabeça ou com o pé ou sais da porra deste clube. Fui suficientemente claro?

– Vai-te foder – respondeu Taylor. – Não tenho de aturar essas tretas, nem a ti nem a ninguém.

Fechei os olhos por momentos. Sabia o que se ia seguir. Ou pelo menos assim pensava.

– Tens de aturar, tens.

Zarco deu dois passos em frente, deteve-se na frente do pobre Taylor e empurrou-o.

– Tens de aturar, sim, palerma. O meu trabalho é falar. E parte do teu trabalho é ouvir. Mesmo quando não é aquilo que queres ouvir. Sobretudo quando é aquilo que não queres ouvir. E neste caso concreto é que tens de te empenhar mais.

– Vai foder outro!

Havia algum tempo que ninguém via Zarco levantar a voz naquilo que era popularmente conhecido como – que me perdoe Phil Spector – o «muro de som»⁷. Provavelmente, não era tão estridente como parecia, uma vez que Zarco costumava falar num tom bastante baixo; no entanto, era suficiente quando se encontrava mesmo em frente de outra pessoa e esta estava próxima o bastante para lhe ver o céu da boca e até o que tinha comido ao pequeno-almoço.

– Esforça-te mais! – gritou. – Esforça-te mais! Esforça-te mais!

Em tais circunstâncias, o melhor era fechar os olhos e aguentar; vira alguns aguentar e pôr-se a chorar depois. Homens grandes, homens duros. Taylor era um jogador veterano, um tipo duro de Liverpool, e não estava habituado a que lhe gritassem na cara, por isso, deu meia volta e foi-se embora, o que provavelmente foi pior do que se tivesse respondido.

Zarco agarrou na primeira coisa que tinha à mão, um cone de plástico para os treinos, e atirou-o a Taylor. O cone atingiu Taylor entre as omoplatas e este quase caiu no chão. Taylor retrocedeu com um olhar rancoroso e fazendo gestos de querer estrangular Zarco.

– Seu filho da puta – gritou, enquanto outros jogadores lhe agarravam os braços e o imobilizavam. – Eu mato-o. Eu mato esse filho da mãe espertinho.

Zarco não se moveu, como se não se importasse que Ayrton Taylor fosse ou não ter com ele, e era fácil de perceber como, sendo defesa-central do Celtic, levava, quase sem recuar, um soco de Billy Gibson, o avançado-centro do Hibernian, que lhe custara dois dentes. Gibson foi expulso, mas não só Zarco não retaliou como permaneceu em campo e até marcou de cabeça o golo da vitória. Famoso pelas suas entradas violentas de carrinho, tinha arrumado muitos jogadores, e não era de estranhar que o *Bleacher Report* continuasse a qualificar o «Carniceiro Zarco» como um dos homens mais duros da história do futebol «por causa dos seus cortes».

– Estás fora – disse Zarco. – Estás fora por seres um imbecil. Estás sempre a publicar coisas no Twitter para os teus sete mil seguidores. Pois agora publica essa, criança imbecil.

Mas a coisa não ficou por ali; nessa mesma tarde, Zarco incluiu Taylor na lista de transferências de janeiro e rapidamente concluí que o maquiavélico português tinha orquestrado o incidente para dar o exemplo com um jogador veterano e instigar assim os outros. Que desportivismo neste belo jogo, poderíamos dizer. Mas Zarco tinha razão numa coisa: Ayrton *era* preguiçoso, talvez o jogador mais preguiçoso da equipa.

Havia muitos que achavam que Didier Cassell poderia não se ter lesionado se não tivesse sido concedido espaço a Alex Pritchard para chutar, porque Taylor não o travara como devia. Além disso, toda a gente sabia que tínhamos atacantes mais jovens e tão capazes como Ayrton Taylor e por metade do salário dele. Às vezes, para melhorar a equipa, desfazer-se de um jogador pode ser tão eficaz como comprar um novo.

Quando voltei ao meu gabinete, tomei nota do que Zarco dissera, não porque discorde dele, mas porque costumava apontar tudo o que conseguia recordar do que dizia sobre o futebol, especialmente as coisas mais invulgares; tencionava, um dia, escrever um livro sobre o português. A maior parte das biografias de gente do futebol é uma seca, o que de modo nenhum se podia dizer do meu chefe. Juntamente com Matt Drennan, João Gonzales Zarco era de longe a figura mais fascinante do futebol inglês e, possivelmente, também do futebol europeu. Zarco não sabia, claro, e provavelmente ter-se-ia oposto a que escrevesse algo sobre ele, nem que fosse apenas uma nota do programa. Zarco podia ser direto, mas também era um homem muito discreto.

Naquela noite vi o programa *Match of the Day 2* e lá estava ele outra vez, sem rodeios, como de costume, mas agora tinham perguntado a Zarco – que era judeu – o que pensava do Mundial de 2022 a realizar no Catar:

– Pessoalmente, não quero visitar um país em que talvez não possa beber um copo de vinho com um amigo de Israel. Ou com um amigo gay. Sim, tenho amigos gays. Quem não tem? Sou uma pessoa civilizada. Ser civilizado implica também ser tolerante com os que são diferentes. E com aqueles que gostam

de tomar um copo. Ou talvez muitos. Cada um é livre de escolher, a menos que se viva no Catar. Talvez o Catar venha a ser diferente dentro de dez anos, mas duvido. Entretanto, leio no *Guardian* que morreu já quase uma centena de operários nepaleses nas obras que estão a fazer lá. Pensem nisso. Morreram cem pessoas para que um pequeno país possa realizar um torneio de futebol insignificante. É uma loucura. É um torneio insignificante porque já não tem nada que ver com futebol, mas com dinheiro e com política. Para mim, o último mundial que teve algum significado foi aquele em que ganhou a República Federal da Alemanha, em 1974, que foi também o país anfitrião. Desde a Argentina, em 1978, foi tudo uma piada de mau gosto. Nunca devia realizar-se um Mundial num país que vive em ditadura como aquele e em que o torneio foi vencido com batota.

»Tudo o que tem que ver com o Catar, o próximo país anfitrião, parece-me um erro. Toda a gente sabe que ser mulher num país árabe não é fácil. Por isso, talvez seja bom que o principal estádio do Catar se assemelhe a uma vagina gigante. Acho, sem dúvida, irónico que a maior vagina do mundo esteja agora no Catar. Pessoalmente, sou a favor das vaginas. Comecei a minha vida numa; todos começámos. E acho que já vai sendo tempo de um país árabe encarar o facto de metade do mundo ter uma cona.

»Também é de nos perguntarmos porque é que um país em que se pode ser chicoteado por se beber álcool quer ser anfitrião de um magote de adeptos de futebol ingleses, holandeses e alemães. E é de surpreender que a FIFA escolha o Catar? Não, de todo. Da FIFA, nada é de surpreender. Talvez ninguém lhes tenha explicado

que faz muito calor no Catar. Mesmo no inverno está demasiado calor para se fazer o que quer que seja exceto dar umas chicotadas num desgraçado por ser gay. Ouvi dizer que os catarenses estão a pensar utilizar a energia solar para atenuar os efeitos dos raios solares nos seus novos estádios; mas não creio que a energia solar possa atenuar tão facilmente as alegações de suborno. É claro que é fácil calar-me a boca sobre todo este assunto. Basta que me paguem um milhão de dólares como a alguns dos funcionários da FIFA. Pensando melhor, dois milhões. E então também eu acharei que em 2022 tudo será maravilhoso.

Típico de João Zarco. O homem sempre fora mediático, embora, em algumas alturas, se tivesse excedido; mesmo ele o teria reconhecido. Falava de mais por vezes e as pessoas ripostavam. Literalmente. Numa tristemente célebre entrevista à Sky Sports, Zarco descreveu o comentador de futebol irlandês e antigo jogador e treinador Ronan Reilly – que naquele momento estava sentado junto dele – como «uma bosta» e «uma pessoa incapaz de manejar um comboio de brincar, quanto mais uma equipa de futebol». Reilly respondeu que Zarco tinha a língua mais venenosa do futebol, que um dia o português haveria de engolir o que dizia, e que se isso não sucedesse, ele próprio se encarregaria de o fazer. Uma ou duas semanas mais tarde, na festa realizada depois da entrega dos prémios Personalidade Desportiva do Ano da BBC, na ExCel Arena, andaram ao soco e ao pontapé um com o outro, tendo de ser separados pelo pessoal da segurança. Mas nem todos aqueles que Zarco criticava publicamente eram capazes de ripostar como Ronan Reilly.

Lionel Sharp, por exemplo, que arbitrou uma partida

da UEFA em que jogámos contra a Juventus no passado mês de outubro: um jogo fora de casa que o City perdeu. Em entrevista à ITV depois da derrota por 1-0, Zarco insinuou que a Juventus – que não deixa de usar os seus truquezinhos – tinha «pressionado» Sharp no intervalo para que assinalasse uma grande penalidade no segundo tempo. Sharp foi depois vítima de violentos ataques no Twitter, o que o levou a tomar uma sobredose fatal de calmantes.

Amem-no ou odeiem-no: João Zarco era sempre interessante.

⁶ Referência ao filme *Wall Street*, de Oliver Stone. (N. do T.)

⁷ «Wall of sound», é uma técnica de produção musical desenvolvida pelo produtor Phil Spector na década de 1960. (N. do T.)

Capítulo 5

Depois de uma dura sessão de treino em Hangman's Wood, tomo um banho de gelo e recebo uma massagem desportiva, mas uma boa massagem desportiva dada por Jimmy Gregg, massagista a tempo inteiro do clube, é sempre extremamente dolorosa. Jimmy tem uns dedos que parecem umas tenazes. É por isso que lhe chamam massagem desportiva: porque é preciso ser-se um excelente desportista para aguentar aquele nível de dor e não lhe ferrar um soco na cara. E quanto mais velho, mais dolorosa se me torna. Por muito que tente comportar-me espartanamente e suportar com estoicismo a dor sem dar um pio, acabo sempre por me pôr a guinchar como uma cobaia assustada. Todos o fazem. E como os futebolistas jogam a dinheiro por tudo e por nada, apostam frequentemente entre si sobre qual será capaz de aguentar trinta minutos na marquesa sem se queixar; até agora, nenhum conseguiu passar pela experiência sem o fazer. Jimmy tem orgulho no trabalho que faz. Não creio que alguém discorde de mim quando digo que, por vezes, a massagem parece pior do que a sessão de treino. Talvez por isso chamem à sala de tratamentos de Jimmy a *Masmorra de Londres*.

Às vezes, depois de chegar a casa e antes de me

deitar, Sonja monta uma mesa de massagem na casa de banho, calça uns saltos-agulha, veste uma pequena túnica branca que mal lhe cobre o cimo das meias-ligas e umas calcinhas minúsculas e finge que é uma puta-massagista, final feliz incluído. Tem uns dedos maravilhosamente delicados e domina na perfeição a técnica do toque quase sem contacto, se é que me faço entender. Mas se o toque das suas mãos é mágico – e é –, não tem comparação com a sua boca doce e carinhosa; gosta de beber um Martíni bem gelado antes de meter o meu caralho na boca, e a combinação do álcool, dos lábios e dos seus dentes é absolutamente transfiguradora. Jesus a elevar-se ao céu não pode ter-se sentido melhor do que eu, enquanto espera pacientemente que acabe de ejacular na sua boca, engolindo cada gota como se fosse o mais rico mel de Manuka.

– A isto chamo eu terapia – comentei ao descer da mesa e entrar para o duche com ela. – Se alguma vez o incluírem no Serviço Nacional de Saúde, caem-nos cá em peso os malditos dos romenos.

A seguir, adormeci como um urso em hibernação. O meu *iPhone* tocou pouco antes da meia-noite.

Normalmente, desligo o telemóvel à noite e ligo o atendedor de chamadas do telefone fixo; os jornalistas desportivos não hesitam em telefonar, seja a que hora for, para perguntar isto ou aquilo. Bem, isso era antes de aparecer o Twitter. Hoje em dia, a imprensa é mais preguiçosa e recorre aos *tweets* dos jogadores para conseguir os *soundbites* de que possa necessitar. No entanto, durante o mercado de inverno atendo a qualquer hora, não tenha o telefonema que ver com alguma transferência. Os agentes dos jogadores são

ainda mais notívagos do que os seus clientes, como convém à sua natureza vampiresca. Alguns dos melhores acordos que ajudei a realizar foram fruto de negociações feitas a meio da noite.

Tenho toques diferentes para cada pessoa. O de Viktor Sokolnikov é o Exército Vermelho a cantar uma famosa canção tradicional russa chamada *Kalinka*. O de Zarco é o *London Calling* dos Clash. O de Sonja, *I'm so Excited* das Pointer Sisters. Mas desta vez não era nenhum deles. *Peaches*, dos Stranglers, significava que era Maurice McShane, que relacionara com Ian McShane, um dos atores de *Sexy Beast*. Maurice era o assessor pessoal e o mediador extraoficial do City e a primeira linha de defesa do clube em qualquer crise fora do campo. Era sua função ajudar os nossos jogadores, demasiado bem pagos e muitas vezes ingênuos, em todo o tipo de coisas: desde abrir uma conta bancária num paraíso fiscal até pagar a uma oferecida qualquer que tivessem engravidado. Isto significava que Maurice era um dos homens mais ocupados do clube. Os jogadores tendem a falar com o treinador adjunto de problemas que nunca se atreveriam a mencionar sequer ao treinador principal; agora falam com Maurice, que por vezes – se o caso for sério – vem falar comigo. Fora ideia minha contratar Maurice; conhecera-o na cadeia e, nos cinco meses em que trabalhamos juntos no City, já tínhamos impedido vários escândalos. Não vou entrar em pormenores agora. Basta dizer que nunca fizemos nada de ilegal, apenas coisas que mantinham longe dos jornais, por um ou outro motivo, alguns dos estúpidos dos nossos jogadores.

Entrei na casa de banho, fechei a porta e sentei-me

na sanita. Creio que isto é o que se chama ser multidisciplinar. Tinha várias mensagens de jornalistas a pedir que lhes ligasse, mas optei por as ignorar no momento; era melhor obter a informação de fonte segura, pensei, imaginando já algum escândalo que envolvesse Ayrton Taylor, porventura a cometer uma indiscrição com algum jornal. Ou a meter-se de novo em problemas com a mulher de outro jogador; quando se tratava de ir para a cama com a mulher de outro, já não era tão exemplar.

– Que se passa, Maurice?

– Achei que devias sabê-lo o mais depressa possível – respondeu Maurice. – Um amigo que trabalha para a Polícia Metropolitana acabou de me informar. E acho que te deves preparar para o choque. A polícia encontrou um corpo pendurado nas grades de Wembley Way.

Fez uma pausa.

– É o Drenno. Foi até lá e enforcou-se.

– Oh, não, porra! – exclamei. – Estúpido de merda.

Ficámos em silêncio uns segundos.

– Sabes que a mulher dele está no mesmo hospital que o Didier? – perguntou Maurice.

– Não, não sabia.

– O Drenno deu-lhe uma valente sova.

– Meu Deus! Já alguém a informou?

– Já. A imprensa está lá. E tendo em conta a vossa notória amizade, calculo que não tardem muito em estar à porta de tua casa.

– Como um bando de abutres – disse. – Para devorar as entranhas.

– É o que normalmente acontece nestas situações.

– Olha, vou *twittar* qualquer coisa – comentei. – E

mandar um comunicado ao gabinete de imprensa do City em Silvertown Dock. E ao Arsenal. Porra! Ele esteve aqui, sabes? Anteontem. Emborrachado, como de costume.

– Queres que fale com a polícia?

– Não, eu falo. Mas descobre-me quem está à frente da investigação, está bem? E manda-me o número de telefone. Não quero ter de me explicar a esses filhos da mãe mais do que uma vez.

– Eles vão fazer perguntas, por isso, faço eu também uma: ele mostrava tendências suicidas quando o viste?

– Não mais do que o costume.

Suspirei, porque me lembrei do que Drenno tinha dito.

– Mas mencionou algo sobre fazer uma última aparição espetacular em Wembley. Meu Deus, não fazia ideia do que ele queria dizer com aquilo. Estúpido de merda.

– Scott.

– Sim?

– Lamento. Sei que tinhas carinho por ele.

– Não – retorqui. – Não tinha nada carinho por ele, Maurice. Mas gostava do homem.

Desliguei o telefone, enxuguei as lágrimas, lavei a cara e olhei-me ao espelho da casa de banho. Sabia o que o tipo que olhava para mim estava a pensar porque parecia zangado. Pensava: «O Drenno veio ter contigo porque precisava de ajuda, mas foste demasiado estúpido para o perceber; demasiado estúpido ou demasiado preguiçoso. Achaste que eras um herói porque te ofereceste para o levar à Priory e lhe pagar a primeira semana de tratamento, não foi? Que generoso, Scott. O homem precisava de um amigo, de

um sítio para ficar durante uns dias até estar preparado para enfrentar as coisas. Devia saber que o iam deter por agredir a Tiffany; já o tinham advertido antes. E tu desapontaste-o. Quando precisaste de um amigo, o Drenno esteve lá, mais ninguém teve tempo para ti; mas quando ele precisou de alguém, onde raio estavas tu? Até te visitou quando estiveste na prisão. A Anne não o fez. A tua própria mulher. Nos dezoito meses que estiveste preso, além dos teus pais e dos advogados, o Drenno foi o único que te visitou. Era desse tipo de amigos. Visitou-te mesmo quando toda a gente no clube o aconselhou a afastar-se.»

– Desculpa – disse para o reflexo no espelho, desejando que fosse Drenno. – Lamento tanto.

«Lamentar não vai trazê-lo de volta, filho da mãe. Um dos melhores e mais dotados médios que este país já produziu – seguramente o melhor com quem já jogaste – e agora, com apenas trinta e oito anos, desapareceu. Que desperdício.»

– Desculpa, Matt – disse, e desatei a chorar de novo.

– Que se passa?

Voltei-me e vi Sonja à porta. Estava nua. No espelho da casa de banho era a perfeição feita mulher, e tivesse eu uma maçã de ouro, ter-lha-ia certamente dado. Sentia-me como Caliban ao pé de Miranda. Ou, pelo menos, como um ser atroz e feio.

– O Matt – respondi. – Enforcou-se.

– Oh, meu Deus, Scott. Lamento muito.

Abraçou-me por momentos e sentou-se na sanita.

– É horrível!

– Tinha apenas trinta e oito anos – comentei, como se isso, de alguma forma, piorasse as coisas.

– Não deves culpabilizar-te – respondeu ela.

– Mas culpabilizo. Ele precisava de ajuda. É óbvio que foi por isso que cá veio na outra noite. Porque... porque não tinha outro sítio para onde ir.

– Sim, precisava de ajuda, mas a ajuda de que precisava era profissional. Sinceramente, já esperava que isto acontecesse há algum tempo. Ele estava doente. Devia ter ido para um hospital. A família devia tê-lo internado há muito. E creio que acabaremos por descobrir que aquilo que o levou ao suicídio não foi só a depressão por já não poder jogar futebol. Tenho a certeza de que havia algo mais profundo por detrás de todos os seus problemas psicológicos. Não me surpreenderia nada que descobríssemos que a infância do Matt tivesse sido marcada pela instabilidade e a tragédia. Talvez até pelo suicídio de alguém chegado.

– Obrigado – disse, acenando com a cabeça. – E tens razão. O irmão suicidou-se. Atirou-se para a frente de um comboio quando tinha quinze anos. E havia também outras coisas de que não gostava de falar. Como quando o seu melhor amigo e companheiro de borracheiras, o Mackie, desapareceu e se alistou no exército. O Drenno sentiu-se sempre bastante perdido sem o Mackie para partilhar as suas façanhas. De uma maneira ou de outra, esteve lixado toda a vida.

– Anda para a cama – disse Sonja. – Deixa-me cuidar de ti.

– Vou daqui a pouco.

Abraçou-me por um bocado.

– És um homem bom – disse. – Um homem decente. Por isso o Drenno veio ter contigo, porque és o tipo de homem decente de que uma pessoa como ele precisava para o apoiar.

– Custa-me a acreditar, depois de tudo aquilo por

que passei na vida.

– Acredita – insistiu Sonja. – Porque é verdade.

Assenti com a cabeça.

– Bem, se assim é, é-o sobretudo graças a ti, Sonja. Fazes de mim uma pessoa melhor.

Fui para a minha sala de trabalho, liguei o computador e, ao pôr o telemóvel no silêncio, começou a tocar novamente: era alguém do *Sun* com quem não queria falar. Entrei na conta e passei uma hora a redigir algo simpático, embora provavelmente anódino, sobre Matt no Twitter – como descrever uma grande personagem como Drenno em cento e quarenta caracteres? – e a escrever um *email* para o gabinete de imprensa do Arsenal com uma citação do *website* dos Gunners. Minutos depois, recebi uma mensagem de Maurice com o nome e o número de telefone do agente da polícia que chefiava a investigação sobre a morte de Drennan: a inspetora Louise Considine, da polícia de Brent, 020 8733 3709. Na página da Internet da *BBC News* havia uma fotografia conhecida de Drenno a festejar um golo por ele marcado em 1998 ao Aston Villa, quando jogava no Arsenal, mas a única coisa que mencionavam que eu não sabia, era que, quando se enforcou, usava a camisola branca da seleção inglesa com o número oito – provavelmente a única que ainda não tinha vendido no *eBay*.

Sonja tinha razão, claro; o suicídio de Drennan era menos surpreendente do que o de jogadores como Gary Speed ou Robert Enke, mas sempre esperara e acreditara que o meu antigo companheiro de equipa pudesse dar a volta por cima. Afinal, eu era a prova viva de que se podia voltar ao futebol depois de uma desgraça, não é assim?

Sentei-me na poltrona com o *iPad* e passei outra hora a ver uma seleção dos melhores golos de Drenno no YouTube. Eram dos melhores ataques que já tinha visto, e algumas assistências eram minhas, o que era bom, mas a música que os acompanhava – *Shine On You Crazy Diamond*, dos Pink Floyd – embora totalmente apropriada para um homem como Drenno, não me animou nada. E comecei outra vez a chorar.

Estava mesmo a ir deitar-me quando vi que tinha outra mensagem de Maurice a pedir que lhe telefonasse com urgência. O que fiz.

– Que aconteceu agora? – perguntei.

– Lamento telefonar-te outra vez e tão tarde, mas estou na Coroa de Espinhos e acho que devias vir cá logo que possível. Aconteceu uma coisa. Uma coisa desagradável.

– Que coisa?

– Pelo telefone, não. É melhor. As paredes têm ouvidos.

– Não se atreveriam. Não depois de me terem pago a indemnização que pagaram por terem violado a minha privacidade e escutado o meu telefone.

– Nunca se sabe.

– São duas e meia da manhã, Maurice. Acabei de perder um bom amigo e temos uma sessão de treino às dez.

– Que vá outro.

– Achas mesmo que tenho de ir a Silvertown Dock esta noite?

– Não te teria telefonado se não achasse.

– Ninguém morreu, pois não?

– Não exatamente.

– Que raio é que isso significa?

– Escuta, Scott, não consigo lidar com isto sozinho. Não consigo contactar o João Zarco nem a Sarah Crompton, e o Philip Hobday está no iate do Sokolnikov.

Philip Hobday era o presidente do London City e Sarah Crompton a diretora de relações públicas do clube.

– Não sei que diabo hei de dizer neste caso – continuou. – E terei de dizer alguma coisa. Perceberás o motivo quando chegares a Silvertown Dock.

– Dizer alguma coisa a quem?

– À maldita da imprensa, claro! Chegaram cá antes da polícia. Parece que um idiota qualquer da Royal Hill os informou.

– Royal Hill? Que é isso?

– A esquadra de Greenwich. Confia em mim, é importante que venhas o mais depressa possível. Estou a falar a sério, Scott, é uma situação que requer delicadeza.

– Não tenho a certeza de ser o homem indicado para isso. Sobretudo com a imprensa. Tenho a sensação de usar luvas de boxe quando falo com eles. Mas percebo-te. Tens razão, tens razão. Se é sério, precisas tanto de mim como eu de ti.

Consultei o relógio.

– Estou aí dentro de uma hora.

Capítulo 6

Afinal, o trajeto de dezasseis quilómetros desde o meu apartamento, em King's Road, até ao East End, levou-me apenas trinta minutos. Àquela hora da manhã havia pouca gente na rua, mas muitos jornalistas quando cheguei. Ao aproximar-me dos portões do parque de estacionamento do clube, precipitaram-se em direção ao Range Rover para ver quem era. Perguntava-me o que se passaria de tão interessante em Silvertown Dock para lhes desviar a atenção de Wembley Way; na altura, não o sabia, mas, naquela noite, Wembley Way gozava da mesma popularidade entre os jornalistas. Há mais jornais e televisões em Inglaterra à procura de uma boa notícia do que se pode pensar. Sobretudo se a notícia estiver relacionada com futebol.

Dirigi-me para os portões do parque do clube e aguardei que os seguranças me deixassem entrar. Chovia copiosamente e, enquanto esperava, desliguei os limpa-para-brisas a fim de que os numerosos fotógrafos que ali esperavam não conseguissem uma boa fotografia do meu rosto cansado e provavelmente abatido. Dentro do estádio, os holofotes estavam ligados, o que era muito estranho quase às três horas da manhã.

– Scott! Scott! Scott!

Uma vez que não fazia ideia do que me esperava dentro do estádio, achei melhor não dizer nada, o que me parecia bem porque não gosto de falar nem com a imprensa, nem com a polícia. Sarah Crompton procurou sempre convencer-me a ser um pouco mais amável com a imprensa, mas é difícil perder hábitos antigos; quando me surgem jornalistas à porta de casa ou sou perseguido por um macaco com uma *Canon*, dá-me vontade de lhes fazer o mesmo que o Zinedine Zidane fez ao Marco Materazzi na final do Mundial de 2006. A isso é que eu chamo uma manchete.

Maurice McShane aguardava-me impacientemente na entrada para os jogadores, situada junto ao rio e à doca privada especial por onde Viktor Sokolnikov chegava por vezes ao estádio a bordo de um iate desportivo *Sunseeker* de trinta e cinco metros de comprimento. Maurice era um homem corpulento, de cabelo louro e barba, e tinha uma voz que soava como o remexer de cascalho com uma pá. Para minha surpresa, estava com Colin Evans, o responsável pela manutenção do campo, Colin Evans que Sokolnikov conseguira trazer do Bernabéu por uma maquia elevada. Era o melhor tratador de campos da Europa e o City já ganhara todo o género de prémios pelas excelentes condições em que se encontrava o seu.

– Que raio se passa? – perguntei. – Que estás aqui a fazer a esta hora da noite, Colin?

Colin abanou a cabeça, bufou, claramente emudecido pela ira, e começou a atravessar o túnel dos jogadores em direção ao relvado. Estava em boa forma, era jovem para ser já responsável pela manutenção do campo – não tinha mais de trinta e cinco anos – e,

vestido com o mesmo fato de treino do City que eu, podia ter passado facilmente por jogador.

– Já vais ver – disse Maurice.

– Não pressagia nada de bom.

O estádio tinha sempre um aspeto fantástico quando os holofotes estavam todos ligados para um jogo noturno. Faziam com que os bancos cor de laranja tomassem um apeteçível e natalício tom tangerina e a relva parecia brilhar como uma esmeralda rara; e para os nossos sessenta mil adeptos com assento era exatamente isso: algo muito precioso, sagrado mesmo. Não era de estranhar que volta e meia recebêssemos pedidos de adeptos que queriam espalhar as cinzas dos familiares no campo. Colin nunca permitiria tal coisa, claro; pelos vistos, era muito mau para a relva, mas não tanto para as flores. As rosas de Colin estavam sempre a ganhar prémios.

Levou-nos pela linha de meio campo até ao círculo central, onde se concentravam vários polícias, como se estivesse prestes a começar um jogo. Normalmente, não conseguia fazer aquele percurso sem sentir um buraco no estômago por faltar pouco para se iniciar um jogo; agora, no entanto, sentia-me tão vazio como o próprio estádio. Tinha ainda muito presente a morte de Drenno. Por momentos, pensei que ia ver um cadáver. Porém, não estava de todo à espera daquilo.

– Que raio...?

Levei a mão à boca e retrocedi por instantes.

– Bonito, hem? – disse Maurice.

Alguém cavara um buraco no centro do campo. Digo buraco, mas era obviamente uma cova com cerca de dois metros de comprimento por quase um metro de profundidade.

Aproximou-se de mim um desconhecido com um casaco de baeta castanho-claro; empunhava um cartão de identificação da polícia.

– Posso falar um momento convosco, meus senhores? – disse. – Chamo-me Neville, inspetor Neville, da Royal Hill.

– Dá-nos um minuto, por favor, inspetor? – pedi.

Afastei-me um pouco com Maurice e Colin para que o inspetor não pudesse ouvir a nossa conversa.

– Quando é que isto aconteceu? – perguntei.

– Cheguei aqui pouco depois da meia-noite – respondeu Colin.

Natural de Mumbles, Swansea, Colin falava com um forte sotaque galês.

– Mandámos instalar recentemente cercas eletrificadas para evitar que as raposas cagassem no campo durante a noite. Os jogadores detestam escorregar naquela porcaria; é muito pior do que pisar merda de cão: o cheiro leva dias a desaparecer. Vim cá fora para verificar se estavam a funcionar em condições e reparei que alguém tinha deixado ferramentas espalhadas no meio do campo: duas pás e uma forquilha. Foi então que dei com isto.

Peguei na pá, li as iniciais no cabo – LCC – e atirei-a para o lado.

– Como raio entraram aqui? – inquiri. – Em princípio, só se pode entrar com bilhete.

Colin encolheu os ombros.

– É provável que tenham entrado furtivamente durante o dia, quando as portas estavam abertas para o pessoal das obras, e esconderam-se no estádio.

– Pessoal das obras? Que andam a fazer?

– Estamos a remodelar um dos bares – explicou

Maurice.

Resmunguei. Já imaginava a piada que ia circular na Internet: ladrões entram em Silvertown Dock para roubar o armário dos troféus mas saem de mãos a abanar.

– Que filho da mãe é que faria isto, Scott? – protestou Colin.

– Colin – respondi. – Há quantos anos andas no futebol? Sabes como são alguns desses filhos da mãe. Pode ser obra dos apoiantes de uma equipa rival. Mas com os resultados que temos tido desde o Natal, também podem ter sido os nossos próprios adeptos. Porra!, os nossos não são propriamente educados. Já ouviste as barbaridades que eles gritam das bancadas?

– Bem, uma raposa não foi de certeza – observou Maurice. – Quer dizer, as raposas são espertas e tudo o mais, mas nunca vi nenhuma capaz de escavar um bonito retângulo como este. Ao menos, sem uma régua.

– Quanto a ti – disse a Maurice –, é evidente que isto é sério e um embaraço, mas podia ter esperado por amanhã, não podia? Não passa de uma porcaria de um buraco no chão.

Maurice McShane era um antigo advogado que fora expulso da Ordem por conduta profissional imprópria depois de se descobrir que utilizara uma conta anónima para *twittar* insultos a outro advogado. Fora também um pugilista amador de sucesso que quase tinha ganho uma medalha de bronze na categoria de médio-pesado durante os Jogos da Commonwealth, em 1990, realizados em Auckland. Era bom tê-lo por perto quando alguém estava em apuros e resolvia as coisas tão bem com os punhos como com um maço de notas. Maurice não disse nada. Em vez disso, tirou o telemóvel

do bolso e mostrou-me uma mensagem que tinha recebido de um jornalista do *Sun*:

Mozza. Quer comentar o rumor que corre de que a cova que apareceu no meio do vosso campo é uma mensagem ao estilo da máfia siciliana para o proprietário, Viktor Sokolnikov, cujo antigo sócio, Natan Fisanovich, foi encontrado numa cova em 1996, enterrado vivo? Pelo menos foi o que disseram no Panorama. Gordon.

Havia uma mensagem parecida do Daily Mail e atrevo-me a afirmar que, se me tivesse dado ao trabalho de ler as mensagens que estavam a chegar a cada minuto ao meu telemóvel, teria encontrado algo semelhante.

– Se eu gostaria de comentar?

Maurice soltou uma gargalhada nervosa.

– Não, não gostaria. Não particularmente. Nem é conversa que me apeteça ter com o Viktor Sokolnikov. Sobretudo quando ele está a processar a BBC pelo que afirmou no *Panorama*, não é assim?

– Foi o que ele me disse.

Pus umas pastilhas *Orbit* na boca e comecei a mastigar furiosamente, como se fosse fazer a minha imitação de Sir Alex Ferguson, que se tornara um número muito popular no autocarro da equipa.

– Mas acho que o Viktor devia saber disto o mais cedo possível – continuou Maurice – para que possa responder da forma que considere mais apropriada. Conhece-lo melhor do que eu, Scott, preferia que fosses tu ou o Zarco a dizer-lhe o que se passou. Não me pagam para isto.

– Sim, eu percebo.

Olhei de relance para o inspetor Neville.

– Já agora, quem é que o avisou e lhe disse que podia pisar a nossa relva com as suas malditas sapatorras?

– Infelizmente, fui eu – admitiu Colin. – Desculpa, Scott. Fiquei muito chateado quando vi o buraco. Mas como é um ato de vandalismo, achei que devia chamá-los. Queremos apanhar os filhos da mãe que fizeram isto, não é assim?

– Nunca mais tragas essa escória para o clube sem falar primeiro comigo, com o Zarco ou com o Phil Hobday. Percebeste, Colin? Envolver essa escória nos assuntos do clube é o mesmo que mandar um *email* para a imprensa. Não tenhas dúvida nenhuma de que foi um chui que enviou uma mensagem sobre isto para algum amigo no *Sun* ou no *Daily Mail*. «Sabes que mais? Houve alguém que cavou uma cova no campo de Silvertown Dock.» É uma informação que vale duzentas libras. Talvez mais se for notícia de primeira página. Se eles não estivessem aqui com as suas malditas câmaras, podíamos ter feito correr que era apenas um buraco e não uma cova. Talvez ainda possamos fazê-lo se conseguirmos que o chui de casaco de baeta coopere.

– Sim, agora percebo.

– Não te preocupes. Não há remédio. Eis o que vamos fazer. Diremos que parece trabalho de alguns adeptos descontentes. Miúdos, provavelmente. E vamos marimbar-nos por completo para a história da mensagem da máfia siciliana. A última coisa que o Sr. Sokolnikov precisa neste momento é de mais especulações disparatadas sobre quem é e o que é. As pessoas que cometeram esta atrocidade provavelmente nem sabem pronunciar a palavra «siciliano». Estamos

entendidos?

Maurice e Colin acenaram que sim com a cabeça.

– Mais importante ainda, Colin, quero que comeces a pensar como e quando podemos arranjar o campo. Jogamos novamente em casa com o Newcastle dentro de dez dias.

– Não me esqueci, acredita.

– Bem, vamos falar com o chui.

Dirigi-me para o polícia.

– Peço desculpa por o fazer esperar, inspetor – disse.
– Sobretudo a uma hora destas, mas acho que estivemos a fazê-lo perder o seu tempo. Desculpe também por isso. Parece-me óbvio que isto foi trabalho de arruaceiros. De adeptos descontentes. Não é nada a que não estejamos habituados nos clubes de futebol. Não se surpreenderá se lhe disser que recebemos ameaças constantemente e que por vezes elas se manifestam na forma de vandalismo. É lamentável, mas não é incomum.

– Que tipo de ameaças? – inquiriu o inspetor.

– *Emails*. Mensagens no Twitter. Uma ou outra carta anónima. Caixas com fezes enviadas pelo correio. Recebemos de tudo.

– Gostaria de ver algumas dessas coisas, se possível.

– Receio que não o seja. Temos como política não guardar nenhuma delas. Sobretudo merda embalada.

– Posso saber porquê?

– Porque a merda do dia anterior cheira mal, inspetor.

– Refiro-me às cartas e aos *emails*, evidentemente.

O Inspetor Neville era magro, com um nariz adunco que lhe dava um certo ar de desdém permanente. Aos meus ouvidos interessados mas frios, parecia ter o

sotaque de Yorkshire.

Encolhi os ombros.

– Não costumamos guardar estas coisas porque, francamente, chegam-nos muitas. É mais simples apagar ou destruir tudo o que seja ameaçador ou insultuoso, não vá um jogador que tenha sido ameaçado ou insultado vê-las e ficar perturbado com o que leu.

– Pensava que toda a gente tinha o direito de saber que recebeu ameaças.

– O senhor pode pensar assim, mas a nossa postura é outra. Alguns destes rapazes são muito nervosos, inspetor. E há um ou outro que não é grande inteligência. Mesmo ameaças manifestamente absurdas podem ter um efeito muito negativo num jogador de um clube da I Liga que seja mais fraco de espírito. Não queremos isso, não é assim? Sobretudo quando jogamos a terceira ronda da Taça de Inglaterra contra o Leeds no domingo.

– Seja como for, foi cometido um crime aqui.

– Um buraco no chão? Ora, não é nenhum atentado bombista, pois não?

– Não, mas com o devido respeito, também não é um buraco qualquer. Para começar, tem uma certa forma. E depois há as óbvias perdas financeiras. No que diz respeito a buracos no chão, imagino que este seja extremamente caro. Não lhe parece, Sr. Evans?

O inspetor sabia, obviamente, a que tipo de pessoa se estava a dirigir. Qual é o tratador que não se queixa do estado de um relvado? Mesmo antes de ter começado a responder, desejei ter instruído Colin para que minimizasse os custos dos estragos quando falasse com a polícia. O facto de ser galês parecia piorar as

coisas, pois Colin era uma pessoa muito ponderada e refletida.

– Um buraco como este?

Colin abanou a cabeça.

– Vejamos. O relvado inteiro custou quase um milhão de libras. Por isso, sinceramente, o que posso dizer é que é uma grande desgraça. O ideal seria arrancar tudo e começar de novo, mas a meio da época, teremos de nos contentar com consertá-lo o melhor possível. Claro que antes de pensarmos sequer na relva, temos de considerar o sistema de aquecimento subterrâneo que evita o congelamento nesta altura do ano. Ficou danificado e terá de ser reparado. E a relva... bem, não é apenas relva. Será preciso estender fibras artificiais no campo, junto à relva, para que as raízes envolvam o nylon. E há o problema de, nesta altura do ano, não ser fácil fazer com que relva nova pegue. Por isso, será preciso ter as luzes artificiais de crescimento ligadas vinte e quatro horas por dia, o que também é caro. Acho que reparar isto não custará menos de cinquenta mil libras. Honestamente. Os danos poderão ser maiores ainda se não for possível jogar no relvado daqui a dez dias. Há que contabilizar a bilheteira. Com um preço médio de sessenta e duas libras por bilhete, a receita total num dia de jogo ronda os seis milhões de libras.

– Portanto, o valor dos danos pode andar entre os cinquenta mil e os seis milhões de libras? – perguntou o inspetor Neville.

– À volta disso, sim – concordou Colin.

Neville olhou para mim e abanou a cabeça.

– Bem, diria que isto é o caso mais claro de crime contra o património que vi desde há muito. E uma vez

que foi aqui manifestamente cometido um crime, vejo-me obrigado a investigá-lo. Estou certo de que a companhia insistirá nisso, se o Sr. Sokolnikov quiser acionar o seguro. Fazem-no sempre, sabe?

– Esses números podem parecer-lhe muito a si e a mim, inspetor – insisti. – Mas não o são para alguém como Viktor Sokolnikov. Estou convencido de que ele preferiria pagar as reparações do próprio bolso e evitar ao máximo uma publicidade embaraçosa. Se as coisas tivessem sido bem feitas, isto poderia ter-se evitado. Continuo sem perceber como é que a imprensa conseguiu chegar aqui antes da polícia. Duvido que tenham sabido por alguém do clube.

– Está a insinuar que foi alguém da esquadra de Royal Hill?

– Estou a insinuar que caso se venha a verificar que a imprensa foi informada por alguém da sua esquadra, o Sr. Sokolnikov vai querer saber porquê. Sobretudo porque me chamaram a atenção para o facto de a imprensa estar a sugerir que poderia haver alguma ligação com o crime organizado da Ucrânia, a pátria do Sr. Sokolnikov. É o tipo de jornalismo sensacionalista que gostaríamos de evitar. Que ainda podemos evitar, creio. Que me diz de um camarote VIP para uma dezena de agentes da Royal Hill poderem vir ver o nosso próximo jogo em casa? Serão nossos convidados e passarão um belo dia. Assegurar-me-ei disso.

– Quer dizer, no caso de esquecer tudo isto?

– Exactamente. Diremos à imprensa que a notícia da descoberta de uma cova no centro do campo do London City foi muito exagerada. Na verdade, faço questão disso. Vá lá, que me diz? Esquecemos o caso e vamos para casa. Não lhe parece de bom senso?

– O que me parece é que é um suborno – respondeu Neville, sem se alterar. – Correndo o risco de me repetir, foi aqui manifestamente cometido um crime, Sr. Manson. E começa a parecer-me que o senhor quer ver-nos pelas costas. Admito que estou confuso, pois foi alguém do clube que nos chamou.

– Infelizmente, fui eu – admitiu Colin.

– Foi um erro inocente – continuei. – Tal como eu quando lhe ofereci os bilhetes. Pensei que o senhor era o tipo de pessoa que tem mais que fazer do que investigar o misterioso caso do buraco no campo.

– Sabe o que penso? Penso que o senhor é daqueles que não gosta da polícia. É assim, Sr. Manson?

– Ouça – respondi –, se quer ganhar uma medalha com isto, esteja à vontade. Apenas tentava fazer com que não perdesse o seu tempo com algo que, quase de certeza, virá a revelar-se como um simples ato de vandalismo. E também a evitar ao proprietário do clube um embaraço desnecessário. Mas desde quando é que isso importa à Polícia Metropolitana? Acho que lhe dissemos tudo o que sabemos e parece-me que temos menos tempo para desperdiçar aqui do que o senhor.

– Sim, já mo tinha dito. A terceira ronda da Taça de Inglaterra contra o Leeds – disse, e sorriu. – Eu sou do Leeds.

– Está muito longe de casa, inspetor.

– Tenho bem consciência disso. Especialmente quando ouço alguém como o senhor. Estou apenas a tentar fazer o meu trabalho, Sr. Manson.

– Também eu.

– Mas por alguma razão está a dificultar o meu.

– Estou?

– Sabe bem que sim.

– Então vá para casa. Isto não é o *Mistério do Estádio do Arsenal*.

– Isso é um filme antigo a preto e branco, não é?
Acenei afirmativamente.

– De 1939. Com Leslie Banks. A verdade é que é uma porcaria de filme. O seu único interesse é que várias estrelas do Arsenal da época entram nele: Cliff Bastin, Eddie Hapgood...

– Se o diz, Sr. Mason. Para ser sincero, nunca tive grande entusiasmo pelo futebol.

– Foi o que me pareceu.

O inspetor Neville ficou-se a pensar por uns momentos e depois apontou para mim.

– Espere lá. Manson, Manson... não será...? Pois claro. É aquele Manson, não é? Scott Manson. Jogou no Arsenal até ser preso.

Mantive-me em silêncio. Por experiência, sei que é sempre o melhor a fazer quando se fala com a polícia.

– Sim – disse Neville com desdém. – Isso explica tudo.

Capítulo 7

Antes de contar o que me aconteceu em 2004, devo primeiro esclarecer que sou de ascendência negra – mais parecido com David James ou com Clark Carlisle do que com Sol Campbell ou Didier Drogba – o que, atendendo ao sucedido, me parece relevante. Na verdade, estou certo de que o é. Não me considero negro, mas sou um grande apoiante da *Kick it Out*.⁸

O meu pai, Henry, é um escocês que jogou no Heart of Midlothian e no Leicester City. Foi convocado para jogar na seleção escocesa de Willie Ormond e participou no Mundial de 1974 na República Federal da Alemanha, ano em que estivemos quase a passar a primeira fase. O meu pai não jogou devido a uma lesão, o que provavelmente lhe deu tempo para conhecer a minha mãe, Ursula Stephens, uma antiga atleta alemã – nos jogos Olímpicos de Munique, em 1972, ficou em quarto lugar no salto em altura feminino – que trabalhava para a televisão. Ursula é filha de um oficial afro-americano da Força Aérea dos EUA colocado em Ramstein e de uma mulher de Kaiserslautern. Felizmente, tanto os meus pais como os meus avós continuam vivos.

Ao terminar a carreira futebolística, o meu pai montou a sua própria empresa de calçado desportivo

em Northampton, onde fui à escola, e em Estugarda. A empresa de calçado chama-se Pedila e hoje em dia tem uma receita líquida de cerca de quinhentos milhões de dólares anuais. Ganho muito dinheiro como diretor dessa empresa; por isso, consigo pagar um apartamento em Chelsea. O meu pai diz que sou o embaixador da empresa no mundo do futebol profissional, mas nem sempre foi assim. Para ser honesto, nem sempre fui o embaixador a quem se teriam dado as boas-vindas numa luxuosa casa de banho e muito menos numa sala de administração.

Em 2003, tinha eu vinte e oito anos, jogava no Southampton e fui para o Arsenal. No ano seguinte, fui preso por um crime de violação que não cometi. O que se passou foi o seguinte:

Na altura, estava casado com uma rapariga chamada Anne; ela trabalha no mundo da moda e é uma pessoa decente, mas francamente, não fomos feitos um para o outro. Embora goste de roupa e não me importe de gastar duas mil libras num fato *Richard James*, nunca apreciei muito a alta-costura. A Anne considera que pessoas como Karl Lagerfeld e Marc Jacobs são artistas. Eu acho que não é tanto assim. Por isso, mesmo quando ainda vivíamos juntos, já nos estávamos a afastar um do outro; eu estava convencido de que ela tinha uma aventura. Fiz o mais que pude para ignorar isso, mas era difícil. Não tínhamos filhos, o que era bom, uma vez que caminhávamos para o divórcio.

Bem, eu tinha começado a encontrar-me com uma mulher chamada Karen, uma das melhores amigas da Anne. Esse foi o primeiro erro. Karen era mãe de dois filhos e estava casada com um advogado especializado na área do desporto que sofria de cancro. Inicialmente,

tratava-se apenas de ser amável com ela, levando-a a comer de vez em quando para a animar, mas depois a coisa fugiu-nos das mãos. Não me orgulho disso, mas foi assim. Tudo o que posso dizer em minha defesa é que era jovem e estúpido. E sim, sentia-me só. Não estava interessado no tipo de raparigas que se atira aos futebolistas nos clubes noturnos. Nunca me interessou. Nem sequer gosto de clubes noturnos. Uma noite com os rapazes é um pesadelo para mim. Prefiro muito mais jantar no Ivy ou no Wolseley. Quando estava no Arsenal, clube com a reputação de ter jogadores que bebiam muito – gente como Tony Adams e Paul Merson não ajudaram os Gunners só a ganhar troféus de prata – eu deitava-me sempre antes da meia-noite.

A casa de Karen, em St. Albans, ficava próxima do campo de treino que o Arsenal tinha em Shenley, o que era muito cómodo. Habituei-me, por isso, a passar por lá de caminho para Hampstead, onde vivia, e por vezes vi-a muito mais do que seria conveniente. Penso que estava apaixonado por ela. E talvez ela estivesse apaixonada por mim. Não sei o que achávamos que ia acontecer. Nunca imagináramos certamente o que acabou por se passar.

Recordo tudo o que aconteceu naquele dia como se tivesse sido gravado a fogo. Foi depois de fazer uma das tais visitas a Shenley, num dia maravilhoso próximo do fim da época. Ao fim de umas horas, saí de casa de Karen e descobri que me tinham roubado o carro. Era um *Porsche Cayenne Turbo* novinho em folha que acabara de me ser entregue, por isso, fiquei bastante chateado. Ao mesmo tempo, estava relutante em participar o roubo do carro pelo simples motivo de que talvez a minha mulher, Anne, pudesse reconhecer a

morada de Karen caso a história fosse parar aos jornais. Assim, meti-me no comboio para a minha casa em Hampstead achando que podia alegar que o roubo fora cometido noutra zona da cidade. Segundo erro. No entanto, acabara eu de chegar a casa quando Karen me telefonou a dizer que o carro estava de novo à porta da casa dela. A princípio não acreditei, mas deu-me a matrícula e, de facto, era o meu carro. Achando a situação bastante estranha, meti-me num táxi e voltei de imediato a St. Albans para ir buscar o veículo.

Quando cheguei, nem queria acreditar na sorte. O carro não estava trancado, mas não tinha um único risco; ansioso por me afastar da casa de Karen antes que o marido voltasse, fui-me embora dizendo a mim próprio que talvez algum miúdo tivesse querido dar uma volta e depois se tivesse arrependido. Curiosamente, tinha feito uma coisa semelhante quando era miúdo: roubei uma lambreta e devolvi-a ao fim de umas horas. Fui ingénuo ao pensar que agora tinha acontecido algo parecido, admito, mas estava contente por ter de volta o carro que adorava. Terceiro erro.

Enquanto conduzia a caminho de casa reparei numa faca que estava no chão do carro e, sem pensar, peguei nela. Quarto erro. Devia ter atirado a faca pela janela fora mas, em vez disso, guardei-a no compartimento que havia por baixo do apoio do braço. Estava tão feliz por ter recuperado um carro que julgava roubado que talvez tenha excedido os limites de velocidade aqui e ali; no entanto, não era uma condução perigosa ou sob o efeito do álcool ou de drogas.

Alguns próximo de Edgware, vi pelo retrovisor um carro que me fazia sinais de luzes, mas ignorei-o como toda a gente faz; Londres está cheia de idiotas ao

volante. Não fazia ideia de que, na verdade, se tratava de um carro descaracterizado da polícia. Quando voltei a olhar, perto de Brent Cross, vi que o mesmo veículo continuava a seguir-me, mas agora levava um pirilampo no tejadilho. E ainda sem suspeitar de que algo de muito grave tinha sucedido, encostei o carro. Imagine-se a minha surpresa quando dois agentes me acusam de excesso de velocidade e de não ter parado; fui algemado, detido e levado para Willesden Green onde, para minha aterradora surpresa, me interrogaram por uma violação. Um homem «que correspondia à minha descrição» e conduzia o meu carro – a vítima recordava-se da marca e de parte da matrícula – tinha apanhado uma mulher numa estação de serviço da A414 e tinha-a violado sob a ameaça de uma arma branca próximo de Greenwood Park.

Não havia dúvida de que o meu carro estivera envolvido; foram encontrados cabelos da vítima no encosto da cabeça, as suas cuecas estavam no porta-luvas e havia ainda outras provas circunstanciais. Evidentemente, aparecia sangue dela na faca, bem como as impressões digitais; e no mesmo compartimento em que estavam as cuecas da vítima, a polícia encontrou uma caixa de preservativos que eu comprara num posto de combustível em Shenley. O recibo ainda estava no cinzeiro. O vendedor recordava-se de me ter vendido porque me vira no *Match of the Day*⁹ a falar sobre um incidente ridículo qualquer num jogo contra o Tottenham. Já voltarei a este assunto. Na caixa faltavam dois preservativos. O violador usara um deles com a vítima; o outro tinha-o eu posto na carteira quando fora visitar Karen, mas não pensava contar isso à polícia por ainda ter esperança de

a poupar e, mais importante ainda, de conseguir poupar o marido. Achei que a última coisa que o pobre diabo necessitava era que a mulher me desse um álibi de adultério enquanto ele estava a fazer quimioterapia. Quinto erro.

No entanto, a vítima – Helen Fehmiu, uma mulher turca – não estava de todo segura de que fosse eu o violador. O atacante tinha-a esmurrado com tal força na cara que ela sofreu um descolamento da retina, mas pareceu-lhe que talvez fosse negro ou «com traços estrangeiros», o que tinha a sua graça vindo dela. A sua pele era mais escura do que a minha. Amavelmente, a polícia mostrou a Fehmiu uma fotografia minha que apareceu nas últimas páginas dos jornais e onde eu me desculpava pela minha conduta após o jogo com o Tottenham. Um dos seus jogadores simulou uma queda quando o desarme e o árbitro marcou uma grande penalidade muito duvidosa, o que me levou a gritar-lhe na cara e a receber um merecido cartão vermelho. Os jogos entre o Arsenal e o Tottenham são sempre muito emotivos, para não dizer pior.

Em todo o caso, Fehmiu achou que *talvez* pudesse ser eu quem a violara e, tendo em conta isso e a perícia forense ao meu carro, a polícia interrogou-me durante dezasseis horas, findas as quais redigiu uma transcrição que não tinha absolutamente nada que ver com o que eu dissera e ficara gravado. Nela, eu admitia praticamente tudo; inclusive «dar uma de O. J. Simpson» e tentar despistar o carro da polícia que me seguia. Resumindo, distorceram tudo, confiantes de que a qualidade da gravação do interrogatório era tão má que o júri não seria capaz de perceber o que se dizia, o que aconteceu realmente. De facto, o júri ficou tão

convencido com a transcrição da polícia que me ouviu dizer coisas que não estavam na gravação. É estranho, mas é verdade.

Entretanto, soube-se que a polícia arranjava maneira de «perder» a única prova que era vital para a minha defesa: o preservativo usado encontrado em Greenwood Park, no dia da violação, no local em que a vítima dizia ter sido atacada. Esse preservativo ter-me-ia facilmente ilibado.

A imprensa intrometeu-se, claro, e antes de ir a julgamento, os tabloides deram o seu contributo para a justiça inglesa; depois de chegarem à conclusão de que eu era «um monstro» e de «revelarem» que a minha alcunha em Highbury era Norman Bates¹⁰, devido à minha personalidade de psicopata em campo (o que era uma mentira descarada), fizeram circular que, tecnicamente, eu já era um violador. Como de costume, não foi o que eles disseram, foi o que eles não disseram. Desencantaram uma antiga namorada em Northampton com quem tivera relações sexuais uns dias antes de ela fazer dezasseis anos. Esqueceram-se de dizer que eu tinha apenas dezoito na altura e que namoráramos durante mais de um ano; o pai dela – que não tinha grande apego por alguém que descrevia como «demasiado escurinho», isto é, eu – descobrira que tínhamos dormido juntos, e, embora na altura não vivesse com a filha, ameaçou acusar-me de violação de uma menor. Não pareceu importar muito que a rapariga em causa se tenha oferecido para testemunhar a meu favor.

Apesar disso, e depois de um julgamento em dezembro que durou duas semanas, fui declarado culpado pelo St. Albans Crown Court na antevéspera de

Natal de 2005 e condenado a oito anos de cadeia.

Fui enviado para Wandsworth. Caso não saibam, é a maior prisão do Reino Unido. Estiveram lá muitos jogadores de críquete – condenados por resultados combinados – para não falar de Oscar Wilde, Ronnie Kray e Julian Assange mas, surpreendentemente, eu fui o primeiro jogador da liga principal a ser enviado para lá. As coisas correram-me bem na prisão – toda a gente gosta de falar de futebol, até o diretor – e fiz bastantes amigos em Wandsworth. Na prisão há de tudo, não é só criminosos. Confiaria mais em alguns daqueles tipos do que alguma vez voltarei a confiar num chui. Esse é um dos motivos porque colaboro atualmente com a Kenward Trust, que ajuda na reintegração de delinquentes na sociedade.

As coisas correram-me bem melhor do que à pobre Fehmiu, que perdeu a visão num dos olhos. Três meses depois do julgamento, suicidou-se. Eu, pelo meu lado, aproveitei o primeiro ano em Wandsworth para fazer um curso por correspondência de Gestão do Desporto, pois sabia que acabaria por ser ilibado.

Dezoito meses depois da minha entrada na prisão, o marido de Karen morreu de cancro. Sinceramente, não imaginava que ainda durasse tanto tempo. É uma situação psicologicamente lixada ficar à espera que um pobre tipo, cuja mulher se andou a comer, morra para poder sair da prisão, mas era assim que me sentia na altura. Karen contactou logo a polícia para explicar que na tarde da violação tinha estado comigo. A polícia, no entanto, respondeu-lhe que o caso estava encerrado e mandou-a embora.

Karen levou a história ao *Daily Telegraph* e este

começou a fazer campanha pela minha libertação. Quase de imediato, descobriram que o inspetor Twistleton, que conduzia a investigação sobre a violação de Fehmiu, enfrentava sessenta e cinco processos disciplinares, entre eles uma agressão a um agente da polícia negro. Logo se tornou claro que Twistleton era não só racista – tendo em conta algumas palavras que usara na minha cela, não me surpreendeu – como também membro da Frente Nacional. O extraordinário é que o preservativo utilizado na violação foi «encontrado» por alguém da esquadra de Willesden, e, apesar de já terem passado dezoito meses, ainda tinha ADN suficiente para me ilibar de qualquer envolvimento.

Três juízes do Tribunal de Última Instância revogaram a minha condenação e saí das celas dos Royal Courts of Justice no mesmo dia. Posteriormente, oito jornais pagaram-me quase um milhão de libras por difamação. Ficou também decidido que a polícia tinha de me pagar meio milhão de libras por prisão ilegal, mas, após recurso, esse valor foi reduzido para cem mil libras por eu ter omitido à polícia que Karen podia dar-me um álibi. O dinheiro também não era importante. O dano estava feito. A minha carreira de jogador tinha acabado, e mesmo sem saber de Karen, a minha mulher tinha-se divorciado de mim.

Ao ser posto em liberdade, decidi que precisava de sair de Inglaterra. Fui viver durante algum tempo com os meus avós na Alemanha e depois fui estudar para o Instituto Johan Cruyff que abriu em 2002 em Barcelona. Tinha-me formado em Línguas Modernas na Universidade de Birmingham, por isso falava um pouco

de espanhol, e em Barcelona – a minha cidade europeia preferida – fiz um curso de um ano em Gestão de Desporto e a seguir uma pós-graduação de oito meses em Gestão do Futebol. Em 2010, obtive a minha licença UEFA Pro e estagiei sob a direção de Pep Guardiola no F. C. Barcelona. Em 2011, estagiei como treinador da equipa principal do Bayern de Munique e trabalhei com Jupp Heynckes, que era um velho amigo do meu pai. Fez parte da seleção da República Federal da Alemanha em 1974, embora, tal como o meu pai, estivesse lesionado e passasse grande parte do torneio no banco.

No entanto, tenho pensado bastante na pobre Fehmiu; a única vez que a vi foi no tribunal e senti a sua dor. Há uns anos, comecei a ajudar outra obra de beneficência chamada *Rape Crisis*; contribuo financeiramente para um dos seus centros em Camden porque, a meu ver, também eu fui vítima do violador de Fehmiu. Do violador, da imprensa e da Polícia Metropolitana.

Tento não pensar no que aconteceu de forma amarga. Digo a mim próprio que, até certo ponto, a culpa foi minha. Ainda assim, não consigo deixar de me sentir injustiçado. Sei que devia ultrapassar isto e pôr tudo para trás das costas; é possível que, com o tempo, o consiga. Claro que nestas situações uma coisa é darmos bons conselhos aos outros, outra é seguirmo-los nós. Há uma verdade, porém, que aprendi e procuro transmitir a todos os meus jogadores: quando o pior já passou, nada nos pode atingir. Isto é tão verdadeiro dentro do campo como na vida. Porque há sempre uma próxima vez.

Não sou um filósofo do futebol como João Zarco,

entendam-me. Para mim, gerir uma equipa de futebol é uma questão de bom senso com o cachecol posto.

8 Organização britânica pela igualdade e inclusão no futebol. (*N. do T.*)

9 Programa de televisão da BBC sobre futebol. (*N. do T.*)

10 Alusão à personagem do filme *Psico*, de Alfred Hitchcock. (*N. do T.*)

Capítulo 8

No dia seguinte, voltei a Silvertown Dock com Colin Evans e João Zarco para ver de novo o buraco. Estava frio e o céu por cima do estádio apresentava um desmoralizador tom cinzento de janeiro. A chuva e a polícia tinham desaparecido, mas não a massa de jornalistas, que já se tinha dirigido à cidade a anunciar a morte de Drenno e a mensagem siciliana que, seguramente, tinham enviado a Viktor Sokolnikov. Felizmente, não tive de lhe falar nela, pois já havia lido a notícia na Internet e disse-me que a ideia daquelas mensagens lhe parecia absurda.

– No meu país, quando se quer ver alguém morto, não se avisa esse alguém enviando-lhe uma mensagem – comentou. – E menos ainda uma tão teatral como esta. Parece tirada de um livro do Mario Puzo. Agradeço-lhe o telefonema e o cuidado com a minha reputação, mas não se preocupe comigo. Garanto-lhe que estou muito bem protegido.

Era verdade; Sokolnikov nunca ia a lado nenhum sem levar pelo menos quatro guarda-costas. Um deles era um antigo pugilista russo coberto de tatuagens que parecia o irmão mais velho e feio de Vinnie Jones.

Zarco observou o buraco e abanou a cabeça.

– O futebol é tribal, evidentemente – disse. – E as

tribos fazem este tipo de coisas, não é? Foram precisos milhares de milhões de anos até as bestas selvagens evoluírem e se converterem em homens, mas bastam noventa minutos num sábado à tarde para que tudo se desmorone.

Olhou para Colin.

– Consegues arranjar este buraquito antes do jogo contra o Newcastle, Colin?

– Não vai ser fácil – respondeu Colin –, mas consigo, sim. Uma relva nova ou um pouco de relva artificial demoram entre sete a dez dias a pegar. Mas, e a polícia, chefe? Acho que posso meter-me em trabalhos com isto. É a cena do crime, não é? Imagine que o maldito do inspetor Neville descobre que tapei o buraco? Imagine que ele volta esta manhã?

Zarco fez uma careta. Por vezes, o seu rosto era tão elástico como o de um ator.

– Para voltar a examinar o buraco? – comentou. – Não passa de um buraco no chão. Além disso, não é um buraco, é o nosso buraco. E os buracos não fazem parte de um relvado de um campo de futebol.

– Ouve-o bem – disse a Colin. – Parece utilizar a voz de narrador do Bernand Cribbins.

Colin sabia que era uma piada, embora não a entendesse. Estou sempre a dizer piadas que ninguém entende. É o que acontece quando se fica mais velho. Zarco também não a entendeu, mas é português.

– Tapa-o e arranja-o – disse a Colin. – Assumo toda a responsabilidade. Podes dizer-lhe isso. Mas antes de o tapares, talvez devesse escavar um pouco. É possível que, quando interrompeste os que fizeram o buraco, eles estivessem na realidade a tapá-lo outra vez.

– Não estou a perceber, Scott.

– Por favor, Colin... Normalmente, quando alguém faz uma cova é porque quer enterrar algo nela. Algo ou alguém.

– Não estás a dizer...?

O galês olhou para a cova com horror.

– É o que estou a dizer, é, Colin.

Zarco sorriu.

– Talvez o Scott esteja à espera que encontres o Yorick na cova – brincou.

– Quem?

– Terry Yorick – expliquei –, médio defensivo do Leeds United. A filha dele, a Gabby, costumava apresentar o futebol na televisão. Uma rapariga bonita. Grandes pernas. Já não vejo tanto televisão desde que desapareceu.

Zarco desatou a rir ao ver que Colin não percebia nada e dirigiu-se para o túnel dos jogadores. Segui-o de perto.

– Pobre Terry Yorick – comentei. – Também era galês. Pobre diabo.

– Ser ou não ser. Sabes, com uma atitude assim, talvez Hamlet fosse adepto de algum clube de futebol.

– Provavelmente do F. C. Copenhaga.

– Bem, Scott, tens os relatórios de aptidão física e das lesões de hoje?

– Estão na tua secretária.

– Muito bem.

O telefone de Zarco tocou. Olhou para o ecrã e assentiu com a cabeça.

– Paolo Gentile. Excelente. Parece que arranjámos um guarda-redes escocês. Esperemos que seja tão bom como dizias. Agora só precisamos de um intérprete. Não consegui perceber patavina do que disse, com

exceção do «porra».

– Eu traduzo, falo bem escocês.

– Que alívio.

– Pensava que era o Denis Kampfner que estava a tratar da transferência.

– O Viktor não confia nele, por isso trouxe o seu próprio agente, Paolo Gentile.

– Também é o teu agente não é?

– É. E então?

O telefone de Zarco tocou novamente.

– Quem é agora? A BBC. *Strictly Come Dancing*¹¹. Querem que participe na nova temporada. Recuso sempre, mas vão-me oferecendo cada vez mais dinheiro. Como se isso mudasse alguma coisa.

– Aposto que és um bom Fred Astaire.

– Detesto aquela treta. Detesto aquela porcaria de programas. Prefiro ler um livro.

Olhei por cima do ombro e vi que Colin já estava dentro do buraco a escavar.

– Pobre Colin – comentei. – Se se lhe fala em relva, nunca mais se cala, no entanto, duvido que alguma vez tenha lido um livro.

– Ele lê. Tem um livro na casa de banho do gabinete.

– Ai sim?

– Sim, mas é uma porcaria. Imagino que se sirva dele quando fica sem papel higiénico... É o teu livro, *Jogo Sujo*.

Sorri.

– Pelo menos escrevi um livro, chefe.

Zarco desatou a rir.

– Vai-te foder, Scott.

– Sabes, é uma pena que não me tenha lembrado

antes, mas quem me dera que tivesse convencido um dos rapazes a meter-se na cova antes de a termos ido ver com o Colin. Podíamos ter-lhe deitado um bocado de terra para cima e pregado ao galês o susto da vida dele.

– Depois do que aconteceu ao Drenno a noite passada? Preocupas-me, Scott. Preocupas-me mesmo.

– O Drenno teria sido o primeiro a entender a parte divertida de uma piada assim. Era por isso que gostava dele.

– Tens um sentido de humor doentio.

– Eu sei. Por isso é que sou o treinador adjunto. Um sentido de humor doentio é absolutamente essencial quando se treina uma equipa de miúdos demasiado bem pagos. Gozar com eles faz com que mantenham os pés assentes na terra.

– Tens razão. Lamento muito pelo Drenno. Sei que eram amigos. Foi um grande futebolista.

– Só não era muito sensato.

Encolhi os ombros.

– A Sonja acha que era inevitável que acabasse por lhe acontecer qualquer coisa assim. Na realidade, quase o previu.

– Vê se ela consegue prever o resultado de domingo. Uma ajudinha dos espíritos dava-me jeito.

– Já o fez. Vamos ganhar 4-0.

– Ótimo. Compra-lhe um presente de Natal atrasado da minha parte. Pode ser?

Suspirei.

– Nunca esquecerei o presente de Natal que o Drenno me deu quando jogávamos no Arsenal. Um bronzeador.

Ainda nos estávamos a rir quando chegámos ao

túnel, mas a alegria desapareceu ao ouvirmos um grito e vermos Colin correr na nossa direção com um objeto quadrado nas mãos.

– Tinhas razão, Scott. Havia algo na cova. Isto.

– Não é uma cova – corrigi. – É um simples buraco. Lembra-te disso.

Estendeu-me uma fotografia emoldurada. O vidro estava sujo de terra e lama, mas a imagem era claramente identificável. Era uma fotografia de João Gonzales Zarco, a fotografia que aparecia na capa da sua autobiografia: *Nada de Jogos, Apenas Futebol*.

Zarco tirou-ma das mãos e assentiu com a cabeça.

– Isto estava no buraco?

Colin fez um gesto afirmativo.

– A chuva da noite passada deve ter feito com que ficasse tapada. Foi por isso que não a vimos na altura. Podíamos nunca a ter encontrado. Foi uma sorte teres sugerido que se escavasse um pouco, Scott.

– Foi, não foi? – perguntei, hesitante.

– É uma boa fotografia – observou Zarco. – Foi o Mario Testino que a tirou. Pareço o Bruce Willis, não pareço?

Não respondi.

– Não estejas tão apreensivo, Scott – disse Zarco. – Não estou minimamente preocupado com este tipo de coisas. Já te disse, há alturas em que os adeptos de futebol são como selvagens. Em Nou Camp, atiraram a cabeça de um porco para o campo quando Luís Figo estava a marcar um canto. E havias de ver os estupores do Galatasaray, do Coritiba e do River Plate. Devem lidar com coisas deste género constantemente. Trabalho e ganho a vida em Inglaterra, não num país onde um homem que joga futebol às vezes teme pela própria

vida. Os valores deste país são bons. As pessoas que fizeram isto é que são a exceção. O que mais me preocupa é o Leeds amanhã. Joga sempre bem na Taça. Manchester United em 1972. Arsenal em 2011. Tottenham em 2013. E a melhor final que já vi da Taça de Inglaterra foi uma gravação do Chelsea contra o Leeds em 1970. Esse é que foi um grande jogo.

Colin assentiu.

– Empataram 2-2. Jogo que o Chelsea ganhou no prolongamento. A primeira vez desde 1912.

Zarco sorriu.

– Vês? Ele lê.

Devolveu a fotografia a Colin.

– Guarda-a como recordação. Pendura-a por cima da tua secretária e usa-a para assustar o resto do pessoal da manutenção.

– Não devíamos informar a polícia disto? – perguntou Colin. – Dizer-lhes que encontrámos a fotografia no buraco.

– Não – respondeu Zarco. – Não contes a ninguém ou aparece em todos os meios de comunicação social. Já basta que saibam que fui convidado a participar no *Strictly Come Dancing*. É melhor que não saibam disto também. E, por amor de Deus, não contes ao Mario Testino. Tinha um ataque.

– A minha mulher adora esse programa – confessou Colin. – Devia ir, chefe.

– Não querendo faltar ao respeito à tua mulher, Colin, eu sou treinador de futebol, não um *bandido burro*.

Olhou novamente para o telefone.

– Porra! – exclamou. – Outra vez o construtor. Juro que o tipo me liga mais vezes do que a minha mulher.

Zarco tinha comprado uma casa em Pimlico e mandara fazer uma grande remodelação, nomeadamente uma fachada nova desenhada pela Tony Owen Partners, de Sydney, Austrália. A fachada incluía uma janela ultramoderna à Möbius que não agradara propriamente aos vizinhos de Zarco, nem, claro está, ao *Daily Mail*. Pelo desenho que vira no jornal, a nova fachada fazia-me lembrar o J.P. Morgan Media Centre de Lord's Cricket Ground.

– Por isso é que a tua mulher está em minha casa – disse. – Para ter um pouco de paz e sossego, isto para não falar de bom sexo. E para se afastar de ti. Ela detesta-te, como, aliás, toda a gente.

– Este arquiteto foi ideia da Toyah, não minha – defendeu-se Zarco. – Eu disse-lhe que se queria uma casa de estilo australiano, fosse viver para a Austrália. Isto é Londres. É aqui que vivo e ganho a vida. Vamos arranjar uma casa que pareça londrina, não a porcaria da Ópera de Sydney. Mas isso não lhe chega e, como de costume, leva a dela avante. Garanto-vos, esta mulher é mais complicada do que qualquer futebolista com que tive de lidar.

– É por isso que gostamos delas, não é? Porque não são futebolistas. São mulheres que cheiram bem e têm umas pernas bonitas. Por isso lhes compramos presentes de Natal caros.

– Quem foi que te disse que lhe compro presentes de Natal caros? Isso és tu, Scott. Eu não lhes compro presentes. Não tenho tempo. Tu é que gostas de comprar presentes.

– Alguma coisa lhe compraste, ou não?

Zarco sorriu.

– A Toyah está casada com o Zarco. Não precisa de

presentes de Natal.

11 Um programa da televisão britânica em que celebridades se associam a bailarinos profissionais e apresentam uma coreografia a um júri e ao público. (*N. do T.*)

Capítulo 9

Em janeiro, Elland Road, o estádio do Leeds United FC, não é um lugar para cobardes. Mesmo em pleno verão, a zona é tão triste como um cipreste, mas de inverno há um vento de noroeste que açoita de tal maneira os Yorkshire Dales que parece arrancar-nos a alma. E duplamente, se tivermos em conta que o estádio está situado mesmo ao lado do crematório de Cottingley; dizem que às vezes, quando o vento sopra na direção própria, se sente o cheiro intenso de um serviço funerário vespertino. Raramente se disputa um jogo bonito em Leeds, e menos ainda quando Billy Bremner era o capitão da equipa nos anos 1970, um tempo em que o Leeds se tornou numa das equipas mais sujas do futebol. As marcas que tenho nas pernas mostram que a coisa não melhorou muito nos anos 1990 e 2000, quando David O’Leary era o treinador e andavam por lá tipos como Jonathan Woodgate e Lee Bowyer.

Embora o meu pai conhecesse muito bem Billy Bremner – que foi capitão da Escócia no Mundial de 1974 – só o vi uma vez, pouco antes da sua morte prematura em 1997. Menciono-o porque acho que há algo de errado na estátua de Billy situada frente a Elland Road. É apenas a minha opinião, mas Billy

Bremer parece negro. Na realidade, o pequeno escocês, que nasceu perto de Stirling, era um homem pálido e de cabelo ruivo. Não sei porque é que o Billy de Elland Road parece negro, mas é como se tivesse sido parcialmente cremado no forno que há ali próximo. A cor do cabelo está bem, e a camisola do Leeds também, mas sempre que vejo a estátua dele rio-me, porque estou convencido de que Billy a teria detestado. Até a estátua de Michael Jackson que havia diante de Craven Cottage é mais fiel que a de Billy; curiosamente, Billy parece mais negro que Michael, o que talvez não seja tão estranho. De qualquer forma, é um Billy arrepiante; parece aquela porcaria daquelas esculturas feitas por Jeff Koons ou as estátuas dos santos que se veem nos templos de Cuba ou do Haiti, como se fosse ganhar vida para nos infundir o temor a Deus e fazer vudu a qualquer equipa que tenha de enfrentar o Leeds em Elland Road. Talvez seja essa a ideia. Nesse caso, poderia funcionar ainda melhor se os adeptos a levassem em procissão à volta do campo antes do jogo, isto porque não deu resultado quando o London City lá foi jogar a terceira ronda da Taça de Inglaterra.

Nada deu resultado. Nem mesmo uma canção de um extremo mau gosto que os adeptos do Leeds dedicaram a Zarco.

Foi a segunda derrota do Leeds United num ano do qual haviam passado apenas sete dias, e o seu pior resultado desde que perderam por 7-3 com o Nottingham Forest em março de 2012. Christoph Bündchen, que substituiu Ayrton Taylor como nosso principal goleador, deu aos adeptos do City um presente tardio de Noite de Reis com cinco dos oito

golos de ouro sem resposta. Foi a maior vitória na história do nosso clube, e uma vitória duplamente afortunada, pois Viktor Sokolnikov tinha regressado das Caraíbas no seu *Boeing 767-300* privado para ver o encontro.

Bündchen foi o herói do City, mas Juan-Luis Dominguin também fez dois golos, depois de Xavier Pepe ter marcado um a quarenta metros que abriu o marcador e se anuncia já como o golo da época, um golo excecional, saído absolutamente do nada, que partiu do seu pé direito como uma flecha. Não havia nada especulativo no incrível disparo de Pepe; pelo contrário, o chuto com efeito de Andrea Pirlo, no jogo entre o Milan e o Parma em 2010, parece um petardo no mais amplo sentido da palavra. O de Pepe foi outra coisa: cabeça baixa, com cada um dos tendões da sua musculatura envolvidos, sabia exatamente o que estava a fazer, e a bola saiu disparada como um projétil. Quando Paddy Kenny, o guarda-redes do Leeds, saltou a tentar apanhá-la, já a bola estava no ângulo superior da baliza. Não é de estranhar que Pepe tenha sido considerado recentemente pela Bloomberg como o sétimo melhor futebolista da Europa.

Apesar disso, foi Christoph Bündchen quem deu dores de cabeça ao treinador do Leeds, e talvez não só a ele. Bündchen só tem vinte e um anos e ainda não foi convocado pela seleção da Alemanha, o que me leva a pensar que se Joachim Löw, o seleccionador, ainda não encontrou lugar na sua equipa para um goleador como ele, será melhor que a Inglaterra de Roy Hodgson tenha cuidado com o resto da equipa alemã. É verdade que o primeiro golo de Christoph foi uma grande penalidade bem marcada na sequência de uma entrada desajeitada

que derrubou Pepe na grande área quando o resultado era de «apenas» 3-0. Mas os quatro golos seguintes, marcados pelo jovem alemão, foram verdadeiramente sublimes, e houve um momento em que parecia ser o Leeds United contra Christoph Bündchen, que, inacreditavelmente, não entrou nas classificações da Bloomberg. O que me satisfaz ainda mais é que tinha convencido Zarco a pagar ao FC Augsburg, o clube alemão, apenas quatro milhões de libras pelo jogador quando ele chegou ao City no verão.

Não é que o Leeds não tivesse aproveitado as suas oportunidades; na verdade, só pareceu ter uma em todo o jogo, e essa deu-se pouco depois do golo de Pepe, quando Lewis Walters interceptou um mau passe de Ross Field, o defesa-central do City, e chutou por cima do nosso guarda-redes suplente, Roberto Forlan – que pouco mais teve que fazer toda a noite –, mas o nosso capitão, o sempre fiável Ken Okri, anulou o seu esforço sobre a linha.

Ao intervalo, ganhávamos por 4-0, e os jogadores pareciam ter levado Zarco à letra quando ele lhes disse que saíssem e desfrutassem e na segunda parte fizessem o mesmo que na primeira.

Depois disso, o Leeds raramente constituiu uma ameaça. O quinto golo chegou poucos segundos depois do começo da segunda parte, quando Paddy Kenny salvou sem problemas de maior outra bomba de Pepe; o guarda-redes passou então a bola a Kevin Beech, que deu com Bündchen em cima dele num abrir e fechar de olhos. Beech tentou um passe cruzado desesperado para Stefan Signoret, mas Bündchen leu a intenção daquele como se estivesse escrita no painel publicitário com letras de dois metros de altura, interceptou a bola com

rapidez, fintou o pobre guarda-redes e atirou à baliza. 5-0.

O terceiro golo de Bündchen foi pura magia e tornou-se ainda mais impressionante devido à sua passada quase sobre-humana. Bündchen ultrapassa o metro e oitenta de altura e parece mais um defesa do que um atacante, o que lhe dá um aspeto bastante intimidatório quando vai direto ao adversário. Evitando, facilmente, umas pernas que pareciam destinadas a provocar penáltis manifestos se o tivessem derrubado, e pregando fintas como se os jogadores do Leeds fossem bebés sentados em cadeirinhas, o alemão teve de mudar de direção três vezes até encontrar espaço para um disparo que deu a ideia de arrancar a relva e deixou o desgraçado guarda-redes caído de rabo e a tapar a cara com as mãos. Era como se estivesse a comprovar que ainda era capaz de agarrar algo redondo. Zarco festejou correndo toda a zona técnica, caiu de joelhos e deslizou vários metros, rasgando as calças de um bom fato. Parecia que estava a preparar-se para o *Strictly Come Dancing on Ice*.

Quando ainda faltavam quinze minutos para o final da partida, muitos dos adeptos do Leeds dirigiram-se para as saídas, quais passageiros do *Titanic*, mas os salva-vidas tinham-se esfumado, e, quando o Leeds cedeu um livre estúpido, duvido de que algum deles se tivesse surpreendido ao ver Bündchen aproximar-se e voltar a marcar, passando inteligentemente a bola por baixo da barreira, uma vez que os jogadores saltaram ao mesmo tempo para tentar defender de cabeça.

Estávamos nós ainda a festejar aquele golo no banco quando Christoph marcou outro, o último da partida. Na realidade, foi cómico: Paddy Kenny defendeu a bola,

mas ofereceu-a a Dominguin, o qual fez um passe alto para Bündchen, como se tivesse percebido que o jogador nunca tivesse estado tão em forma na sua vida. O *Wunderkind*¹² alemão correu com a bola sobre a cabeça até que o guarda-redes se lançou sobre ele; soltou então a bola e marcou com o pé.

Costuma dizer-se que a Taça de Inglaterra já não é o que era, que agora que há mais dinheiro na I Liga já não interessa, mas a nós não era isso que nos parecia. Nunca uma fria noite de janeiro no Yorkshire me pareceu tão agradável como aquela. Levámos a bola connosco no autocarro que nos conduziu ao Aeroporto Internacional Leeds Bradford e entregámo-la a Christoph que, com um sentido diplomático que não é da sua idade, a deu ao proprietário ucraniano do clube, e este mostrou-se extremamente agradecido. Quando nos afastávamos, pareceu-me que Billy Bremmer erguia os punhos para se queixar do futebol ao céu e aos caprichosos deuses.

No autocarro, tive de voltar a passar os olhos por uma lista de lesionados tão grande como as caras dos adeptos do Leeds que víamos fora do estádio. A pior lesão era a do nosso defesa-central, Gary Ferguson, que voltara a sofrer uma contusão no tornozelo.

– Não há hiperostose esquelética idiopática difusa – explicou Nick Scott, o médico da equipa. – Está lesado, mais nada.

– Uma merda! – exclamei, sabendo bem que Ferguson, originário de Liverpool, estava sentado mesmo atrás de mim. – A única coisa que entendi disso é que ele é estúpido.

– Provavelmente tem osteófitos à volta da articulação e é por isso que o tornozelo inflama.

– Isso explica por que razão o passe dele foi tão patético.

– Obrigadinho – disse Ferguson. – Fiz o melhor que pude.

– Eu sei, por isso foi tão doloroso vê-lo.

– Desta vez, devíamos fazer-lhe umas radiografias – recomendou o médico. – Acho que não podemos continuar a tratá-lo com anti-inflamatórios.

– Ou dar um tiro no pobre desgraçado – retorqui. – Seria mais piedoso. E mais barato também.

Osteófitos. Antes chamávamos-lhes excrescências ósseas ou bicos de papagaio, mas seja qual for o nome, o efeito é o mesmo: limitam severamente o movimento das articulações e causam extrema dor. Sabia o que era, os meus tornozelos não estavam nada bem depois de uma década a jogar; às vezes, considero-me um sortudo por ter ido para a cadeia e não ter jogado já, feitos os trinta, com a ajuda de corticosteroides injetados nas minhas envelhecidas articulações. Mesmo no meu estado, lá me vou arrastando de manhã pela casa como se andasse à procura do andarilho. Há uns anos, vi Tommy Smith fazer um discurso num jantar; impressionou-me saber que o capitão mais duro do Liverpool precisava de muletas ou de uma cadeira de rodas para se mover. É uma dura realidade, mas ainda hoje ser-se atleta pode arrumar connosco.

– Isto é que é uma vitória de Pirro – disse ao médico. – É a maldição do Billy Bremner.

– Quem é o Billy Bremner? – perguntou Ferguson.

– Um tipo negro que jogava no Leeds – respondi pacientemente.

– E o que é uma vitória de Pirro?

Não tinha sentido dar uma lição de história a

alguém que pensava que Napoleão era um tipo de brandy e que Nelson se dedicava à luta livre. É verdade que tenho um título universitário, ainda que seja só um diploma de Birmingham, não uma licenciatura de *Oxbridge* e, se bem que reconheça que tenho uma inteligência acima da média, ao pé de alguns dos jogadores da nossa equipa sou o Richard Dawkins.

– Significa que é uma vitória tão boa que te deixa de pau feito – respondi-lhe.

Ainda antes de chegarmos ao aeroporto, o tempo piorou de repente. O autocarro da equipa parecia o nosso globo de neve particular.

12 Menino-prodígio. Em alemão, no original. (*N. do T.*)

Capítulo 10

Voltámos tarde de Leeds. O voo atrasou-se por causa da neve. Como de costume, fiquei excitadíssimo depois do jogo e eram quase duas horas da manhã quando fui para a cama. Deitei-me no quarto de hóspedes para não acordar Sonja, que dormia que nem um gato. Quando despertei na manhã seguinte, sabia que ela já havia ido para o trabalho – tem um consultório em Knightsbridge onde trata perturbações do comportamento alimentar, pessoas gordas ou anoréxicas –, e tinha alguém a tocar-me à porta.

Saí da cama, arrastei-me até ao intercomunicador e vi uma mulher a olhar para a câmara. Por momentos, pensei que fosse uma paciente de Sonja, mas esta não era nem magra nem gorda; de facto, era perfeita.

– Sr. Manson?

– Sim?

– Desculpe incomodá-lo, mas tínhamos um encontro hoje de manhã, às dez horas. Sou a inspetora Louise Considine, da esquadra de Brent. Estou a investigar a morte de Matt Drennan.

– É verdade. Peço desculpa, deitei-me tarde. É melhor subir.

Abri a porta, vesti uns *jeans* e uma suéter e pus um pouco de água mineral engarrafada na máquina de café

com moinho incorporado. Com um preço de quase quatro mil libras, era o orgulho e a alegria da minha cozinha. Não sabia cozinhar grande coisa, mas preparava um café com leite delicioso.

A inspetora tinha melhor aspeto do que a maioria dos polícias que vira, e podem crer que vira muitos. De aspeto saudável e com um certo ar de fada, tinha o cabelo louro e comprido, uns grandes olhos azuis e um nariz um pouco pontiagudo. Vestia um casaco curto de cor cinzenta e luvas de cabedal.

– Tinha-se esquecido do encontro? Oh, meu Deus!, lamento. Tem todo o ar de quem se esqueceu.

– Tivemos um jogo ontem. E o voo atrasou-se por causa da neve. Por favor, tire o casaco e sente-se.

– Obrigada.

– Toma um café?

– Sim, por favor, se o vai fazer... Com leite e sem açúcar.

Assenti e carreguei num botão da máquina.

– É impressionante – comentou.

A voz dela era fina, demasiado fina para ser polícia.

– Faz tudo exceto lavar a chávena no fim.

Tirou o casaco e começou a inspecionar alguns dos quadros que eu tinha nas paredes.

– Isto é bom – comentou, examinando um quadro bastante grande de um homem com aspeto de rufião, cabeça rapada e punhos erguidos. Parecia um pugilista sem luvas. – Mete medo, não mete?

– É do Peter Howson – disse. – Um artista escocês. Comprei esse quadro para não me esquecer do que é estar na prisão. Várias vezes partilhei a cela com tipos como ele. Gente que estava sempre pronta a arrumar connosco sem motivo. Cada vez que olho para ele

penso na sorte extraordinária que tenho, na sorte de poder ter deixado tudo aquilo para trás. Ao contrário de quase todos os que saem da cadeia.

– Tem uma bonita casa, Sr. Manson. Tem muito bom gosto.

– Para alguém que está no mundo do futebol, quer dizer.

– Tem de ser rico para viver nesta zona.

– Eu só trabalho no futebol – disse. – O dinheiro ganho-o com outra coisa que não me exige que faça seja o que for.

– Eu sei, é diretor da Pedila Shoes – disse, e sorriu. – Fiz uma pesquisa no Google. Era mais fácil que pôr-lhe o telefone sob escuta ou segui-lo vinte e quatro horas por dia. Atualmente, a maior parte do trabalho policial é feita com a ajuda de indexadores automáticos e hiperligações, HTML e metaetiquetas.

– Por isso não tem aspeto de polícia.

Ela riu-se.

– Que aspeto têm os polícias, então?

– Não como o seu. Parece recém-saída da faculdade – disse, e sorriu. – Li o seu cartão de visita. Ou pelo menos uma fotografia dele no meu iPhone. Licenciada em Direito, não é?

Ergueu o sobrolho.

– Tenho os pés chatos. E digo muito «porra». Se isso ajudar...

Servi-lhe o café e sentei-me diante dela.

– Faz dois cafés de cada vez? Porra!

– O tempo é precioso.

– É verdade.

Provou o café e fez um gesto de apreciação.

– Hum! Além disso, é bom.

– É de Java. Compro-o nos Algerian Coffee Stores, no Soho.

– Gosto desse lugar. Devo avisá-lo de que é provável que volte cá. Isto é muito melhor que o café onde vou habitualmente.

– E eu devo avisá-la de que não gosto muito da polícia.

– Eu sei. O inspetor-chefe avisou-me. E, pelo que li sobre si, estou com sorte por o café não estar envenenado.

Ri-me.

– Eu, se fosse a si, esperava para ver.

– Não o censuro pelo que pensa da polícia. Tenho a certeza de que sentiria o mesmo se tivesse sido condenada injustamente.

– Fizeram-me a cama, foi o que aconteceu.

– Mas a polícia agora é muito diferente da daquela altura, mesmo da de há poucos anos.

Tinha uma maneira sedutora de falar, como se conhecesse o efeito que a sua voluptuosa boca exercia em coisas tão correntes como as palavras; parecia terminar cada frase com um beicinho. Bebeu o café e voltou a perscrutar a sala.

– Vou acreditar na sua palavra.

– Acredite, por favor. Lamento muito o que aconteceu ao Sr. Drennan. Mas, sou sincera, acho que só o conhecia pela sua fama de bêbedor e por andar sempre metido em sarilhos. Custa-me relacionar alguém tão palhaço como ele com o desporto de alto nível.

– Não se esqueça de que muitos futebolistas – e insisto no muitos – não passam de crianças crescidas. Não há equipa que não tenha um palhaço como o Drenno. Mas poucas equipas têm alguém com tanto

talento como ele. No tempo do Drenno, ele era porventura o jogador mais extraordinário do país. Ouça, há muitos idiotas no mundo do futebol – basta ver o *Soccer AM*¹³ – mas o Matt Drennan não era um deles.

– Eu li os seus *tweets* sobre ele. E vi alguns dos golos no YouTube.

Encolheu os ombros como se não tivesse ficado muito impressionada com o que vira.

– Tem algum clube?

– O Chelsea.

– Percebe-se.

– A sério? Oh, meu Deus, parece que sou muito previsível. Ao contrário do Matt Drennan. Bem, sei que era muito amigo dele e lamento dizer isto, mas sempre me pareceu uma bomba-relógio.

– Mas não desta maneira.

– Não?

– Sem dúvida que nunca esperei que se enforcasse, se é isso que quer saber.

Anuiu.

– Entre outras coisas.

– Espero que haja uma autópsia e uma investigação – disse eu.

A inspetora assentiu de novo.

– Terei de apresentar provas?

– É possível. Também conhecia a mulher dele?

– Conhecia. Fui ao casamento. Na verdade, aos dois casamentos.

– Ela diz que já o tinha posto fora de casa. Desta vez, para sempre, segundo ela. E que foi antes de lhe ter batido.

– Acredito. A propósito, como está ela?

– Já está em casa. Evita os jornais e os jornalistas que estão acampados diante da porta de casa.

– Telefonei-lhe, mas...

– Ela não atende o telefone. Percebo que isto seja difícil para si, mas preciso de lhe fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu exatamente quando o Drennan aqui esteve. Afinal, foi uma das últimas pessoas a falar com ele antes de se suicidar. Pelo menos, segundo o Maurice McShane. Foi a seu pedido que ele nos contactou, não é assim?

– É. Queria ajudar na investigação.

– Naturalmente.

– E penso que fui, provavelmente, uma das últimas pessoas que viu o Matt.

Contei-lhe o que acontecera com todo o pormenor.

– Portanto, ele estava bêbedo e deprimido – disse.

Assenti com a cabeça.

– Sem dúvida. Ofereci-me mesmo para o levar à clínica Priory. Via-se que estava muito mal. Mas não me deixou acompanhá-lo. Estava emborrachado, mas não em demasia. Pelo menos, tratando-se dele. Quer dizer, aguentava-se de pé. Além disso, já tinha estado na Priory e não deu resultado.

– Disse-lhe porque estava deprimido?

– De quanto tempo dispõe? A briga com a mulher há de tê-lo deixado deprimido. Tinha perdido o brinco de diamante que usava na orelha, como lhe disse. Contou-me que ela lhe tinha atirado com uma bota, mas não que ele a agredira. Imagino que tivesse uma ordem de afastamento, porque não era a primeira vez que acontecia. Isso também o devia deixar deprimido.

Encolhi os ombros.

– Que mais? Não poder jogar futebol. Envelhecer. O

seu estado de saúde. Ter voltado à bebida. Estar falido. A vida, em geral. Receio que seja uma história típica do futebol. Ouça, ele não falou em suicidar-se, mas se o tivesse feito, duvido que tivesse podido fazer seja o que for.

– Talvez pudesse tê-lo mantido aqui e dissuadi-lo disso.

– Vê-se bem que não conhecia o Matt Drennan. Se já não se conseguia convencê-lo a não entrar numa loja de bebidas alcoólicas ou a não jogar uma última partida de *bar billiards*¹⁴, imagine o que me está a sugerir.

– Então, não lhe falou do Tommy MacDonald, o seu melhor amigo de Glasgow?

– Do Mackie? Não, não disse absolutamente nada.

– Sabe que estava no exército, no Afeganistão?

– Mais ou menos, mas aconteceu alguma coisa ao Mackie?

– O sargento Thomas MacDonald foi atingido numa explosão quando fazia uma patrulha na província de Helmand na última terça-feira.

– Meu Deus!

– Morreu mais tarde no hospital.

– Não, não sabia – concedi. – Isso explica o estado de espírito do Drenno. Nunca falava muito do Mackie. Pelo menos comigo. Mas sei que ele e o Mackie eram muito unidos. Poderíamos dizer mesmo que eram compinchas, pois andavam sempre metidos em sarilhos por isto ou por aquilo: brigas, vandalismo, partidas que iam longe de mais e mau comportamento em geral. Quase sempre tudo relacionado com a bebida. Quando o Mackie se alistou no exército, acho que o meu antigo clube, o Arsenal, se sentiu bastante aliviado. Consideravam-no uma má influência para o Drenno. Eu

estou convencido de que era o contrário. O Mackie foi para o exército para se afastar do Drenno e da bebida. Pelo menos, era o que o Drenno dizia sempre.

– Conhecia o sargento MacDonald?

– Encontrámo-nos várias vezes, mas não posso dizer que fôssemos amigos. Não éramos. Sinceramente, não gostava dele. Lamento o seu falecimento. Serviu o país e temos de respeitar quem o faz.

– Porque não gostava dele? Alguma razão em particular?

Encolhi os ombros.

– Como lhe disse, achava que ele era uma má influência. Honestamente, fiquei muito surpreso quando se alistou no exército. Tinha passado a vida a viver à custa do Drenno e era o tipo mais indisciplinado que se pode imaginar. O típico escocês agressivo. Não percebi por que razão decidiu, de repente, que queria fazer algo como alistar-se no exército. A menos que fosse para se afastar do Drenno.

– Diga-me, que vestia o Matt Drennan quando veio ter consigo?

– Está a perguntar-me se vestia a camisola de Inglaterra?

– Não, refiro-me ao que trazia vestido?

– Casaco de cabedal, *jeans*, sapatilhas e uma camisa branca lisa. Tinha sangue no colarinho. E no lóbulo da orelha. Já tinha falado nisso. *Levava* a camisola da seleção inglesa quando se enforcou?

– Não estou autorizada a revelar isso.

– Vinha no *Daily Mail*.

– Então, deve ser verdade.

– Porque é que tenho a sensação de que não está a ser sincera comigo?

– Um: não gosta da polícia, foi o senhor mesmo que o disse. E dois: não estou a ser sincera consigo porque estou aqui para fazer perguntas e não para lhe dar respostas. Lamento. Isto é uma investigação policial sobre a morte de um homem. Mesmo que pareça a toda a gente que foi um suicídio, tenho, ainda assim, de cumprir certas regras de prova. Como agente policial sigo critérios diferentes dos do *Daily Mail*. Repare, eu só estou a procurar reconstituir as últimas horas do Matt Drennan para que não haja qualquer dúvida de que foi um suicídio. E se lhe parece que é um processo bastante dificultoso, de facto, é-o; no entanto, vivemos no tempo das conspirações e não demorará muito a aparecer alguém que tenha lido algum livro chamado *Quem matou Kurt Cobain?*, *Quem matou a princesa Diana?* ou *Quem matou Michael Jackson?* e seja tentado a escrever *Quem matou realmente Matt Drennan?* É o que espero evitar. Por ele. E pela sua família e amigos.

– Parece-me bem. E agradeço-lhe que mo diga.

– Alegra-me que pense assim. Não gostaria que voltasse a processar a polícia pela minha incompetência ou falta de honestidade.

Assenti.

– Começo a perceber porque a mandaram a si.

– Ótimo, então estamos a fazer progressos.

– Está a senhora. Não estou tão certo de que a polícia os esteja a fazer.

– Importa-se que lhe faça uma pergunta que pode achar um pouco insensível?

– Não lhe parece que quando disse que o Drenno era uma perda de tempo, já o tinha sido?

– Eu não disse isso.

Encolhi os ombros.

– Faça favor.

– Obrigada. Pois bem, estou confusa. Estudou na universidade. Fala várias línguas. Vive em Chelsea, num apartamento de quinze milhões. Porque é que alguém tão bem-sucedido como o senhor era amigo de um fracassado como o Matt Drennan?

– Isso não é ser insensível. É apenas desconhecimento do que é o mundo do futebol. O futebol é um clube internacional, uma fraternidade, um pouco como a francomaçonomia. Onde quer que se vá, é quase inevitável que se encontre alguém com quem ou contra quem se jogou. Matt Drennan era meu companheiro de equipa. Mais, o único companheiro de equipa que foi visitar-me à prisão, apesar de os que lhe geriam a imagem o aconselharem a que *não* fosse. Naquela altura, o fracassado era eu, não ele. Eu não passava de escumalha. Um violador. Aquele retrato do Peter Howson. É o que viam as pessoas quando pensavam em mim. Todos, exceto o Drenno. Não há muita gente que saiba, mas o Drenno perdeu um contrato de patrocínio com uma empresa farmacêutica por me ter ido visitar à cadeia. Por isso, com todos os seus defeitos, tinha bom coração e eu gostava dele por isso.

A inspetora assentiu com a cabeça e pousou a chávena de café sobre a mesinha.

– Obrigada pela sua ajuda – disse. – E obrigada pelo excelente café. A propósito, ontem, ganharam?

– Ganhámos. Por 8-0.

Sorri.

– É bom, já agora. Muito bom, caso não saiba.

13 Programa televisivo britânico de debate e entretenimento dedicado ao futebol. *(N. do T.)*

14 Tipo de bilhar em que o jogo é disputado numa mesa com nove buracos e três paus ou pinos, designados skittles, com a forma de cogumelos. *(N. do T.)*

Capítulo 11

No fim de semana anterior ao jogo com o Newcastle, Kenny Traynor chegou ao clube e deu a sua primeira entrevista ao canal desportivo Press Bureau TV. O nosso novo guarda-redes era um tipo corpulento, de cabelo louro, sorriso fácil e um sotaque tão cerrado que logo o denunciava mal abria a boca. Quando falava, era como se se estivesse a ouvir Spud no *Trainspotting*.¹⁵ Por isso, Zarco insistiu em que eu me sentasse com eles frente ao apresentador, para *traduzir*, o que dava uma pincelada convenientemente cómica àquele aborrecido processo. Quanto ao mais, foram as tretas habituais de que Traynor «queria enfrentar o desafio da I Liga e trabalhar com um treinador de classe mundial como João Zarco». Quando lhe perguntaram porque tinha decidido assinar pelo City em vez de por outro clube, como o Manchester United, Traynor não mencionou as cinquenta mil libras semanais, falando, em lugar disso, da qualidade da equipa e dos atrativos de uma grande cidade como Londres. Quanto ao que poderia conseguir fazer num clube como o London City – que é mais ou menos a mesma pergunta, se pensarmos nisso –, Traynor declarou que queria ter uma folha de serviços limpa o mais tempo possível e ajudar o City a vencer a I Liga, a Liga dos Campeões...

a Taça... zzzz.

Traynor e Zarco foram também filmados na entrada de Hangman's Wood, segurando Traynor a nova camisola prateada de guarda-redes com o seu nome nas costas. É o que eu mais detesto no futebol: os estereótipos. A culpa não é dos jogadores, a maioria não passa de uns miúdos; Traynor tem apenas vinte e três anos e não sabe mais. Não, a culpa é dos malditos jornalistas por fazerem as perguntas previsíveis de sempre que dão origem a respostas estereotipadas.

As coisas tornaram-se um pouco mais interessantes quando Bill Fleming, um veterano jornalista da STV, uma estação de televisão de Glasgow, comentou que era extremamente insultuoso para os espectadores escoceses ter as respostas de Kenny Traynor «traduzidas para inglês», como se eles desconhecassem o idioma. Zarco fez uma breve pausa e pediu que lhe traduzissem o que Fleming tinha dito, o que provocou grandes gargalhadas. Acho que o entendeu perfeitamente, mas o sentido de humor de Zarco era sempre excelente. Esperou que eu repetisse a queixa de Fleming e sorriu.

– Não pretendo insultar ninguém – comentou Zarco –, mas disseram-me que os portugueses não são os únicos que têm dificuldade em entender os escoceses. Os ingleses também. Assim sendo, porque é insultuoso traduzir o que diz? Não percebo. Scott Manson é escocês e eu entendo tudo o que ele diz. O senhor Fleming também é escocês, mas não entendo nada do que diz. O senhor diz que fala inglês e eu acredito, mas a mim não me parece inglês. Talvez o problema não seja meu, mas seu, meu amigo. Talvez devesse melhorar o seu inglês, como o Scott. É possível que Kenny também o consiga fazer enquanto jogar no

London City. Não sei. É o que espero, para bem dele. Fazer-se entender num país estrangeiro não é assim tão difícil, acho eu. Toda a gente aqui parece entender-me sem problemas. Mas eu não sou o Professor Henry Higgins e não me interessam os exercícios de fonética para a correção do sotaque.¹⁶ Posso, sem dúvida, ajudar o Kenny a tornar-se melhor guarda-redes, mas não sou a pessoa indicada para o ensinar a fazer-se entender. Talvez se abrir a boca quando fala melhore um pouco, não sei. Também devia tentar, Bill.

A seu favor direi que Kenny Traynor não deixou de esboçar um sorriso benévolo enquanto o seu novo chefe falava. Muitos riram-se, mas não Bill Fleming.

Foi preciso voltar a traduzir naquele dia, mas agora do alemão. A nossa nova estrela, o atacante Christoph Bündchen, foi ao meu escritório em Hangman's Wood. Falava bem inglês, mas disse-me que preferia expressar-se em alemão para o caso de alguém ouvir a nossa conversa.

– Aconteceu alguma coisa, Christoph?

– Não, nada – respondeu. – Mas queria o seu conselho sobre uma coisa.

– Com certeza. De que se trata?

– Em primeiro lugar, quero que saiba que gosto muito deste clube e de viver em Londres.

Senti um pequeno nó no estômago; Christoph Bündchen era muito provavelmente um atacante excepcional em construção e tínhamo-lo comprado barato, mas onde é que queria chegar com aquilo? O que ia ele dizer-me? Que era um ludópata como Keith Gillespie, o jogador daquele grupo do Manchester United a que todos chamam «Fergie's Fledglings»? Que era um bêbedor como Tony

Adams? Um ludópata e um bêbedor como Paul Merson? Ou que já tinha sido contactado diretamente pelo Chelsea – o que era costume, claro – ou por um dos grandes clubes? Não é que me importasse demasiado o regulamento absurdo da FA, a *Football Association*, que proibia a negociação direta com os jogadores: aconteceria sempre com os bons jogadores. Falar com o jogador de outro clube sem autorização sempre fez parte do jogo. Esbocei um leve sorriso e procurei conter os nervos.

– Parecem más notícias. Por favor, não me digas que queres ir para outro clube. Acabas de chegar a este e foste bem-sucedido. Precisamos de ti, rapaz.

– Isto é muito difícil para mim, Scott.

– Ouve, se é por causa do salário, já falei com o Zarco. Está convencido de que pode conseguir-te mais dez mil libras por semana.

– Obrigado, mas não é uma questão de dinheiro nem de transferência. É outra coisa. Acho que não consigo ser quem sou realmente. Sou diferente destes tipos.

Cruzou os braços, na defensiva, recuou um passo, susteve-se sobre um pé e golpeou os lábios com o dedo indicador, como Samir Nasri quando faz o seu conhecido gesto para que alguém se cale. (Continuo a não entender porque o faz. A quem é que raio manda calar? Os adeptos?)

– Diferente, como?

– Quando jogava no Augsburg, vivia em Munique.

– Eu sei. Foi onde nos conhecemos, lembras-te?

– Lembro, mas quer saber porque é que eu vivia em Munique?

Por momentos, perguntei-me se ele era um neonazi, mas descartei a ideia, tinha apenas pinta de nazi.

Encolhi os ombros.

– Porque Munique é uma cidade mais bonita do que Augsburg. Para mim, pelo menos.

– Conhece uma zona de Munique chamada Glockenbachviertel?

– Creio que sim, é a zona da moda. Tem muitas galerias de arte. Costumava lá ir à procura de pintura.

Christoph anuiu.

– Nessa zona de Munique vivem muitos gays.

Fez uma breve pausa.

– Por isso é que eu lá vivia, Scott. Porque em Augsburg não podia viver como queria. O que estou a querer dizer é que vivia em Munique com um homem.

Caiu-me a alma aos pés. Ia ser o meu maior desafio como treinador. Que soubesse, os únicos futebolistas gays que tinham saído do armário eram Thomas Hitzlsperger e Justin Fashanu, e este suicidou-se, o que não era propriamente encorajador para quem sentisse necessidade de declarar a sua homossexualidade no mundo do futebol.

– Sim, entendo.

– Do outro dia, o Sr. Zarco disse umas coisas na televisão sobre o Mundial do Catar – que tinha amigos gays – que me animaram muito. E pensei que talvez não houvesse problema em ser gay neste clube. Ao contrário do anterior, onde tive de viver uma espécie de mentira sobre quem era e o que era. É difícil, sabe?

Estremeci um pouco à menção de Zarco e dos catarenses. Com os comentários dele sobre o Mundial de 2022, o departamento de imprensa do London City vira-se inundado de ameaças de árabes anónimos; houve três ameaças de bomba em Hangman's Wood.

Entretanto, os catarenses continuavam a negar qualquer incorreção e o comité executivo da FIFA em Zurique tinha-se queixado de Zarco à FA; por isso, a FA vira-se obrigada a cancelar o convite a Zarco para passar a fazer parte do comité de peritos da seleção inglesa. A resposta de Zarco teria sido, por certo, a de repetir as suas alegações se Phil Hobday não lhe tivesse pedido que mantivesse a boca calada.

– Repara, Christoph, se me estás a pedir conselho sobre a tua condição de gay, não te posso dar nenhum. Tenho um ou dois amigos que o são, mas nenhum deles está no mundo do futebol. Se a tua pergunta é a que penso que é...

– Devo dizer aos meus colegas que sou gay? É isso que quero saber. É o que eu gostaria.

– Então, a resposta é não, um rotundo não. Não me peças que o justifique porque não posso, mas ser gay não é algo que se aceite no mundo do futebol. Pela simples razão de que é claramente o último bastião da intolerância e da homofobia. Não há futebolistas abertamente gays em nenhuma das quatro principais divisões de Inglaterra. Claro, isso não significa que não haja jogadores gays. Toda a gente sabe quem são, ou julga sabê-lo, mas esses jogadores mantêm-se discretos por uma simples razão: medo. Não dos outros jogadores, mas pelos insultos que um jogador abertamente gay sofreria por parte dos adeptos. Agora mesmo há muitos adeptos nas bancadas por toda a Inglaterra que continuam a entoar canções sobre o acidente aéreo de Munique e o desastre de Hillsborough, e que imitam o ruído do gás quando têm na sua frente os adeptos do Tottenham, que para eles, mal, são todos judeus. Desde que estou no futebol

que ouço esses filhos da mãe entoarem canções sobre a crise nervosa de Sol Campbell, sobre o filho deficiente de Dwight Yorke, sobre o aborto de Karren Brady, as inundações em Hull e o excelente serviço público feito por vários assassinos, entre os quais Harold Shipman e Ian Huntley. Isto significa que já podem atirar-te com merda suficiente sem que lhes dês mais possibilidades. Por isso é que não podes dizê-lo a ninguém, Christoph. Usa uns atacadores com o arco-íris se isso te faz sentir melhor; ao menos há alguns jogadores hétero que o fizeram. Quanto ao resto, debes manter isto em segredo. Será um suicídio profissional caso digas alguma coisa agora. Sei que não é o que querias ouvir, lamento, as coisas são assim.

Bündchen suspirou. Olhando para ele agora, custava-me a crer que o jovem alemão fosse homossexual, mas também nunca noto essas coisas. Sonja garante que é capaz de perceber, mas eu não. Uma parte de mim queria aplaudi-lo pelo seu desejo de ser tão sincero, mas creio que lhe expliquei como eram as coisas. Individualmente, a maioria dos adeptos diria provavelmente que lhe era indiferente a sexualidade de cada um, mas nas bancadas impera outra atitude. Os alemães têm uma palavra para isso. *Volksgeist*. Significa «o espírito do povo», e o espírito do povo acha-se no menor denominador comum.

– Repara, tu tens um talento incrível e, pelo que vi na outra noite contra o Leeds, um futuro extraordinário à tua frente, Christoph. Podes conseguir o que quiseres neste desporto. Podes jogar pelo teu país, ganhar muito dinheiro e chegar ao topo do futebol. E uma vez lá, quem sabe? Dentro de uns anos, quiçá sejas tu a dirigir o movimento para que as coisas mudem para melhor.

Eu, por mim, espero que mudem. Mas estás a começar a tua carreira e, neste momento, o conselho que te dou é que nunca fales sobre isto com ninguém no clube, exceto comigo. Com ninguém. Quanto menos pessoas souberem, melhor.

– Estou a entender.

Encolheu os ombros.

– É dececionante.

– Lamento, Christoph. Gostaria verdadeiramente de poder dizer-te outra coisa. Mas, por agora, é melhor não fales em nada. Ao menos até terminares a tua carreira. Depois falas. Como fez o Thomas Hitzlsperger.

Concordou.

– Se acha que é o melhor, está bem.

Suspirei de alívio quando saiu porta fora.

Mas Christoph não era o único no London City que guardava um segredo que me tinha obrigado a fazer de conselheiro. O facto de Zarco ter tido uma aventura com Claire Barry, a acupunctora do clube, era do conhecimento geral em Hangman's Wood, tanto assim que tivera de falar com ele sobre a questão. E logo eu a dar conselhos sobre a sensatez de ter um caso com uma mulher que também era casada. Claire era uma mulher decente, mas o marido, Sean, era uma espécie de rufia; e se não o era, conhecia muitos que o eram. Dirigia uma empresa de segurança privada que trabalhava muito nos países do Golfo, o que significava que as suas ausências eram frequentes; também tinha muitos empregados acostumados a resolver os problemas através da violência.

– As pessoas começam a falar de ti e dela – disse-lhe durante as férias do Natal, uma época muito agitada para um acupuncto de um clube de futebol, como se

pode imaginar.

– Manda-me à merda e diz-me que me meta na minha vida, se quiseres, mas eu sou teu amigo. Foste bom comigo e não gostaria que nada te sucedesse, João. A imprensa gostaria muito de usar isto para te atacar. Lembra-te do que aconteceu com o John Terry. Consideram-te um sacana arrogante e estão à espera de poder apanhar-te. Porque é que não te afastas por um tempo? Não te estou a dizer que a esqueças. Isso é contigo. A única coisa que te peço é que sossegues por uns tempos. Só para despistar as pessoas.

Zarco escutou-me com atenção e assentiu com a cabeça.

– Tens razão, Scott. Fizeste muito bem em dizer-mo. Obrigado. Não fazia ideia de que se sabia no clube. Agradeço-te, meu amigo. Vou, sem dúvida, seguir o teu conselho. Dir-lhe-ei que isto tem de acabar.

Evidentemente, Zarco não me deu ouvidos. Como é que sei disso? Não tenho a certeza, mas uns dias antes do jogo contra o Newcastle reparei que tinha sobre a secretária um pacote de agulhas esterilizadas descartáveis. Viu-me pegar nelas e pôs-se com explicações antes mesmo de eu sequer abrir a boca.

– A Claire esteve a ensinar-me como devia tratar eu próprio do meu joelho – disse, tirando-me as agulhas da mão.

– Aqui?

– Sim, aqui.

– Estás a dizer-me que te sentas aqui e espetas as agulhas no joelho?

– Sim, claro. Que mais podia fazer com elas?

– Não sei.

Como muitos outros ex-jogadores, Zarco tinha dores

nos joelhos e a acupunctura proporcionava um alívio mais eficaz e seguro que os fármacos e os cremes. Não foi isso que me levou a suspeitar. O que me levou a suspeitar foi ele deitar as agulhas para o cesto do lixo enquanto se punha com uma conversa atabalhoada. Parecia que estava a desfazer-se das provas e, francamente, tendo em conta os esquemas em que tinha estado metido, devia ter arranjado melhor. Por exemplo, sabia que ele tinha três telemóveis: um para o trabalho, outro pessoal e um terceiro para outras coisas. Ao telefone pessoal e ao que usava para outras coisas guardava-os eu num dos arquivos do meu escritório e ele levava-os quando precisava; ambos sabíamos, sem ser necessário perguntar, que por mim não havia problema. Era um dos seus costumes extravagantes e algo que tinha de aturar se queria ser amigo de confiança de Zarco. Há o preço de amigo; pois bem, este era um capricho de amigo.

– Devias pedir-lhe que te ensine – disse-me. – Talvez assim pudesses tratar o teu tornozelo. Não tens de ter medo das agulhas. É só uma questão de dar a picada.

Por momentos, estive quase para lhe dizer que o único que ali tinha dado picadas era ele, mas decidi não o fazer; afinal, o chefe era Zarco, e se continuava a ir para a cama com Claire Barry não era assunto da minha conta.

Também não era da minha conta o episódio que presenciei, uma tarde, quando parei numa estação de serviço da BP, perto de Hangman's Wood, para abastecer o depósito do meu *Range Rover*. Agora o clube tinha conta na estação de serviço da Shell mais próxima e Viktor Sokolnikov pagava os gastos de combustível de todos, uma bonificação de que a

administração fiscal não sabia nada e ascendia a várias centenas de libras por semana, sobretudo quando se conduzia um *Ferrari* ou um *Aston Martin*, como era o caso da maior parte dos jogadores do City. Por isso, nunca ninguém ia à estação da BP, situada a cerca de cinco quilómetros de distância, onde tinha de se pagar para abastecer. Ninguém a não ser eu, isto é, porque sempre fora escrupulosamente honesto com as Finanças e pagava a gasolina do meu bolso. As bonificações não declaradas não eram comigo. Depois de ter estado na prisão, não queria voltar para lá.

Zarco estava sentado no seu *Range Rover Overfinch* de volante à esquerda – idêntico ao meu – estacionado junto a um *Ferrari* branco. Estava numa animada conversa com o dono do *Ferrari*, que reconheci imediatamente. Era Paolo Gentile, o agente da transferência de Kenny Traynor. Quando se é treinador, veem-se muitas coisas em torno do futebol que não são da nossa conta e, por vezes, para manter o posto de trabalho, há que aprender a manter a boca calada. Aprendi isso na cadeia.

Por isso, fui-me embora e nem sequer parei.

15 Alusão ao livro de Irvine Welsh, adaptado mais tarde ao cinema, cuja ação decorre num subúrbio de Edimburgo, na Escócia. (N. do T.)

16 Uma alusão ao musical *My Fair Lady* e à canção «The Rain in Spain». (N. do T.)

Capítulo 12

– És um geniozinho – disse a Colin Evans.

Colin corou. Ele, Zarco, Viktor Sokolnikov e eu encontrávamo-nos no centro do campo de Silvertown Dock. Tinha levado uma bola e fizera-a saltar várias vezes para ver como se comportava sobre a parte rearranjada do campo. Depois lancei-a ao ar e comecei a dar toques com ela para verificar o estado do terreno sob os pés. Não notei qualquer diferença.

– Sim – confirmei. – Ficou perfeito.

– Amém – disse Zarco, dando uma palmada nas costas do galês. – Fizeste um bom trabalho, Colin. Agradeço-te mesmo muito.

– O nosso objetivo é a sua satisfação – respondeu Colin.

Viktor comparou a imagem que lhe enviei por correio eletrónico para o *iPhone* com a da relva.

– Incrível – exclamou. – Ninguém diria que havia uma falha.

Soltou uma gargalhada.

– A próxima vez que tenha de enterrar rapidamente um cadáver sem deixar vestígios, lembrem-me de contactar o Colin. Podemos fazê-lo aqui mesmo.

Quase soltei um grito. Aquilo era típico de Viktor Sokolnikov: fazer uma piada sobre um rumor

que para outros seria extremamente embaraçoso. Também é verdade que estava de muito bom humor por algo que nada tinha que ver com o campo. Estava bronzado e vestia uma *parka Canada Goose* enorme que não teria destoado se tivesse sido usada por Sir Ranulph Fiennes no Polo Sul. Apesar do frio cortante de janeiro, exibia um grande sorriso.

– Pensando bem – acrescentou – não me importaria de ser enterrado aqui. Acho que a Coroa de Espinhos seria um mausoléu perfeito.

– E porque não? – comentou Zarco. – Foi pago por si, Viktor.

– Mas teria de o fazer em segredo – disse Viktor. – O conselho municipal nunca me daria autorização para ser enterrado aqui. Não sem grandes pressões. E com subornos, claro. Isso é sempre necessário. Mesmo neste país.

– Enterramo-lo em segredo, se é isso que quer. Não é assim, rapaziada? Como foi com o Gengis Khan.

Colin e eu assentimos.

– Claro. Como desejar, Sr. Sokolnikov.

Viktor desatou a rir.

– Vá, tenham calma. As notícias sobre a minha morte são muito exageradas. Não tenho pressa nenhuma de estar debaixo de terra. Pensemos mas é em enterrar o Newcastle amanhã.

– Depois do jogo do Leeds? – disse Zarco. – Somos imparáveis. O golo do Xavier Pepe foi provavelmente o melhor golo que vi em todos os meus anos de treinador. E o Christoph Bündchen já se mostra uma estrela. Neste momento, a equipa está em boa forma. Os tipos do Newcastle devem estar borrados.

– Esperemos que sim – retorquiu Viktor. – Mas não

confiemos em excesso, hem? Temos um provérbio na Ucrânia que diz que o diabo cobra sempre os seus favores. Disseram-me que o Aaron Abimbole está no máximo da forma.

Antes de assinar pelo Newcastle no verão, Aaron Abimbole tinha jogado no London City, no Manchester United e no AC Milan. De facto, colecionava clubes como quem junta milhas aéreas. O nigeriano era um dos jogadores mais bem pagos da I Liga e, em geral, era considerado uns dos mais temperamentais também; quando era bom, era muito, muito bom, mas quando era mau, era uma verdadeira merda. A saída de Abimbole do London City – que se deu na primeira vez que Zarco treinou o clube – não foi amistosa, e as relações com o treinador português, que o trouxera do Lens, um clube francês, já se tinham tornado tão más que Abimbole pegou fogo ao novo *Bentley* de Zarco no parque de estacionamento do clube.

– E então? – disse Zarco. – Este Aaron¹⁷ não tem um irmão que se chame Moisés, por isso, não acho que tenhamos de nos preocupar com nada.

– Esta época já marcou vinte golos pelo Newcastle – recordou Viktor. – É o dobro dos que marcou quando cá jogava. Talvez devêssemos preocupar-nos.

– É um preguiçoso – insistiu Zarco. – Nunca vi jogador mais preguiçoso, por isso não se aguenta nos clubes. Só marca quando tem o golo oferecido, mas nunca recua para defender. Não é como o Rooney. O Rooney é um grande avançado, mas também um defesa aguerrido. O Abimbole não, é um imbecil preguiçoso.

Os adeptos do United pensavam claramente o mesmo que Zarco; lembro-me de o ver jogar no

Manchester United contra o Fulham e os adeptos entoarem: «Abimbole, Abimbole, és um parvalhão preguiçoso, devias era estar no desemprego.» Tive de me rir.

– Além disso – acrescentou Zarco –, aqui o Scott tem um plano brilhante para lhe dar a volta ao miolo. Espere para ver. Vamos lançar-lhe mau-olhado.

– Alegra-me ouvir isso.

Viktor consultou o relógio; ao contrário de nós, usava um *Timex* barato. A primeira vez que o vi, procurei saber pelo Google se era realmente uma antiguidade valiosa, mas custava apenas sete libras e meia. Era outra das razões por que gostava de Viktor Sokolnikov. Regra geral, não era nada dado à ostentação; os meus fatos *Kilgour* eram provavelmente dez vezes mais caros que os dele. Levava a *parka* porque estava frio. Só os seus sapatos *Berluti* é que eram caríssimos. E, evidentemente, o *Rolls-Royce Phantom* estacionado no parque.

– Agora, é melhor ir andando – disse Viktor. – Tenho uma reunião importante na *City*. Vemo-nos sábado no jogo. João, não se esqueça de que tem de ir ao almoço que dou antes do jogo na sala de executivos com as pessoas do município londrino de Greenwich.

– Não o perderia por nada do mundo, chefe – respondeu secamente Zarco.

– Muito bem. Porque o Zarco é o convidado especial – disse Viktor. – Ou sê-lo-ia se, ao menos, tivéssemos algum maldito troféu.

Rindo-se, Sokolnikov dirigiu-se para o túnel dos jogadores, deixando-nos aos três a olhar para os sapatos, muito mais baratos no nosso caso.

– Filho da mãe – disse Zarco.

– Está de bom humor – repliquei.

– Estava a pensar o mesmo – comentou Colin.

– Eu sei qual é o motivo – disse Zarco. – Esta manhã, a comissão de planeamento do município londrino de Greenwich vai anunciar que deu autorização para construir a nova ponte de Thames Gateway. Vai dar muito dinheiro à empresa do Viktor, que será quem construirá a ponte, evidentemente. Por isso é que traz cá as pessoas do município no sábado. Para festejar.

– Mas a ponte é paga por ele, não é? – disse eu. – Um valor elevadíssimo, se o que a imprensa diz estiver correto.

– Financiará parte dela, sim, mas não te esqueças de que será uma ponte paga. E a única ponte que haverá entre a Tower Bridge e a Queen Elizabeth II Bridge. São exatamente dez quilómetros de rio de ambos os lados onde será construída. Cinquenta mil veículos por dia. São as estimativas. A cinco libras cada um, dá duzentas e cinquenta mil libras por dia, meus senhores.

– Cinco libras? Quem é que vai pagar isso? – perguntou Colin.

– Custa seis passar a Severn Bridge para entrar em Gales.

– Devia custar seis libras sair de Gales – murmurei.

– O Dartford Tunnel só custa duas libras – insistiu Colin.

– Sim, mas demora uma eternidade – disse eu.

– Isso é verdade – interveio Zarco. – Façam as contas. Calculam que a nova ponte faturará mais de oitenta milhões de libras por ano só em portagens e que ficará amortizada em menos de cinco anos. Estão a ver? Só parece filantropia durante cinco anos, depois

começa a parecer um grande negócio. A partir daí será proprietário da ponte por dez anos, oferecendo-a a seguir ao município londrino de Greenwich; mas nessa altura já terá feito pelo menos oitocentos milhões ou talvez mais.

– Não admira que sorrisse – comentei.

– Ele não estava a sorrir – disse Zarco. – Irá a rir-se até chegar ao Sumy Capital Bank of Geneva, do qual, já agora, também é proprietário.

– Isso dá jeito quando se precisa de um saque a descoberto – comentou Colin.

– Ouviram o que ele disse?

Zarco abanou a cabeça e sorriu irónico.

– «Convidado especial.» Nunca perde uma oportunidade quando quer fazer-me um reparo.

– A propósito – disse Colin –, o polícia veio cá. Não gostou nada de ver que tínhamos tapado o buraco.

– E o que esperava ele que fizéssemos? – perguntou Zarco com desdém. – Que jogássemos à volta do buraco?

– Disse que devíamos tê-lo informado de que íamos tapá-lo. Porque era uma prova. Que não tinham tido tempo para o fotografar.

– Eu mando-lhe uma fotografia de um buraco – disse eu. – Mas não será um buraco no solo.

– O que disste ao inspetor? – inquiriu Zarco. – Não lhe falaste na *minha* fotografia, espero.

– Não, claro que não. Só lhe disse o que o Scott me disse para lhe dizer. Que se responsabilizava completamente.

– E o que respondeu ele?

– Que ao ganhar a ação contra a Polícia Metropolitana ficaras a achar-te demasiado importante

e que estava na altura de alguém te baixar a crista.

– Ele disse isso?

Colin assentiu com a cabeça.

– Cabrão! Tens a certeza de que estava a falar de mim e não do João?

Colin assentiu de novo.

– Eh, não me metas nisso – disse Zarco. – Já tenho inimigos que cheguem.

– Também reparaste nisso, hem?

17 Aarão, em português, segundo o Antigo Testamento, era irmão de Moisés e descendente de Jacob, e foi o primeiro sumo-sacerdote de Israel. (N. do T.)

Capítulo 13

João Zarco tinha sido capa da *GQ* e da *Esquire* e era frequentemente eleito o homem mais bem vestido do mundo do futebol; nos dias de jogo aparecia elegantemente trajado com os seus fatos *Zegna*, os seus casacos de caxemira e os seus lenços de seda. Às vezes, parecia ser tão famoso pela sua barba por fazer de designer, os seus botões de punho da *Tiffany*, os seus relógios vistosos como pelas suas ideias abertas sobre o futebol. Talvez não me devesse surpreender; atualmente, os clubes não são julgados apenas pelos resultados mas pelo estilo dos seus treinadores, e, se duvidam, perguntem-se: se fossem obrigados a apoiar um clube por causa do treinador, quem escolheriam: José Mourinho ou Sir Alex Ferguson? Pep Guardiola ou David Moyes? Diego Simeone ou Rafa Benitez? André Villas-Boas ou Guus Hiddink? Hoje em dia, o importante para os clubes de futebol não são apenas os direitos de imagem dos jogadores; a aparência de um treinador pode afetar realmente a cotação das ações. Ganhar já não basta; ganhar e ter boa aparência é a essência do desporto moderno.

Gosto de bons fatos, mas ao contrário do treinador principal, é importante que o adjunto vista como os seus jogadores nos dias de jogo. Além disso, é

um pouco estranho dirigir o aquecimento com um fato feito à medida de cinco mil libras. Não gosto muito de fatos de treino, mas nos dias de jogo levo sempre um: é muito mais fácil recolher os cones no campo e fazer flexões com os jogadores.

O London City é conhecido como Vitamina C porque a cor do clube é o laranja e porque faz bem à saúde; no East End de Londres ninguém quer saber da Revolução Laranja que teve lugar na Ucrânia em 2004, ainda que a cor do clube tenha sido escolhida por isso. Muitos equipamentos modernos parecem desenhados por alunos da escola primária. Podemos esperar que as equipas africanas que participam no Campeonato do Mundo, e até algumas escocesas, enverguem umas camisolas péssimas, mas não as grandes equipas europeias. Haverá pior equipamento do que o usado pelo Athletic de Bilbao em 2004, que parecia os intestinos de um tipo gordo?

O equipamento do City foi desenhado por Stella McCartney, tal como os fatos de treino. Não me desagradam assim tanto: o laranja permite ver os jogadores no campo, o que numa noite de nevoeiro em Leeds pode ser uma grande vantagem. É o mesmo que jogar golfe com uma bola cor de laranja; segundo parece, setenta e três por cento dos golfistas acha mais fácil ver uma bola de cores intensas quer no ar, quer sobre a relva. Agora que penso no assunto, deve ser por isso que sou tão mau a jogar golfe.

Na verdade, Sonja gosta mais do que eu dos fatos de treino do City. Ajuda que o dela seja um tamanho pequeno, porque quando o veste parece a Uma Thurman do filme *Kill Bill – A Vingança: Vol. 1*, mas sem a espada de Hattori Hanzō. Eu, quando visto

um fato de treino cor de laranja pareço uma puta de uma cenoura. Como todos. Por isso é que alguns adeptos rivais nos chamam merda de gato; pelos vistos, deve haver merda de gato cor de laranja. Estamos sempre a aprender.

Quando Sonja veste o fato de treino, tenho grande dificuldade em não lhe meter a mão por dentro das calças, e, geralmente, não resisto à tentação, a menos que tenha um jogo importante nesse dia; então, por solidariedade com os meus jogadores, que devem evitar o sexo para manter o nível de testosterona elevado, esforço-me por não lhe tocar. A testosterona ajuda os jogadores a manter a agressividade e é opinião geral que ajuda os desportistas a ganhar. Naturalmente, Sonja sabe que a acho irresistível quando anda de fato de treino e, nas manhãs dos dias em que há jogo, costuma vesti-lo e esforçar-se por ser sexualmente provocadora; não sei como classificar o facto de usar as calças um pouco mais baixas do que convém e com um minúsculo fio-dental disfarçado de calcinhas. Mas nunca as mantém vestidas por muito tempo, pelo menos, quando estou ao pé dela.

É inacreditável como Sonja parece diferente quando vai a Knightsbridge dar as suas consultas a pacientes com perturbações do comportamento alimentar – as anoréxicas às terças e quintas-feiras, as gordas às segundas e quartas-feiras: não acha que fosse bom juntá-las na mesma sala de espera. Também não acha grande graça às minhas piadas sobre o assunto.

Sonja veste bonitos fatos *Max Mara*, bons sapatos e meias. Fica com um visual parecido com o da Dr.^a Melfi¹⁸, que acho tão sensual como o seu cu num fato de treino cor de laranja. Ao contrário de muitas das

mulheres que trata, Sonja tem um cu jeitoso – faz muito exercício – e se falo no seu rabo com tanto carinho, é porque à parte de mim que continua a ser jogador lhe é mais simples falar de quão atrativa e sensual é a minha namorada do que dizer o muito que a amo, o que é verdade. À semelhança de muitos homens no mundo do futebol, custa-me exteriorizar os meus sentimentos; como é psiquiatra, ela sabe disso e dá um desconto. Pelo menos, é o que julgo. Sabia que eu estava triste pelo que tinha acontecido a Didier Cassell e a seguir a Drenno, razão porque não falava disso; e até ao dia do jogo com o Newcastle, achava que o pior já tinha passado. Mas na verdade, não, nem por sombras.

Imagino que os ucranianos, como Viktor Sokolnikov, têm muitos tipos de provérbios poéticos e de ditados, mas onde eu nasci contentamo-nos com este: não há duas sem três.

18 A Dr.^a Jennifer Melfi é uma personagem da série televisiva *Os Sopranos*. (N. do T.)

Capítulo 14

Zarco e eu fazíamos sempre a escolha da equipa no gabinete dele em Hangman's Wood antes de irmos para o autocarro que nos levava a Silverdock Town. Organizar uma equipa de jovens demasiado bem pagos e com frequência não muito dotados intelectualmente pode ser como organizar um grupo de gatos, por isso, é sempre preferível que todos cheguem ao estádio ao mesmo tempo, para evitar confusões.

Sobre o escolher antes a tática que a equipa, dizem-se muitos disparates, mas aqui vai uma realidade: a não ser que se queira dar descanso a alguém para um encontro mais importante, escolhem-se sempre os melhores jogadores disponíveis. É tão simples como isto. Tudo o resto não passa de fantasia. A imprensa gosta muito de especular sobre a escolha de um jogador em detrimento de outro – se for possível, para pôr uns contra os outros –, mas se alguém ficou no banco, há normalmente uma boa razão para isso, e tem geralmente que ver com a sua forma e a sua atitude. A atitude é ainda mais importante do que a forma física, pois mesmo que um jogador se encontre em plena forma, às vezes mete-se-lhe na cabeça que não está a jogar bem. E se há alguma coisa para que os treinadores são pagos, é para tentar solucionar os

problemas mentais de um jogador. Nesse sentido, é útil viver com uma psiquiatra, uma vez que ela me dá bons conselhos sobre motivação.

Claro que, volta e meia, aparece um jogador que se finge doente e alega não estar de todo em forma, embora de há algum tempo a esta parte isso não seja tão comum. Felizmente, os fisioterapeutas têm mais capacidade do que nunca para perceber se um jogador está a mentir sobre problemas que sente num músculo ou sobre uma rutura de ligamentos e também para os tratar: a eletroterapia, os ultrassons, o laser, a magnetoterapia, a diatermia e a tração podem resolver muitos problemas num curto espaço de tempo. Se tudo isto falhar, pode-se sempre injetar cortisona numa articulação que esteja a causar dor, embora a maioria dos jogadores não goste desta solução; a verdade é que introduzir uma agulha quatro ou cinco milímetros numa perna dói. É como estar a ser enrabado.

Depois de termos escolhido a equipa titular, Zarco meteu-se no carro para ir ao almoço de Viktor Sokolnikov, queixando-se de que tinha mais que fazer em dia de jogo do que estar a reunir-se com uma série de funcionários e consultores da área de planificação do município de Greenwich. Tirando isso, estava muito bem-disposto e bastante confiante de que íamos arrumar o Newcastle.

Aguardei que os membros da equipa chegassem ao complexo desportivo e entrei no autocarro com eles. Há sempre um ou dois que chegam atrasados e, nesses casos, mando-os pagar uma multa, no entanto, hoje era diferente; dois dos jogadores chegaram atrasados, mas eram os meus dois africanos – Kwame Botchwey e John Ayensu, do Gana – e tinha muito boas razões para

os querer na minha equipa, por isso, e desta vez, não impus multas.

Chegámos a Silvertown Dock mais ou menos ao mesmo tempo que a equipa do Newcastle e deixámo-los passar primeiro para não confundir os jornalistas desportivos que estavam no túnel à espera de ver passar aqueles rufias a caminho dos balneários. Com os seus gorros de lã e uns grandes auriculares Dr. Dre, arrastando umas maletas com todos os seus artigos pessoais, os nossos rufias pareciam-se muito com os do Newcastle. Além disso, tinha outro motivo para querer manter as duas equipas afastadas o mais tempo possível.

Em forma ou não, todos os membros da equipa são obrigados a apresentar-se ao treinador em dia de jogo; é assim que funciona. Até os que estão lesionados ou na lista de transferências, como Ayrton Taylor, o têm de fazer, embora em geral possam ficar com a sua roupa normal. No caso de Taylor, isso significava ter um aspeto vadio, o que ia custar-lhe uma multa depois do jogo: em Silvertown Dock, os que não jogam por lesão ou por motivos disciplinares têm de usar casaco e gravata.

Apertei a mão à equipa técnica e restante *staff* do Newcastle: Alan Pardew, John Carver, Steve Stone e Peter Beardsley. Tenho muita consideração por Beardsley. As pessoas falam de Lionel Messi mas, quando estava no auge no Newcastle, Beardsley parecia-se muito com ele. Tal como Messi, Beards conseguia finta três homens, sofrer uma rasteira, aguentar-se e marcar um belo golo com qualquer dos pés. Até fisicamente se parecia com Messi. Alguns dos jovens arrogantes de agora deviam sentir-se honrados

por estarem no mesmo autocarro que Peter Beardsley.

Trocámos os alinhamentos iniciais e dei o deles e o nosso a um porta-voz do clube para que os lesse aos jornalistas que estavam à espera. Como de costume, foi tudo filmado pela London City TV e deve ter tido um resultado final muito aborrecido, ainda que alguns adeptos vejam tudo o que tenha que ver com futebol.

Sentindo o nervoso miudinho – acontece-me sempre antes de um jogo, e mais ainda agora que não jogo – dirigi-me aos balneários e fiquei a aguardar que Zarco chegasse para a conversa com os jogadores antes da partida. Ele é muito bom neste tipo de coisas. Não havia ninguém que compreendesse e motivasse melhor os jogadores; Zarco inspira lealdade e os jogadores querem fazer o melhor possível por ele. Se não fosse treinador de futebol, acho que teria sido um ótimo general. Político é que não: era demasiado direto para ser político, embora na minha humilde opinião, aquilo de que este país mais precisa é de alguém que nos diga que somos todos uma cambada de preguiçosos.

O jogo estava previsto para as quatro da tarde, mas eram quase três e Zarco ainda não chegara, por isso, peguei no telefone do balneário e ia ligar para a sala de executivos quando Phil Hobday assomou à porta; ainda que fosse o presidente do clube, não se livrava de ter de fazer este ou aquele recado a Viktor Sokolnikov. Phil era uma pessoa serena e falava a mesma língua que Viktor; gostava de comparar os clubes de futebol a grandes empresas como a Rolls-Royce, a Jaguar ou o Barclays Bank. Para Phil, o London City era como a Thames Water. Aprendi muito com ele.

– Sabes onde está o João, Scott?

– Não. Na verdade, ia agora mesmo telefonar para a

sala de executivos para lhe dizer que se despachasse.

Hobday abanou a cabeça.

– Esteve lá até há cerca de uma hora, mas recebeu um telefonema e saiu. Como não voltou, pensámos que tivesse vindo para aqui. O Viktor está bastante aborrecido por ter saído sem se despedir dos convidados. Até ele anda à procura do João.

– Bem, como pode ver, o Zarco não está aqui, embora preferisse que estivesse.

Encolhi os ombros.

– Presumo que tenha tentado ligar-lhe para o telemóvel.

– Sim, várias vezes, mas sem resultado. Em dia de jogo, a rede aqui é péssima, como sabes.

Acenei afirmativamente.

– Sessenta mil pessoas a tentar comunicar. É o mesmo que receber uma mensagem de Deus.

– Será possível que tenha ido cumprimentar o treinador do Newcastle?

– Não é nada provável. Não gostam muito um do outro. Além disso, não é apropriado ir ao balneário da equipa adversária antes de um jogo, não vá ouvir-se o que não se quer.

– Por falar nisso, não achas que...

Hobday fez-me sinal para sair do balneário por um momento.

– Achas que ele está com... com ela?

– A quem se refere, Phil?

– Ora, Scott. Deixa de tentar encobri-lo. Sabes perfeitamente de quem estou a falar: da Claire Barry, a nossa senhora das agulhas. Sei que deve estar cá porque vi o marido num dos bares VIP do piso superior.

– Sinceramente, estou convencido de que não está

com ela. Ouça, para o João Zarco nada é mais importante antes de um jogo do que o próprio jogo, como sabe. Nem o município de Greenwich, nem ela, nem uma rapidinha no quarto das limpezas. Não estando convosco, devia estar aqui.

Franzi o sobrolho.

– Não me está a esconder nada, Phil?

– Que queres dizer com isso?

– Não terá tido outra discussão com o Viktor e saído porta fora? Sabe como ele é. Por vezes, é bastante petulante.

Phil abanou a cabeça.

– Não. De todo. Estava tudo a correr bem. Mesmo.

Abanei a cabeça.

– Talvez tenha tido alguma má disposição ou coisa parecida. Talvez esteja na casa de banho. De certeza que aparece. É um jogo importante. Eu procurava-o se não tivesse de me encarregar do aquecimento. Vou ligar ao Maurice a ver se ele o encontra. Se alguém consegue encontrá-lo é ele.

– Está bem. Obrigado, Scott.

Phil voltou para junto dos convidados importantes de Viktor, que provavelmente estavam a desfrutar do almoço. Hobday não bebia, o que era uma pena, uma vez que Viktor servia sempre os melhores vinhos na sala de executivos. Eu não diria que não a um copázio de *Puligny-Montrachet*.

Liguei ao Maurice do telefone fixo e expliquei-lhe a situação.

– Vou já tratar disso – respondeu.

– Não te esqueças de ver nas casas de banho, não tenha havido algum acidente.

Creio que foi a primeira vez que me ocorreu que

algo pudesse ter acontecido a Zarco. Ele era um homem forte, mas uma pessoa lê tanta coisa sobre treinadores que tiveram ataques de coração; quase metade dos treinadores da Liga Inglesa teve problemas cardíacos sérios: Gérard Houllier, Glenn Roeder, Dario Gradi, Alex Ferguson, Joe Kinnear, Barry Fry, Graham Souness... De todos os trabalhos em que há uma grande pressão, o de treinador de futebol é um dos piores. Um jogador pode descarregar essa tensão quando entra em campo, mas um treinador tem de ficar ali sentado e aguentar. Vejam a cara de Arsène Wenger durante um jogo no Emirates e digam-me se tem a expressão de um homem calmo a observar a sua equipa; e neste momento o Arsenal até está bem.

Levei os jogadores para fora a fim de fazerem o aquecimento e tentei concentrar-me no jogo que se avizinhava; *I'll be Missing You*, de Puff Daddy, a música que soava nos altifalantes, não ajudava. Entretanto, já me convencera de que tinha acontecido alguma coisa ao português. Não o tinha visto a esfregar o braço e o peito nessa manhã, como se tivesse dores? Observei também por algum tempo a equipa adversária que estava a fazer o aquecimento na outra metade do campo. Aaron Abimbole ia jogar, e a maneira como dominava o centro do campo fazia-me sempre lembrar Patrick Vieira: alto, rápido com os pés, com boa técnica, agressivo e bastante corajoso, era tudo o que se pode desejar num jogador. Bem, quase tudo. Tinha dois defeitos: era um cabrão ganancioso e um preguiçoso do caraças; às vezes, não queria saber de nada, por isso o City o deixara sair. Mas naquela tarde, parecia desejoso de marcar contra o seu antigo clube, o que me fez começar a sentir dores. Era uma pressão

extra de que não precisava.

Depois do aquecimento, voltei a levar os jogadores para o balneário esperando que Zarco já lá estivesse, mas à porta encontrei Maurice que me abanou a cabeça.

– Não encontro aquele sacana – murmurou.

– Continua à procura.

Maurice assentiu.

– Digo-te uma coisa, no caso de ele ter desaparecido: há muitos filhos da mãe ali fora.

– Que queres dizer com isso?

– Caras pouco amistosas. Do Zarco, quero eu dizer. Para começar, o Sean Barry.

– Ele é adepto do City. Por que raio seria pouco amistoso?

– Porque sabe que o Zarco lhe anda a comer a mulher. É por isso.

– Merda! Escuta, Maurice, não tenho tempo para isso. Telefona-lhe para casa. Telefona para a porra do Ivy, se for preciso, mas encontra-o.

Voltei-me para o balneário.

– Bem – comecei. – Ouçam, o chefe não se está a sentir muito bem, por isso quem vai falar hoje sou eu. O que significa que eu falo e vocês prestam atenção. Entendido?

Repeti tudo em espanhol e depois voltei a alternar entre as duas línguas durante toda a conversa.

– Muito bem, o plano é este. Em circunstâncias normais, dir-vos-ia que a principal ameaça esta tarde era o Aaron Abimbole e que o marcassem como se estivessem presos a ele por uma corda. Mas em vez disso, vamos dar-lhe a volta ao miolo desta forma: vamos neutralizá-lo. Isto é especialmente

contigo, Kwame, e contigo, John.

Ambos assentiram com entusiasmo.

– A última vez que jogámos contra a malta do Nordeste, reparei que vocês os dois se davam muito bem com o Aaron, embora ele não estivesse a jogar. Muito bem. Entendo. São amigos. Mas este é um jogo importante e desta vez vai ser diferente. A verdade é que ele ainda se sente um pouco culpado por ter deixado este clube por dinheiro. Quero aproveitar-me desse sentimento. Por isso, quando estivermos no túnel à espera de entrar em campo, quero que o ignorem como se ele fosse o Idi Amin, o Charles Taylor, o Laurent Kabila e o Jerry Rawlings concentrados num só imbecil. Mais tarde, o Kwame e o John explicam-vos, sua cambada de ignorantes, quem são estes tipos. Não me interpretem mal. O Aaron é bom tipo, nunca conheci melhor, mas estar em Inglaterra não tem sido fácil para ele. Nunca se adaptou e tenho a impressão de que sente muito a falta da sua terra. Ver dois tipos africanos aqui hoje é uma pequena recordação que ele agradece. Mas vocês vão desapontá-lo, está bem? Depois do jogo, podem ser tão simpáticos com ele quanto queiram, mas quando o virem no túnel, quero que o tratem como se fosse um herpes. E isto é igual para todos. Não lhe apertem a mão, não lhe sorriam. Não se importará muito que os brancos o ignorem, mas que o Kwame e o John o façam também, vai doer-lhe muito. Este é o seu antigo clube. Ele pensa que pode voltar aqui sem ressentimentos. Pois teremos de lhe tirar isso da cabeça. E para lhe esfregar isso na cara, quero que quando estiverem no túnel tratem os companheiros da equipa dele como se fossem os vossos melhores amigos. A todos eles. Só com o Aaron é que

quero que tenham um tratamento especial. Quando ele entrar em campo, quero ver-lhe o lábio inferior a tremer como se lhe tivessem acabado de roubar o comboio de brincar.

Kwame e John acharam a ideia excelente e riam e sorriam um para o outro.

– Aquele grande idiota vai ficar lixado como o caraças quando lhe contarmos depois do jogo – disseram.

– Sim, mas não lhe digam que a ideia foi minha. Já tenho problemas suficientes esta tarde para ainda estar a preocupar-me com levar algum sopapo dele.

– Então é o aperto de mão oficial da equipa? – perguntou Kwame. – Também o ignoramos nessa altura?

– Com certeza – respondi. – Façam de conta que ele é invisível.

Minutos depois, no túnel, observei com atenção enquanto os nossos jogadores formavam uma fila em silêncio, preparados para entrar em campo. Aaron Abimbole saiu do balneário do Newcastle feito pavão, provavelmente porque se sentia como se estivesse em casa, a sorrir de orelha a orelha e sendo muito simpático com um ou dois árbitros; e pareceu genuinamente surpreendido quando estendeu uma mão fraternal a Kwame Botchwey e o ganês se virou para o outro lado. Quase o consegui ouvir engolir em seco quando John Ayensu fez o mesmo. Continuou a sorrir por mais uns momentos, como se não pudesse acreditar no que estava a acontecer.

– Qu'é qu'a foi, meus? Porque fazem isto a mim? – perguntou o nigeriano. – Tá tudo bem com vocês?

Ayensu ignorou-o e esquivou-se a Abimbole para

apertar a mão do guarda-redes do Newcastle.

Desde a sua chegada a Londres, Abimbole tinha conseguido aprender um pouco de calão dos negros de Brixton. Aprendia rápido.

– Qu'é qu'a foi, manos? Falem, meus. Estão-se a passar?

Naquele momento, Abimbole já não sabia onde se enfiar e parecia tão só e isolado como se estivesse noutra lista de transferências: até os seus colegas do Newcastle pareceram notar que algo não estava bem e começaram a ignorá-lo também, o que era estranho. Os dois ganeses tinham desempenhado os seus papéis na perfeição, de tal forma que pensei que Aaron Abimbole fosse começar a chorar; foi o último a sair do túnel.

Mas durante um bocado pensámos que a tática tinha sido um grande erro. Passados apenas dez minutos de jogo, Aaron Abimbole marcou golo com um habilidoso chapéu ao ver a saída do nosso novo guarda-redes. Foi uma parvoíce e senti-me mesmo mal por ter gasto nove milhões de libras com um jogador que parecia estar a defender ainda a baliza do Tynecastle, onde habilidades como as de Abimbole escasseavam muito mais. E queria ele ter uma folha de serviços limpa o resto da época? Puta que o pariu.

Abimbole estava inchado como uma rã, tinha contas a ajustar com o seu antigo clube e voltou a ameaçar três minutos depois. Desta vez, a nossa nova aquisição fez uma esplêndida defesa que nos poupou uma vergonha, e se é justo dizer que qualquer um teria defendido o primeiro disparo do nigeriano, só Traynor teria defendido o segundo; de repente, os nove milhões pareciam um investimento muito mais bem empregue.

E então – «cara de inocente» – tudo correu espetacularmente mal a Aaron Abimbole. Durante uns minutos, aparecia em todo o lado – não podia pedir-se-lhe melhor ritmo de trabalho –, mas, a meu ver, precisava de acalmar um pouco: era como se quisesse mostrar o que valia, não só aos adeptos do Newcastle, mas também aos do City, que o apupavam de cada vez que se aproximava da bola. Reparei que Alan Pardew pensava o mesmo. Do canto da sua área técnica gritava-lhe para que mantivesse a posição e abrandasse o ritmo. Mas o nigeriano só ouvia o sangue que lhe rugia nas estranhas orelhas.

Uns minutos mais tarde, ao ler um passe de Dominguín para Xavier Pepe no canto da área como se tivesse sido enviado pela Western Union, Abimbole lançou-se por trás sobre o pequeno espanhol com todo o seu peso, que não era negligenciável, e com os pitões para a frente; quase cortou as pernas do adversário ao meio. Vi *superbikes* em Monza que andavam mais devagar do que Abimbole quando intercetou Pepe. Não foi uma entrada de carrinho, mas um ataque com intenção de magoar e o árbitro não teve dúvidas em mostrar-lhe o cartão vermelho direto, o que pôs Silvertown Dock de pé; o público gritou furiosamente, isto apesar de estarmos a perder por uma bola, pois podia ver-se o efeito que tivera a expulsão do nigeriano nos jogadores do Newcastle. Teria sentido pena dele se não estivesse tão preocupado com o Xavier Pepe, que não se movia desde que sofrera a entrada de Abimbole.

Felizmente, não ficou lesionado e pouco depois já coxeava junto à linha; quatro minutos mais tarde, voltou ao terreno de jogo e, recebendo um passe

milimétrico de Christoph Bündchen, marcou o golo do empate. A partir de então, o Newcastle teve dificuldade em defender-se com um homem a menos; o City foi disparando bolas para a grande área e ao intervalo já ganhávamos por dois a um.

Continuava a não haver sinais de João Zarco quando voltámos ao balneário e Maurice McShane parecia preocupado.

– Então?

Maurice abanou a cabeça.

– Procurei por todo o lado – disse, encolhendo os ombros. – Bem, por todo o lado, não. Isto hoje está a abarrotar: sessenta e cinco mil pessoas. É como procurar o sacana do Wally nas bancadas, Scott. Mas procurei nos lugares mais óbvios e também nalguns bastantes menos óbvios. Telefonei para a mulher, para o agente, para o *ghost*...

– O *ghost*? A quem estás a referir-te, Maurice?

– Ao *ghostwriter* que escreveu o livro do Zarco, *Nada de Jogos, Apenas Futebol*. Phil Kerr. Veio esta tarde. Passa a vida cá. Um falhado. Telefonei à Claire. Até ao empreiteiro dele. Também falei com a polícia a ver se pode dar-nos uma ajuda. Só falta anunciá-lo pela instalação sonora do estádio.

– Não faças isso, por amor de Deus! – disse. – A imprensa esfregaria as mãos se pensar que desapareceu.

– Acho que já alguém deu com a língua nos dentes, Scott. A Sky Sports reparou que ele não está no banco. Aqueles filhos da mãe têm estado numa orgia de especulações sobre o seu paradeiro.

– O Jeff Stelling teve alguma ideia brilhante?

– Apenas que devíamos mandar o Chris Kamara procurá-lo. O Kammy é especialista em encontrar

peessoas.

– Que engraçado! – disse, sorrindo. – A sério. Se não estivesse tão esgotado, até dava uma gargalhada. Sinto-me confuso como o corte de cabelo do Charlie Nicholas.

– Sugeriram que o Zarco se foi embora. Que ele e o Viktor discutiram, que o João fez uma birra e se foi embora.

– Se isso fosse verdade, o Phil Hobday ter-me-ia dito alguma coisa. E não o fez.

– É verdade. Mas aqueles dois já têm antecedentes. Toda a gente sabe disso. Incluindo o Chris Kamara.

– Escuta, tenta procurar nos bares VIP. Pede ajuda ao pessoal da segurança. Mas não dê muitas satisfações. Diz apenas que o Zarco deixou o telemóvel no balneário e não conseguimos contactar com ele. Ou melhor ainda, procura nas bancadas com o Mobotix como se andássemos atrás de um *hooligan*.

O sistema de vídeo Mobotix era composto por setenta e sete câmaras de alta resolução que permitiam um controlo excecional da multidão. Funcionava bem durante os jogos e era uma pena que não estivesse ligado quando alguém fez uma cova no centro do campo.

No começo da segunda parte, os jogadores do Newcastle continuavam a queixar-se aos árbitros da expulsão, mas pouco podiam fazer a respeito disso. Aaron Abimbole já ia num táxi a caminho de casa, o que me alegrava. Pardew substituiu dois jogadores e passou para um esquema de 3-5-1, mas o jogo já lhes tinha fugido das mãos e, decorridos quinze minutos, Bündchen marcou dois golos seguidos, estabelecendo o resultado final em 4-1.

A entrevista à Sky Sports após o jogo deixava-me

temeroso. Eles pagavam o encontro e isso significava que alguém tinha de apresentar-se diante das câmaras. Eu não queria fazê-lo, mas não tinha outro remédio, uma vez que, não estando Zarco, não havia mais ninguém. Sabia que Geoff Shreeves ia perguntar-me por Zarco e não tinha resposta para lhe dar. Shreeves podia comportar-se como um cão de caça e tinha a esperança de que não fosse demasiado incisivo para não perder os papéis em direto, como Kenny Dalglish. Sendo escocês, há sempre essa possibilidade.

– Foi um grande resultado, Scott. Muitos parabéns pela vitória, mas os comentários hoje, como saberá já, centram-se na ausência de João Gonzales Zarco do banco do City durante todo o jogo. Pode acabar com as especulações sobre o paradeiro do treinador Zarco esta tarde, Scott? E dizer-nos onde é que ele está?

– Eu gostaria, mas receio que não seja possível, Geoff, pois não faço a mínima ideia. É um mistério. O certo é que não o vejo desde as onze da manhã.

– Corre o rumor por todo o estádio de que ele e Viktor Sokolnikov tiveram outro desentendimento e João abandonou o clube. Quer comentar?

– Preferia comentar a vitória de hoje, Geoff; estou muito satisfeito com a forma como jogámos hoje. Partir com um golo de desvantagem e terminar a vencer por 4-1 é uma notícia mais importante, se me permite falar disso por um momento.

– Mas João Zarco é uma personagem volúvel, para não dizer controversa. E seria típico dele fazer algo como o que fez, não acha?

– Não estou de acordo. Não seria nada típico. João Zarco sempre foi um grande profissional na maneira

como treinou este clube. Gostaria muito de lhe dizer onde está, Geoff, mas o facto é que ninguém sabe. Tanto quanto sei, não houve nenhum desentendimento entre João Zarco e o Sr. Sokolnikov. Diria mesmo que as relações entre eles são excelentes neste momento. Devo acrescentar que estamos um pouco preocupados com o que possa ter acontecido a João Zarco, motivo por que estamos à procura dele por todo o estádio. Por isso, se alguém tiver informações sobre o seu paradeiro, agradecemos que nos contacte. Se lhe chegar alguma coisa, Geoff, faça-mo saber.

– Evidentemente, Scott.

Lá conseguimos, por fim, falar do jogo, mas não era capaz de pensar no erro cometido por Kenny Traynor, na magnífica defesa com que o escocês se redimira, nos golos que tínhamos marcado ou na expulsão; não deixava de pensar em Zarco e de perguntar-me se o seu desaparecimento poderia ter algo que ver com a fotografia que Colin tinha encontrado no fundo da cova feita no campo.

E não me importo de o reconhecer: estava preocupado.

Capítulo 15

Apesar da vitória por 4-1 e do sexto lugar que o London City ocupava na tabela, a atmosfera no balneário era um pouco melancólica depois da partida, visto que os jogadores sentiam que alguma coisa má tinha acontecido.

Ou tínhamos perdido um grande treinador ou estávamos em vias de o perder. Ninguém sabia qual das duas coisas aconteceria.

Ainda assim, voltámos para o autocarro, como sempre, e regressámos a Hangman's Wood para que as pernas magoadas e cansadas dos jogadores pudessem ser tratadas. Xavier Pepe tinha duas enormes nódoas negras nas barrigas das pernas causadas pela entrada de Aaron Abimbole, e Kwame Botchwey tinha uma lesão muscular na coxa que parecia indicar que ia ficar no banco umas semanas. Quando o autocarro se afastava de Silvertown Dock, pude observar todos aqueles rostos iluminados olhando para os pequenos ecrãs dos seus *smartphones* como abelhas num enxame e pensei que o melhor era determinar uma política firme relativamente ao Twitter.

– Ouçam, já há especulação suficiente sobre João Zarco sem os malditos dos vossos *tweets*. Que tal se esta noite dessem descanso aos vossos polegares, rapazes?

Em breve saberemos o que se passou com o chefe. O que não precisamos é da porcaria das teorias da conspiração para as páginas desportivas de amanhã.

Em Hangman's Wood, o fisioterapeuta do clube disse a Pepe, a Botchwey e a mais alguns que fossem tomar um banho de gelo. Tinha lido um novo estudo que dizia que os banhos de gelo depois da prática de exercício físico podem não ser eficazes no processo de cura; os casos que temos estudado indicam que são, e até que obtenhamos provas do contrário, os nossos jogadores continuarão a tomá-los, mas é penoso e os jogadores precisam de uma monitorização cuidadosa, pois se forem excessivos podem causar, por exemplo, choques anafiláticos e arritmias.

Posso não ter tomado um banho de gelo em Hangman's Wood, mas sofri um profundo choque e tive uma sensação incómoda no peito quando Phil Hobday me falou para o telemóvel por volta das sete e meia com péssimas notícias.

– Scott? Prepara-te para um duro golpe. João Zarco foi encontrado morto em Silvertown Dock há cerca de meia hora.

– Porra! Que se passou? Um enfarte?

– É difícil dizer de que morreu exatamente, mas um enfarte não foi, isso posso garantir-te. Tem aspeto de quem levou uma grande surra.

– Viu o corpo?

– Vi. Tem a cabeça esmagada e... é horrível. Não importa, está morto.

– Onde o encontraram?

– Um dos nossos seguranças descobriu o corpo numa espécie de zona de apoio que há na estrutura de aço exterior, a Coroa de Espinhos do estádio. Está bastante

afastada, por isso demorámos tanto a encontrá-lo. A polícia já lá estava, mas vem a caminho uma equipa de peritos forenses e alguns inspetores. Agora trata-se de uma investigação por homicídio.

– A Toyah já sabe?

– Já. Acabei de telefonar para casa do Viktor. Estava muito impressionado, garanto-te.

– Imagino. Meu Deus! Eu também.

– Scott, gostava que contasses aos jogadores, se não te importas. E acho que seria melhor que ficassem hoje todos em casa em sinal de respeito para com o João. A imprensa deve ter sabido que alguma coisa de grave se passou aqui e não quero que os nossos jogadores saiam para os copos e acabem no *Daily Mail*.

– Claro. Eu prego-lhes o sermão.

– E é melhor que cancelem também os planos que possam ter para amanhã. Sei que é domingo, mas tenho a certeza de que a polícia há de querer interrogar todos os que tenham falado com o Zarco hoje.

Refleti por uns momentos.

– Phil, há uma coisa que preciso de lhe dizer. Talvez fosse melhor ir a Silvertown Dock para falarmos.

– Diz-mo agora e já decido isso. Não tem sentido que venhas cá a não ser que seja mesmo necessário.

Contei a Phil a história da fotografia de João Zarco que encontrámos na cova e que ele nos tinha pedido, a mim e a Colin, que não disséssemos nada.

– Como é que a polícia não a viu quando aqui esteve?

– Porque a polícia é a polícia. Já tem as mãos suficientemente sujas para as meter também na lama.

– Tens razão, Scott – respondeu Phil. – Acho que é melhor vires e contares tu mesmo à polícia. Dadas as

circunstâncias, penso que o Ronnie Leishmann também cá devia estar.

Ronnie Leishmann era o advogado do London City Football Club.

– Que circunstâncias são essas?

– Tu, evidentemente. E que digas coisas como o que acabaste de dizer sobre a polícia ter as mãos sujas. Acho que seria melhor aprenderes a moderar a tua antipatia pela polícia enquanto estiver a investigar o que aconteceu ao Zarco.

– Tem razão.

– A propósito, onde está a fotografia? – perguntou Phil.

– No gabinete do Colin. O João disse-lhe que podia ficar com ela como recordação.

– Bem, isso já é alguma coisa, imagino.

– Estarei aí logo que puder, Phil.

Assim que terminei o telefonema com o presidente do clube, recebi uma mensagem da mulher de Didier Cassell: o nosso guarda-redes francês tinha finalmente recuperado a consciência. Era uma boa notícia, mas não o suficiente para remediar o mau bocado que ia fazer passar à equipa. Nada o faria.

Tinha reunido no bar dos jogadores todos os membros da equipa que estavam em Hangman's Wood. Suponho que um ou dois me tinham olhado nos olhos e observado a minha maçã de Adão e já adivinhavam o pior.

– Senhoras e senhores – comecei. – Em qualquer outra circunstância, a notícia de que Didier Cassell, nosso companheiro de equipa e amigo, está consciente e, provavelmente, recuperará completamente, seria motivo de grande festa. Mas seria o Didier o primeiro a

dizer-vos que não há razões para festejar esta noite. Não por ele. Nem por mim. Nem por este clube. Nem tão-pouco por quem quer que goste deste grande desporto que é o futebol. Porque o que tenho de vos anunciar agora é que João Gonzales Zarco morreu.

Ouviu-se um grito sufocado e um ou dois dos jogadores sentou-se no chão.

– Não posso dizer-vos grande coisa sobre o que aconteceu. Por agora, pelo menos. Basta dizer que a polícia quererá falar com todos amanhã. O que posso afirmar é que a última vez que tive um desgosto, quando perdi o meu amigo Matt Drennan, pensei que sabia exatamente o que era sentir uma dor intensa por uma perda. Estava enganado, no entanto. Apesar de gostar muito do Drenno, agora que se foi dou-me conta de que ainda gostava mais do João Zarco. Ele não era só meu chefe, mas também meu amigo; e não apenas isso, era igualmente meu mentor, minha inspiração e meu exemplo, o único filósofo autêntico que conheci e o melhor treinador de futebol que existiu.

»Olho à minha volta nesta sala e estou muito orgulhoso de ver ingleses, escoceses, irlandeses, galeses, franceses, brasileiros, espanhóis, alemães, italianos, ganeses, ucranianos, russos, judeus e gentios, brancos, negros, todos jogando como um só homem na mesma equipa. Mas João Zarco não via isso. Em absoluto. Zarco não via raças nem credos; não ouvia línguas diferentes. Nem sequer via uma grande equipa quando olhava para vocês. Quando estava connosco, o que via e ouvia era algo muito diferente. Algo inspirador. O que João Zarco via quando olhava para todos vocês era a verdadeira família do futebol, a sua família e a minha. E o que ouviu sempre foi que todos

falamos a mesma língua, uma língua que se fala em todo o mundo, em todos os países, independentemente dos deuses de cada um; uma língua que nos une; a língua do amor por este belo desporto.

»Neste momento estamos também todos unidos nesta perda terrível e insuportável. Unidos no luto. Unidos na lembrança do verdadeiro pai da nossa família futebolística. Este é um dia especial, senhoras e senhores. Recordai-o sempre, como eu o farei também. Porque este não foi o dia em que Zarco morreu, mas o dia em que a sua família arrasou uma grande equipa. Ele não pode estar connosco para festejar esta grande vitória, mas garanto-vos que a está a ver e a honra tal como vocês o honram a ele. Peço-vos que não saiam esta noite, que se mantenham em casa e o recordem nas vossas orações; e que recordem também todos aqueles que sofreram a perda deste homem de que gostávamos, este belo homem de Portugal.

Não disse mais nada; na verdade, não conseguia dizer nada, já não podia. Por isso, sem dizer mais palavra, dirigi-me para o parque de estacionamento e meti-me no carro. Por instantes, permaneci sentado no acolhedor silêncio do interior de madeira e pele do *Range Rover*; depois, comecei a chorar.

Quando as lágrimas pararam, dirigi-me para oeste, para Silvertown Dock.

Capítulo 16

East End. Sábado à noite. O péssimo tempo de janeiro. O ar está cheio de neve e granizo, como se a cidade vivesse o retorno da Idade do Gelo; o rio Tamisa, com a sua negrura, parecia uma anaconda enorme e viscosa, tão fria como a morte. Veículos molhados e sujos tentavam arranjar espaço, e a amabilidade do Natal e do Ano Novo tinha desaparecido, esmagada pelos custosos imperativos da vida na mais cara cidade do mundo ou descartada como uma árvore natalícia morta. As pessoas corriam para os bares ou para as lojas de bebidas alcoólicas para beberem o mais possível antes de mergulharem em discotecas com mau aspeto. O cheiro a cerveja, a tabaco e a tubos de escape misturava-se numa névoa densa e amarela que invadia tudo. Edifícios feios, escuros, decrepitos e inimaginavelmente velhos, como se todos tivessem conhecido os pés de Dickens ou até a mão de Shakespeare. E depois, a silhueta inconfundível de Silvertown Dock. A Coroa de Espinhos era um nome que lhe assentava bem; a estrutura exterior de aço, bem definida, entrelaçada, cruel e recortada, parecia vagamente sagrada na obscuridade, como se a cabeça maltratada e em sangue de Nosso Senhor pudesse surgir a qualquer momento no seu interior, assemelhando-se

bastante a João Zarco.

Silvertown Dock estava cheia de polícia, câmaras de televisão e jornalistas. Parecia uma repetição da noite em que Drenno se enforcara e perguntava-me porque não utilizavam as mesmas fotografias que me tinham tirado à chegada ao campo. Devia ter o mesmo aspeto desolado que o espelho retrovisor me mostrava agora.

Estacionei o carro, entrei no estádio e recordei-me de que a última vez que ali estivera não sabia que Zarco tinha morrido. Instintivamente, dirigi-me para a sala de executivos; era a base de operações mais óbvia para a polícia. No corredor que conduzia à sala havia fotografias de Zarco com o seu semblante mais enigmático e belo. Ainda não conseguia acreditar que não voltaria a vê-lo a proteger-se do frio com o seu casaco de caxemira *N.Peal*, belo, ainda que com a barba por fazer, o cabelo forte cinzento, a cor da estrutura de aço do estádio.

Um dos seguranças disse-me qualquer coisa e apertei-lhe a mão num gesto automático.

– Obrigado – murmurei.

Na sala de executivos, Phil Hobday, Maurice McShane e Ronnie Leishmann cumprimentaram-me à entrada e vi vários desconhecidos sentados à volta de um *Mac* pousado sobre uma grande mesa circular; desenhada pelo artista Lee J. Rowland, a superfície da mesa era de pele e parecia uma bola de futebol das antigas, com as costuras a meio. Noutra ocasião, Phil Hobday tinha-me dito que custara nada menos que cinquenta mil libras. Desde a sua instalação na sala de executivos que tinha sido assinada por todos os que haviam treinado ou jogado no London City Football Club, incluindo Zarco e eu.

A fotografia de Zarco que encontráramos no fundo da cova estava sobre a mesa, envolta em polietileno, com um número de prova agrafado num canto.

Uma mulher andrógina, cuidadosamente arranjada, a rondar os quarenta anos, de cabelo curto quase branco e feições marcadas mas pálidas, pôs-se de pé. Era atraente, daquelas mulheres maduras apetecíveis, e usava um vestido violeta e casaco azul-marinho de corte justo. Tinha um *iPad* nas mãos, o que lhe dava um ar de eficiência e modernidade.

– Este é Scott Manson, o nosso treinador adjunto – disse Phil Hobday.

– Eu sei – respondeu a mulher pausadamente.

– Scott, esta é a inspetora-chefe Jane Byrne, da New Scotland Yard.

– Sei que está muito abalado, Sr. Manson. Sei-o porque vimos o seu comovente discurso no YouTube.

– O quê?

– É verdade. Pelos vistos, alguém o gravou com um telemóvel e o publicou enquanto o senhor vinha para cá.

– Isso devia ser privado – murmurei.

– Malditos futebolistas – disse Phil. – Alguns perderam o bom senso logo depois de nascerem.

Abanou a cabeça, aborrecido, e apontou para um carrinho de bebidas com tantas garrafas e copos que parecia a maqueta da cidade de Londres.

– Queres uma bebida, Scott? Parece-me que estás a precisar.

– Obrigado, tomo um conhaque duplo.

– E a inspetora, toma alguma coisa?

– Não, obrigada.

Estendeu-me o *iPad*.

– Ora veja.

Olhei para o *iPad* e vi um plano fixo de mim quando estava a concluir o elogio fúnebre de Zarco; titulava-se *Um tributo a João Zarco: o maior treinador de futebol que existiu*, por Scott Manson. Fora publicado por um tal *Football Fan* 69.

– Foi um excelente discurso, Scott – disse Ronnie. – Devia estar orgulhoso.

– Já tem quinze mil visitas – informou Maurice. – Em menos de uma hora.

– Devia ser privado – repeti, monotonamente, devolvendo-lhe o *iPad* e pegando no conhaque duplo que Phil Hobday me oferecia.

– Nada sobre João Zarco é agora privado – disse Jane Byrne. – Pelo menos, até o assassino ser apanhado.

– Assassino?

– É o que parece, sem dúvida – respondeu ela. – O corpo apresentava sinais de agressão violenta.

Com um movimento da mão, convidou-me a sentar. Falou clara e pausadamente como se estivesse a dirigir-se a uma pessoa pouco inteligente. Ou por constatar, porventura, que eu estivesse ainda abalado pela situação.

– Sou eu quem dirige esta investigação – explicou, e apresentou os outros agentes que estavam na sala, nomes que me entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Observou-me com atenção enquanto eu bebia o conhaque e pedia outro a Phil.

– Sei tanto sobre o que aconteceu como o senhor, por isso, se não se importa, por agora serei eu a fazer as perguntas.

Voltei a assentir com a cabeça e ela selecionou uma

aplicação do *iPhone* para gravar a conversa.

– Quando e onde viu o Sr. Zarco a última vez?

– Esta manhã, por volta das onze horas. Estávamos no complexo desportivo do clube, em Hangman's Wood, onde, como é habitual em dias de jogo, reunimos a equipa; a seguir, ele veio para aqui, para almoçar nesta sala. Pelo menos, foi o que me disse.

Suspirei enquanto rememorava tudo de novo.

– Foi a última vez que o vi. E a última vez que falei com ele.

– A que horas é que ele aqui chegou? – perguntou a inspetora a Phil.

– Por volta das onze e meia.

– Qual era o estado de espírito dele quando saiu de Hangman's Wood?

– Parecia-me excelente – respondi. – Tivemos um bom resultado contra o Leeds durante a semana e ambos pensávamos que iríamos ganhar esta tarde. O que aconteceu.

A inspetora olhou para Phil.

– E quando aqui chegou, como estava?

– Continuava bem-disposto – confirmou Phil. – Como nunca.

– Terei de interrogar todos os que estiveram no almoço – disse.

– Com certeza – respondeu Phil. – Eu trato disso.

Jane Byrne olhou para mim.

– O Sr. Hobday falou-me da cova que encontraram no campo há uns dez dias. E li o relatório policial sobre o incidente. Segundo o inspetor Neville, não foi muito cooperante na investigação, Sr. Manson. Pode explicar-me porquê?

– É uma longa história. Digamos que preferia que o

seu inspetor pensasse que era apenas um buraco feito por vândalos e uma consequência inevitável do apoio fanático que os clubes recebem no desporto moderno.

– Parece que estava enganado, não é? Sobretudo tendo em conta que encontraram uma fotografia do Sr. Zarco na cova. Esta fotografia.

– É o que parece.

– Refere-se à fotografia ou a estar enganado?

Encolhi os ombros.

– A ambas as coisas.

– Porque decidiu não informar o inspetor Neville sobre a descoberta da fotografia?

– Bem, a polícia não a viu quando aqui estive e não pareceu que valesse a pena voltar a chamá-la. Achei que se tivessem feito bem o trabalho a teriam encontrado. Seja como for, a decisão não foi tomada por mim. Afinal, não estamos a falar de uma fotografia minha. Aqui, quem mandava era o Zarco. É isso que significa dirigir uma equipa de futebol, inspetora. Se ele dizia para saltarmos, perguntávamos-lhe a que altura, às vezes literalmente. Por isso, no fundo, fizemos o que ele nos pediu. E o que nos pediu foi que esquecêsemos a história.

– Então, não parecia alarmado?

– Nada. As ameaças aos treinadores de futebol são ossos do ofício, não se esqueça. Fale com Neil Lennon, do Celtic, ou com Ally McCoist, do Rangers. Eles lho dirão.

– Mas eles estão em Glasgow, não é assim? Isto é Londres. Aqui as coisas são menos tribais.

– É possível. Talvez seja esse o motivo por que Zarco não levou a sério a fotografia que encontrámos na cova e decidiu não informar o inspetor Neville.

– Mas agora está morto e temos um mistério por resolver.

– Pois, parece que sim. O Mistério de Silvertown Dock.

– O que está a dizer?

– Nada – respondi.

– Não, diga, diga.

– Houve um filme, há muitos, muitos anos, feito a preto e branco, chamado *O Mistério do Estádio do Arsenal*, em que um jogador é assassinado.

– Vou procurá-lo em DVD.

– Posso emprestar-lhe o que tenho mas, sinceramente, não me incomodaria com isso. É realmente muito antigo e pouco relevante.

– Faz ideia de quem possa ter morto o Sr. Zarco?

– Nenhuma.

– Está a falar a sério?

– Estou. Ouça, isto é futebol, não crime organizado.

– Ora, não me diga, Sr. Manson! Pelo que li e ouvi, João Zarco tinha muitos inimigos.

– Quem é que não tem inimigos no futebol? Ouça, não vou dizer-lhe quem eram. O Zarco era uma pessoa de opiniões fortes. Por vezes, a paixão do futebol incomodava as pessoas, mas inimigos que possam tê-lo morto? Não faço qualquer ideia – disse, meneando a cabeça.

– Inimigos como quem?

– Ora, acabei de perder um amigo chegado, para não falar do suicídio recente de outro homem de que também gostava: Matt Drennan. Talvez possa voltar a fazer-me essa pergunta quando conseguir pensar com clareza. Mas neste momento, não estou em condições de lhe dar uma lista dos possíveis suspeitos. Talvez

amanhã de manhã.

– Não quer que averiguemos quem foi que o matou?

– É claro que quero.

– Então quanto mais cedo começar a colaborar connosco, mais cedo apanharemos quem o matou.

– É a sua opinião.

– Ah.

– O quê?

– Agora é que estamos a chegar ao verdadeiro motivo por que não quer colaborar connosco na investigação – disse.

– Com todo o respeito, e dadas as circunstâncias, acho que o Sr. Manson se mostrou mais do que cooperante – observou Ronnie Leishmann.

– É a sua opinião – replicou a inspetora-chefe. – A hostilidade do Sr. Manson em relação à polícia é do domínio público.

– Tal como da polícia em relação a mim – retorqui.
– Creio que esse tal domínio público mostrará que a polícia mentiu sistematicamente sobre mim em tribunal e conspirou para que me enviassem injustamente para a cadeia. E, a propósito, se quiser resolver este caso muito rapidamente, tenho um álibi para todo o dia de hoje. Esta tarde, fui visto por mais de sessenta mil pessoas no campo, além de dois milhões e meio pela televisão. Quando não estavam a ver os meus movimentos, encontrava-me com a equipa no balneário. Gosto de me despir com outros homens, se lhe interessar saber.

Por momentos, pareceu que ia dizer qualquer coisa, mas sorriu.

– Lamento – disse. – Tem toda a razão. Peço desculpa. Se tivesse passado pelo mesmo que o senhor,

imagino que me sentiria da mesma maneira. O que lhe aconteceu, Sr. Manson, é absolutamente vergonhoso. Realmente. Vamos começar de novo, pode ser?

Levantou-se e estendeu-me a mão.

– Jane Byrne. Acredita em mim se lhe disser que não estou aqui para proteger a reputação da Polícia Metropolitana, mas para apanhar o assassino do Sr. Zarco? E posso apresentar-lhe as minhas sinceras condolências pela morte do Sr. Zarco?

Apertei-lhe a mão.

– É a segunda agente que conheço que parece ser boa pessoa.

– Está a dizer-me que somos duas? Quem é a outra?

– A inspetora Louise Considine, da esquadra de Brent.

– Talvez prefira as mulheres.

– Pode ser que sim. É a inspetora que está a investigar o suicídio de Matt Drennan.

– Isso é um tipo de delito, suponho.

Franziu o sobrolho.

– Pelo menos, era. Já agora, conhecia bem Zarco?

– Zarco? Como ninguém, acho eu. Conheço-o desde muito novo. Nos anos noventa, quando Zarco jogava no Celtic, no final da carreira, foi o primeiro a usar umas chuteiras *Pedila*. A *Pedila* é uma empresa de calçado desportivo propriedade de meu pai.

– E como é que foi trabalhar com ele?

– Obtive a minha licença UEFA Pro em 2010 e fui estagiar com Pep Guardiola no Barcelona. Depois, em 2011, estagiei como treinador da equipa principal do Bayern de Munique, onde trabalhei com Jupp Heynckes, que era outro velho amigo do meu pai. Quando Zarco voltou para aqui no verão, aceitei

ser seu treinador adjunto.

– O que quer dizer com «voltou para aqui»?

Sorri.

– Acho que será melhor ser o Sr. Hobday a explicá-lhe.

– Oh, o Zarco foi treinador deste clube – explicou Phil. – Há sete anos. Antes de subirmos à I Liga. Foi um excelente treinador também nessa altura. Foi ele que nos ajudou a subir de categoria. Depois, foi-se embora.

– Porquê?

– Foi despedido pelo Sr. Sokolnikov. Tinham ideias muito diferentes sobre a forma de gerir este clube. Como poderá imaginar, têm ambos uma personalidade muito forte, o que significa que não se davam muito bem. Pelo menos, naquela altura. Tivemos uma série de treinadores depois disso, mas nenhum deu tão bom resultado como Zarco e os adeptos pediam constantemente o seu regresso. Foi o que aconteceu. Desta segunda vez, davam-se excelentemente, não achas, Scott?

Assenti.

– Tinham-se tornado ambos mais velhos e mais ricos – disse eu. – Porventura um pouco mais sensatos.

– Terei de falar com o Sr. Sokolnikov – disse Jane Byrne. – Suponho que amanhã.

– Com certeza – respondeu Phil. – Diga-me quando e eu trato disso.

– A propósito – disse. – A mulher de Zarco, Toyah. Abanei a cabeça.

– Não lhe peçam que identifique formalmente o cadáver. Está bastante nervosa. Eu faço isso.

A inspetora anuiu.

– Se prefere... Já que diz que o conhecia tão bem.

– Amanhã responderei a todas as suas perguntas – disse. – A tudo o que quiser. E os jogadores também. Bem, o que lhes disse, já o ouviu no YouTube. Reunirei os jogadores e toda a equipa técnica em Hangman's Wood e trá-los-ei para aqui no autocarro.

– Obrigada. Às dez horas?

Olhei para Phil, que concordou.

– Até amanhã, então – confirmei. – Tenho um pedido a fazer. Gostava de ver onde aconteceu.

Manteve-se em silêncio por momentos, pensativa.

– Não quero deixar flores ou um urso de pelúcia – acrescentei. – Quero apenas ver o local onde morreu e fazer uma pequena oração por ele.

Acenou que sim.

– Está bem, mas dê-me uns minutos. Tenho de consultar a equipa de peritos forenses.

– Muito bem – respondi. – De qualquer modo, tenho de ir ao escritório buscar uma coisa. Já cá volto, está bem?

Jane Byrne consultou o relógio.

– Às nove horas. Combinado?

– Combinado.

Antes de me dirigir para o escritório, fui aos sanitários molhar a cara. Fora um erro ter bebido os dois conhaques.

Quando voltei a sair, vi Jane Byrne no corredor. Estava de costas para mim, a falar ao telemóvel, e entrou nos sanitários das mulheres para poder manter uma conversa privada. Parei por instantes frente à porta e abri-a com cuidado. Havia uma parede que se entrepunha entre a porta e as cabinas. Conseguia ouvi-la do outro lado, andando para trás e para a frente

enquanto falava; no chão de azulejo, os tacões soavam mais estridentes do que me lembrava. Discretamente, transpus a porta e fiquei a escutar. É sempre boa ideia saber quais são as verdadeiras intenções da polícia. E uma vez que Jane Byrne era a única mulher que havia no edifício naquele momento, sabia que não seria descoberto.

O sotaque da inspetora-chefe tinha mudado. Agora soava mais ao do Sul de Londres e percebia-lhe muito mais malícia no que dizia do que estava à espera.

– ... ao que parece, uma carga de porrada. Pelo menos, é o que parece. A cabeça do Zarco estava bastante inchada... Sim, mais do que o normal... Segundo a equipa de peritos forenses, ele sofreu tantas fraturas que, mesmo que sobrevivesse, é provável que tivesse danos cerebrais... Onde estava? É muito difícil de descrever. O problema na arquitetura moderna é que cria muitos lugares esquecidos e neste caso é o que parece. É uma mistura de pátio de iluminação e alcova. Chão de betão, vigas de aço e vedação de arame, mas com exposição aos elementos e com imenso cocó de pássaro. O tipo da segurança com quem falei disse-me que era uma zona de apoio, mas, se assim é, à parte as vigas de aço que compõem a Coroa de Espinhos não sei o que apoia. Havia uma porta ao nível do solo... Exato... Sim, o sítio ideal para dar uma surra a alguém, mas quem o fez devia ter acesso à chave, porque a porta estava fechada... Imagino que tenha sido o Zarco a abri-la. Deve ter entrado por vontade própria com o assassino... Não, uma queda não faz sentido; não vejo de onde pudesse ter caído... Sim... Estou com eles... Bem, sabes como são o raio dos futebolistas. A maior parte é uma combinação peculiar de estupidez e de

ego... Estou a lidar com um presidente que é mais escorregadio do que uma enguia e um treinador adjunto que parece o Derek Bentley personificando os Quatro de Guildford¹⁹. Sim, Scott Manson. E ainda não vi o oligarca que é o dono disto. Gostaria muito de ler a ficha policial que o sacana tem na Ucrânia. Aposto que é tão grossa como um rolo de papel higiénico. Isso faz-me lembrar, Clive, que quero o processo todo do Manson. Quero a história da vida dele na minha secretária quando voltar à Scotland Yard. Ah, e Clive, tenho de amaciar um bocado este cabrão, a ver se ele coopera. O inspetor Neville – o polícia que veio investigar a cova feita no campo – disse que o cabrão do Manson era um tipo difícil. Agora mesmo, tenho de estar a lamber-lhe o cu para que me dê os nomes de alguns possíveis suspeitos. Por isso, avisa um carro-patrolha para que lhe façam um teste de alcoolemia. Bebeu dois valentes conhaques desde que aqui chegou. Um dos meus agentes vai mandar-te a matrícula daqui a uns minutos. Outra coisa, Clive, vê se consegues que a inspetora Louise Considine, da esquadra de Brent, seja transferida para a minha equipa. E o Neville também, se o chefe dele o permitir...

Tinha ouvido o suficiente para saber com o que podia contar da parte da simpática inspetora.

Abandonei os sanitários das mulheres e voltei ao corredor. Phil Hobday saía da sala de executivos e seguiu-me; o gabinete dele era próximo do meu e disse-me que queria fazer uns telefonemas, mas a meio do caminho deteve-me.

– Quando terminares o encontro com ela – disse –, o Viktor quer que passes pela KPG para falar.

KPG eram as iniciais de Kensington Palace Gardens, a

rua ultra-exclusiva de Kesington em que Viktor vivia numa mansão de setenta milhões de libras.

– Sobre quê?

Phil encolheu os ombros.

– Não sei. Não faço a mais pequena ideia. E com o Viktor Sokolnikov não me deitaria a adivinhar. Fica-te de caminho ao voltares para casa.

– Está bem.

Consultei o enorme *Hublot* que tinha no pulso.

– Mas é capaz de ser tarde.

– Quanto tempo demoras a rezar uma oração? Nem sequer sabia que eras religioso.

– Sou-o com as pessoas de quem gosto.

– Então, a que horas é que lhe digo que chegas?

Pensei um pouco.

– Não sei.

– Ora, Scott, estamos a falar do Viktor, não de um copo na Star Tavern.

A Star era o bar elegante de Belgravia aonde ia por vezes beber um copo com Phil. Chamar-lhe bar era um pouco o mesmo que chamar veículo a motor ao *Rolls-Royce* de Phil.

– Então, diz-lhe que às dez e meia.

– Está bem. E, a propósito, fizeste um bom trabalho com a inspetora. Deste-lhe bem a volta.

– Eu não estaria tão certo disso.

– Nada má a fulana.

– Desde que gostes do tipo.

Phil sorriu.

– A verdade é que gosto. Gosto muito do tipo.

– Ambiciosa, devia eu dizer.

– Isso também me agrada.

Diante da porta de Zarco estava postado um polícia

fardado que consultava o telemóvel. Saudei-o com a cabeça e entrei no meu gabinete; o pobre não sabia que havia uma porta que dava para o gabinete de Zarco. Mal a fechei, acendi a luz do meu *iPhone* para ver o que podia descobrir na mesa e nas gavetas dele. Sabia que havia alguns brinquedos sexuais e uns apetrechos sadomasoquistas – um vibrador por controlo remoto e algemas – de cuja existência ninguém devia ter conhecimento. Não só duvidava de que a polícia fosse capaz de encontrar o seu próprio traseiro, e muito menos o assassino de Zarco, como tinha de velar também pela sua reputação, pela dele e pela do clube. A polícia tem o costume de vender histórias aos jornais quando deviam estar a fazer outra coisa; e os jornais têm o costume de enterrar as pessoas que antes elogiaram. Como o meu velho amigo Gary Speed; depois de mortos, e de dizerem umas coisas bonitas e agitarem ao vento os lenços, já podem dizer o que lhes der na real gana. Claro, o telefone pessoal e o telefone «para outras coisas» de Zarco já estavam guardados na minha gaveta, mas tinha de me assegurar de que a família do meu amigo não daria com notícias sensacionalistas como *O Verdadeiro João Zarco* ou *O João Zarco Desconhecido*. Ou, o que também é mau, com uma tempestade no Twitter. Um inferno.

Por mim, não ia vergar-me, mas estava disposto a fazê-lo pelos meus amigos e pelo meu clube.

19 Referência a dois casos judiciais de cidadãos britânicos condenados injustamente. (*N. do T.*)

Capítulo 17

– Caramba! – exclamou Maurice. E acenou com a cabeça. – Olha tanta gente. Vão deixá-lo orgulhoso.

– Parece.

Íamos a sair do London City Football Club no meu *Range Rover* em direção à KPG. A noite estava escura e extremamente fria e caía muito granizo, mas tinham-se reunido centenas de adeptos para prestar homenagem a João Zarco e havia tantos cachecóis cor de laranja atados aos portões de Silvertown Dock que já parecia uma espécie de templo hindu. Alguns dos adeptos entoavam canções do clube, entre elas, como não poderia deixar de ser, *The Clash*.

Londres chama as cidades distantes, agora que a guerra está declarada e a batalha começa...

Alguns conseguiram mesmo fazer o uivo de lobisomem de Joe Strummer no final do tema.

Mantive-me em silêncio enquanto a canção e os uivos me ressoavam na cabeça, fazendo-me pele de galinha.

– O que o futebol tem de bom é isto – disse Maurice.
– As pessoas gostam de mostrar respeito por quem se vai. Com quem é que isto acontece nos tempos que correm?

– Michael Jackson – sugeri. – Naquele hotel em que

estivemos em Munique. O Bayerischer Hof. Continuam a ter um santuário ao lado da porta principal.

Maurice fez uma careta.

– Isso só os malditos alemães é que o fazem.

– Eh, cuidado com o que dizes dos alemães. Sou meio alemão, lembras-te?

– Pois então responde-me a isto. Como é que lhe erguem um santuário quando toda a gente sabe que ele era um pedófilo? Não tem lógica.

– De certa forma, os alemães, sobretudo os bávaros, preferiam não saber desse tipo de coisas.

– Pois, têm um procedimento para isso, não é? – protestou Maurice. – Preferem fazer vista grossa sobre o passado das pessoas.

– Gostava que ele pudesse ver isto – disse, ignorando a lição de história. – Refiro-me ao Zarco, não ao tipo de plástico.

– Viste o corpo? – perguntou Maurice.

– Na verdade, não – respondi. – As pernas, suponho. O lugar onde encontraram o corpo não era muito grande. Havia quatro ou cinco agentes da polícia científica à volta dele, além de todo o material: projetores, tripés, câmaras e computadores portáteis. Atualmente, os locais dos crimes assemelham-se aos sítios onde se rodam anúncios publicitários.

– Curioso que tenha acontecido uma coisa destas a um tipo como o João – comentou Maurice. – Que idade tinha ele?

– Quarenta e nove.

– Bolas! Dá que pensar, não dá?

Franziu os lábios.

– É uma tragédia, é o que é, sem dúvida, mas não é um homicídio.

– Falou o inspetor Morse²⁰.

– Não é um homicídio no sentido clássico, ou seja, intencional. Quando um tipo espanca outro e lhe provoca lesões corporais graves, sabe que ele pode morrer. Mas aqui não vejo intenção, como veria a maior parte dos que nos rodeiam.

– Continua.

– Lembra-te de como era na prisão. Nove em cada dez vezes, se alguém queria matar um tipo, não lhe dava uma surra. Usava uma faca ou estrangulava-o. E se fosse fora, dava-lhe um tiro ou contratava alguém para o fazer. Não davam uma surra. Se um tipo morre depois de levar uma, ou a coisa correu mal ou descontrolou-se. É mais um acidente. Homicídio involuntário. Em minha opinião, alguém queria fazer-lhe mal, mas não matá-lo. Era uma vingança ou um aviso, não um adeus.

– Não sou o Rumpole²¹, mas acho que a lei diz outra coisa.

– Sim, bem, é o que diz a lei, embora atualmente o bom senso não abunde na lei. Se abundasse, não estaríamos na União Europeia, não é? Não teríamos a Lei de Direitos Humanos e toda essa merda. Abu Hamza²². Cabrões como ele transformaram os tribunais deste maldito país numa macacada.

Maurice fez uma pausa enquanto uma luz azul banhava o *Range Rover*.

– Por falar em monos, estamos a ser seguidos.

Olhei para o retrovisor e assenti com a cabeça.

– Eu trato deles, OK?

– À vontade.

Parámos e baixei uns centímetros o vidro da janela escurecida.

Junto ao *Range Rover* surgiu um polícia de trânsito; com uma mão, segurava num alcoolímetro, com a outra ajeitava o boné.

– O senhor importa-se de sair do carro?

– Com certeza.

Saí do carro e fechei a porta.

– O carro é seu?

– É meu, sim.

Dei-lhe a carta de condução.

– Há algum problema?

Examinou a carta de condução.

– Ia a conduzir de forma imprudente, senhor. E circulava a sessenta quilómetros por hora numa zona limitada a cinquenta.

– Se assim o diz – respondi. – Não me tinha dado conta de que ia a essa velocidade.

– Bebeu álcool esta tarde, senhor?

– Dois conhaques. Tive uma má notícia.

– Lamento ouvir isso, senhor. No entanto, tenho de pedir-lhe que faça o teste de alcoolemia.

– Muito bem, mas está a cometer um erro. Se me deixar explicar...

– Recusa-se a fazer o teste?

– De maneira nenhuma, só estava a tentar explicar-lhe...

– Estou a pedir-lhe que faça o teste. Ou o senhor obedece ou terei de o deter.

– Muito bem. Se insiste... dê-mo.

Peguei no pequeno dispositivo cinzento, segui resignadamente as instruções e devolvi-lho.

Esperámos uns momentos.

– A luz ficou vermelha, senhor. A amostra de ar que forneceu tem mais de trinta e cinco microgramas por

cem mililitros. O que significa que está detido. Faça o favor de me acompanhar ao carro-patrulha.

Sorri.

– Para quê?

– Não passou no teste de alcoolemia – disse o polícia. – É por isso.

– Sim, mas como estava a tentar explicar-lhe antes, eu não ia a conduzir. O meu amigo é que ia ao volante.

– O que está a dizer?

– Que o carro tem o volante à esquerda.

Fez-se um longo silêncio e tentei conter o riso.

O polícia de trânsito circundou o carro e abriu a porta. Maurice sorriu-lhe.

– Boas noites, senhor guarda – disse animadamente.

– Sou abstémio. Diabético, sabe? Por isso, está a perder o seu tempo.

– Já agora – disse eu –, é um *Range Rover Overfinch*; além de ter o volante à esquerda, está equipado com uma *Roadhawk*, uma câmara do tipo caixa negra que grava o que se passa na parte anterior, na parte posterior e nas partes laterais do carro. Para o caso de haver um acidente.

O polícia guardou o alcoolímetro. A sua cara tinha ficado com a cor do céu noturno daquela zona de Londres: um tom artificial malva-escuro. Fechou a porta com força na cara sorridente de Maurice.

– Também grava som, além de imagens?

– Não, infelizmente, não.

Fez um sorriso forçado e aproximou-se de mim o suficiente para que pudesse sentir-lhe o cheiro a café que exalava pela boca.

– Imbecil.

Deu a volta e foi-se embora.

– Boa noite para si também, senhor agente – disse, e voltei a entrar no *Range Rover*.

Maurice estava a rir-se.

– Foi impagável – disse resfolegando. – Pelo-me por outra. Tens de pôr o vídeo no YouTube.

– Acho que já apareci o suficiente no YouTube por hoje – respondi.

– Não, a sério. De contrário, ninguém acreditará. O chui queria tanto engavetar-te que nem sequer se deu conta de que o volante era à esquerda. Foi mesmo genial.

– É melhor mantê-lo de reserva. Da próxima, posso não ter tanta sorte.

– Dadas as circunstâncias, é provável que tenhas razão. Pensava que estavas a brincar a respeito daquela cabra na Coroa de Espinhos. Mas parece que ela tem uma quedazinha por ti, meu caro.

– Qual é a novidade?

Dirigimo-nos para a entrada norte da KPG, situada em Notting Hill Gate; a entrada sul – em Kensington High Street – está reservada aos habitantes do palácio real, ainda que o resto das casas da zona sejam autênticos palácios. Diria que é a rua mais exclusiva de Londres: qualquer um pode viver lá desde que possa pagar entre cinquenta e cem milhões de libras por uma casa. Só a presença da embaixada russa, um edifício situado a norte, cinzento e de aspeto bastante deprimente, baixa um pouco o nível.

A casa de Viktor tinha três andares de pedra de Portland com uma torre em cada um dos quatro cantos e apenas lhe faltava o fosso, a bandeira e a guarda de honra. Em Londres, só a rainha consegue viver numa casa maior.

Saí do *Range Rover* e espreitei pela janela aberta.

– Leva o carro – disse a Maurice. – Apanho um táxi.

Vivo aqui perto.

– Queres que te vá buscar de manhã?

Abanei a cabeça.

– Não. Chamo um táxi.

– Telefona-me quando chegares a casa, está bem? Se te oferecer o lugar, diz-me.

– Achas que o fará?

– Que mais poderá ser?

20 Referência à série televisiva britânica *Inspector Morse*, cuja personagem se inspirava nos livros de Colin Dexter. (N. do T.)

21 Alusão à personagem Horace Rumpole, da série televisiva britânica *Rumpole of the Bailey*, em que um advogado idoso defende todo e qualquer tipo de clientes. (N. do T.)

22 Antigo imã britânico de origem egípcia que pregava o integrista islâmico e o islamismo militante, bem como o jihadismo. Foi preso e deportado para os EUA, onde foi julgado e condenado a prisão perpétua. (N. do T.)

Capítulo 18

Virei-me e dei o nome ao gorila na casa junto ao portão do palacete. Conferiu o meu nome pela lista que tinha e deixou-me entrar. Não foi preciso tocar à campainha; já havia outro guarda a abrir-me uma reluzente porta negra. Apareceu então um mordomo num átrio de mármore dominado por uma escultura em tamanho real de Giacometti de um homem caminhando tão esguio como um limpador de cachimbos e que me fazia lembrar sempre Peter Crouch. Já o tinha comentado com Viktor Sokolnikov e tratei de não voltar a fazê-lo; imagino que quando alguém é dono de uma obra de arte famosa, o seu sentido de humor sobre quem ou o que parece se vê limitado pelo preço que pagou por ela, o que, no caso de Giacometti, era de cem milhões de dólares, por isso, é fazer as contas. A Sotheby's e a Christie's tinham claramente mais sentido de humor que ninguém.

De qualquer modo, não estava com disposição para piadas. Não estava com disposição para nada a não ser para meter a cabeça debaixo de uma almofada e dormir doze horas seguidas.

O mordomo acompanhou-me a uma sala que estava em harmonia com o Giacometti, quer dizer, uma dessas salas modernas «menos é mais» onde parece que se está

na nova ala de um museu nacional; só os enormes sofás de cor creme me convenceram de que não precisava de comprar um bilhete de entrada e um guia audiovisual. Parecia que o grande tronco negro que estava assente sobre os cães da lareira tinha aterrado em Hiroxima havia segundos, e até o fumo que subia discreto pela chaminé tinha um cheiro tranquilizadamente exclusivo, como se se estivesse num caro chalé de esquí.

Viktor deixou cair o *Financial Times* e dirigiu-se para mim dando a volta ao sofá, o que me deu tempo para admirar o Lucian Freud pendurado por cima da lareira. Admirar talvez não seja a palavra adequada; *apreciar* seria mais correto. Duvido que gostasse de ver a imagem de um homem nu reclinado de cada vez que levantasse os olhos do jornal. Já a vejo vezes suficientes nos duches de Silvertown Dock.

Abraçámo-nos à maneira russa, sem palavras. O mordomo continuava a andar por ali e Viktor perguntou-me se queria tomar uma bebida.

– Só um copo de água.

O mordomo desapareceu.

Sentei-me, forcei um sorriso por uma questão de amabilidade e contei-lhe o que tinha acontecido. Não era muito, mas parecia mais do que suficiente.

Viktor Sokolnikov devia ser quarentão, e as grandes entradas que tinha no cabelo grisalho eram compensadas com o pelo que lhe crescia entre as sobrancelhas e as faces, raramente se barbeando. Os olhos eram perspicazes e escuros, os mais argutos que alguma vez vira. Tinha uns quilos a mais, papada e um sorriso inextinguível; e, afinal de contas, tinha motivos para sorrir. Não há nada como possuir uns milhares de

milhões no banco para se estar bem-disposto. Não o estava sempre: neste momento, era difícil associar este homem cosmopolita e sorridente ao tipo que dera uma cabeçada a Alisher Akseyonov, outro oligarca, depois de uma discussão em direto na televisão russa. Vi o vídeo no YouTube, mas como não sei russo, era difícil perceber o motivo da discussão. No entanto, não havia dúvida de que a cabeçada que Viktor lhe dera arrumara com ele. Eu não teria feito melhor.

– Gostava muito do João – disse Viktor. – Como sabe, nem sempre estávamos de acordo, mas com ele uma pessoa nunca se aborrecia. Vai fazer-me bastante falta. O João era um tipo muito especial. Pela minha experiência, uma pessoa única. E um grande treinador. O resultado de hoje foi muito bom; teria ficado orgulhoso. Precisamente hoje, alegra-me mais do que nunca que tenhamos vencido.

Chegou o mordomo com um copo de água, que bebi quase de imediato. Viktor perguntou-me se queria outro. Acenei que não com a cabeça, olhei para o enorme membro que assomava por cima de mim e pensei para comigo que já sabia onde voltar a encher o copo se precisasse. Depois de dois valentes conhaques sentia-me um tanto vulgar.

Continuámos a falar de Zarco, dos planos que ele e Viktor tinham para o London City e de alguns dos comentários que ele fazia sem rodeios, escandalosos mesmo, e daí a pouco desatámos a rir à gargalhada.

– Recorda-se – comentou Viktor – do que ele disse ao tipo da Sky Sports quando o presidente da FA lhe retirou o convite para fazer parte da comissão da seleção inglesa?

Sorri.

– Disse que a comissão era «uma casa de putas»; toda a gente pensou que se confundira, mas não. Sabia muito bem o que dizia, mesmo antes de o Jeff Stelling o corrigir.

– Acha que sim?

– Estou convencido disso. Às vezes, fingia que o seu inglês não era tão bom como na realidade era.

– Isso é verdade – reconheceu Viktor. – É um bom truque. Eu também o uso às vezes.

– De qualquer modo, uma comissão pode perfeitamente ser uma casa de putas, se tivermos em conta o bem que está a fazer ao futebol inglês. Há quem pense que a FA devia dedicar-se a investigar a razão por que há cada vez menos jogadores ingleses na I Liga. É difícil imaginar para que outra coisa podem servir esses gordos idiotas. Nenhum dos sacanas da direção da FA alguma vez jogou futebol profissional, o que diz tudo. Sinceramente, esses cabrões auto-satisfeitos não ajudaram em nada o desporto inglês desde que codificaram as leis do jogo na Freemason's Tavern em 1863. E não é preciso criar uma comissão da seleção inglesa para saber que o maior problema do futebol inglês é a própria FA, tanto pelo nome como pela sua natureza, não acha?

Viktor sorriu.

– Acho que também você consegue falar sem rodeios, Scott.

Abanei a cabeça.

– Desculpe, Viktor. Estava a começar a ser bombástico. Acho que estou triste. E um bocado zangado também. Bebi dois valentes conhaques em Silvertown Dock. O álcool põe-me um pouco agressivo. É o escocês que tenho em mim, suponho.

– Nesse aspeto, ao menos, é como os ucranianos e os russos – respondeu Viktor. – Mas não tem de pedir desculpa. Gosto de homens com opiniões fortes. Sobretudo quando essas opiniões coincidem com as minhas. Não é um pré-requisito para se ser treinador do London City, embora a imprensa diga o contrário. É verdade, o Zarco e eu tínhamos as nossas diferenças, mas sempre concordámos em que se alguma vez voltássemos a discutir, você era o melhor candidato para o substituir.

– É muito amável da sua parte. E da de Zarco.

– Os jogadores respeitam-no e o Phil Hobday diz maravilhas de si, tal como o Zarco. Tem excelentes qualificações. Com um título universitário e os seus certificados de treinador, é o candidato mais lógico. Só não gostaria de ter de o fazer esta noite. Amanhã voou para Moscovo e voltarei apenas dentro de alguns dias. Comprámos um jogador ao Dínamo São Petersburgo.

– Não sabia que estávamos à procura de jogadores no mercado.

– Não é um jogador qualquer.

– Não me diga que é o diabo vermelho...

Viktor assentiu com a cabeça, o que me deixou boquiaberto. Bekim Develi era geralmente considerado o melhor médio da Europa; era um russo de origem turca que tinha jogado no PSG até que os setenta e cinco por cento em impostos cobrados em França o fizeram regressar a São Petersburgo, a sua cidade natal. Viktor sempre quisera Develi no London City. Para começar, eram bons amigos. Mas Zarco tinha rejeitado a ideia – opções não lhe faltavam no meio-campo – e, ao que sabia, Viktor vira-se obrigado a aceitar a decisão do seu treinador, com quem acabava

de assinar contrato.

– Raios partam!

– É verdade. Vou fechar o negócio esta semana. O Dínamo deve-me dinheiro. Bastante dinheiro, na verdade, por isso, em vez de o recuperar em numerário, fico com o Develi. Mas queria falar consigo em privado antes de ir. Fazer um acordo de homem para homem.

Assenti.

– Ofereço-lhe o lugar de treinador e gestor do plantel do City, pelo menos até ao final da época. Vamos ver como corre. Se continuarmos na I Liga, será uma boa razão para o manter. Uma Taça de Inglaterra e terminarmos entre os quatro primeiros lugares para podermos aceder à Liga dos Campeões também contará.

– Espero bem que sim – respondi.

Viktor fez uma pausa e acendeu um charuto; não um daqueles caros como o Cohiba, apenas um pequeno Villiger, dos que se podiam comprar em qualquer tabacaria de Londres.

– Mas para ser completamente sincero, nada disto é uma prioridade para mim.

– Não?

Viktor abanou a cabeça.

– Não.

– Então, digo-lhe que, para alguém que é proprietário de um clube de futebol da I Liga, é um homem muito incomum.

– Posso ter dito outra coisa no passado, mas agora, digo-lhe sinceramente, não quero saber para nada de taças nem de títulos. Há aqui algo em jogo que para mim é muito mais importante do que tudo o mais.

– Lamento discordar, Viktor. Para mim, não há nada mais importante.

– É claro que quero que as pessoas que trabalham comigo sejam apaixonadas. E é evidente que é por essa razão que lhe ofereço o lugar, mas com certas condições. São essas condições que estou a tentar expor-lhe. Há uma coisa que me apaixona realmente, mais do que o futebol, e que é a minha privacidade. Para mim, não há nada mais importante.

»Nunca dou entrevistas. Evito as luzes como se fosse um vampiro. Toda a gente pensa que o painel de vidro por detrás do qual me sento em Silvertown é à prova de bala. Não é, serve para neutralizar as lentes das câmaras. No contrato entre o London City e a Sky está também especificado que eles não fazem planos do meu lugar. Não vou a muitas estreias cinematográficas nem a festas. Mas nem sempre é fácil manter-me afastado dos olhos do público. Sobretudo com os meios de comunicação deste país. E com a polícia também. Você sabe melhor do que ninguém que a comunicação social e a polícia têm uma relação incomodamente próxima. Se a polícia tem de deter alguém às seis da manhã, gosta de o comunicar à imprensa. Mas isso não é um serviço público. Alguém na polícia recebe dinheiro a troco da informação. E de outras notícias.

Anuí.

– Onde é que quer chegar, Viktor?

– No meu país há um ditado que diz: se mandares um homem caçar uma raposa, não te admires se disparar sobre um coelho. Na investigação de um homicídio, a polícia pode ir aonde quiser e ver o que quiser. Praticamente tudo. Assim sendo, não irão procurar apenas o assassino de Zarco. A polícia servir-se-á da morte de Zarco para investigar todos os meus negócios. Qualquer informação que obtenham, partilhá-

la-ão com a comunicação social. Com o Fisco. Com a Autoridade de Serviços Financeiros. Com os serviços de segurança, o MI5 e o MI6.

– Com o devido respeito, este país é um pouco diferente do seu. Sei que a nossa polícia se pode comportar de maneira vergonhosa, mas daí a insinuar que...

– Já aconteceu, Scott. Lamento dececioná-lo, mas em nome da segurança nacional, este país parece-se muito mais com a Rússia e a Ucrânia do que possa imaginar. Tenho as minhas fontes no governo britânico que me mantêm informado de tudo o que possa afetar-me. Pago muito bem por essa informação e ela vem-me das mais altas esferas, por isso, acredite, é fiável. O superior da sua inspetora-chefe é o comandante Clive Talbot, membro da Ordem do Império Britânico, e neste preciso momento está reunido com gente um pouco duvidosa no Ministério do Interior.

– Então, quanto mais rápido se resolver o homicídio de Zarco, melhor.

– Exatamente.

– Compreendo.

Franzi o sobrolho.

– Bem, na realidade, não, não compreendo. Diz que quer que o homicídio de Zarco se resolva com rapidez. Isso significa que temos de cooperar com a polícia. Como é que eles descobrem quem o matou se não os ajudarmos? Não vejo outra forma de os ajudarmos a caçar a nossa raposa. Se me dá licença, e pegando na sua metáfora, o risco para o nosso coelho é o preço que temos de pagar para apanharmos a raposa.

– Deixe-me explicar: quero que seja você a caçar a nossa raposa, Scott.

– Eu?

Viktor acenou com a cabeça.

– Quer que eu faça de detetive?

– Orgulho-me de conhecer as pessoas que trabalham para mim e acho que você também há de preferir que as coisas sejam feitas com a máxima discricção, por lealdade ao clube e ao Zarco. Estou enganado?

Pensei nos dois telemóveis que já tinha trazido de Silvertown Dock e que guardava na pasta que tinha aos pés. Tinha de reconhecer que Viktor Sokolnikov me convencera.

– Não, não está enganado.

– Ambos sabemos que Zarco se meteu nalguns esquemas enquanto foi treinador do City. Não o ajudaria, e provavelmente a mim tão-pouco, que alguns desses esquemas passassem para a comunicação social.

– Concordo consigo.

– Você não teme a polícia, Scott. Isso faz de si um homem muito incomum. É a pessoa ideal para realizar uma investigação própria. Para correr o risco de lhes desagradar. Faço-me entender?

– Sim, acho que sim.

– Além disso, tenho a impressão de que lhe daria um certo gozo pôr um pouco a polícia a ridículo. Estou enganado?

– Não, não está. Mas, Viktor, eu não sou polícia.

– Na Ucrânia, dizemos que um polícia é apenas um ladrão sem maneiras. Sinceramente, Scott, alguma vez conheceu um polícia qualificado para o cargo? Não, evidentemente. Neste país, os únicos delinquentes levados à Justiça são os condutores. Porquê? Porque têm matrículas. A polícia prende tipos que publicam *tweets* racistas ou um diretor do Serviço

Nacional de Saúde por uma borrada, mas se se lhes pedir que apanhem um assaltante já não sabem que fazer. Vivemos num país em que uma encomenda de *sushi* chega mais depressa do que a polícia.

– É verdade. Não gosto da polícia nem confio nela, mas dispõe de meios. Possui técnicas de investigação, relatórios forenses, informadores...

– Tenho motivos para pensar que consegue apanhar mais rapidamente o assassino do Zarco do que a polícia, Scott. É um tipo inteligente, culto, fala várias línguas, tem recursos, conhecia o Zarco melhor do que ninguém, conhece o clube, conhece Silvertown Dock, conhece Hangman's Wood e conhece o mundo do futebol. Essa mulher da Scotland Yard, a inspetora-chefe Jane Byrne... Estou certo de que este caso pode ser resolvido até ela estar ao corrente de tudo o que você sabe.

– É possível, sim – respondi.

– Precisa de relatórios forenses? Eu arranjo-lhos. Pode crer que não é só a *News International* que pode pagar à polícia para obter informações. Garanto-lhe que terei uma cópia do relatório patológico antes mesmo de essa agente da polícia saber que está terminado. Quanto aos informadores, o Scott conhece as mesmas pessoas que a polícia. Gente que esteve na prisão. Uma dessas pessoas é o mediador do nosso clube, o Maurice McShane. Talvez a informação possa também ser obtida desse mundo, do mundo criminal.

– É possível que tenha razão, Viktor. De facto, o Maurice já me tinha dito que achava que a morte de Zarco foi um acidente, uma surra que foi longe de mais.

Expliquei-lhe o que Maurice me tinha dito no carro.

Viktor fez que sim com a cabeça.

– Sabe, tenho alguma experiência nestas coisas. Na Ucrânia, durante os últimos dias do comunismo e do nascimento da nova república, não havia direito das sociedades, nem lei de contratos ou leis comerciais, e assim sendo, geríamos nós as coisas. Não éramos mafiosos, mas homens de negócios. Para ser franco, Scott, às vezes as coisas também iam longe de mais, percebe? Por isso, é provável que o Maurice tenha razão.

Assenti.

– Alegra-me que esteja de acordo – continuou Viktor. – Mas antes de dizer que sim, Scott, permita-me acrescentar que terá ainda dois incentivos muito importantes para descobrir o assassino do Zarco que a inspetora-chefe Jane Byrne e a polícia não terão.

– Quais?

– Primeiro, o lugar de treinador e gestor de plantel. Se descobrir quem matou o Zarco, o que faria com que a polícia nos deixasse em paz de vez, o lugar no City é seu de forma permanente. Um contrato de cinco anos, com o mesmo salário que o do Zarco, os mesmos prémios e tudo o resto.

– É muito generoso, Viktor. E o outro incentivo?

– Sei que gosta de pintura, Scott.

Viktor olhou para o quadro do homem nu.

– Gosta deste retrato?

– Não tinha reparado bem no rosto.

– Elizabeth, a minha mulher, não gosta. É inglesa, como sabe, e não se sente muito à vontade com a nudez. Quando a conheci, costumava vestir fato de banho na *banya*.

Banya era o que os russos chamavam à sauna.

– Em 2008, paguei dez milhões de dólares por este

quadro. Agora que Freud morreu, vale o dobro, talvez mais.

Viktor levantou-se.

– Venha comigo. Quero mostrar-lhe outro retrato.

Dirigimo-nos para o seu escritório, onde, por cima de uma mesa do tamanho da de Hitler, havia um retrato notável de João Zarco. Tinha sabido do retrato pelo *Evening Standard*, quando foi encomendado. Era pintado por Jonathan Yeo, um dos artistas jovens mais cotados da Grã-Bretanha.

– Gosta? – perguntou.

– Muito – reconheci. – Não sabia que o tinha, Viktor.

– Foi uma oferta do Zarco. Suponho que a ideia era fazer uma piada: oferecer-me um quadro dele próprio. Mas é muito bonito, não acha? Teve a ideia de mandar pintar o quadro quando Mario Testino lhe tirou a fotografia; sim, aquela fotografia.

– Não direi que a pareença seja excecional, isso é óbvio. Mas há algo nele de muito real. E gosto da roupa esfumada, como se não tivesse qualquer importância. Parece torná-lo mais ele. Não sorri, mas tem um brilho nos olhos que é como se estivesse a dizer algo que o vai meter em sarilhos outra vez.

– Nem imagina, Scott. Quando o Jonathan Yeo lhe mostrou o retrato, o Zarco disse que não gostava dele, que estava muito feio e muito mal-humorado. Foi por isso que mo ofereceu. Mas a mim parece-me excelente. Acho que dentro de uns anos, os quadros do Jonathan Yeo vão ser tão procurados como os do Lucian Freud. Resumindo, Scott, quero que fique com ele. É o outro incentivo de que falava.

– Está a brincar! A sério?

Viktor retirou o quadro da parede; como tinha um vidro, pesava muito, e ajudei-o.

– Estou a falar muito a sério, Scott. O quadro é seu. Pode levá-lo para casa esta noite. Quero que esteja consigo para que, de cada vez que olhe para ele, ouça o João Zarco dizer o que lhe vou dizer agora: «Descobre quem me matou e porquê, Scott. Descobre o meu assassino. Não merecia o que me aconteceu hoje. Nada. Por isso, toma tu as rédeas, não as deixes nas mãos de outros, em especial da polícia. Por favor, Scott, fá-lo por mim e pela minha mulher, a Toyah. Tens de descobrir quem me matou, está bem? Da próxima vez que me olhares nos olhos, quero ter a certeza de que estás a fazer tudo o que é possível para os apanhar. Não descansarei até que faças isso por mim.»

Viktor era capaz de usar o mesmo tom seco e monótono de Zarco e, por momentos, pareceu-me mais do que uma mera imitação.

– É o que ele parece estar a dizer – acrescentou Viktor. – Não acha?

Contemplei o quadro, que agora estava sobre a mesa de Viktor. O homem olhava-me nos olhos, como se me estivesse a pedir o mesmo que Viktor Sokolnikov.

– Acho, sim.

Não era o fantasma do pai de Hamlet, mas, a favor de Viktor Sokolnikov, digo-vos o seguinte: sabia sempre como conseguir o que queria.

Capítulo 19

O *Rolls-Royce* de Viktor levou-nos, a mim e ao quadro, ao meu apartamento de Chelsea, mas não fosse o retrato de Zarco, teria ido pela Kensington High Street e apanhado um táxi. Em criança, sempre quis ter um *Rolls-Royce*, mas agora sinto-me extremamente embaraçado quando vou num. Detestava os olhares que deitavam ao carro quando parava nos semáforos. Era fácil imaginar o que os londrinos pensavam quando olhavam para dentro de um, mesmo em Kensington e em Chelsea: *Ricalhaço filho da mãe. Cabrão*. E era normal que pensassem isso de alguém que se mostrava suficientemente insensível para andar a passear-se no banco traseiro de um carro que custava dez vezes o salário médio da cidade. Nem sequer era muito confortável. Os assentos eram demasiado duros. Como se não bastasse, não estava à espera de ter uma chusma de repórteres e câmaras de televisão diante de casa, em Manresa Road, e senti-me duplamente embaraçado ao sair de um *Rolls-Royce* diante deles, sobretudo com um retrato de João Zarco nas mãos. Para chegar à porta, não tive outro remédio senão morder a língua e falar com toda aquela gente apinhada nas escadas e na rua. Foi uma sorte os efeitos do conhaque terem-me passado um pouco.

– João Gonzales Zarco era sem dúvida o melhor treinador de futebol da sua geração – disse, cautelosamente. – E um dos homens mais notáveis que conheci. Foi um privilégio tê-lo como amigo e companheiro e o mundo do futebol ficou muito mais pobre com o seu falecimento prematuro. Era generoso, um cavalheiro, um homem encantador de quem sempre sentirei falta. Gostaria de estender as minhas condolências à sua mulher e família e agradecer a todos os adeptos que lhe prestaram homenagem. Podemos dizer que estou em vias de fazer o mesmo. Como podem ver, este é um retrato de Zarco, feito por Jonathan Yeo, e vou pendurá-lo na minha parede. Obrigado. Não tenho mais nada a dizer neste momento.

Evidentemente, todos os repórteres queriam saber como é que Zarco tinha morrido e se eu iria ocupar o lugar dele como treinador do London City, mas achei aconselhável não responder a nenhuma das muitas variantes sobre as mesmas duas perguntas; apesar disso, precisei de vários minutos e da ajuda do porteiro para passar a porta do prédio sem sobressaltos.

Quando finalmente entrei no apartamento, lembrei-me de que Sonja tinha ido a uma conferência em Paris e, antes de fazer o que quer que fosse, telefonei-lhe para sentir de novo terra firme. Ouvir a sua voz era a melhor terapia e não custava perceber a razão por que era tão boa no seu trabalho, embora me interrogue acerca do que leva alguém a consultar um psiquiatra para ser convencido a não comer um segundo *donut*.

Telefonei de seguida ao meu pai, que, como era de esperar, estava abalado com a notícia; ele e Zarco tinham jogado muitas vezes golfe no Algarve, onde ambos continuavam a ter casa.

Depois de falar com ele, dispus-me a pendurar o quadro de Zarco no meu escritório, onde guardo todas as recordações relacionadas com o futebol, entre elas uma medalha da Taça de Inglaterra de 1888 com vinte e dois quilates – West Bromwich Albion, a quem interessar saber – e a camisola que George Best vestia quando marcou seis golos ao Northampton Town na quarta ronda da Taça de Inglaterra em fevereiro de 1970. Pendurado o quadro, sentei-me a olhar para ele durante um bocado; continuava a ouvir a imitação de Viktor na minha cabeça. É o que eu chamo psicologia.

Telefonei para casa de Maurice.

– Tinhas razão. O Sr. Sokolnikov ofereceu-me o lugar de treinador e gestor do plantel.

– Parabéns. Tu mereces, homem.

– Mas é provisório. É até fazer asneira.

– Sem pressões, então.

– Parece-me tudo um pouco prematuro. O Zarco nem sequer foi enterrado.

– De qualquer modo – disse Maurice –, temos a segunda mão da Taça da Liga inglesa contra o West Ham na terça-feira à noite.

– Que suponho que teremos de jogar, a menos que a FA diga que podemos adiar em sinal de respeito.

– O único respeito que o Zarco gostaria que o City tivesse por ele era que déssemos cabo dos cabrões. Além disso, é transmitido pela televisão, por isso, bem podes esquecer.

– Acho que tens razão. Escuta, esta tarde, quando andávamos à procura em Silvertown Dock, disseste que o Sean Barry tinha descoberto que a Claire se enrolara com o Zarco.

– Exato.
– Como é que soubeste?
– Disse-me a Sarah Crompton.
– E como é que ela sabia?
– Porque é a melhor amiga da Claire.
– E porque é que a Sarah te contou?
– Porque... Digamos que eu e a Sarah somos bons amigos, está bem?

– Sou o único tipo em Silvertown Dock que não anda metido com alguém que trabalhe lá?

– Não. És tu e aquele jogador alemão, o Christoph Bündchen.

– Que há com ele? – perguntei inocentemente.

– Há jogadores que acham que ele não está interessado em miúdas.

– Alguns deles são um pouco excitáveis e tiram logo conclusões.

– Talvez, mas no outro dia teve uma ereção no banho. A isso é que eu chamo ser excitável.

– Também foi a Sarah que te contou?

– Não, foi o Kwame. É o tipo de coisas que não passa despercebido, não é?

– Não sei. Não vi a ereção.

– Enorme, segundo o Kwame. E ele sabe do que fala.

– Realmente. – Para mudar de tema, disse – o Sean Barry também é um pouco excitável, não é?

– Oh, sim, muito.

– Então, pode ter sido ele a matar o Zarco. O típico marido ciumento.

Maurice respondeu despreocupadamente.

– Sim, talvez. Por outro lado, vi-o logo depois do jogo e parecia estar bem. Via-se que estava entusiasmado com o resultado. Quer dizer, não tinha ar

de quem espancara ninguém nem pedira a alguém que o fizesse por ele. Não parecia culpado, mas com uma pessoa como o Sean nunca se sabe.

– Também me disseste que tinhas visto algumas caras pouco amistosas quando andavas à procura do Zarco. Chamaste-lhes cabrões, creio. A quem te referias exatamente?

– Foi? Bem, ora deixa cá ver... Estava o Denis Kampfner, que não ficou propriamente contente quando o Zarco chamou o Paolo Gentile para agenciar a transferência do Kenny Traynor. Perdeu um milhão de libras em comissões. Ficou capaz de trepar pelas paredes. E o Ronan Reilly. Recordas-te da rixa que ele e o Zarco tiveram na entrega do prémio da Personalidade Desportiva do Ano da BBC?

– Claro que recordo. Foi a única coisa interessante que aconteceu em toda a noite. Aquelas cerimónias são uma seca.

– Foi uma valente briga e não me admirava que os dois tivessem voltado a engalfinhar-se.

– É verdade. Não morriam de amores um pelo outro.

– Estava aquele árbitro que o Zarco insultou, o Lionel Sharp.

– Espero que não o tenhas visto, Maurice, ou começo a preocupar-me contigo. Está morto.

– Não, mas o filho estava a ver o jogo. Acho que é Jimmy que ele se chama. Está na Marinha. Nos Fuzileiros, creio. E quem mais? Ah, sim, uns tipos do Catar. Mais «Onde está o Ali» do que «Onde está o Wally». Gente pouco de fiar, em minha opinião. Gente com contactos com o poder no Catar, onde o nome de Zarco desperta ódio. Têm um dos camarotes VIP. Aliás, acho que têm três ou quatro. Ouvi dizer que

gostam de tomar coca nos intervalos e não me refiro à que vem em latas. Coca, *Lamborghini* e dinheiro suficiente para refrear as línguas.

– Porra, Maurice! Tens mais possíveis suspeitos que o Expresso do Oriente.

– E ainda não falei no Semion Mikhailov.

– Quem é que raio é esse?

– Um rival do Viktor no mundo dos negócios ucraniano, ao que tudo indica. O gajo é enorme. Tem uma cabeça como a porra de uma bola de *bowling*!

– Que sabes dele?

– Apenas que as pessoas têm medo do tipo. Um dos seguranças que trabalha com a *Mobicam*, um russo chamado Oleg, viu-o sentado no meio do público. O Oleg diz que achava estranho que o Ministério do Interior permitisse a entrada no país de um tipo como ele. Ao que parece, é um dos chefes da máfia.

– Pergunto-me se o Viktor saberia da presença dele.

– Pouca coisa há de que o Viktor não esteja ao corrente.

– Parece que há muito por onde escolher.

Soltei uma gargalhada.

– Falta alguém? A Al-Qaeda? O Lee Harvey Oswald? Porra!

– É um jogo divertido – disse Maurice.

– Repara, Maurice, o Viktor quer que faça de Sherlock e procure descobrir o assassino antes da polícia. Para lhe evitar alguns problemas.

– É lógico. Quando se tem tanto a ganhar também se tem muito a esconder.

– Acha que o Ministério do Interior anda atrás dele; e que odeio a polícia o suficiente a ponto de os mandar foder.

– Não me lembro de o Sherlock Holmes dizer isso ao inspetor Lestrade – observou Maurice. – Mas parece-me bem. Imagino que isso faça de mim o Watson, não?

– Se quiseres... Muito bem, então, faz-me uma lista de possíveis suspeitos, de gente ressentida que tenha estado em Silvertown Dock. Ou só de canalhas. E põe-te ao trabalho. Mas isto que fique só entre nós. Por agora, nada de polícia, hem?

– Gosto tanto de falar com a bófia como tu, sobretudo depois desta noite. Aquela mulher da Scotland Yard estava a tentar seduzir-te, não estava?

– Tenho esse efeito nas mulheres – respondi. – E já que estás com a mão na massa, verifica a quem é que o Zarco ofereceu entradas. E se tinha convidados. Normalmente, são só familiares, mas nunca se sabe.

– Bem pensado, chefe.

Passei outra hora sob o olhar atento de Zarco, a examinar as mensagens e as chamadas dos seus telemóveis.

O «telefone pessoal» de Zarco tinha várias mensagens de Claire Barry. As mais antigas eram extraordinariamente obscenas. *Sexting*, acho que é o que lhe chamam. Olhei umas quantas vezes para o retrato dele e sacudi a cabeça.

– Velho safado – disse. – Em que estavas a pensar? Imagina que a Toyah descobria isto...

Mas o tom mudou abruptamente quando Claire disse a Zarco que o marido tinha descoberto a relação. A reputação de Sean precedia-o e, de repente, as mensagens de Zarco tornaram-se mais formais. Escreveu a Claire a acabar com a relação e, pelas respostas da acupuncturista, o fim do caso tinha-lhe doído bastante, tal como a ele. Pelos vistos, estavam

apaixonados, embora Zarco – um convicto católico romano – nunca tivesse escondido que não deixaria Toyah. Não o culpo por gostar de Claire. Era uma rapariga atraente. Mandeí uma mensagem de condolências a Toyah – do meu telefone – e disse-lhe que iria vê-la de manhã, se ela achasse bem.

Entretanto, tomei nota do telemóvel de Claire e decidi falar com ela do que acontecera quando voltasse a vê-la a sós em Hangman's Wood. O telefone «para outras coisas» ficara sem bateria e não tinha o carregador adequado, pelo que o guardei na gaveta da minha secretária; além disso, tinha agora um trabalho importante a fazer como novo treinador e gestor do plantel do London City. Telefonei a Phil Hobday a contar-lhe o que já sabia; de seguida, falei a Ken Okri, o capitão da equipa, e informei-o de que fora nomeado para o lugar de Zarco; depois liguei a Simon Page a propor-lhe que me substituísse como treinador adjunto e, como ele aceitou, pedi-lhe que se encarregasse da sessão de treino de segunda-feira de manhã.

– A polícia disse alguma coisa sobre o que aconteceu ao Zarco? Porque no Twitter corre o rumor de que foi morto à pancada.

Simon era de Doncaster e quando falava fazia-me lembrar Mick McCarthy.

– Parece que é a hipótese que eles estão a explorar.

– Nem todos gostavam tanto dele como tu e eu, Scott.

– Era o estilo dele como treinador – disse eu. – Metade das vezes não falava a sério. Era só provocação, jogo psicológico.

– Em qualquer outra profissão, estaria bem, não no futebol – respondeu Simon. – Mas há muita gente que

não esquece aquele tipo de observações. Não esquece e aprende a odiar. Alguns dos comentários que vi no Twitter não são nada lisonjeiros. «Falavas de mais, estavas a pedi-las», esse tipo de coisas. Por isso gostei que tivesses feito aquele discurso em Hangman's Wood. Estive a vê-lo de novo no YouTube. De facto, vi-o várias vezes. Estiveste muito bem e ajuda a contrabalançar aqueles comentários negativos, sabes? Toda a gente agradece. Espero ser tão bom treinador adjunto como tu foste.

– Obrigado, Simon. E serás, estou certo disso.

Quando acabámos de falar da equipa e do nosso próximo jogo, peguei no meu *Mac* e vi-me no YouTube, como não podia deixar de ser. Na verdade, queria ver se tinha algumas parecenças com o homem que ia substituir e que sempre fora um mestre da motivação. Sinceramente, tinha as minhas dúvidas.

Alguém que estava por detrás de mim tinha gravado o discurso com um *iPhone* – não sei quem e isso tão-pouco importava –, mas tinha também filmado as reações dos jogadores e, ao observá-los, foi um plano de Ayrton Taylor que me chamou a atenção. Taylor era o jogador humilhado por Zarco diante de todos na sessão de treino anterior ao jogo contra o Leeds e que a seguir foi incluído na lista de transferências. Estava mesmo atrás de Ken Okri e, a princípio, não sabia porquê, mas houve algo nele que me deixou curioso. Então, percebi o que era: quando Taylor mexeu no cabelo com a mão esquerda, vi que tinha a mão ligada.

Um bom treinador sabe tudo sobre as lesões dos seus jogadores, especialmente as dos que estão à venda, porque a primeira coisa que acontece antes de se fazer um acordo de transferência para um novo clube é

submeter o jogador a um exame médico, e intrigava-me que a lesão de Taylor me tivesse escapado, sobretudo sendo canhoto.

Podia ter telefonado a Nick Scott, o médico da equipa, e perguntar-lhe pela mão de Taylor, mas era muito tarde e não queria incomodá-lo no caso de me ter confundido.

Por isso, liguei a televisão e procurei o canal do London City na Sky. Passei rapidamente a homenagem a Zarco e acabei por encontrar aquilo de que estava à procura: imagens das duas equipas a entrar em Silvertown Dock umas horas antes do jogo. Vi-me a mim mesmo – com um aspeto ridículo enfiado no fato de treino cor de laranja – a caminhar na frente dos jogadores em direção aos balneários, vi Ken Okri brincando com Christoph Bündchen, Xavier Pepe e Juan Luis Dominguín a ouvir música nos seus auriculares *Skullcandy* e, por fim, Ayrton Taylor vestido com a roupa normal. Fiz pausa e, com o comando remoto da Sky, fui andando com a imagem, plano a plano, até obter exatamente o que queria. Era um plano da mão esquerda de Ayrton Taylor. Vi-o olhar para o enorme *Hublot* que levava no pulso, o mesmo tipo de relógio que Viktor me tinha oferecido no Natal.

Taylor não tinha a mão ligada. Por isso, a lesão tinha de se ter dado no tempo decorrido entre a chegada da equipa a Silvertown Dock e o meu discurso em Hangman's Wood, um intervalo de tempo durante o qual João Zarco tinha provavelmente sido espancado até à morte.

Capítulo 20

A casa de João e Toyah Zarco em Warwick Square ficava a dez minutos do meu apartamento em Chelsea. Pimlico é uma zona tranquila às sete da manhã de domingo, e, enquanto conduzia o *BMW* de Sonja junto ao rio, esperava que fosse suficientemente cedo para não encontrar fotógrafos e jornalistas que, pela mensagem que Toyah me enviara, se tinham postado diante da sua porta até altas horas da noite. Estava enganado. Havia muitos e pareciam ter passado lá toda a noite. Praguejando, dei umas voltas ao redor dos jardins comunitários até sair do carro do outro lado da praça, em frente à grande casa que os Zarcos estavam a remodelar. Tinha um andaime oculto por detrás de um tapume exatamente igual ao da casa contígua e no qual se anunciava como sendo «antirruído». Erigido pelo empreiteiro para impedir as queixas dos vizinhos, não parecia cumprir o seu propósito; apesar de ser domingo, ouvia o ruído das perfuradoras. Enviei uma mensagem a Toyah a dizer que me aproximava da porta principal e dirigi-me para o outro lado da praça e da elegante mansão de seis pisos de estuque branco que os Zarcos tinham alugado enquanto a Lambton Construction Company tentava acabar as amplas obras antes do prazo.

No último minuto, a multidão de jornalistas reconheceu-me e, desesperados por conseguirem algo que pudessem reportar, rodearam-me como uma matilha de bigles enquanto um agente da polícia me ajudava a subir as escadas ao fundo das quais se abria a porta.

– Scott! Scott! Aqui, Scott!

– Lamento pelo Sr. Zarco – disse o polícia. – É uma grande perda para o futebol. Sou adepto do London City.

– Obrigado – respondi, e entrei rapidamente no *hall*.

Os jornais de domingo jaziam intactos no chão de azulejos brancos e pretos, o que era, provavelmente, o melhor lugar para estarem. Em todos se falava do assassinio de Zarco, evidentemente, e a maior parte deles incluía uma lista de algumas das suas declarações, como que a insinuar o motivo da sua morte: falava de mais. E uma pequena parte de mim não deixava de concordar com isso.

Uma mulher alta, loura e magra, com uns óculos de armação preta, fechou a porta e suspirou fundo.

– Olá, Toyah. Como é que te estás a aguentar?

– Não muito bem – respondeu. – Só me faltava isto – e apontou para a porta. – Sinto-me uma prisioneira na minha própria casa. Passaram ali toda a noite. Ouvia-os na conversa, como quem está à espera de conseguir uma entrada para o Centre Court em Wimbledon. A eles e à rádio da polícia. Queria pedir-lhes que a desligassem, mas para isso teria de abrir a porta.

Sentia a dor sufocar-lhe a voz. Abanou penosamente a cabeça, tirou os óculos, enxugou os olhos azuis-claros e assoou-se com um lenço que parecia insuficiente para tamanho sofrimento. Pôs-me os delgados braços à volta

do pescoço e disse:

– Não seria capaz de dormir, ainda que quisesse. Mesmo agora me vêm tantas coisas à cabeça. Sei que eles estão a fazer o trabalho deles, mas não sei o que realmente querem. Talvez uma fotografia minha com este aspeto horroroso: as lágrimas da viúva enlutada. É o que os jornais vendem, não é?

Suspirou.

– Por estranho que pareça, é dos vizinhos que tenho pena. Além de tudo o que tiveram de suportar desde que nos mudámos para aqui, agora monta-se este circo mediático.

Cheirava a vinho branco e a perfume e parecia muito cansada. Tinha o cabelo louro-arruivado firmemente preso com um elástico preto. Como tantas outras mulheres australianas, Toyah procurava evitar o sol, mas a T-shirt preta e lisa e as calças que vestia faziam-na parecer ainda mais pálida do que na realidade era.

– Sinto muito – disse-lhe.

– Obrigada por teres vindo – respondeu em voz baixa.

– Sinto muito a falta dele. Mais do que consigo expressar.

– Uma amiga enviou-me uma ligação para o YouTube do que tu disseste. Foi muito simpático da tua parte. E estava a pensar... gostava que falasses dele no funeral. Se não te importares.

– Claro, tudo o que quiseses.

Toyah começou a chorar de novo e abracei-a com força. Passado um momento, afastou-se e voltou a assoar-se.

– Devo ter um aspeto... – disse.

– Que aspeto querias tu ter se te morreu o marido?

– Acho que o de Lady Macbeth. *O que está feito não pode ser desfeito*. Interpretei o papel no Old Vic. Foi lá que conheci o Zarco. O Patrick Stewart, o ator, apresentou-nos. É adepto do Huddersfield Town Football Club. O Zarco gostava que continuasse a apoiar a equipa da sua cidade natal.

– Eu sei, o João contou-me.

– Apetece-te um café, Scott?

– Por favor, se não te importares.

Descemos umas escadas abertas de ferro e entrámos numa cozinha *Bulthaup* enorme que tinha um aspeto tão limpo e funcional como um laboratório suíço. Na parede havia um grande quadro de Ned Kelly, o fora da lei australiano, imaginado por Sidney Nolan. Sabia que Zarco admirava o célebre fora da lei pela simples razão de que, tal como Kelly, também ele se via como um inimigo das classes dominantes, pelo menos no mundo do futebol. Em mais do que uma ocasião, tinha dito que a melhor maneira de melhorar as coisas no desporto inglês seria «comprar uma guilhotina e cortar umas quantas cabeças».

– Estás sozinha? – perguntei, procurando a governanta brasileira que normalmente deambulava por ali.

– Mandeï a Jerusa para casa. Aos domingos vai sempre à missa à catedral de Westminster. Eu também iria se pudesse sair de casa. Além disso, foi o João que a contratou e não tenho a certeza de que esteja legal, por isso, com a polícia a entrar e a sair ontem à noite, achei melhor que não estivesse cá enquanto isto durar.

– Provavelmente, foi uma boa ideia – aquiesci. – É melhor não os desafiar.

Toyah parou em frente à cafeteira *Miele* e suspirou exasperada.

– Receio não saber como funciona – disse. – O Zarco gostava de fazer estas coisas. Eu nunca aprendi.

– Espera. Deixa-me fazer isso que o modelo é o mesmo que eu tenho em casa.

Toyah assentiu.

– Tinha-me esquecido. Café é contigo, não é?

Apoiou-se no balcão e observou-me com atenção enquanto punha a máquina a trabalhar.

– Foi a inspetora-chefe Byrne que cá veio, não foi? – perguntei.

– Não sei, não me lembro.

– Uma mulher parecida com a Tilda Swinton.

Toyah acenou afirmativamente.

– Disse-te como achavam que o Zarco tinha sido morto?

– Disse que tinha sido com um golpe na cabeça. E que tinha outras lesões que indicavam que fora fortemente espancado.

Encolheu os ombros.

– Disse mais coisas, mas a partir daí deixei de ouvir durante um bocado.

– Compreendo.

– Disse-me que te tinhas oferecido para identificar formalmente o corpo. É verdade? Porque eu daria tudo para não ver o Zarco estendido numa morgue. Os hospitais e o cheiro a éter sempre me puseram em pânico. Acho que desmaiaria. É uma das razões por que nunca tivemos filhos. Sou muito sensível. Começo a tremer quando vejo sangue.

– Eu sou assim com a polícia. Mas, sim, vou identificá-lo. Não me custa nada.

– Obrigada, Scott.

– Se houver alguma coisa que possa fazer, por favor, não hesites. Manresa Road fica apenas a dez minutos de carro. Se não quiseses estar sozinha, podes instalar-te lá com a Sonja e comigo.

– Agradeço, mas não. Acho que prefiro ficar aqui, pelo menos por agora. Além disso, a polícia volta esta tarde. Suponho que com mais perguntas.

– Fico um bocado ansioso quando há muita polícia – disse. – Também não estou particularmente feliz com a ideia. Esta tarde vou a Hangman’s Wood. A inspetora Byrne quer interrogar todos os que estiveram em Silvertown Dock ontem à tarde.

– Parece-me um pouco excessivo.

Toyah sorriu levemente.

– Havia lá sessenta mil pessoas.

– Toda a gente do clube. Desde o roupeiro à nossa estrela atacante. Até o Viktor Sokolnikov vai ser interrogado.

– Ainda bem, porque, pessoalmente, ponho-o no topo da lista dos possíveis suspeitos.

– Que queres dizer com isso?

– Ora, sabes o que quero dizer. O passado dele na Rússia. Todos aqueles oligarcas são gente duvidosa, Scott. Viktor Sokolnikov mais do que a maioria. Nunca confiei nele. Ninguém gosta de dececionar pessoas assim, não achas? Estou bastante convencida de que o Zarco tinha medo dele.

– Não, não tinha nada – disse eu.

– Tu não tens?

– Não, nada.

– Estou surpreendida. Já viste os rufias de que ele anda rodeado?

– São guarda-costas. Tem de ter cuidado. Está bem, não gostaria de me meter com nenhum deles. Mas o Viktor é bom tipo. A sério.

Fiz uma pequena pausa.

– Ele pediu-me que passasse a ser o treinador, Toyah. Queria que fosses a primeira a sabê-lo. Antes de dizer publicamente que respondi que sim. Parece muito cedo estar a nomear outra pessoa, mas...

– Mas terça-feira há o jogo da Taça da Liga inglesa. Sim, eu sei.

Assentiu com a cabeça.

– Agradeço que mo tenhas dito, Scott. Espero que saibas onde te estás a meter. E lembra-te do que te disse: o Zarco tinha medo dele.

– Obrigado pelo aviso, mas em relação a quê, exatamente?

– Lembras-te dos comentários do Zarco sobre o Mundial do Catar?

– Claro que sim.

– Foi o Viktor quem o instigou a fazê-los.

– Porquê, valha-me Deus?

– Não sei. Mas acho que tem qualquer coisa que ver com os direitos do nome da Coroa de Espinhos. Não me peças que te explique porque não posso.

– Está bem, mas disseste alguma coisa à polícia?

– Que ele tinha medo do Viktor Sokolnikov? Posso tê-lo mencionado, mas não disse nada dos catarenses.

– Que mais te perguntaram?

– Nada em concreto. Foram coisas mais genéricas. Se tínhamos recebido ameaças ou telefonemas anónimos em casa. Se tinha preocupações económicas.

– E tinha?

– Não, não creio. Mas nunca me contava nada que

me pudesse preocupar. A inspetora também me perguntou por uma fotografia do Zarco que tinham encontrado num buraco no campo na Coroa de Espinhos. Não sabia de nada. Ele não me contou. Senti-me uma idiota. Tu sabias de alguma coisa?

– Sabia. Ele disse-me que esquecesse o caso e não contasse a ninguém. Achava que tinham sido *hooligans* e eu também. Suponho que não quisesse preocupar-te.

Quando o café ficou pronto, ofereci-lhe uma chávena. Rodeou-a com as mãos, a aquecer-se. Na verdade, não fazia muito calor na cozinha. Eu continuava de casaco vestido e estava contente com isso.

– Que lhe contaste?

– Sobre quê? As ameaças, os inimigos, esse tipo de coisas?

Acenei afirmativamente.

– Além das ameaças e dos insultos que recebem quando jogam no campo do Liverpool ou do Manchester United? Ou do que cantavam em Stretford End? *Um João Zarco, um só João Zarco. De toda a sua casta, é ele o pederasta.* Encantador. Não sei como vocês aguentam, Scott. A sério, não sei.

– Às vezes é duro.

– Não é que o Zarco fosse nenhum santo. Sabes melhor que ninguém como ele era, Scott. Era capaz de irritar as pessoas como ninguém. Eu incluída. Provavelmente, não devia ter dito a essa inspetora que houve algumas vezes que a mim própria me apeteceu matá-lo. Mas disse-o e é verdade.

Sorveu o café ruidosamente.

– Por isso, sim – continuou. – Tinha inimigos. Gostava de dizer-te que as coisas eram diferentes em

casa, mas também nunca ganharíamos nenhum concurso de popularidade. Desde que começámos as obras no número 12 que temos recebido muitas queixas, para não falar em várias medidas para atenuarmos o ruído. Não achas irónico que eu tenha participado todos aqueles anos na série *Neighbours*? O Zarco chegou a andar à pancada com o empreiteiro.

– Porquê?

– Deitaram abaixo uma casa de banho no número 12 que queríamos manter. Havia duas casas de banho vitorianas, uma ao lado da outra, e desapareceram. Pensamos que as roubaram. Resumindo, a coisa esteve em litígio até há umas semanas. Agora parece que está tudo resolvido, mas já não importa.

– Que vais fazer?

– Voltar para a Austrália. Logo que termine o funeral. Acabo a casa e vendo-a. Não suporto estar aqui. Sinto-me menos bem-vinda nesta praça do que um criminoso de guerra nazi.

Assenti com a cabeça.

– Toyah, sei que isto é difícil, mas se te lembrares de alguma coisa que possa ajudar a polícia a descobrir quem o matou, agradeço que mo digas. Pode ser qualquer coisa que te pareça estranha. Qualquer coisa de que não soubesses. Algo que possa fazer encaixar as peças. Como sabes, tenho razões para desconfiar da polícia e quero assegurar-me de que tudo se faça para encontrar o assassino do Zarco, mesmo que tenha que fazer eu de detetive.

– Ótimo, fico contente com isso.

Fez um gesto de assentimento.

– Ele tinha razão acerca de ti, Scott. Sempre disse

que eras o tipo mais digno de confiança do clube. Faz com que ele se sinta orgulhoso, está bem? É tudo o que te peço. Vai e ganha o próximo jogo pelo Zarco.

Capítulo 21

Voltei a Manresa Road para que Sonja dispusesse do carro quando regressasse da conferência em França. Voltámos a falar por telefone e disse-me que ia a caminho da Gare du Nord para apanhar o Eurostar, o que me alegrou muito. Tê-la ao meu lado fazia-me sentir melhor em todos os aspetos.

Logo que a companhia de táxis me enviou uma mensagem a confirmar que tinha um condutor à espera em frente do edifício, agarrei na pasta e saí. Era um dia gélido de janeiro e o sol estava tão pouco definido no céu uniformemente branco que era quase invisível. Com a cara envolta na gola do meu novo casaco de inverno – um presente de Natal de Sonja – abri caminho por entre os numerosos operadores de câmara e entrei para a parte de trás do veículo. Tentei convencer-me de que tinha sorte em trabalhar num desporto que despertava tanto interesse nos meios de comunicação social, de que se não fosse o futebol, ninguém ali estaria, mas não deu resultado. Sentia-me acossado e pressionado, não só pela imprensa, mas também pelo meu novo cargo e pelas responsabilidades adicionais que o meu patrão me tinha dado. Como é que era possível conseguir dirigir uma equipa de futebol da I Liga e resolver um crime grave?

Logo a seguir, como se me tivesse lido a mente, recebi uma mensagem de Simon Page a perguntar se devíamos jogar com a equipa titular contra os Hammers numa competição como a da Taça da Liga. A resposta era simples. Não obstante o que pensem os adeptos famintos de títulos, o dinheiro acaba sempre por pensar por nós: permanecer na I Liga valia entre quarenta e sessenta milhões de libras anuais para um clube; um lugar na fase de grupos da Liga dos Campeões, cerca de vinte e cinco milhões; a Taça da Liga inglesa não valia nada. Nem sequer tinha a certeza de querer continuar na competição; com a taça Mickey Mouse, era por vezes melhor perder do que ganhar, e em matéria de taças envenenadas, esta era mais tóxica do que a maioria. Mas ainda pior do que ganhar a Taça da Liga era a possibilidade de o vencedor ser obrigado a jogar na Liga Europa, uma competição que significava a pior dor de cabeça do futebol. Respondi com uma palavra: «RESERVAS.» Quem sabe? Talvez descobríssemos outra estrela como Christoph Bündchen; mas, se Zarco não tivesse despedido Ayrton Taylor, Bündchen teria continuado no banco.

Guardei o *iPhone* no bolso e concentrei a atenção no *iPad*. Tinha descarregado o *Sunday Times* para ler no caminho para Hangman's Wood. Havia algumas belas homenagens a Zarco da parte de outros treinadores e jogadores, mas no que dizia respeito às circunstâncias da sua morte, os jornalistas não tinham grande coisa a dizer, abundando informação sobre o homem que provavelmente o substituiria em breve e sobre o seu pitoresco passado; por outras palavras, sobre mim.

Li-a com o tipo de fascínio horrorizado que teria sentido se estivesse a ler o meu necrológio, o que,

considerando que uma pequena parte de mim morreria com Zarco, não estava muito longe da realidade:

Depois da morte de João Zarco, as especulações rodeiam a nomeação de um novo treinador do London City, mas, a curto prazo, pelo menos, parece provável que o lugar seja preenchido por Scott Manson, adjunto de Zarco, de trinta e nove anos. Nascido na Escócia, Manson é filho de Henry «Jock» Manson, que jogou no Heart of Midlothian de Edimburgo e alinhou em cinquenta e dois jogos pela sua seleção. Também foi jogador do Leicester City antes de fundar a Pedila Sports Shoe Company em 1978, que atualmente gera quase quinhentos milhões de dólares por ano de receita líquida. Recentemente, Manson recusou uma oferta do gigante russo de roupa desportiva Konkurentsiya para adquirir a empresa por cinco mil milhões de dólares. Henry Manson era um velho amigo do treinador português, um dos primeiros jogadores a usar umas chuteiras Pedila quando jogava no Celtic.

Scott Manson, diretor da empresa de seu pai, onde auferia um salário de mais de dois milhões de libras por ano, era um rapaz com talento para o futebol e jogou no Northampton Town quando ainda estudava na escola secundária. Fez parte da equipa que ganhou o campeonato 1986-1987 da Quarta Divisão com um recorde de noventa e nove pontos.

Optando por Línguas Modernas na Universidade de Birmingham em vez de pela via do futebol profissional, Manson jogou e treinou na equipa universitária e foi jogador a tempo parcial dos Stafford Rangers, onde foi descoberto pelo famoso John Griffin e, depois da licenciatura, assinou contrato em 1995 com o Crystal Palace, clube em que jogou como defesa-central às ordens

de Dave Bassett. Depois de uma época malsucedida na I Liga, o Palace desceu de divisão e Manson foi vendido ao Southampton, onde marcou dezasseis golos às ordens de Glenn Hoddle e, mais tarde, Gordon Strachan. O Southampton obteve bons resultados na época 2001-2002 e melhores ainda um ano depois, quando Manson foi vendido ao Arsenal com vinte e sete anos de idade. Mas a sua carreira futebolística chegou ao fim quando, em 2004, foi condenado injustamente por violar uma mulher numa estação de serviço da A414, no município londrino de Brent. Manson cumpriu dezoito meses de um total de oito anos de cadeia, mas a sentença foi revogada pelo Tribunal de Última Instância, tendo desde então ascendido lentamente no futebol como treinador estagiário, primeiro no Barcelona e depois no Bayern de Munique.

Zarco tinha treinado o Braga e uma equipa brasileira, o Atlético Mineiro, antes da sua primeira época no London City, mas foi despedido em 2006 por um desentendimento com o multimilionário e proprietário do clube, Viktor Sokolnikov, e foi treinar o AS Monaco, regressando ao London City em 2013, com Scott Manson como treinador adjunto. A mãe de Manson é alemã e ele fala a língua fluentemente; também fala espanhol, francês, italiano e russo, o que poderá ser um dos motivos da sua boa relação com Sokolnikov, de origem ucraniana. Manson, que possui um MBA do INSEAD, a escola internacional de negócios de Paris, é geralmente considerado um dos homens mais inteligentes no mundo do futebol e partilha o apartamento em Chelsea com Sonia Dalek, uma psiquiatra especializada em perturbações do comportamento alimentar e autora de vários livros sobre o assunto.

A morte de Zarco marca o fim de um mês trágico no futebol inglês: há duas semanas, tivemos o suicídio de Matt Drennan, a tumultuosa ex-estrela inglesa, amigo chegado de Scott Manson e antigo companheiro de equipa no Arsenal.

Sonia Dalek era, na realidade, Sonja Halek. Na escola, chamavam-lhe Rainha Dalek, e eu sabia que ela não gostava desse erro que comumente se cometia, por isso, imaginei que não ia ficar muito contente por lho recordarem. Eu tinha quarenta anos e não trinta e nove, e só marcara catorze golos no Southampton. Não falava uma palavra de russo, ainda que tivesse querido aprendê-lo muitas vezes. O meu MBA era da London Business School e não recebia nenhum salário da Pedila. Eram-me pagos dividendos anuais que eram muito inferiores aos dois milhões de libras. E a empresa russa Konkurentsiya tinha oferecido mil milhões de libras pela Pedila depois de comprar vinte e sete por cento das ações.

Com exceção de tudo isto, a notícia do jornal estava cem por cento correta.

A imprensa também estava às portas de Hangman's Wood, mas a entrada nas instalações de treino do clube ficava tão longe dos edifícios que era em vão a sua presença ali e quase me senti mal por aqueles sacanas. Sabia que a maior parte dos jogadores já tinha chegado porque o parque de estacionamento parecia a Feira Automóvel de Genebra.

Aproximámo-nos da entrada, onde já se encontrava o autocarro da equipa para nos levar para Silvertown Dock. Saí do carro e, por momentos, fiquei a observar, através da parede de vidro do pavilhão, algumas reservas que estavam a realizar uma

sessão informal de passes.

Pareciam muito novos – demasiado novos para lutarem contra uns rufiões como os do West Ham – e estava convencido de que, apesar de estar próximo do fim da tabela, o treinador dos Hammers tomaria a mesma decisão que eu: achei que precisavam ainda mais de dinheiro do que nós para nos mantermos na I Liga.

Houve um jogador que rapidamente me chamou a atenção: Zénobe Schuermans, um médio belga de dezasseis anos que tínhamos comprado no verão ao Club Brugge por um milhão de libras. Tinha-o visto num vídeo de uma partida amigável com o Hamburgo, na qual marcou diretamente num pontapé de canto. Não admira que Simon Page considerasse Schuermans o jogador de dezasseis anos com mais talento que vira desde Jack Wilshere. Enquanto o observava, começou de repente a fazer uma demonstração de habilidades própria de um anúncio de futebol *freestyle* da Nike; era hipnótico, a melhor coisa que tinha visto desde que Zlatan Ibrahimović deu aqueles toques com uma pastilha elástica, e por momentos comecei a sonhar com o que um miúdo como aquele podia fazer por nós.

Uns segundos depois quase tive um ataque de coração quando uma bola bateu contra o vidro diante da minha cara. O impacto teve apenas o efeito de me quebrar os pensamentos; virei-me e transpus a porta principal.

Capítulo 22

Vários jogadores mais velhos esperavam pacientemente à entrada e calaram-se quando eu entrei. Pareciam todos tristes, como pedia a ocasião. Alguns vestiam-se de luto ou envergavam o tradicional fumo. Simon Page pôs de lado o *Mail on Sunday* e levantou-se do sofá da sala de espera para me cumprimentar. Maurice também. Mas nem que tivesse comigo um taco de lacrosse conseguiria apagar a sensação de não ser o verdadeiro treinador do London City. Da última vez que fizéramos aquilo, Zarco ainda estava vivo. Duvido que alguém ali ignorasse esse facto.

Foi então que vi um sacerdote católico romano junto de Ken Okri.

– Está toda a gente? – perguntei com um olho posto no padre.

– Está, chefe – respondeu Simon.

Quando vi que tinha a atenção de todos, anunciei o que provavelmente já sabiam, isto é, que aceitara a oferta de Viktor como treinador.

– É tudo o que tenho a dizer por agora – afirmei. – Em breve ouvirão mais da minha parte. A propósito: se publicarem no Twitter, controlem-se. Bem, todos para o autocarro. Quanto mais depressa lá chegarmos, mais depressa vimos para casa. E, já agora, nada de

auriculares nem *Skullcandy*, por favor. Este é o dia mais triste na história do clube, por isso, por favor, procedam em conformidade quando chegarmos ao nosso destino.

– Chefe – disse Ken. – Este é o padre Armfield, da igreja de St John, em Woolwich. Antes de entrarmos no autocarro, se lhe parecer bem, gostávamos de rezar uma pequena oração pelo Sr. Zarco. É domingo.

– Claro – respondi. E baixei a cabeça, desejando ter tido o bom senso de convidar um padre aquela manhã. Zarco era um católico romano devoto, e eu também. Ser católico foi o que me ajudou a sobreviver na prisão. Pelo menos, era o que dizia a mim próprio. O padre foi uma agradável surpresa. Mas havia mais no autocarro: os jogadores começaram a cantar *Abide with Me*, o hino da Taça de Inglaterra. Surpreendeu-me que soubessem a letra – afinal, muitos deles eram estrangeiros –, mas logo vi que a tinham descarregado nos telemóveis. Podia ter-me juntado a eles, mas não era capaz porque a emoção mo impedia e, por momentos, vi-me transportado para o Millenium Stadium do Cardiff em 2003, a única final da Taça de Inglaterra em que participei. Impressionou-me muito aquela mostra de lealdade a Zarco e só desejava que Matt Drennan ali estivesse para a ouvir, pois ninguém gostava mais daquele hino do que ele.

A rota que o autocarro seguiu, em direção a oeste pela B1335, passando por Aveley e Wennington, era bastante conhecida entre os habitantes do East End e, para nossa surpresa – afinal, o London City não deixava de ser um clube novo –, havia muita gente ao longo da estrada a prestar condolências. Vinte minutos depois passávamos lentamente as portas de Silvertown Dock

para não esmagar as centenas de adeptos que ali se haviam reunido, nem os numerosos ramos de flores que tinham deixado em sinal de respeito por Zarco. Quase não se viam os portões, ocultos sob um monte de cachecóis cor de laranja. Havia velas acesas e toda a zona parecia o cenário de um desastre nacional: um acidente ferroviário ou a morte de um membro da família real.

– O presidente acompanha-nos? – perguntei a Maurice.

– Acompanha.

– E o Viktor?

– Virá mais tarde, com o Ronnie. Achou que seria melhor encontrar-se com eles aqui do que fazê-los ir à KPG.

– Quando entrarmos, é melhor lewares os jogadores para a sala de vídeo – disse a Simon. – Podem ver o jogo do Tottenham enquanto esperam pela vez com a inspetora-chefe Byrne.

– Muito bem, chefe.

– Maurice, quero que vás ao meu gabinete. Temos muito que falar.

– Se temos.

Entrámos pela porta sul, onde, sobre um cavalete preto com uma coroa de louros da mesma cor, havia uma fotografia emoldurada de Zarco, uma versão maior da fotografia de Mario Testino que encontráramos na cova.

Naturalmente, já tinham chegado vários agentes à civil e homens fardados da polícia de Essex. Provavelmente, tinham passado ali a noite. O corredor que conduzia ao local do crime estava isolado.

Simon levou os jogadores para a sala de vídeo e

Maurice e eu subimos à sala de executivos, onde encontrámos a inspetora-chefe Byrne e os membros da sua equipa, mas agora acompanhada também por dois inspetores que recrutara para o caso: Denis Neville, que já tinha investigado o buraco no campo, e Louise Considine, que, ao que sabia, continuava a investigar o suicídio de Matt Drennan. Ambos os casos pareciam ter acontecido há já muito tempo.

Dei os bons-dias a Jane Byrne, procurando disfarçar o melhor possível a minha aversão; afinal, ela tinha conspirado para que me engavetassem por conduzir bêbedo. Esboçou um ligeiro sorriso. Perguntava-se, sem dúvida, se iria mencionar o episódio. E eu também.

– Suponho que se lembrará dos inspetores Neville e Considine – disse.

– Sim, claro – respondi. – Obrigado por sacrificarem o domingo para estar aqui. Estamos agradecidos por isso. Inspetor Neville?

– Sim, senhor?

– Gostava de pedir desculpa por não ter sido mais cooperante quando cá estive. Se tivéssemos levado as coisas um pouco mais a sério, talvez não tivesse de cá voltar.

Neville sorriu ironicamente, como se não acreditasse no que eu estava a dizer.

– A sério, mas relativamente a isso, a decisão sobre a fotografia que encontrámos na cova não foi minha, foi do Sr. Zarco.

– Compreendo.

– Foram bem recebidos? – perguntei educadamente à inspetora-chefe Byrne. – Têm tudo aquilo de que precisam? Querem tomar alguma coisa? Um chá, um café?

– Miles Carroll e o seu pessoal estão a ser muito prestáveis – reconheceu.

Miles Carroll era o secretário do clube.

– Abriram-nos a cafetaria do pessoal.

– Ótimo. Peçam o que quiserem. Pequeno-almoço. Almoço. Jantar. Paga o clube.

– Para sua informação, pedimos a todos os que estiveram ontem na sala de executivos que cá viessem. Vamos interrogar o Sr. Sokolnikov, o Sr. Hobday e todos os convidados do município. Vamos também falar com os jogadores e o corpo técnico por ordem alfabética.

– O que me está a dizer é que vou ter de esperar?

– Na verdade, não. Estava à espera que se sentasse agora e fizesse o que ontem à noite disse que faria.

– E o que era?

– Ajudar-me, por exemplo, a identificar aqueles que o detestavam o suficiente para o matarem. Afinal de contas, conhecia-o melhor do que ninguém.

– É verdade.

– Sempre falou de mais?

Tive um ligeiro estremecimento, mas ignorei-o.

– Zarco chamava as coisas pelo nome.

– Espero que não – disse. – Isso tornar-me-ia o trabalho ainda mais difícil do que já é.

Franzi o sobrolho, perguntando-me o que queria ela dizer com aquilo.

– Desculpe?

– Quero dizer que, pelos vistos, ele se esforçava bastante por irritar as pessoas, não acha?

– Fazer jogo psicológico com as outras equipas e treinadores fazia parte do estilo dele. Toda a gente o faz. Mas sendo Zarco quem era, as pessoas prestavam-

lhe mais atenção. Era uma figura muito carismática. Atraente, eloquente e bem vestido. Era uma lufada de ar fresco depois de todos os escoceses austeros que dominavam este desporto: Busby, Shankly, Ferguson e outros.

– Se o diz... Mas acho que era mais do que simples jogo psicológico. Concorde que irritar as pessoas antes de um jogo é uma coisa, mas isto deve ter sido muito mais sério. Tendo isso em conta, Sr. Manson, esperava que fizesse uma lista definitiva dos inimigos dele.

– Claro, porque não? Suponho que assim lhe poupe o esforço de ter de andar à procura deles no Google.

– Já o fiz.

Mostrou-me no *iPad* uma lista de uma dezena de nomes que reconheci.

– Aqui.

Fiz um gesto de assentimento.

– Os suspeitos habituais. Está bem. Agora é só encurralá-los. Como fez o capitão Renault em *Casablanca*.

– O que esperava era que me encurtasse a lista.

Encolheu os ombros.

– Ou porventura acrescentar um nome ou dois que não apareçam. É isso que quero dizer com *definitiva*.

– Muito bem.

– Por favor, venha comigo e sente-se. Diga-me, Sr. Manson.

Segui-a até à outra ponta da sala. Pela janela, que tinha uma forma irregular, via-se a estrutura de aço, também irregular, que constituía o exterior do estádio. A chuva tinha-se convertido em neve; senti pena dos adeptos que continuavam lá fora. Sentei-me num sofá

de couro e voltei a ler a lista no *iPad*. Os nossos joelhos tocavam-se, o que não se podia dizer do carácter de cada um de nós. Não era feia, mas era uma cabra.

– Então, que me diz? – perguntou.

– Sobre esta lista? Se fosse um artigo para um jornal sobre as pessoas que não gostavam de João Zarco, teria feito um bom trabalho com estes nomes. Há, no entanto, uma saudável diferença entre não gostar de alguém e criticá-lo e odiar ao ponto de querer vê-lo morto. Algumas dessas pessoas são figuras altamente respeitáveis no mundo do futebol. Este é um desporto que inspira sentimentos muito fortes. Sempre assim foi. Lembro-me de o meu pai me levar a um jogo da Old Firm num dia de ano novo. O Rangers contra o Celtic, já agora. Foi muito antes da Lei sobre Comportamentos Ofensivos no Futebol e Mensagens Ameaçadoras, o que me parece um oxímoro. A ferocidade da rivalidade histórica e religiosa entre os adeptos das duas equipas era algo digno de se ver. E é justo que se diga que houve assassinatos porque um homem levava as cores erradas na zona errada da cidade. Dito isto...

– Agora vem a parte em que começa a falar deste bonito desporto?

– Não ia falar nisso, mas se me está a perguntar se algum dos homens que figuram nessa lista pode ter morto João Zarco, a resposta é um rotundo não.

Devolvi-lhe o *iPad*.

– Se quer a minha opinião sincera, foi algum adepto. Um rufia do Newcastle que queria dar uma surra ao treinador da equipa rival. Esses homens é que não.

– Percebo o que está a dizer, no entanto, alguns destes homens da lista são dados à violência. Ronan Reilly, por exemplo.

Tocou no *iPad* e abriu um ficheiro no qual aparecia uma fotografia de Ronan Reilly. Na mesma, viam-se também Charlie Nicholas, Jeff Stelling, Matt le Tissier e Phil Thompson; parecia o substituto de Paul Merson no programa *Gillette Soccer Saturday*.

– Bonito fato. Do brinco não tenho tanta certeza. Que se passa com ele?

– O ano passado, o Reilly e o Zarco chegaram a vias de facto na festa da Personalidade Desportiva do Ano da BBC, não foi?

– E então? O Reilly é um homem de opiniões fortes e respeito-o por isso.

– E também tem um temperamento exaltado. Pelo que li, em 1992, o primeiro ano de vida da I Liga, teve mais cartões vermelhos que qualquer outro jogador.

– Acredito, mas foi assim durante mais de vinte anos. E atrevo-me a dizer que levou a maior parte deles pela equipa. Faltas táticas e esse tipo de coisas. Não sabia que a polícia acusava as pessoas por serem expulsas num jogo. Mas o tempo dirá; é uma presa fácil.

– No entanto, parece que fora do terreno de jogo o Reilly também mostra o mesmo tipo de comportamento. É bom com os punhos. Quando jogava no Liverpool, houve um incidente numa discoteca com cadeiras a voar e foi atacado outro homem. Reilly foi acusado por envolvimento na briga.

– Foi julgado e absolvido.

– Mas o julgamento foi em Liverpool – acrescentou a inspetora Byrne. – Lá, era uma pessoa muito popular na metade vermelha da cidade.

– É verdade – respondi. – O resultado podia ter sido diferente com mais pessoas do Everton no júri. Ou se

tivessem testemunhado uns quantos polícias corruptos contra ele. É uma coisa que ajuda sempre a baixar os índices locais de criminalidade.

Desta vez, foi ela a ignorar-me.

– Antes de trabalhar em televisão, ele era treinador do Stoke City, não era? Onde, segundo se diz, deu um murro a um jogador no balneário e lhe partiu o maxilar. Quase foi despedido por isso.

Sorriu.

– Sinceramente, não percebo como é que alguém pode dizer que isto é um desporto belo.

– Como eu dizia, as paixões às vezes incendeiam-se. Além disso, acho que tenho razão quando digo que o jogador, que não era propriamente um santo, retirou a queixa.

– O Reilly esteve ontem em Silvertown Dock. Sabia disso, Sr. Manson?

– Não me surpreende. Era um jogo importante. E bastante bom também para nós.

Abanei a cabeça.

– Ouça, pediu-me a minha opinião. É esta. Conheço o Ronan Reilly. Não é mau tipo. Apenas ferve em pouca água. A briga que referiu na BBC não passou de uns empurrões.

– A mim pareceu-me um pouco mais. Vi no YouTube. Houve sangue. Se quiser, posso mostrar-lhe e refrescar-lhe a memória.

– Não, obrigado. Já vi bastantes vídeos no YouTube este fim de semana. Talvez estivessem à espera que as pessoas os separassem mais cedo. Além disso, tinham bebido os dois. Provavelmente, vários copos. Eu fi-lo.

– E imagino que isso o justifica, Sr. Manson.

– Não, mas é mais fácil de entender.

– Surpreendê-lo-á saber que o Reilly se ausentou quinze minutos durante o jogo de ontem?

– Alguma vez tentou comprar bebidas durante o intervalo? Pode demorar bastante.

– Não foi nessa altura. Foi durante a segunda parte. A Sky Sports cedeu-nos as imagens recolhidas pelas suas câmaras, por isso pudemos calcular a sua ausência com exatidão. E não esteve no lugar durante quinze minutos, mais ou menos o mesmo tempo que as pessoas levaram a começar a dar-se conta de que João Zarco tinha desaparecido. Também posso mostrar-lhe isso, se quiser.

– Quinze minutos a olhar para onde? Para um assento vazio? Tenho mais em que gastar o tempo.

– Ora, Sr. Manson. Que pode ser mais importante que encontrar o assassino do seu amigo?

– Perguntou ao Reilly onde tinha estado?

– Ainda não, mas tenciono perguntar esta tarde. Só queria saber a sua opinião de antemão.

– Sobre o quê? Sobre a mentalidade do Reilly? Sobre os seus antecedentes criminais? Ouça, eu aqui não passo do substituto do treinador.

– Parece que agora tem bastante responsabilidade, Sr. Manson.

– Pois parece. Com polícias como você a rondar por aqui, inspetora Byrne...

– A propósito, parabéns.

– Porquê? Por não ter ido de cana ontem à noite? Ou por ter conseguido este trabalho?

A inspetora sorriu.

– Pelo trabalho, evidentemente. Mas passar um teste de alcoolemia também é motivo de festejo. E, ao contrário de tantos outros profissionais do futebol, nem

sequer teve de recorrer ao advogado Nick Freeman.

– Que descaramento – comentei.

– A que está a referir-se, Sr. Manson?

– A ter tentado tramar-me. Não vale a pena negá-lo.

Sei que estava por trás da tramoia. Você e o seu amigo, o comandante Clive Talbot, membro da Ordem do Império Britânico, acharam que podiam amaciar-me, não era? Conseguir que cooperasse mais. A próxima vez que for aos sanitários, assegure-se de que é a única senhora que lá está. Usei a palavra «senhora» no sentido mais lato possível.

Franziu o sobrolho, como se estivesse a tentar recordar-se se tinha verificado todas as cabinas e corou um pouco.

– Entendo.

– Lamento não ter podido ser-lhe mais útil – disse. – Não me lembro de ninguém que ache que pudesse ter morto o Zarco. O que me lembrei foi da razão por que não gosto da polícia.

– Como se o tivesse esquecido...

– Terminámos? Está tudo?

– Ainda não. A Sr.^a Zarco diz que o marido tinha uma aventura com a acupuncturista do clube – acrescentou Byrne. – É a Sr.^a Claire Barry, não é assim?

– É o nome dela, sim.

– O marido, Sean, gere uma empresa de segurança privada chamada Cautela Limited. Segundo o Google, acabam de conseguir um grande contrato com algumas equipas do Mundial da Rússia e do Catar. O Zarco não foi muito elogioso com os catarenses, não é verdade? Muitos dos empregados da Cautela são antigos membros do MI5 e do MI6. Podiam perder o trabalho se o projeto não fosse para a frente. Podiam

estar chateados com ele por causa disso. Tanto profissional como pessoalmente. Talvez o suficiente para darem cabo dele.

– Diga-me você, que é quem tem os contactos no Ministério do Interior.

Levantei-me.

– Só para que saiba, o João Gonzales Zarco era meu amigo. Mas não me importa muito que consiga ou não descobrir o assassino. Não mo trará de volta. A única coisa que me interessa é este clube de futebol, os seus adeptos e o jogo de terça-feira à noite.

– Foi muito claro, Sr. Manson. Dadas as circunstâncias, também eu serei clara. Odeio o futebol. Sempre o odiei. Acho que é a maior maldição da vida moderna. Até ontem, a última vez que tinha estado num campo foi em maio de 2002, era eu uma jovem agente e tive de ajudar num encontro em que o Millwall perdeu uma eliminatória contra o Birmingham City; eu fui um dos quarenta e sete agentes que ficaram feridos ao tentar conter a violência que estalou, isto para não falar de vinte e quatro cavalos da polícia. Que tipo de pessoa crava uma garrafa partida num cavalo ou fere uma mulher-polícia, concretamente a mim? Só posso sentir desprezo pelas pessoas que vão ao futebol, desprezo por adolescentes cheios de dinheiro que jogam este desporto, para não falar dos ególatras que treinam no que vocês chamam clubes. Descobrirei o assassino do Sr. Zarco, prometo que o farei. Mas se, ao fazê-lo, puder também ridiculizar o futebol e este lugar, tanto melhor.

– Pois faça o que quiser – disse. – Mas tenho a sensação de que não será nada em comparação com o ridículo da polícia em Hillsborough.

Capítulo 23

– Como correu? – perguntou-me Maurice.

– Como era de esperar. O que quer dizer, muito mal. A inspetora-chefe Byrne não é flor que se cheire, garanto-te. Posso afiançar-te que nos odiamos um ao outro.

– Depois do que aconteceu ontem à noite, não me surpreende. Tenho um colega na Scotland Yard que diz que ela só para quando estiver lá em cima.

– Em cima de quê? Dum monte de merda?

– Esta caiu-te mal, hem?

– Digamos que ela não gosta do futebol. Agora aposta tudo no Ronan Reilly como sendo o assassino do Zarco.

– Esse cabrão nunca me caiu bem.

– É ele ou o Sean Barry.

– O Sean?

Maurice fez uma careta.

– Não creio que o Sean possa ter morto o Zarco.

– Não?

Tocou o meu telefone na secretária. Era Simon Page.

– Estão aqui duas pessoas da FA – disse. – Pelos vistos, foram a Hangman's Wood.

– Da FA? Que raio é que eles querem?

– São da DCO e da FATSO. Querem amostras de

urina de quatro jogadores escolhidos ao acaso.

A DCO era a Autoridade Antidopagem Britânica e a FATSO a Associação de Supervisão do Futebol. Têm muitíssimo poder e o mais sensato era cooperar com eles em tudo o que pedissem; tornou-se famosa aquela vez em que uma equipa da DCO tinha pedido a Andy Murray um exame de controlo quando estava de saída para o palácio de Buckingham onde ia ser condecorado como membro da Ordem do Império Britânico.

– Escolhem sempre o momento adequado, não é? E é melhor fazer o que eles pedem.

Desliguei o telefone.

– Quem era? – perguntou Maurice.

– Controlos de dopagem. Como se já não houvesse complicações suficientes com a polícia aqui. Estavas a falar-me do Sean Barry.

– Ao que parece, descobrir que o Zarco andava metido com a mulher levou-o a revelar que ele também tinha uma amiga. Mais do que uma, na verdade. Por isso, podemos excluir os ciúmes. Pelos vistos, sente mais a morte do Zarco do que a própria mulher. Acha que isto vai reduzir as nossas possibilidades de ganhar qualquer coisa esta época.

– Talvez tenha razão. Suponho que foi também a tua amiga Sarah Crompton que te contou, não?

– Foi.

– Então, riscamo-lo da lista.

– Acho que sim.

– E o filho do árbitro... o Jimmy Sharp? Que descobriste dele?

– Também está de fora. Concorreu para a Champion Hall, na Universidade de Oxford. Vai estudar

teologia logo que deixe os Royal Marines. Disseram-me que quer fazer-se padre. Saiu um artigo sobre ele no *Daily Telegraph* há umas semanas.

– Sendo assim, não parece que seja muito vingativo.

– Além disso, tem um bom álibi. Porque, quer dizer, se a polícia achar que foste tu, não vai deixar de te ter debaixo de olho, por mais seguidor de Jesus que sejas. Não te esqueças do reverendo Green, no *Cluedo*.

– Agora passou a ser Mr. Green. É considerado politicamente mais correto. Ao que parece, os ianques que compraram os direitos do jogo não gostaram da ideia de que um clérigo pudesse ser o assassino.

– Palmas!

Maurice pôs-se a rir.

– Pelo Denis Kampfner não poria as mãos no fogo. Nem por aquele russo, o Semion Mikhailov... é dono de uma grande empresa de energia, para não falar em um ou dois bancos e num clube de futebol russo, o Dínamo São Petersburgo.

– Isso é interessante. O Viktor vai comprar-lhes um jogador. Diz que lhe devem dinheiro.

– Pelo que ouvi, não sei o que seria pior: se dever dinheiro ao Mikhailov, se o contrário. Esse tipo é um grande filho da mãe. Mas até agora não consegui mais do que umas quantas informações sobre ele. Ouvi dizer que anda à procura de casa em Chelsea. É o melhor para ele, acho eu. Não me cabe na cabeça que se fosse meter em sarilhos, uma vez que quer instalar-se cá. Espera, é o diabo vermelho que o Viktor vai comprar?

– Foi o que ele me disse, mas boca calada.

– Que Deus nos ajude! Dizem que o Bekim Develi ainda gostava menos da comida francesa do que de pagar os altíssimos impostos franceses. Contaram-me

que engordou catorze quilos desde que voltou para a Rússia.

– Era só o que nos faltava!

Phil Hobday apareceu à porta.

– Como vão as coisas, Scott?

– Estou a ver que tenho muito trabalho pela frente.

– Tudo o que merece a pena tem um preço, Scott, e o preço paga-se sempre com trabalho duro e sacrifício. E mais ainda se for a imortalidade desportiva o que procuras; nesse caso, tens de morrer um bocadinho, pelo menos umas quantas vezes por semana.

– Importa-se que me sirva da sua frase para a próxima conversa com a equipa?

– Não é propriamente *Henrique V*, mas serve-te à vontade. O jogo de terça à noite... talvez devêssemos tentar que fosse adiado pela FA.

Fiquei a pensar por momentos.

– E lixamos o resto da época? Não, é melhor não. Talvez possamos fazer com a que morte do Zarco jogue a nosso favor, sem querer parecer cínico. O que quero dizer é que talvez consigamos que os nossos jogadores deem o melhor de si em sinal de respeito por ele. Além disso, tenho a certeza de que os adeptos hão de querer despedir-se dele.

– Bem, o chefe agora és tu – comentou Phil.

– É o que digo a mim próprio.

– Decisões difíceis. Ser treinador é isso. Prepara-te para tomar muitas.

– Maurice, importas-te de ir verificar se a polícia já acabou a cena do crime? Quero ir lá ver depois o sítio em que o Zarco morreu. E fecha a porta quando saíres. Quero fazer uma ou duas perguntas embaraçosas ao nosso presidente.

– Está bem, chefe.

Phil sentou-se no sofá, que estava junto à parede, e esperou que Maurice saísse do meu gabinete. Mesmo aos sábados, andava com um elegante fato de três peças feito à medida, uma gravata *Hermès* e um lenço de seda a condizer no bolso superior. Tinha sessenta e poucos anos, não era muito alto e possuía uma grande cabeleira branca; começara a sua carreira numa prestigiada firma de advogados norte-americana chamada Baker & McKenzie, que em 1989 foi o primeiro escritório internacional a estabelecer-se em Moscovo, onde conheceu Viktor Sokolnikov, durante a privatização da Volga. Phil tinha ajudado a Volga a tornar-se a empresa de automóveis mais importante da Rússia. Podia não perceber nada de futebol, mas sabia imenso sobre fusões, aquisições e mercados de capitais; e, segundo Sokolnikov, falava russo na perfeição.

– Já que falou em imortalidade – disse eu –, talvez seja o momento de erigirmos uma estátua ao Zarco.

– Pede ao Viktor. A partir de agora vais começar a vê-lo muito mais, meu caro. Mais do que imaginas.

– Pois, mas pensava que era a si que devia pedir uma coisa destas. Afinal, há uma estátua sua em... Onde é que está agora? Na fábrica que a Volga tem em Nizhni Novgorod? Quero dizer, onde é que se vai para arranjar estas coisas?

– *Tu* achas que devíamos ter uma estátua do Zarco à entrada da Coroa de Espinhos?

– Acho, desde que não se pareça com a do Billy Bremner. Porque aquela parece-se com tudo menos com o Billy Bremner.

– Eu falo nisso ao Viktor – respondeu-me com um sorriso. – Mas era isso que querias perguntar-me em

privado?

– Não. Sabe que o Viktor me pediu que jogue num esquema que nada tem que ver com o nosso habitual 4-4-2. Quer que me torne numa espécie de centro-campista; um desses que se dedica a resolver os erros dos outros para que a defesa pouco tenha que trabalhar.

– Estou a perceber. Alguém com disciplina posicional mas em que se pode confiar plenamente graças à sua própria capacidade técnica. Que conserva a bola muito tempo. Que trabalha bem para todos. Uma espécie de David Luiz, não?

– Mais como o Hercule Poirot.

– Em que equipa joga? No Anderlecht?

– Vá lá, Phil, aposto que a ideia foi sua.

– Porquê?

– Porque é a coisa mais inteligente que podemos fazer.

– O Viktor é muito inteligente.

– Se o fosse realmente, comprava um iate mais pequeno. Um que não chame a atenção, como o dele. Não, o Phil é mais inteligente. Além disso, já o *Times* o dizia quando o entrevistaram. Descreviam-no como um dos advogados de maior prestígio no Reino Unido. Mas da forma como respondia, deu-me a impressão de que não gostaria de ter tanto. Que era a eminência parda que está por detrás deste cardeal.

– Tu és muito inteligente, Scott. Não conheço muitos treinadores de futebol que tenham lido o Aldous Huxley.

– O Roy Hodgson e eu. Não diga a ninguém. No futebol, ser inteligente é quase tão mal visto como ser gay. Então, quem foi?

– Digamos que a ideia pode ter sido minha. Não me recorde. Seja como for, se me permites, vou dar-te um conselho que te será muito útil neste clube de futebol: quando tiveres uma boa ideia, quando quiseses fazer algo importante, o melhor será convenceres o Viktor de que a ideia foi dele.

– Está bem. A ideia de pôr o Zarco a dizer mal do facto de o Mundial de Futebol se realizar no Catar foi do Viktor ou foi sua?

– Quem é que te contou isso?

– A Toyah.

– Foi minha, sim – respondeu, assentindo com a cabeça.

– Porquê?

– Ainda não vendemos os direitos do nome do estádio. Nem temos patrocinador para a camisola. Mas fizemos um acordo com um banco do Catar, o Banco Subara, por duzentos milhões de libras.

– Ah, claro, então é perfeitamente normal que vocês quisessem chateá-los.

– Realmente, era precisamente o que queríamos. Chegámos a um acordo com o Subara mas, mesmo antes de ser anunciado, o Viktor encontrou outro patrocinador: a Jintian Niao-3Q Limited.

– Muito fácil de memorizar. Estou a ver isso nas camisolas, mas só se comprarmos alguns jogadores que estejam bem gordos, como o Bekim Develi.

– Segundo a *Forbes*, a Jintian é a maior operadora de telefones móveis da China, maior do que a VimpelCom, e tem um valor de quase trinta mil milhões de dólares. Além disso, estão para lançar um novo *smartphone* e uma nova rede 4G no Reino Unido. A Jintian vai pagar-nos quinhentos milhões de libras num contrato que terá

uma duração de dez anos. Por isso, traçámos um plano para conseguir que os catarenses mudassem de opinião e anulassem o patrocínio. Foi essa a razão por que Zarco fez todos aqueles comentários sobre o Mundial de 2022. E estava a funcionar. Os catarenses estavam irritadíssimos connosco. Parecia que o estádio de Doha não ia avançar.

– Até ontem, quando o Zarco foi assassinado.

– Receio que sim. Desapareceu o único obstáculo que os impedia de firmar o acordo.

– É um ótimo motivo para matar alguém, Phil.

– Não creio que os catarenses tenham que ver o que quer que seja com isso. Estavam irritados, é verdade, mas não a esse ponto.

– Pois, duzentos milhões de libras é um valor insignificante pelo qual ninguém mexeria um dedo.

– Eu conheço-os. Jantei com eles. Não é o seu estilo.

– Isso é o Phil que o diz. É apenas um palpite, mas eu diria que é o tipo de informação que não queremos que chegue aos ouvidos da polícia.

– Exato. Não é que haja nada de ilegal, mas não queremos que se saiba. Por meras razões de sensibilidade comercial.

– Percebo o que estava em jogo para o Viktor, e para si também, mas o Zarco?

– O futebol é cada vez mais caro, Scott. Este verão, os clubes ingleses gastaram trezentos e cinquenta milhões de libras em transferências. O Real Madrid assinou outro contrato recorde. O dinheiro adicional dos chineses vinha em boa hora. Mesmo para alguém tão rico como o Viktor Sokolnikov.

– Toda a ajuda é pouca, não é? Aposto que faz compras na Tesco.

– Sabes, dentro de cinco anos, trezentos milhões não chegarão para pagar as transferências mais caras.

– É possível que tenha razão. Espero que sejamos nós quem esteja a vender.

Phil levantou-se e dirigiu-se para a porta.

– Antes de sair, tenho o nome de um russo para si: Semion Mikhailov.

– Que há com ele?

– Alguém o viu no estádio ontem à tarde.

– Quem?

– Alguém que trabalha aqui. Ouvi dizer que é perigoso.

– Muito perigoso, mas não para nós. Dou-te a minha palavra. Amanhã, quando voar para a Rússia, o Viktor vai ficar com o Bekim Develi como parte do pagamento por uma dívida. E o Mikhailov não vai fazer nada que o impeça.

– Se querem que descubra quem foi que assassinou o Zarco antes da polícia, ser-me-ia muito útil saber tanto como o Phil sabe.

– Pergunta.

– O Zarco tinha razões para ter medo do Viktor?

– E porque teria o Zarco medo do Viktor?

– E não só do Viktor. De si também.

– De mim? Porque dizes isso?

– Porque o Viktor conhece gente muito duvidosa, pessoas como o Semion Mikhailov. E o Phil também.

– A Toyah também te contou isso? Dá para perceber que foi atriz, tem uma imaginação fértil. Ouve, Scott, porque te pediríamos nós que investigasses a morte do Zarco se tivéssemos alguma coisa que ver com ela?

– Às vezes, quando se quer evitar que a outra parte marque, tapa-se a baliza. Da mesma maneira, pedirem-

me que investigue a morte do Zarco pode servir para que seja mais difícil à polícia obter resultados. É assim que as coisas funcionam. Se a única coisa que queremos é não perder, então assim reduzimos muito as possibilidades de o outro ganhar.

– É verdade, mas creio que o Viktor falou em incentivos, não foi? Talvez eu tenha de te referir outra vez. Claro que, graças ao teu pai, já tens dinheiro que chegue. Mas conheço-te bem para saber que és alguém que quer triunfar por si. Este clube vai tornar-se num dos grandes, Scott. Podes realizar grandes feitos no London City. Feitos que não realizaste como jogador no Southampton ou no Arsenal. Tudo o que tens de fazer é demonstrar que queres realmente treinar aqui.

Capítulo 24

Pouco depois das onze, Sarah Crompton apareceu no meu gabinete para me mostrar um esboço do comunicado de imprensa a anunciar que eu seria o próximo treinador do City.

Era uma linda morena que andaria na casa dos quarenta, magra e elegante, sempre vestida com um fato de saia e casaco *Chanel* ou *Max Mara*. Antes de se juntar ao London City, trabalhara na Wieden + Kennedy, uma agência de publicidade, propriedade de um norte-americano e com sede em Amsterdão, que fora responsável pela campanha «Escreve o Futuro», da Nike, exibida nos cinemas antes do Mundial de 2010. Nela vê-se Wayne Rooney, de barba, a viver numa caravana porque Franck Ribéry tinha impedido que o seu pontapé entrasse na baliza. Sarah era inteligente e eloquente, e, enquanto falava com ela – com Maurice McShane ainda na sala –, não fui capaz de descortinar o que tinham em comum além do amor pelo desporto; Sarah era uma golfista consumada que, com um *handicap* de seis, conseguia derrotar-me facilmente. Tinha muito tempo para aquela mulher. Para qualquer mulher com uma cabeça como a dela. Em muitos aspetos, fazia-me lembrar Sonja.

Uma vez que Viktor e Phil já tinham aprovado o

comunicado, eu pouco podia acrescentar-lhe exceto que não estava «ansioso por enfrentar o desafio». Sugeri que «tentarei seguir o exemplo dado por um dos melhores treinadores de todos os tempos» se me adequava mais. Já havia suficientes clichés no mundo do futebol para que fosse preciso estar a acrescentar mais ao já enorme zigue.

Disse-lhe também que não queria dar nenhuma entrevista até bem depois de se realizar o funeral de Zarco.

– Não é que queira dificultar-te o trabalho ou qualquer coisa assim – expliquei –, mas estou triste pelo que aconteceu e preciso de tempo para o ultrapassar. E também preciso de tempo para me adaptar ao trabalho e sentir-me mais cómodo a falar de mim como treinador desta equipa.

– O *Guardian* tem muito interesse por seres um dos quatro treinadores negros da Liga Inglesa: tu, o Chris Hughton, o Paul Ince e o Chris Powell.

– Nunca tinha pensado nisso.

– Pois talvez devesses.

– Não – respondi-lhe. – Os jogadores são comprados por jogarem bem, independentemente da cor da sua pele. E os treinadores são contratados por treinarem bem. Não me passa pela cabeça sequer que um programa de discriminação positiva da FA vá resolver o que quer que seja. Quando conseguirmos que haja jogadores no comité da FA, então pode ser que as coisas comecem a melhorar; quaisquer jogadores, não só negros. Até que a FA deixe de ser um clube de despreocupados membros da realeza e de homens de negócios brancos e gordos, nada vai mudar.

– Então, diz isso.

– Talvez quando as coisas estiverem mais assentes. Quando o City tiver ganho qualquer coisa. Antes não.

– Está bem – respondeu ela –, mas talvez devesse dar uma entrevista antes. Ao Hugh McIlvanney, do *Sunday Times*. Conhece-lo, não conheces?

Acenei que sim.

– Um pouco.

– Mandou-me um *email*. Muito amável, por sinal. Vai escrever um artigo sobre o Zarco no próximo domingo e gostava de incluir a tua opinião. Não esqueçamos que é o melhor jornalista desportivo do país.

Não podia pôr objeções à afirmação. Não é que gostasse de McIlvanney por ser escocês, como eu, gostava dele pela grande qualidade da sua escrita. Nunca desiludia. Quando George Best morreu, em novembro de 2005, foi ele que escreveu o artigo de reconhecimento mais eloquente na sua coluna «Voice of Sport». Ainda me lembrava de uma das suas frases, que se tornara uma das minhas favoritas: «Procurar explicar como ou por que razão ver uma série de homens a jogar com uma bola pode cativar uma infinidade de pessoas desde a infância até à velhice é algo que está para além dos argumentos racionais. Mas nunca precisámos de nada tão prosaico como a lógica quando tínhamos o George.» Amém. Nem sempre o Mac tinha escrito coisas agradáveis de João Zarco – uma vez, escreveu que a sua forma de abordar o futebol era «forense» e que ele era «o amo e senhor da *realpolitik* desportiva» – mas era sempre escrupulosamente justo.

– Está bem, falarei com ele – respondi. – Mas só porque é um artigo sobre o Zarco.

Sarah publicou o comunicado de imprensa

no Twitter e comecei a receber mensagens quase de imediato de outros treinadores que eram uma compreensível mistura de condolências e felicitações. Do Porto – cidade natal de Zarco – recebi um Instagram do Estádio do Dragão onde, por baixo de um mural do famoso dragão do clube, se mostrava uma enorme e inquietante fotografia de Zarco flanqueado por dois membros da Guarda Nacional Republicana portuguesa. Em Glasgow, onde Zarco terminara a sua carreira no Celtic como um jogador muito popular, as grades verdes que rodeavam a estátua de Jock Stein estavam completamente cobertas de crepes negros. Na cidade brasileira de Belo Horizonte, onde tinha treinado o Atlético Mineiro durante algum tempo, o Estádio Raimundo Sampaio – um terreno de jogo que me recordava sempre o velho estádio que o Arsenal tinha em Highbury – estava coberto de flores no campo. Parecia que a morte do homem tinha tocado os corações de gente de todo o mundo.

Respondi a uma ou duas daquelas mensagens, mas interessava-me mais ler as centenas que havia no telemóvel «para outras coisas» de Zarco. A maior parte era entre ele e Paolo Gentile, que além de ter sido agente de Zarco, também o fora do clube, pelo menos na recente transferência de Kenny Traynor. Essas mensagens não tinham data e por vezes eram deliberadamente confusas, mas rapidamente se tornou claro que Zarco recebera uma boa maquia pelo trespasse do guarda-redes. Por uma transferência de nove milhões de libras, um agente podia ter uma comissão de cerca de um milhão. Aquilo era normal para Paolo Gentile, um dos dez melhores agentes de jogadores, e que, de facto, tinha conseguido somas

muito maiores por jogadores mais caros. Quando Henning Bauer saiu do Múnaco para o Bayern de Munique por cinquenta milhões de euros, Gentile ficou com uns fantásticos cinco milhões.

Em suma, é feito um pagamento ilegal para garantir que o acordo de transferência de um jogador seja concluído de forma satisfatória; o clube autoriza o pagamento ao agente, parte do qual vai secretamente e em numerário para as mãos do treinador. Ficou muito conhecido o escândalo que se deu com a transferência de Teddy Sheringham para o Nottingham Forest, quando Terry Venables afirmou que Brian Clough «gostava que lhe untassem as mãos». E pouca coisa mudou desde então. Talvez os treinadores e os agentes tenham mais cuidado agora com a FA e com o Fisco, mas como qualquer pessoa que esteja metida no mundo do futebol poderá explicar, é quase impossível investigar os pagamentos ilícitos. Eu nunca aceitaria um suborno, mas se um agente e um treinador decidirem entre si que certo dinheiro em numerário mude de mãos, também não sei como evitar isso.

João Zarco e Paolo Gentile foram prudentes. Os castigos pela aceitação de subornos eram severos, como podia testemunhar George Graham, antigo treinador do Arsenal: foi a primeira e a única vítima do escândalo dos subornos que abalou o futebol em 1995. Não só perdeu o trabalho como foi castigado pela FA com um afastamento de doze meses.

Não tão óbvio era como, quando e de que forma exatamente ia ser pago o dinheiro a Zarco. Tive de ler as mensagens várias vezes para começar a ter uma ideia do que acontecera entre os dois homens.

Capítulo 25

Zarco Terça-feira

20h45

O VS diz que o DK é
história; o KT é teu.

Zarco Terça-feira

20h48

Se quer vir para SD,
tá.

Zarco Terça-feira

20h52

Estava lixado.

Zarco Terça-feira

20h54

Está à espera que
lhe liguem para casa.

Zarco Terça-feira

21h03

Sim. O NB é
escocês. Se não
entenderes o que ele
diz, pede-lhe que
escreva.

Admiti que VS era Viktor Sokolnikov, DK era
Denis Kampfner, KT era Kenny Traynor e SD
era Silvertown Dock.

Zarco Terça-feira

22h00

FDS. Porque não
hoje?

Zarco Terça-feira

22h15

Disseste-lhe que o V
não vai usar o DK no
acordo. Ponto final.
Não confia nele.

Zarco Terça-feira

22h21

Para teu bem,
espero que sim.

Zarco Terça-feira

22h29

Nunca percebi isso.

Os jogadores

ganham ao mês

como toda a gente.

Zarco Terça-feira

22h45

Pensava que os

autistas eram bons

com números. Como

o Rain Man.

Zarco Terça-feira

22h55

Verdade. Tens a
técnica dos Borgias.

Por acaso não são
família?

Até aqui não havia qualquer problema, mas à medida que as mensagens se iam tornando mais crípticas e se referiam mais a números, por paradoxal que pareça, tornava-se cada vez mais claro que ia surgir algo ainda mais complicado do que um mero untar de mãos.

Zarco Quarta-feira

14h00

E?

Zarco Quarta-feira

14h06

Somos dois.

Zarco Quarta-feira

14h40

Lembras-te como eu
quero.

Zarco Quarta-feira

14h55

Tens os dados do
contacto e do ao/c.
Experimenta.

Zarco Quarta-feira

16h00

Claro. Mas sexta ou
segunda é muito
tarde. Tem de ser
amanhã. Antes de
aparecer nos jornais.
Percebes?

Zarco Quarta-feira

17h30

Amanhã. BP do
costume na A13.
15h00.

Nas poucas ocasiões em que ouvira os agentes e treinadores falar de negócios, alguns usavam a palavra «libra» como se fosse estenografia, um código secreto, uma espécie de jargão com que pretendiam ocultar o dinheiro envolvido no futebol atual. Uma libra significava um milhão de libras, dez libras dez milhões e cinquenta libras, cinquenta milhões. Era outra razão

para desesperar, a atitude que havia no mundo no futebol em relação ao dinheiro. Com jogadores como Eden Hazard, Robin Van Persie e Yaya Touré a receber cento e oitenta mil libras por semana, era fácil esquecer que se chegasse a pedir cento e vinte e seis libras – libras verdadeiras, não as que representam milhões – por uma entrada para ver o Arsenal, o que significa um quarto do salário semanal médio.

Mas parecia que as coisas não tinham corrido como planeado, o que provavelmente explicava a razão por que os tinha visto a discutir na estação de serviço de Orsett, próximo de Hangman's Wood, que era, com efeito, a «BP da A13».

Zarco Quinta-feira

15h00

Onde estás?

Zarco Quinta-feira

15h15

Estou à espera.

Zarco Quinta-feira

15h21

Isso é bom de dizer.
Compraste SSAG?
Como te disse?

Zarco Quinta-feira
15h24
FDS! Atão para que
estou à espera?
Disse que precisava
disso para o fds.
Disse-te para quê.
Os gajos vão ficar
furiosos se não lhes
der o que prometi.

Zarco Quinta-feira
16h30
Que perda de tempo.

Zarco Quinta-feira

16h50

É bom que sim.

A primeira coisa que me ocorreu foi que GCCP Mónaco tinha qualquer coisa que ver com o AS Monaco FC, e que SSAG seria porventura um jogador, embora me parecesse improvável que tivessem pedido a um agente para comprar um jogador, a menos que fosse um desses paraísos fiscais com um sistema de direitos económicos como o de Tevez, que tinham dado a advogados e contabilistas trabalho tão bem pago à custa de futebolistas talentosos. No entanto as coisas iam começar a tornar-se ainda mais confusas para mim e, ao que parecia, muito mais complicadas para Zarco, é o mínimo que posso dizer.

Zarco Sexta-feira

18h47

SCBG? Relembra-me.

Zarco Sexta-feira

19h00

Foda-se!

Zarco Sexta-feira

19h30

Sim. Sabe. Mas não
sabe que usei quase
todo o dinheiro para
investir no SSAG.

Não gostaria disso.

Zarco Sexta-feira

19h48

Estamos a falar do
VS, não dum

fantoche da FSA. O
VS consegue o que
os outros não
conseguem. É
omnisciente e
omnipotente. Estou
lixado. Talvez não já.
Mais prá frente.

Procurei no Google umas quantas abreviaturas no meu portátil. GCCP Mónaco eram as iniciais de Gestão de Capital a Curto Prazo Mónaco, uma sociedade de investimentos propriedade do Sumy Capital Bank of Geneva que, por sua vez, era propriedade de Viktor Sokolnikov; e SSAG parecia ser Shostka Solutions AG que, segundo os jornais, era uma empresa de construção do ucraniano que tinha o contrato da nova ponte de Thames Gateway. Pelo que encontrei no Google, as ações da SSAG tinham disparado depois da notícia de que fora finalmente concedida autorização para a construção da ponte. E pelo que li das mensagens entre Zarco e o agente, parecia que Zarco tinha usado a maior parte da sua «comissão» para fazer negócio servindo-se de informação privilegiada – investiu na sociedade do seu patrão antes de se tornar pública a notícia de que haviam sido retiradas as objeções iniciais ao plano. Desde o anúncio, as ações tinham subido quase trinta por cento, o que significava que se «a meia libra» de que se falava nas mensagens representava meio milhão – e se «50k» era, presumivelmente, cinquenta mil libras – então, as quatrocentas e cinquenta mil que investira tinham

passado a valer quase seiscentas mil libras. O que era uma grande rentabilidade. E completamente ilegal.

Zarco Sexta-feira

21h00

Pensando melhor,
não tragas os 50k à
BP. Melhor não
sermos vistos juntos
em público durante
um bocado. Em lado
nenhum.

Zarco Sexta-feira

22h10

Usa o 123 desta vez.

Zarco Sexta-feira

22h15

Talvez. Não tenho a
certeza. Antes do
jogo tenho almoço
na sala de
executivos com o VS
e algumas pessoas

do município. Se não
estiver lá, deixa-o
onde deixaste da
última vez.

Zarco Sexta-feira

22h45

O Scott tem uma boa
ideia para os deixar
nervosos. Espera e
verás.

Zarco Sábado 10h10

Folgo em saber.

Zarco Sábado 11h48

Se nos virmos no
campo fora do 123,
ignora-me, OK?

Zarco Sábado 12h10
Agradecido.

Zarco Sábado 12h15
Keown ou Lawro?

Zarco Sábado 12h19
Ambos bons
defesas, mas o
Keown é mais
inteligente. Além
disso, ninguém é
levado a sério com
um corte de cabelo
como o do

Lawrenson. Aposta
no City.

Zarco Sábado 12h45
Sensato.

Não havia mensagens de Zarco depois das 12h45 e, segundo Phil Hobday, ele tinha saído da sala de executivos por volta das 13h05, após o que ninguém mais voltou a vê-lo com vida. Aonde teria ido? Era impossível imaginar que o tivessem obrigado a ir a algum lado contra a sua vontade sem que ninguém tivesse dado conta. O seu rosto estava num mural de nove metros de altura numa das paredes laterais do estádio. Não era propriamente um desconhecido. De certeza que alguém o tinha visto.

As mensagens também me levavam a fazer outras perguntas: se Paolo Gentile tinha levado ao estádio as cinquenta mil libras da «comissão» em numerário e as escondera algures, onde estavam elas? Mais, continuariam no sítio onde as tinha deixado? Afinal, cinquenta mil libras são uma boa razão para espancar um tipo e roubá-lo. A menos, claro, que Gentile não as tivesse levado e se tivessem desavindo outra vez. Não seriam as mensagens que Gentile tinha enviado a Zarco depois da uma da tarde um embuste? E onde estaria ele mais seguro do que na sua Itália natal, agora que a polícia investigava a morte de Zarco?

Por outro lado, talvez Toyah tivesse afinal razão e Zarco tivesse razões para temer Viktor, melhores ainda que aquelas de que ela suspeitava. Que teria

feito Viktor ao descobrir que Zarco comprara ações da SSAG abusando de informação privilegiada?

Na esperança de saber mais coisas – o que era o 123, quem eram os tipos para que ele precisava das cinquenta mil libras, se estariam tão chateados com ele ao ponto de o matarem – liguei a Paolo Gentile para o número que aparecia no telemóvel de Zarco. Não fiquei nada surpreendido que a chamada fosse parar ao *voicemail*. Deixei-lhe uma mensagem a pedir que me telefonasse com urgência.

Percebera também por estas horas quão confidenciais eram aquelas mensagens e como a polícia gostaria de saber o que havia no telefone de Zarco. Claro que tinha consciência de que, não as entregando, estava a cometer um delito grave: ocultar provas numa investigação de homicídio dá pena de prisão e eu sabia muito bem o que isso era. Não desejava nada voltar para Wandsworth. Mas a reputação de Zarco e do London City eram muito mais importantes. Pela primeira vez na vida entendia toda a verdade que havia na famosa frase de Bill Shankly, dita quando ainda era treinador do Liverpool: «Há pessoas que pensam que o futebol é uma questão de vida ou de morte... Posso garantir-vos que é muito mais importante do que isso.»

Nem sabem quanto.

Capítulo 26

Dirigi-me para a sala dos jogadores onde, para variar, todos estavam a ver a Sky Sports: o Tottenham contra o West Bromwich Albion, o primeiro dos três jogos transmitidos pelo *Super Sunday*. Na conversa antes do jogo, evidentemente, falou-se muito da morte de Zarco e da minha nomeação como treinador e gestor de plantel, o que aos três comentadores parecia bem. Procurei não lhes prestar atenção, mas sempre respeitei Gary Neville, exceto no caso em que atrasou a bola para Paul Robinson na fase de qualificação para o Euro 2008 contra a Croácia. Para mim, era digno de admiração que, com apenas vinte e três anos, ele tivesse tido força de carácter para dizer a Glenn Hoddle o que pensava do curador espiritual que o selecionador de Inglaterra contratara para a equipa.

De vez em quando, uma atraente agente fardada com uma pasta da polícia de Essex chamava um dos jogadores ou dos auxiliares da equipa que tinha estado em Silvertown Dock no dia anterior para que um inspetor lhe fizesse um pequeno interrogatório; no entanto, estava a demorar muito tempo e, para o final do alfabeto, alguns começavam a ficar impacientes por regressar a casa para passar com a família o resto de um domingo que tinha sido pouco habitual. Outros

estavam a comportar-se de forma grosseira e aborrecida com a pobre mulher-polícia; numa das vezes que foi à sala, um dos jogadores mais jovens comentou: «Eh, malta, chegou a *stripper*!», e achei que aquilo era de mais.

– Já chega – disse com firmeza. – Esta mulher tem de fazer um trabalho. Não esqueçam de que se trata de uma investigação de homicídio, por isso, tratem-na com respeito.

O que era oportuno, vindo de mim.

Resmungaram, não por estarem em desacordo comigo, mas porque o Tottenham, que se encontrava apenas a três pontos de nós na tabela classificativa, acabava de adiantar-se no marcador.

– Ei, chefe, pode pedir que liguem o aquecimento? Está um frio de rachar aqui – comentou alguém. – Dissemos ao Grande Simon, mas parece que não serviu de nada.

Ali estava a razão por que Ayrton Taylor parecia mal-humorado e vestira um casaco preto de pele de ovelha da *Dolce & Gabbana* que parecia harmonizar-se bem com o seu cabelo encaracolado de *rockabilly*; mas, por outro lado, como o casaco lhe tinha custado sete mil libras, era possível que não quisesse deixá-lo por ali para alguém lhe dar cabo dele, por exemplo, com um corte. Não podia censurá-lo por isso. Os jogadores andavam sempre a pregar partidas com a roupa uns dos outros, como cortar o fundilho a uns *jeans*, ou coisas ainda piores. Eu também tinha estado a ver o casaco na loja, mas decidira que: a) sete mil libras eram um exagero por um simples casaco, e b) parecia um imbecil com ele vestido. Por isso Sonja me tinha oferecido um belo casaco cinzento de caxemira da *Zegna*. Taylor

continuava com a mão ligada, mas já não procurava escondê-la no bolso, como seria provável que fizesse se tivesse sido realmente ele a matar Zarco.

– Vou ver o que posso fazer – respondi, captando então a atenção do displicente avançado. – Ayrton, podemos falar um momento, por favor?

– Claro.

Sáímos da sala e percorremos o corredor até chegar a uma vitrina à prova de bala na qual se encontrava o bem mais precioso de Viktor Sokolnikov, uma réplica do famoso troféu Jules Rimet que tinha comprado à Confederação Brasileira de Futebol por cinquenta milhões de dólares. A verdadeira estava num cofre-forte do seu banco, embora a maior parte das pessoas pensasse que a de Silvertown Dock fosse a original.

– Que te aconteceu à mão? – perguntei.

– Ontem, depois do jogo, dei um murro na porta de um armário.

Taylor era inglês, de Liverpool, mas tinha crescido no Brasil onde, apesar de o pai querer que se tornasse corredor de automóveis, tinha acabado a jogar futebol.

– Por amor de Deus, porquê?

– Porque acho que estava frustrado.

– Com o quê?

– Ontem, queria jogar, claro. Não há nada pior que ver a nossa equipa a portar-se maravilhosamente sem nós. Apesar de estar lesionado. Bolas, chefe, sabe bem porquê. Dava tudo por entrar em campo e marcar um golo.

– E continuas a sentir-te assim?

Fez sinal com a cabeça para o troféu.

– Dentro em pouco, há um Mundial. A única forma de chegar à seleção é jogar todas as semanas e marcar

golos, o que agora não vou ter muitas hipóteses de fazer.

– Mostra-me a porta.

– O quê?

– A porta em que bateste – respondi. – Mostra-ma.

– Para que quer ver uma porcaria de uma porta?

– Mostra-ma lá.

Taylor encolheu os ombros e levou-me, escadas abaixo, até aos balneários, onde havia vinte e sete armários feitos de carvalho polido, todos por detrás de um assento estofado de cor laranja. Conduziu-me até ao que tinha o número sete, com o nome de Christoph Bündchen. Abri a porta e vi uma racha de uma ponta à outra, como se tivesse sido golpeado com grande força.

– Caramba, deste-lhe forte!

Parecia estar com vergonha.

– Bastante. Estudei *karaté* nos tempos livres e achei que ainda era capaz. Mas parece que também não.

– Fizeste uma radiografia?

– Não é preciso. Tenho a certeza de que não está partida. Está só magoada, mais nada.

Peguei-lhe na mão pelos dedos e virei-a.

– A ligadura está muito bem feita. Quem foi que ta fez?

– Lexi, a minha mulher. Foi enfermeira. Estava à espera de mim em Hangman's Wood à noite para me levar para casa de carro. Fiquei sem carta há algum tempo, como sabe. É ela que me vem buscar depois dos...

– E porque foi ela a fazer-te a ligadura e não o médico da equipa?

– Porque me sentia envergonhado.

– És mesmo doido. Podias tê-la partido.

– Achei que era melhor do que bater no Christoph...
que ficou com o meu lugar – comentou Taylor.

– É verdade.

Fez um sorriso sarcástico.

– Ah, estou a perceber. Achou que podia ter sido eu
a matar Zarco.

– Alguém foi.

– Mas não eu. Aqui entre nós: odiava esse filho da
mãe, é verdade. Provavelmente merecia-o, mas não fui
eu. Além disso, tenho uma testemunha que me viu.
O Manny.

Manny Rosenberg era o roupeiro da equipa.

– Talvez tenhas batido na porta porque já tinhas
batido no Zarco. Seria uma boa maneira de explicar
isso na tua mão. Podias ter batido na porta para
disfarçar as nódoas negras.

– Não pensa mesmo que fui eu, pois não?

– Na verdade, não.

Olhei para o troféu Jules Rimet.

– Quantos anos tens, Ayrton? Vinte e oito?

– Sim, é a minha última oportunidade.

– Sabes que temos tido ofertas de outros clubes?

– Eu sei, mas não posso dizer que o Fulham e
o Stoke City me deixem doido de alegria.

– Posso ser sincero contigo?

Apontei com a cabeça para o *iPhone* que ele tinha na
mão boa.

– Não quero ler no Twitter nada do que te vou dizer.

Assentiu e guardou o telemóvel no bolso do casaco.

– Acho que o Zarco te tratou injustamente, mas não
devias ter-lhe falado daquela maneira. Mesmo tendo-te
atirado com o cone. Quando eu era jogador, os
treinadores faziam coisas muito piores. No futebol, é

bom ficar-se zangado. É um desporto emocional. O grande Ron Atkinson perseguiu um jogador por todo o balneário do Aston Villa e acabou por esmurrar o tipo errado. Lawrie McMenemy pegou-se com o Mark Wright nos duchas do Southampton. E quando eu estava no Nottingham Forest, o Cloughie deu um sopapo ao Roy Keane.

– A sério? Bolas! Nunca imaginei que alguém se atrevesse a dar-lhe um sopapo.

– Agora o Keane diz que foi o melhor que lhe podia ter acontecido. Os jogadores fazem coisas que chateiam os treinadores, como treinar sem vontade, e quando isso acontece merecem um pontapé no traseiro. O que aconteceu foi culpa minha. Estavas feito preguiçoso e quem te devia ter dado o pontapé no traseiro era eu, não o Zarco. Era eu que estava a orientar a sessão de treino e devia ter sido eu a dar-te uma sarabanda.

– Obrigado.

– Se fores preguiçoso, não chegarás à seleção, como sabes, não é?

– Sei.

– Admiro o jogo limpo e o desportivismo, mas na minha equipa não há lugar para quem não trabalhe duramente nos treinos. Se estás preparado para isso, quero-te na minha equipa. Para mim, o que aconteceu entre ti e o Zarco são águas passadas se me disseres agora que queres ficar no City e deres tudo por nós.

– Se quero ficar? Nunca me quis ir embora.

– Vais trabalhar no duro comigo?

– Vou, vou. Isso é a sério, chefe?

Pus-lhe as mãos nos ombros e olhei-o fixamente nos olhos.

– Claro que é. Precisamos de um jogador

experimentado como tu, Ayrton. Temos muito talento aqui, mas, com exceção do Ken Okri, não há ninguém na equipa capaz de dar calma e ajudar os mais novos a aguentar-se se estivermos em desvantagem no marcador a cinco minutos do fim. Quando perdemos por 4-3 contra o Newcastle, logo depois do Natal, foste o único a procurar o golo do empate até ao final. Podes ser um filho da mãe preguiçoso nos treinos, mas nas partidas a doer nunca desistes, o que é uma atitude que faz ganhar jogos. No futebol não há obrigação de ganhar, mas há a obrigação de tentar. É nisso que os adeptos acreditam. E aquilo em que eu acredito. Nem sabes quantos jogos eu vi ganhar no último minuto...

– Tem razão, chefe. O Arsenal contra o Liverpool em maio de 1989, o Manchester United contra o Bayern de Munique em 1999, o Manchester City contra o Queens Park Rangers em 2012.

– É disso que estou a falar. O que há de realmente belo no futebol é que, a qualquer momento, se pode dar a volta ao resultado. Um golo muda tudo. O último minuto do jogo é sempre, sempre, sem exceção, o mais importante; e, no entanto, o normal é que a equipa que está a ganhar relaxe antes de o árbitro dar o apito final. As pessoas costumavam falar do tempo de Fergie como se por chamar a atenção do quarto árbitro fosse conseguir mais uns minutos de tempo suplementar para que o Manchester conseguisse vencer o jogo. Uma treta! O que acontecia é que tinha ensinado os jogadores a nunca desistir. Viam-no andar de um lado para o outro, como louco, e sabiam que não se tinha rendido. Por isso, eles também não. Isso é que as pessoas não entendiam. E continuam a não entender.

Ayrton sorriu. Era a primeira vez que o via sorrir

com vontade em muito tempo.

– Vou ficar mesmo fora da lista de transferências?

– Poderás jogar na terça-feira à noite se o Simon considerar que estás em forma.

– Espetacular.

Ayrton tirou o telemóvel do bolso.

– Posso dizer isso à Lexi?

– Podes.

– Vai ficar radiante, chefe. Sempre que pensava que tínhamos de deixar Londres e ir viver para a porra de Stoke, ficava irritada.

– Mas nada de *tweets*. Aliás, se fosse a ti, parava com os *tweets*. Só os palermas é que prestam atenção ao Twitter.

– Está bem, chefe. Como queira.

– E não voltes a andar ao murro aos armários.

Não o sabia naquele momento, mas acabava de tomar uma das melhores decisões da minha vida como treinador.

Capítulo 27

Saí para o campo a fazer a pausa do cigarro, mas sem cigarro: para tomar um pouco de ar fresco e aclarar as ideias. Pairava uma neblina sobre o estádio que parecia um gás venenoso a avançar por uma linha de trincheiras, e o ar do East End era mais fresco do que parecia, com uma pitada do sabor a sal que a maré-alta da noite anterior tinha deixado. Andar pela relva fez-me sentir realista e deu-me vontade de desatar a correr durante um bocado. Em vez disso, arranjei uma bola e pus-me a dar uns toques – o que os americanos chamam «fazer malabarismo». Não é que fosse particularmente bom nisso, mas sempre servia para me abstrair, como se praticasse zen; esvazia a cabeça, pois é impossível pensar-se noutra coisa enquanto se tenta não deixar cair a bola no chão. Às vezes, é tão bom como a meditação; talvez até melhor, porque ajuda também a manter a forma.

– Sai do campo, estúpido de merda!

Vi que Colin Evans, qual sargento do exército, vinha em grandes passadas na minha direção pela linha lateral. Quando percebeu que era eu, abrandou o passo e controlou a raiva.

– Desculpe, chefe. Não sabia quem era.

– Tens razão, Colin. Não devia ter pisado a relva. É

que, com tanta polícia à volta, precisava de arejar uns minutos; e, uma vez aqui, não pude evitá-lo.

– Não faz mal – respondeu. – Deve ter muitas coisas entre mãos.

– Mais do que imaginas – disse, franzindo o sobrolho. – Até me tinha esquecido da fome com que estou.

Deixei Colin, fui ao bar dos jogadores e servi-me no bufete de uma salada de frango, mas não sem antes agradecer ao pessoal da cozinha por ter ido trabalhar – pelo menos a maior parte, como pude ver – no seu dia de folga. Às vezes, ser treinador consiste tanto em ser-se bom diplomata como em saber-se muito de futebol. Em meu entender, há que lidar com todos os imbecis que nos rodeiam. Como os idiotas dos jogadores do nosso clube que não se puseram em pé de um salto quando Peter Shilton – o internacional que mais vezes jogou por Inglaterra – foi visitar-nos ao balneário. Zarco tinha ficado furioso com a falta de respeito deles. Cento e vinte e cinco vezes internacional e uma carreira de vinte anos em Inglaterra e não foram capazes de mexer os malditos rabos.

Esperava que, virado para a parede e sentado a uma mesa de esquina, ninguém me incomodasse enquanto comia, mas logo apareceu a inspetora Louise Considine que parou ao pé de mim com uma chávena de café e um olhar curioso.

– Importa-se que me sente ao pé de si? – perguntou com um sorriso. – Pensando bem, prefiro que não responda. Não suportaria que alguém se mostrasse hostil comigo hoje.

– Por favor, sente-se – respondi e, educadamente, pus-me de pé. – A sério, é bem-vinda.

- Obrigada.
- Um dia difícil?
- É verdade, mas não quero falar nisso.

Sentámo-nos. Ela vestia uns *jeans* e um casaco de *tweed* feito por medida com um colete a condizer. A carteira que lhe pendia do braço era velha, mas clássica: talvez lhe tivesse sido dada pela avó.

– Presumo que a tenham destacado pelos seus conhecimentos especializados em futebol. Embora não saiba bem se é adepta do Chelsea – disse, franzindo o sobrolho. – A propósito, porque é adepta do Chelsea?

– Porque José Mourinho é o homem mais bonito do mundo do futebol? – respondeu ela. – Não sei.

– Isso, é claro, até me conhecer.

– Claro.

Bebeu um gole de café e fez uma careta.

– Isto não se compara com o café que faz em sua casa.

– Ainda bem que pensa assim.

– Quem é que precisa de um homem bonito se não fizer um bom café?

– É uma maneira de ver a coisa. Todo o homem deve ter algum talento, não é?

– Sempre pode abrir um café quando o despedirem do London City.

– Acabam de me dar o trabalho. É um pouco cedo para começar a pensar em despedimentos.

– No City, não. Quantos treinadores teve o clube desde que foi criado? Uma dúzia?

– Talvez, nunca os contei.

– Você é o décimo terceiro, pelos meus cálculos.

– Suponho que mereça, depois do meu comentário sobre o Chelsea.

– Pois merece.

Sorriu e ficou a olhar para o campo através da janela. A luz iluminava-lhe os olhos azuis, claros e perfeitos, fazendo com que parecessem safiras. De repente, apeteceu-me inclinar-me sobre ela e beijar-lhos.

– Nesse caso, se me permite, gostaria de falar do décimo segundo treinador. E da cena do crime. A polícia científica já acabou o trabalho?

– Já. A quem é que devolvemos a chave?

– A mim.

Pô-la em cima da mesa. Peguei nela e guardei-a no bolso.

– Encontraram alguma coisa interessante?

– Não – respondeu. – Nada de nada. Mas ainda não tive oportunidade de procurar com uma lupa no terreno de jogo.

– Suponho que mesmo que tivessem encontrado não mo diria.

– As paredes têm *tweets*. Especialmente por aqui.

– Os futebolistas e os seus *smartphones*, não é? Às vezes pergunto-me que faziam quando não os havia.

– Liam livros, como toda a gente. Ou talvez não. Sabe que um dos seus jogadores, não lhe vou dizer qual, é analfabeto? Não foi capaz de ler a sua própria declaração.

– Não me surpreende assim tanto. O inglês é uma língua estrangeira para muitos.

– Ele é inglês.

– Está a brincar?!

Louise Considine negou com a cabeça.

– É verdade que não sabe mesmo ler?

– É isso que significa ser analfabeto, Sr. Manson. Ah,

e outro pensava que o Zarco era italiano.

Acabei de comer e recostei-me na cadeira.

– Temos gente de todas as nacionalidades aqui. Nem eu me lembro disso às vezes.

– Não acredito. Você até é poliglota.

– Sou meio alemão, não se esqueça. E sabe o que se diz: quem fala três línguas é trilingue, quem fala duas é bilingue e quem fala só uma é inglês.

Sorriu.

– É o meu caso. Francês de liceu e receio que fique por aí. Mal sei distinguir o meu *cul* do meu *coude*.

– Sei que isso não é verdade.

– Talvez.

– Os futebolistas, às vezes, são como crianças. Crianças muito grandes e fortes.

– E de que maneira. Dois dos seus puseram-se a chorar como bebês: Iñárritu, o mexicano, e o alemão, Christoph Bündchen.

– Chorar não é vergonhoso. São sensíveis. Eu também chorei quando soube.

– É verdade, os meus pêssames, mais uma vez.

Acenei-lhe com a cabeça.

– Há uns dias já que o Matt Drennan se enforcou, mas a polícia continua a não autorizar que a pobre família enterre o cadáver. É capaz de me explicar porquê, por favor?

– Não lhe sei dizer. Já não estou no caso. Por isso, desse caso em particular, não sei nada.

– Caso? Não sabia que era um caso. Porque demoram tanto?

– Estas coisas levam tempo. Além disso, as circunstâncias da morte do Sr. Drennan obrigaram-nos a reabrir uma investigação anterior.

– Que quer dizer com isso exatamente?

Olhou ao redor.

– Ouça, talvez este não seja o melhor local para lho explicar.

– Podemos ir para o meu gabinete, se quiser.

– Acho que é melhor.

Levantámo-nos da mesa e fomos para o meu gabinete sem dizer palavra. Ela caminhava com a carteira ao ombro e as mãos entrelaçadas à altura do peito, como fazem as mulheres quando não se sentem muito confortáveis. Fechei a porta e arranjei uma cadeira para que se sentasse. Estava tão próximo dela que cheirei o seu perfume; não conseguia reconhecê-lo, mas agradou-me. Apesar de ser quem era, Considine também me agradava.

– Bem, afinal, que queria dizer-me?

– Lamento dizer-lho assim de chofre. Lamento mesmo. Especialmente agora. Mas não tardará a sabê-lo. Amanhã, provavelmente, quando o tornarmos oficial.

Fez uma pausa.

– Vamos reabrir a investigação da violação de Helen Fehmiu.

Fiquei calado como se, de repente, fosse de novo o dia 23 de dezembro de 2004 e estivesse sentado no St. Albans Crown Court, prestes a ser condenado a oito anos de prisão por violação. Fechei os olhos, desalentado, quase como se esperasse que Louise Considine fosse dizer-me que estava de novo preso. Baixei a cabeça, sentado à secretária, e soltei um grito.

– Outra vez, não.

– Receio que sim.

– Porquê, meu Deus!

Para minha surpresa, ela pousou-me a mão sobre o ombro.

– Ouça, Sr. Manson, não é suspeito de nada, por isso, não tem de preocupar-se. Com nada. Asseguro-lhe, não vai ser acusado. De qualquer modo, são boas notícias para si. Tem a minha palavra.

Voltei a sentar-me.

– Para si, é fácil de dizer.

– São mesmo boas notícias. Fará com que desapareçam de uma vez por todas as suspeitas que, apesar da sua absolvição, possam pesar sobre si.

– Não percebo – respondi. – Porque vão reabrir o caso? Já passaram quase dez anos. E o que tem o suicídio do Matt Drennan que ver com o que aconteceu com a Helen Fehmiu?

– Encontrámos um bilhete de suicídio no bolso do Sr. Drennan. No bilhete, falava de si. Na verdade, parece que o suicídio dele tem algo que ver consigo, Sr. Manson.

– Custa-me a crer.

– Em vez de ser eu a tentar explicar-lho, a maneira mais simples de o entender será ler o bilhete. Tenho-o aqui comigo em PDF.

Pegou na carteira, tirou um *iPad* e mostrou-me uma imagem de um bilhete manuscrito. Não reconheci aquela letra infantil, mas a assinatura – com uma carinha sorridente dentro do D maiúsculo de Drennan – era-me familiar, embora me parecesse um pouco estranho para um bilhete de suicídio. Uma vez mais, para dizer a verdade, era bastante típico dele: imaginei-o a escrever o bilhete e a assiná-lo com a carinha sorridente, por mero hábito, como se estivesse a dar um autógrafo a um adepto num bar ou a seguir a um jogo.

Drenno estava sempre disponível para dar um autógrafo a quem lho pedisse. Essa era uma das razões por que tanta gente gostava dele.

Caríssimos,

Cheguei ao limite das minhas forças, se me permitem o clichê. Acabado o meu tempo no futebol, não me parece que haja nada por que valha a pena viver. A minha vida no fundo de um copo não substitui de maneira nenhuma aquilo que costumava ser quando era jogador. Acho melhor sair antes de deitar realmente tudo a perder. Tiff, amo-te, amo-te. Lamento tanto, tanto. Por tudo. Mas gostaria de dirigir um grande, sincero e muito especial pedido de desculpas ao meu amigo Scott Manson. Sinto-me culpado por te ter dececionado tanto todos estes anos. Mantive-me calado quando devia ter falado há muito tempo. Fui eu que incitei o Mackie a roubar-te o carro novo em 2004. Era só uma brincadeira. Sabia que gostavas muito dele. Mas não sabia que o Mackie to ia roubar e depois fazer o que fez. Foi ele que violou aquela rapariga. Não podia falar porque não podia denunciá-lo. Sabes, ele cumpriu pena por mim há uns anos, na Escócia, quando fiz merda a primeira vez. Tentei convencê-lo a entregar-se, mas ele não quis. Sempre que ia ver-te à prisão, sentia-me desfeito. Obriguei o Mackie a alistar-se no exército e a servir o país para reparar o que tinha feito. Agora, está morto, acho que já não importa. Quis dizer-to na outra noite, mas não tive coragem para te olhar nos olhos, Scott.

Enfim, é tudo por agora. Chau. Encontramo-nos no camarim de Deus.

Matt Brennan

– Consegui uma fotografia do sargento MacDonald – disse ela. – E permita-me que lhe diga que vocês se parecem bastante. Ele tinha ascendência nigeriana. Isso explicaria a razão por que Fehmiu o identificou a si como sendo o violador.

Assenti lentamente com a cabeça.

– Está a assentir com a cabeça como se agora tudo fizesse sentido.

– Pelo menos, explica uma ou duas coisas que sempre me deixaram confuso.

– Como por exemplo?

Contei-lhe que o meu carro tinha desaparecido do interior da garagem de Karen, em St. Albans, e que voltara a aparecer como que por magia; e que Drenno ia visitar-me à prisão com regularidade.

– É evidente que se sentia culpado.

– Suponho que sim. E, agora que penso nisso, o Mackie tinha sido condenado por roubar carros. O Drenno costumava dizer que também o tinha feito em miúdo, quando vivia em Glasgow, mas que nunca o tinham apanhado.

Suspirei.

– Que grande idiota. Andava sempre metido em brincadeiras de merda. Todos os dias. E quando digo todos os dias quero mesmo dizer todos os dias. Às vezes parecia mais interessado em fazer rir as pessoas do que em jogar futebol. Uma vez, a mulher de um tipo

comprou para o marido, como presente de anos, uma dessas canetas grossas *Mont Blanc Meisterstück*, e o Drenno encheu-a com a sua própria urina. Uma parvoíce. Uma infantilidade. Mas, naquela altura, achámos-lhe muita piada.

– Devia saber que você tinha um caso com aquela mulher, a Karen, e onde estaria o carro. Disse-lho?

– Credo, não! Por mais estúpidas que fossem as suas brincadeiras, era bastante inteligente. Deve ter deduzido. E, agora que o diz, lembro-me de um dia me ter seguido no carro desde Shenley, onde fica o campo de treino do Arsenal. Tinha a certeza de que era ele e depois deixei de ter, não sei se me entende. Mas tinha de ser ele, acho. Já devia saber que o Drenno era capaz de tudo por uma brincadeira.

Acenei com a cabeça.

– Agora me lembro. As minhas chaves do carro. Foi comigo ao concessionário quando o comprei. Dizia que estava a pensar comprar um igual. Até podia ser que estivesse, ao que sei. Telefonou ao vendedor fazendo-se passar por mim, disse-lhe que eu tinha perdido as chaves e pediu que mandasse vir umas da Alemanha. É a única maneira de ter entrado. Deve ter dado a chave ao filho da mãe do Mackie.

Louise Considine assentiu com a cabeça.

– Sei que a Helen Fehmiu está morta e não lhe vai servir de nada, mas a violação é um crime grave e vamos reabrir o caso porque tem de ser, embora nos pareça que as coisas estão mais do que claras. É possível que tenha de o interrogar, por formalidade, para que me conte outra vez o que aconteceu. Espero que compreenda. Dou-lhe a minha palavra de que a imprensa não saberá de nada.

– Obrigado.

Tocou-me na mão.

– Lamento ter tido de voltar ao assunto, mas tinha de saber a verdade sobre o que aconteceu. Acho que compreende, não é assim?

– Sim.

– Lamento que a sua opinião sobre o Matt Drennan vá mudar.

Abanei a cabeça.

– Não, não vai mudar. Sinceramente, não sinto que tenha de o condenar pelo que fez. Afinal, pagou um preço elevado por isso. A morte. Isso é muito, muitíssimo pior do que o que aconteceu comigo.

Capítulo 28

Às vezes, os edifícios modernos acabam por ter partes feias e ocultas que não foram concebidas pelos seus desenhadores. Têm os seus próprios ermos interiores – espaços sobrantes que passam despercebidos ao público e acabam frequentemente por ter usos alternativos de pouca monta e para os quais não foram pensados. O lugar em que fora encontrado o cadáver de Zarco em Silvertown Dock era um deles: uma zona esquecida que separava uma estrutura independente de outra e que estava cheia de cocó de pássaros – um espaço de ninguém entre as arquibancadas e a estrutura exterior de aço. Na tentativa de ocultar esse espaço em particular – ou talvez de evitar que lhe fosse dado um uso ilícito – fora instalada uma porta de bronze duro de forma triangular e cor cinza-chumbo, fechada com um cadeado *Abus* desgastado pelo tempo; ao entrar, dei por mim num espaço de betão com uma forma semelhante à da porta e em que se destacava uma comprida coluna de aço, inclinada e polida, que chegava às partes mais altas da característica estrutura dentada de suporte e se perdia no céu vespertino.

Fechei a porta, agachei-me, olhei para cima e ao redor tentando imaginar o terrível destino de Zarco.

Como observara Jane Byrne, não havendo janelas à vista, era impossível ter caído – a menos que tivesse saltado do cimo do edifício –, e era um local isolado perfeito para alguém dar uma valente surra em Zarco sem receio de ser descoberto. Era um sítio solitário e horrível para um homem tão jovial como ele perder a vida. Tivera uma vaga esperança de ligar a cena do crime com as mensagens do telemóvel que Zarco possuía «para outras coisas». Seria aquele o «123» a que Paolo Gentile devia ter levado as cinquenta mil libras em numerário?

A chave da porta tinha uma etiqueta de plástico, na qual se podia ler «Campo Exterior 28/1», que não se parecia nada com «123». E como não havia telhado, era difícil de imaginar que Gentile tivesse deixado o dinheiro à intempérie, mesmo que metido numa dessas mochilas estanques usadas pelos que têm iates. E se tivesse entrado alguém da manutenção do edifício e a tivesse encontrado? Havia umas quantas escovas e vassouras empilhadas a um canto, o que parecia indicar que havia essa possibilidade. As chaves do cadeado – duas – tinham sido fáceis de localizar; estavam no chaveiro do vigilante. Deveriam ter sido três? Ninguém tinha a certeza, mas havia outros cadeados que tinham três.

Se esperara ter um grande momento como detetive e, de certo modo, «ver» o crime na minha cabeça, isso não aconteceu. A única coisa que me parecia clara era que não estava nada preparado para nenhuma das tarefas de que me incumbira o meu novo chefe. Senti frio e, principalmente, senti-me perturbado depois da desagradável notícia que Considine me acabava de dar. Tudo estava a acontecer demasiado rápido para mim.

Procurei lembrar-me de onde tinha estacionado o carro; foi quando me recordei de que tinha sido Maurice quem o fizera.

Levantei-me, saí e assegurei-me de que a porta ficava bem fechada. Estava a meio caminho do meu gabinete quando vi Simon Page dirigir-se a toda a pressa na minha direção e com uma expressão que me levou a crer que alguma calamidade se ia abater sobre nós.

– Uma desgraça – disse. – Uma grande desgraça.

– Que aconteceu?

– Aquele estúpido do alemão, aquela bicha, foi para casa! Foi isso o que aconteceu, merda!

– Estás a referir-te ao Christoph Bündchen? Por amor de Deus, Simon, baixa a voz. Se um destes polícias te ouve falar assim, prende-te como faz com os que andam para aí a chamar «bichas» aos homossexuais. Crime de ódio ou lá o que é.

– Desculpa, mas já não sei mais como procurá-lo.

– E qual é o problema? A polícia disse-lhes que podiam ir para casa depois de serem interrogados.

– A polícia, sim, mas a Autoridade Antidopagem não; ele foi um dos quatro jogadores escolhidos por sorteio para um controlo da urina.

– Porra! Tinha-me esquecido completamente deles.

– É verdade. Parece que depois de ser interrogado pela polícia esta manhã, o Chris apanhou um táxi para Hangman's Wood, como todos os outros. Tinha-lhe dito que depois de acabar viesse diretamente para cá, mas o palerma deve ter-se esquecido. Bem, pelo menos assim espero. Seja como for, os tipos da antidopagem estão quase a sair. A menos que demos com ele nos próximos quinze minutos, infringirá a regra objetiva de

responsabilidade dos controlos de dopagem e acusá-lo de incumprimento ou de recusa do controlo.

– Ligaste-lhe para o telemóvel? E para Hangman's Wood?

– Tentei o telemóvel e o telefone fixo. Falei para Hangman's Wood. Fiz tudo menos enviar um pombo-correio à mãezinha e ao papá na Alemanha, por isso, a não ser que se tenha lembrado e esteja a voltar para cá para fazer o controlo, está lixado, e nós também, sem a porra de um atacante. Porque, ouve bem o que te digo, é exatamente o que vai acontecer se aquele estúpido não fizer a merda do controlo. De certeza que lhe aplicam um castigo.

– Ainda temos atacante, sim. Tive uma conversa com o Ayrton Taylor há cerca de uma hora e tirei-o da lista de transferências.

– Porra, obrigado por isso.

– Mas tens razão, é importante. Vou já falar com os da dopagem.

– Não te iludas. Esses tipos, quando se lhes mete uma na cabeça, são uns filhos da puta.

Descemos às instalações de controlo de dopagem, próximas do balneário; agora, todos os grandes clubes têm as suas. Não são mais do que um conjunto de salas com aspeto antisséptico que incluem instalações sanitárias, cadeiras, uma mesa com um pano preto, uma bacia, uma caixa com tubos para recolher amostras, um frigorífico cheio de garrafas de água – por vezes, é preciso beber muita água para se conseguir mijar – e naquela tarde em particular, um ambiente de crise. Na parede havia um cartaz que dizia:

← ÊXITO

Escolhe. É a tua carreira.

Sentados por baixo do cartaz estavam dois homens de camisa branca, gravata e blazer azul, e uma cara tão comprida como duas tiras de mijo livre de drogas. Puseram-se de pé quando entrámos.

– Scott Manson. Treinador em funções – apresentei-me.

– Olá – disse um deles que segurava numa pasta. Mostrou-me a placa de identificação que lhe pendia do pescoço com uma tira vermelha e apertou-me a mão.

– Chamo-me Trevor Hastings, da DCO. E este é o supervisor da Associação de Futebol.

– Muito prazer.

– O Sr. Christoph Bündchen está disponível para fazer o controlo de dopagem? – perguntou-me educadamente.

– Receio que haja um mal-entendido – disse. – Saberão que João Zarco foi assassinado aqui ontem à tarde e temos cá a polícia agora. A polícia esteve a interrogar os jogadores e o pessoal da equipa e começamos a pensar que o Sr. Bündchen, que é alemão e não fala muito bem o inglês, confundiu a reunião convosco para fornecer uma amostra de urina com a que tinha com a polícia esta manhã. Tanto quanto sabemos, foi-se embora para casa. Telefonámos-lhe e deixámos-lhe mensagens a pedir que voltasse logo que pudesse mas, até ao momento, não temos notícias dele.

O funcionário da DCO consultou o relógio.

– Compreendo o que nos está a dizer, Sr. Manson, mas devo informá-lo de que o jogador foi notificado com suficiente antecedência de que esta tarde teria de

fazer um controlo de dopagem e assinou o formulário de consentimento; por isso, a não ser que se apresente nos próximos dez minutos, estará a infringir a Parte 1, Secção 5A, do Regulamento Antidopagem da FA e serão aplicadas as sanções previstas no artigo 46 por essa violação.

Simon abriu a cópia dos procedimentos da FA que estava sobre a mesa e começou a procurar a secção citada.

– Compreendo – respondi. – Mas parece-me que algumas pessoas poderiam considerar pouco razoável que, nestas circunstâncias tão excecionais, não se fosse um pouco mais indulgente com ele. Conheço as normas há muito, mas acho que deviam reconsiderar a vossa posição neste caso.

– Uma infração é uma infração. Quem decide se é justificada ou não é a comissão disciplinar da FA. Em audiência oficial.

– Percebo.

– Porra de merda! – exclamou Simon, cujo lado de Yorkshire se acentuava quando estava irritado ou preocupado. – Já viste as sanções do artigo 46? A primeira violação tem uma suspensão mínima de um ano. Um ano, caramba! Isso acabaria com a carreira do alemão. E tudo por causa de um mal-entendido de nada. Oiça, Sr. Hastings, tem de estar a brincar.

– Não creio que o Sr. Hastings esteja a brincar, Simon. Está apenas a fazer o seu trabalho, não é assim, Sr. Hastings?

– É verdade. Ainda bem que compreende, Sr. Manson.

– Acho que todos reconhecemos a gravidade do que pode acontecer.

– Obrigado.

– Este regulamento existe para defender e preservar a ética do desporto e para salvaguardar a saúde física e a integridade mental dos jogadores, não é assim, Sr. Hastings?

– É sim, senhor.

Fiz um gesto para o regulamento que Simon tinha na mão.

– Dás-me licença?

Simon soltou um tal suspiro que até parecia haver um cão enorme na sala e deu-me o regulamento.

– Sim, talvez seja assim. É tudo muito bonito, mas continua a ser extremamente injusto para com o rapaz. E digo isto apesar de toda a vida ter odiado os boches.

– Porque não nos vais buscar um chá? – pedi ao gigante de Yorkshire.

– Sim, talvez seja melhor.

– Peço desculpa, Sr. Hastings – disse quando Simon saiu. – Está um bocado emocionado. Estamos todos.

– É compreensível.

– Folgo em ouvi-lo dizer isso. Quanto tempo falta para que incorramos em infração?

– Sete minutos.

Encontrei a secção em questão do regulamento e analisei-a cuidadosamente. Sabia que a carreira de Christoph dependia do que dissesse a seguir.

– «A falta ou recusa de um jogador sem justificação válida a submeter-se a um controlo de dopagem após notificação será sancionada», disse, lendo o regulamento em voz alta. «Por “justificação válida” entendem-se unicamente as circunstâncias em que não seria razoável esperar que o jogador se submetesse ao controlo, circunstâncias que podem variar em função

da situação, mas tendo sempre em conta o compromisso limitado que isso acarreta necessariamente.»

– Exatamente – disse o funcionário da DCO.

– Sabe, Sr. Hastings? Não sou advogado, mas tenho tido bastantes experiências com a lei, nem todas agradáveis, e pergunto-me se já ouviu falar das regras da justiça natural.

Hastings negou com a cabeça.

– É um termo técnico para as regras contra o preconceito e o direito de se ter uma audição imparcial. E parece-me que o dever, o seu dever, de atuar com imparcialidade supera tudo o que a FA aqui tem escrito. Diria que qualquer juiz consideraria um tanto injusto que cá tenham vindo precisamente no dia de hoje, um dia em que choramos o nosso treinador, um dia em que a polícia está a realizar uma investigação que, com todo o respeito, me parece ter prioridade sobre tudo o que a FA nos peça, por mais justo que seja.

»Depois disto, eu diria que não há só uma, mas duas boas razões para considerar um motivo mais do que válido o argumento que acabo de dar. E nem sequer mencionei a relação especial que existia entre o Sr. Zarco e o Sr. Bündchen. Foi o Sr. Zarco que trouxe o jovem Christoph do Augsburg, na Alemanha, e quem lhe deu a sua grande oportunidade a outra noite contra o Leeds United. O Sr. Bündchen está muito perturbado. Talvez mais do que qualquer um dos outros jogadores. Não queria ter de falar disto, mas não tenho alternativa. Há bocado, uma inspetora da polícia contou-me que Christoph Bündchen se tinha posto a chorar quando o interrogou sobre a morte de Zarco. Sinceramente, não me surpreende nada que se tenha

esquecido do controlo de dopagem. Poupar-nos-ia a todos tempo e vergonha se tivessem isso em conta.

Tinha dito o suficiente. Mentalmente já estava a pensar em telefonar para Ronnie Leishmann a pedir-lhe que comesse a preparar o caso para a audição com a FA, fosse ela quando fosse. Lembrei-me do Rio Ferdinand em 2003 e da suspensão de oito meses que lhe aplicaram por faltar a um controlo de dopagem, para não falar na multa de cinquenta mil libras. No mundo do futebol, todos sabiam que Rio estava mais do que limpo, mas os imbecis da FA continuaram e aplicaram-lhe a sanção, o que o impediu de participar no Euro 2004, em Portugal, que acabou por ser ganho pelos gregos. Como é que isso aconteceu?

– Se precisarem de mim, estou lá fora.

Capítulo 29

No corredor, fora das instalações de controlo de dopagem, encontrei Simon a falar agitadamente ao telefone.

– Onde raio estás tu?

Viu-me pelo canto do olho e estendeu-me o telefone.

– É o Christoph – disse. – Aquela bicha maluca diz que está num jogo de futebol.

– Onde raio estás tu? – gritei-lhe ao telefone.

Falava em alemão para o caso de me ouvirem. Quando há gente da Autoridade Antidopagem por perto, o melhor é ter cuidado com o que se diz.

– Ao tempo que andamos a tentar contactar contigo!

– Estou em Craven Cottage – respondeu Christoph.

– E que raio é que estás aí a fazer?

– Vim ver o Fulham jogar contra o Norwich City, mais um amigo. É o meu clube local.

– E não atendes o telefone?

– Sinceramente, só ouvi o telefone ao intervalo.

– No campo do Fulham? Não me faças rir. Em Craven Cottage nunca há tanto barulho. Os vizinhos não o permitiriam.

– É verdade, chefe. Marcaram quatro golos.

– Deves estar drogado, rapaz. Faltaste a um controlo da urina. É muito grave, Christoph. Podes sofrer uma

sanção disciplinar.

– Eu sei, chefe. Lamento muito.

– Os tipos da antidopagem ainda aqui estão a decidir o que vão fazer. Dentro de cinco minutos podes vir a ter mais tempo para ver futebol do que alguma vez sonhaste.

A porta das instalações de dopagem abriu-se e apareceram os funcionários.

– Não desligues – disse. – Acho que vamos já saber se te vão notificar por teres violado o regulamento.

Baixei o telefone e fiquei à espera de coração aos saltos.

O Sr. Hastings olhou para mim e assentiu com a cabeça a mostrar a sua anuência.

– Dadas as circunstâncias excecionais, decidimos não tomar medidas.

Soltei um suspiro de alívio e assenti.

– Obrigado, meus senhores, por serem tão razoáveis.

Enquanto os dois se iam embora, estive quase a erguer os punhos no ar em sinal de vitória, e Simon também.

– Caramba, como é que fizeste isso? Apontaste-lhes uma arma à cabeça? Para mim, o rapaz estava fodido.

«O mais provável é que não tivesse sido a primeira vez», pensei. Em alemão, disse a Christoph:

– Ouviste?

– Ouvi, chefe.

– Tinhas-te esquecido do controlo ou és parvo?

– Acho que sou parvo, chefe.

Franzi o sobrolho.

– O que queres dizer com isso? Que não te tinhas esquecido?

– Na quinta-feira, fui à festa de anos de um amigo

no Soho. Uma festa *gay*. E sem querer tomei *crystal*. Acho que alguém o deve ter posto na minha bebida. Por brincadeira. Pelo menos, foi o que me disseram. Só soube quando já era demasiado tarde.

– O quê?

Christoph Bündchen não se esquecera afinal do controlo; tinha-se assustado e fugido porque sabia que ia dar positivo. Percebi então quão próximo tínhamos estado de uma desgraça, maior ainda que a de Adrian Mutu; não fazia ideia do que fosse o *crystal*, mas presumi que fosse algum tipo de droga e uma daquelas que não se pode argumentar serem para a gripe.

– Juro-lhe que era um refresco. Um sumo de laranja.

– Se é assim, está bem.

– Nunca tinha tomado aquilo antes. Aconteceu, simplesmente. E quando aqueles dois do controlo de dopagem apareceram, fiquei assustado. Prometo que não volta a acontecer.

– Isso podes ter a certeza. E não me digas mais nada. Nem mais uma palavra. Mas estás fodido. Amanhã de manhã quero ver-te no meu gabinete em Hangman's Wood depois do treino e logo vemos qual vai ser o teu castigo. Mas digo-te já: não esperes voltar para casa com os tomates nas cuecas.

Devolvi a Simon o telemóvel.

– Que desculpa é que deu?

Simon não tinha de o saber. Partilhar um problema nunca o torna mais pequeno. No futebol, não, muito menos com alguém como Simon que, apesar de ser alto, bem-parecido e grisalho, tinha uma índole difícil, pessimista e característica das gentes do Norte. Por alguma razão lhe chamavam Brumas. Só tinha uma expressão, a estoica. Até o sorriso parecia gelo a

formar-se sobre lápides. Tinha nascido em Barnsley e jogara futebol no Sheffield Wednesday, no Middlesbrough, no Barnsley e no Rotherham United; por isso, verdadeiramente surpreendente era ter deixado de viver no Yorkshire. A culpada disso era a mulher, Elke, uma venezuelana muito mais nova do que ele e que conhecera numa viagem a Espanha, onde tinham uma casa de férias. Constava que ela se tinha negado a casar-se a não ser que fossem viver para Londres. Não posso censurá-la por isso. Simon, no entanto, detestava o Sul de Inglaterra quase tanto como os meridionais, e dizer que era um dos homens duros do futebol era como descrever os membros das forças especiais do exército como machões.

– Ele disse *Entschuldigung* – respondi-lhe. – Em alemão significa «Fui um grande palerma».

– Foi o que pensei que significava.

Voltei ao meu gabinete, onde encontrei Maurice colado à televisão.

– Nem vais acreditar – disse-me.

Olhei para o aparelho. Estavam a dar o boletim meteorológico.

– Depois daquilo por que acabo de passar, acredito em tudo – respondi. – Até num dia de sol em janeiro.

– Não, espera um pouco que as notícias já voltem. Não tem preço. A polícia prendeu o Ronan Reilly.

– Estás a gozar!

– A sério.

– Por homicídio? É impossível.

– Não sei. Não disseram. Parece que foram a casa dele para o interrogar e ele escapou-se pela janela. Prenderam-no quando ia a fugir pela rua abaixo.

– Talvez tenha que ver com outra coisa.

– Esperemos que não. Sempre podíamos voltar à normalidade.

Alguns momentos depois, Reilly surgia no ecrã a ser levado algemado para um carro da polícia. Tinha tido melhor aspeto, mesmo na BBC; vestia uma camisola de alças e tinha um olho negro. A sua famosa cicatriz na fronte, resultado de uma briga quando fazia parte de um bando juvenil, sobressaía mais do que o habitual. Tinha pinta de assassino. Havia tipos na prisão de Wandsworth que pareciam muito mais inocentes.

Maurice começou a rir-se.

– Nunca gostei deste sacana – comentou.

– É verdade, já mo tinhas dito.

– E com razão. Nunca foi capaz de ter uma palavra amável para este clube. Nem uma vez. Achas que exagero, mas não. Odeia-nos. Já nos odiava antes da vinda de Zarco para aqui. Sempre que ia ao *Macht of the Day* batia-nos por isto e criticava-nos por aquilo. A mim surpreendia-me que tivesse coragem para aparecer aqui.

A seguir, viu-se o inspetor Neville a sair de casa de Reilly, em Coombe Lane, sem responder às perguntas dos jornalistas.

– Espera, este é o polícia que cá esteve esta manhã – comentou Maurice.

– É verdade, o inspetor Neville – respondi.

– Caramba, talvez tenha sido realmente o Reilly que arrumou o Zarco. Afinal, se não é culpado, porque se pôs a fugir?

– Sou capaz de te apresentar várias boas razões para isso.

– Meu Deus! Quem diria!? O Ronan Reilly, um assassino.

– Não sabemos se foi preso por isso.

– Que mais podia ser? Não prendem as pessoas por nada.

– Pois não foi o que aconteceu comigo.

Esperámos uns momentos e o jornalista da Sky falou na rixa que Reilly tinha tido com Zarco na entrega dos prémios da BBC e começou a especular que a prisão podia ter que ver com o assassinato do treinador português.

– Estás a ver? – exclamou Maurice. – Ele também pensa o mesmo.

– Acredita, eu passei por aquilo. Pelo que Reilly está agora a viver. As pessoas apressam-se a tirar conclusões. Onde há fumo há fogo. Culpado até que se prove o contrário.

– Então e que me dizes do *Super Sunday*?

– Não sabes da missa a metade.

Contei-lhe o que se tinha passado com a Autoridade Antidopagem e que Christoph tinha escapado por uma unha negra de ser apanhado.

– A propósito, *cristal*, o que é?

– Metanfetamina. É muito popular entre os tipos das *PnP* com drogas.

– *PnP*?

– *Party and Play*, ou seja, Festas e Sexo. O *cristal* é uma droga dos homossexuais muito popular nos clubes.

– Quanto tempo se mantém na urina?

– Até cinco dias. Noventa se fizerem o controlo pelo folículo capilar. O que podem fazer, claro, desde que se tenha cabelo, ao contrário dele.

Maurice fez sinal para a televisão com a cabeça e riu-se cruelmente quando a Sky voltou a passar as imagens em que Reilly era levado algemado para o

carro da polícia. Era inegável: Ronan Reilly era calvo. Tornava-se difícil fazer a relação dele, de corte de cabelo ao estilo dos Beatles que tanto atraía as adolescentes, com o que jogara no Everton e se casara com uma antiga Miss Singapura.

– Maurice, acabas de me ajudar a escolher a equipa para o jogo contra os Hammers.

Peguei no telemóvel e comecei a escrever uma mensagem para Simon.

– Se o Christoph podia dar positivo hoje, então também pode dá-lo terça-feira à noite. Joga o Ayrton em vez do alemão.

– O Ayrton? Julguei que ia para o Stoke.

– Já não. Pedi-lhe que ficasse.

Maurice assentiu.

– Inteligente. Precisamos da experiência dele. É a única coisa que o Sr. Sokolnikov, por mais milhões que tenha, nunca poderá comprar.

Capítulo 30

Passei o resto da tarde no meu gabinete, evitando a polícia, a responder a telefonemas e a mensagens, a beber chá e a estudar os jogos anteriores dos Hammers no meu *iPad*. Sempre gostei do Thames Ironworks, que é como costumávamos chamar-lhes no Arsenal e é o nome que tinham em 1895, quando o clube foi criado. Uma vez, estive quase a assinar por eles. Tinha sempre a sensação de que a I Liga não era a mesma sem o West Ham, como em 2011. Havia muitas outras equipas que parecia que não encaixavam na I Liga, mas não era o caso dos Hammers. Quando jogávamos contra o West Ham, eram sempre partidas duras, e graças a treinadores como Harry Redknapp e Frank Lampard, pai, tinham uma academia bastante boa, da qual saíram nove internacionais, incluindo Bobby Moore, o que significava que era provável que tivéssemos umas quantas surpresas terça-feira à noite.

Pouco antes das cinco, estava eu a preparar-me para ir para casa, quando Viktor assomou à porta. Envergava um casaco *Canali* comprido de cor castanha, com gola de pele, e trazia na mão uma bela mala *Bottega Veneta*.

– Como é que vão as coisas? – perguntou.

– Olá, Viktor. Que faz por cá?

– Vim ver aquela mulher, a inspetora-chefe Byrne,

para lhe contar como correram as coisas ontem ao almoço.

– E que foi que lhe contou?

– Que tudo parecia normal. Que Zarco estava exuberante, como de costume. Que nunca me deu a impressão de que achasse que alguém lhe pudesse dar uma sova que o levasse à morte. Estava bem-disposto.

– Pediu-me que investigasse o homicídio de Zarco, que está sob os saltos altos dessa inspetora. Com todo o respeito, ajudar-me-ia se me desse a oportunidade de lhe fazer também umas quantas perguntas. Afinal, foi uma das últimas pessoas a vê-lo com vida. Talvez possa saber de algum pormenor útil que desconheça. Não sei, algo que se tenha esquecido de contar à polícia.

Consultou o seu relógio barato e anuiu.

– Com certeza. Boa ideia.

Aquele foi o ensejo para que Maurice voltasse a sair. Ao abrir e fechar a porta, vi dois guarda-costas do tamanho de Hulk no corredor. Pensei que seria melhor que as minhas perguntas fossem respeitosas.

Viktor tirou o casaco e sentou-se no sofá.

– Viu as notícias na televisão? – perguntou-me. – Sobre o Reilly.

– Vi.

– Acha que foi ele que matou o Zarco?

– Francamente, não sei, Viktor.

– Se está inocente, porque fugiu?

– Isso pergunto-me eu.

– Tinham sido amigos, ele e o Zarco, sabia? Muito antes daquele estúpido episódio na entrega dos prémios. Quando Reilly e Zarco ainda eram jogadores, em inícios dos anos 1990, houve um incidente no relvado durante um jogo. Reilly jogava no Benfica,

Zarco no Porto. Seja como for, discutiram os dois e Zarco deu uma cotovelada na cara de Reilly que quase lhe deu cabo de uma vista e lhe acabou com a época. Na verdade, quase lhe acabou com a carreira.

– Não sabia.

– Vem no livro do Reilly, esgotado há muito, por isso acho que já ninguém se lembra. Mas lembro-me eu. E lembro-me porque nunca me esqueço do que leio. Não digo que tenha uma memória eidética ou fotográfica. Sinceramente, não creio sequer que exista. No entanto, a minha memória *é* excecional.

– Já que se lembra de tantas coisas, conte-me mais pormenores do almoço. Do Zarco e de como estava a última vez que o viu.

– Como lhe disse, estava igual a si próprio – explicou Viktor. – Sarcástico e divertido como sempre. E confiante no jogo, claro. Sempre confiante. Às vezes, demasiado. Pediu um bife. E um copo de vinho tinto, um apenas. Que mais? Ah, sim, levava um gorro e óculos de sol.

– Gorro? Que tipo de gorro? À Malcolm Allison, à Roberto Mancini ou à Tony Pulis?

– Malcolm Allison, não sei quem é. Nunca ouvi falar. Ao estilo de Roberto Mancini, diria. Um gorro de lã. Ontem estava muito frio.

– Com as cores do City?

– Não. O laranja faz com que a cabeça pareça um vaso de flores. Era preto. Levava o gorro e um par de luvas de motociclista assustadoras. Com protetores nos nós dos dedos.

– Ele tinha medo de si, sabia?

– Sófocles dizia que para quem tem medo, tudo são ruídos.

Viktor sorriu.

– Acredite, Scott, há muito ruído à minha volta. Todos parecem ouvi-lo. Todos, menos eu. Dizem, sobretudo os meus inimigos, que tenho ligações ao crime organizado. Não é verdade; o que é verdade é que nem sempre foi assim. Quando comecei a fazer negócios na Rússia e na Ucrânia, era praticamente impossível não ter de fazer acordos com gente da chamada máfia russa. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa acerca da máfia russa: não existe. Nunca existiu. Convinha ao governo racista de Moscovo, o governo de Boris Yeltsin, pois assim podia culpar os chamados bandos étnicos dos problemas do país: os georgianos, os chechenos, os tártaros, os ucranianos e os judeus. Sempre os judeus. Mas sabe, eram sobretudo homens de negócios que viam uma oportunidade e a aproveitavam num país onde as oportunidades não existiam há cem anos. Eram avaros? Eram. Cruéis? Às vezes. Se eu era um deles? Sem dúvida. Enriqueci rapidamente depois do colapso da URSS? Com certeza. Fi-lo através de métodos que não satisfariam a SEC ou a FSA? Talvez. Alguma vez matei alguém? Não.

Acho que pretendia tranquilizar-me com aquele discurso mas, por alguma razão, não o conseguiu. Primeiro, tinha os guarda-costas à entrada da porta e, depois, por mais que não passasse de um homem de negócios, conhecia muita gente que operava à margem da lei.

Viktor sorriu.

– A seguir vai perguntar-me pelo meu álibi, Scott. Pois passei a tarde toda com aquela gente do município de Greenwich. Responderão por mim.

– Folgo ouvir isso, porque acho que o Zarco tinha

uma boa razão para ter medo de si. Tinha feito algo errado. Algo ilegal.

– Então, já sabe disso.

Os seus olhos frios e escuros estreitaram-se.

– Vejo que não me enganei consigo, Scott. Tomei a decisão correta.

– Espero que continue a pensar assim quando terminarmos a conversa, Viktor.

– Não sou parvo. Sabia que havia uma boa razão para que o Zarco preferisse que trabalhássemos com o Paolo Gentile em vez de com o Denis Kampfner na transferência do Traynor. Suspeitava que fosse receber pela transferência. Em parte, a culpa é minha. Eu explico: há uns tempos, o Zarco pediu-me muito que lhe desse algum tipo de informação privilegiada. É uma coisa que não gosto nada de fazer, mas ele insistiu e eu falei-lhe numa companhia de energia dos Urais. Tinham acabado de encontrar um grande poço de petróleo e dizia-se que as suas ações iam subir em flecha. Eu comprei algumas e ele também. Acontece que não havia nenhum poço de petróleo, era tudo uma fraude e o valor das ações foi por água abaixo. Zarco perdeu muito dinheiro. Não tanto como eu, mas eu podia permitir-mo. Sentia-me mal com aquilo. Muito mal. Creio que perdeu, pelo menos, um quarto de milhão de libras. Por isso, quando me pediu se podíamos usar o Gentile como agente na transferência do Traynor, acedi a fim de que ele pudesse recuperar o que tinha perdido. Fingi mesmo acreditar no que me dizia, que não se podia confiar no Denis. Sim, é verdade, fiz vista grossa ao roubo que o meu próprio treinador estava a fazer.

Viktor acendeu um charuto com o seu isqueiro de ouro. Por isso é que é bom ter-se um clube de futebol;

as leis antitabaco não se lhe aplicam.

– Lembra-se de quando as pessoas começaram a ter automóvel próprio? Claro, não se pode lembrar disso. Eu vou explicar-me. Em 1865, o parlamento britânico aprovou uma série de leis chamadas Leis Locomotrizes, que se aplicavam aos veículos autopropulsados que circulavam pelas estradas britânicas. Leis copiadas nos EUA, a propósito. Por razões de segurança, a lei obrigava a que um homem com uma bandeira vermelha na mão caminhasse sessenta metros à frente de cada veículo. Comigo passa-se o mesmo. O meu dinheiro caminha sessenta metros à minha frente com uma bandeira vermelha e toda a gente vem ver-me, no sentido amplo da expressão. Como um trouxa, percebe? Que mais se pode chamar a alguém que paga sempre tudo? Ninguém me dá contrapartidas. A não ser que eu me torne mais duro, o que significa, claro, que sou sempre visto como cruel. Cruel e avarento. Mas eu só quero as mesmas contrapartidas que os demais.

»O Scott também está bem na vida. Está bem e confortável, ainda que não seja muito rico. Mas quando se é muito rico, uma pessoa habitua-se a ser roubada, meu amigo. Até certo ponto, aprende-se a lidar com isso. Toda a gente me rouba: o meu secretário, o meu advogado, o meu piloto, o meu motorista, o meu mordomo, a minha ex-mulher, o meu contabilista... todos, Scott, me roubam. Quando se é muito rico como eu, é como um risco ocupacional. Acho que pensam que sou tão rico que nem dou conta de nada. Mas é claro que dou. Sempre. É triste, Scott, mas quando se é tão rico como eu, as únicas pessoas em quem se pode confiar é naquelas que não querem nada de nós. Foi uma grande decepção descobrir que o Zarco me estava a

roubar. Mas não se pode dizer que fosse uma surpresa. É tão simples como isto.

– Não tanto.

Estreitou ainda mais os olhos e tirou um pedacinho de tabaco da língua.

– Explique-se, por favor – pediu.

– Quando o Zarco soube que iam ser levantadas as objeções ao plano da ponte de Thames Gateway pelo município de Greenwich, usou o dinheiro com que lhe tinham untado as mãos para comprar ações do SSAG. Quase meio milhão de libras.

– Isso não sabia.

– Ele e o Gentile.

– Um momento.

Suspirou como se estivesse cansado.

– Não me diga que usou a mesma empresa para comprar as ações que usou para comprar as da companhia de energia dos Urais? A GCCP Mónaco?

– Receio que sim. Só depois descobriu que a GCCP Mónaco era parcialmente propriedade do Sumy Capital Bank of Geneva.

– Idiota. Peço desculpa, mas é por isso que as pessoas acabam na prisão, porque são estúpidas e cometem erros estúpidos.

– Receava que o Viktor descobrisse e se irritasse.

– E tinha razão. Não sabia disso, Scott, mas agora que o sei, estou furioso. Talvez até o tivesse despedido se descobrisse. Talvez me visse mesmo obrigado a fazê-lo, percebe? Que estupidez tão grande. Talvez lhe tivesse dado mesmo um sopapo.

Viktor sorriu com um ar irónico quando se apercebeu do que tinha acabado de dizer.

– Sim, ter-lhe-ia dado um sopapo por ser avarento e

me meter em sarilhos, que foi o que fez. Mas deixe-me ser bem claro, Scott: nunca o teria morto. Dar informação privilegiada, ainda que através de outra pessoa, é uma coisa grave. É difícil de provar, mas é grave. Embora não tão grave a ponto de o querer ver morto. Mesmo assim, vou ter de pedir conselho legal sobre o assunto, não se vá dar o caso de suspeitarem que dei a informação ao Zarco para que pudesse aproveitá-la.

– Como é que ele soube? Tem alguma ideia?

– É uma boa pergunta. Não sei. É possível que tenha visto alguma coisa no meu portátil, que tenha lido algum *email* no meu *iPhone*, não sei. Mas mais importante agora, como é que você soube? Mais alguém sabe? Nomeadamente, a polícia?

– Sabe o Gentile, mais ninguém. Eu só o sei porque o Zarco guardava na gaveta da minha secretária um telemóvel que usava, pelo menos, era o que eu pensava, para marcar os seus encontros com a amante. Na verdade, acho que só servia para falar com o Gentile.

– Ainda tem o telefone?

– Tenho.

– Gostava de o ver – disse Viktor. – Até é possível que tenha de o entregar aos meus advogados. Para me proteger, se é que me compreende.

– Antes disso, quero falar com o Gentile. Quero usá-lo para, se puder, obter mais informações.

– Muito cuidado, Scott. Eu não tenho ligações com o crime organizado, mas o mesmo não se pode dizer do Gentile.

– Quer dizer que ele está ligado à máfia?

– O Gentile vive em Milão, mas nasceu na Sicília. Há uns anos, foi investigado pelas autoridades italianas

pela sua ligação com um tal Giovanni Malpensa. Malpensa é o chefe de uma família que controla Trabia, um distrito de Palermo; isto para não falar nas suas participações em vários clubes de futebol italianos. O Gentile pode não ser perigoso, mas o Giovanni Malpensa é-o de certeza.

– E mesmo assim permitiu que a transferência do Traynor fosse negociada por ele?

– Julga que há agentes mais honrados que outros? Ora, não seja ingénuo. O Denis Kampfner tem amigos muito corruptos no submundo das drogas de Manchester. Não devia surpreender-se, porque o futebol move mais dinheiro do que nunca. É uma baleia presa à borda do navio que é a economia mundial. E quanto mais dinheiro houver, mais tubarões aparecerão para se alimentar. Em 2013, a British Telecom pagou quase mil milhões de dólares pelos direitos de transmissão da Liga dos Campeões e da UEFA. Mas pensa, sinceramente, que isso significa que este desporto se tornou menos corrupto do que antes? Pelo contrário. O futebol e o dinheiro andam de mãos dadas. O futebol tornou-se numa importante ferramenta de *marketing*, talvez a maior ferramenta de *marketing* dos nossos dias. Que outro modo há de se atingir o importantíssimo mercado dos homens? São eles que tomam as decisões. Porque digam as mulheres o que disserem, são os homens que tomam as grandes decisões financeiras em todas as casas, o que significa que continuam a ser a audiência mais importante a atingir. Em qualquer parte do mundo. Do Catar a Queensland, o futebol é a língua franca do mundo. Por isso há gente disposta a investir tanto nos direitos do Mundial, ao ponto de pagar milhões de dólares em subornos.

– Isso lembra-me que o nosso estádio vai passar a chamar-se Subara, não é?

– É, Subara. Como o do Arsenal se chama Emirates – respondeu Viktor.

– E podia perfeitamente chamar-se Jintian Niao-3Q.

Viktor fez uma cara triste cómica.

– É verdade – disse. – É uma pena que isso não vá acontecer. A não ser, claro, que o Scott tenha intenção de acusar os catarenses do homicídio de Zarco. Isso mudaria certamente o rumo das coisas. E deixaria o caminho livre aos chineses. Outra vez. Claro que, se o fizer, terei de o considerar um grande amigo.

Soltou uma grande gargalhada.

– Para não falar do Ronan Reilly. Ele também gostaria de ter os catarenses acusados do homicídio.

Viktor sorria, mas era difícil saber se estava ou não a falar a sério. Esse é que era o problema com Viktor Sokolnikov: era muito difícil saber o que pensava.

– Ouça, Viktor, acho que devo deixar clara uma coisa: não vou acusar ninguém de homicídio a não ser que esteja absolutamente certo disso. Nem por si, nem pela Jintian Niao-3Q, nem por ninguém. Neste momento, não faço ideia de quem matou Zarco. Não faço ideia nenhuma. E acho que é melhor manter em segredo qualquer teoria acerca deste assunto até ter provas sólidas, não lhe parece?

– Mas, por favor, peço-lhe que seja eu o primeiro a saber. Estou muito interessado em saber o que descobriu. Muito interessado mesmo.

– Obrigado por ser tão franco comigo.

– Não tem de quê.

– Já agora, se me permite, posso fazer-lhe mais uma

pergunta?

– Faça.

– É sobre a discussão que teve com o Alisher Aksyonov na televisão russa. Quando lhe deu a cabeçada nos dentes... porque foi?

Viktor sorriu de forma acanhada.

– Porque mais poderia ser senão por causa do futebol?

Capítulo 31

Eram quase sete horas quando decidi arrumar as coisas e ir para casa. Estava cansado. Tinha sido um dia longo e estava morto por ver Sonja e não fazer nada. Maurice atirou-me as chaves do carro e desejou-me as boas-noites.

– Ainda ficas? – perguntei.

– Um bocadinho. Telefonei a um camarada. Um tipo que conheci em Wandsworth. Sempre foi bom a conseguir informações. Sabes, daquelas que não vêm no Google. Disse que me telefonava antes das sete e meia. Pensei que se a coisa foi um trabalho de profissional, refiro-me à «comissão de boas-vindas» a Zarco, é provável que ele saiba alguma coisa. Sabe quase tudo.

– Obrigado, Maurice.

– Guia com cuidado. Está muito escuro lá fora.

Fui até às escadas principais. Mantém-se a forma subindo e descendo as escadas do estádio; tinha apenas três pisos, mas o ponto mais alto da Coroa de Espinhos equivalia a um edifício com quase dez andares, uma altura de mais de trinta metros, e demorava-se bem dez minutos a dar a volta a cada piso. Alguns dos seguranças e dos carteiros usavam *Segways* – os diciclos elétricos –, mas eu preferia caminhar, principalmente num dia tão ocupado que nem pudera ir ao ginásio. As

coisas estavam muito mais sossegadas agora e quase toda a gente tinha ido para casa. A um ou dois metros de mim, um polícia fardado parecia caminhar na mesma direção que eu e, como ia no seu encalço, pareceu-me detetar um ligeiro aroma de algo doce e vagamente familiar.

– Está perdido? – perguntei-lhe, querendo ser prestável. – Este sítio é como o labirinto de Hampton Court. Os pisos são todos iguais.

– Estou à procura das escadas da entrada principal – murmurou.

– Então, está perdido. Ficam precisamente no sentido de onde acaba de vir. Por aqui vai-se para a entrada Z, que vai dar ao parque de estacionamento.

– É o parque de estacionamento que quero – respondeu, algo vagamente. – Foi lá que deixei o meu carro.

Tudo naquele polícia me parecia estranho, exceto o odor, que por fim me chegou àquela parte da memória que se ocupa de coisas tão inapreensíveis como identificar os nomes das fragrâncias. Nunca conseguia identificar os perfumes. Nunca sabia como se chamava o preferido de Sonja, mas conhecia o odor que me chegava da roupa do polícia. Quando se passam dezoito meses em Wandsworth, aprende-se a distinguir o cheiro da marijuana tão bem como o fedor do próprio corpo por lavar durante vários dias. E havia outra coisa estranha: o parque de estacionamento para o qual me dirigia era o dos jogadores, que não fora onde a polícia deixara os seus carros; esse ficava na entrada principal.

Alcansei o homem e olhei-o. Não era o polícia que tinha estado de guarda à porta do gabinete de Zarco na manhã em que os inspetores faziam uma infrutuosa

busca à sua secretária e gavetas. Há muito que esse se tinha ido embora. Este era diferente. Talvez um tanto de mais.

– Tem horas?

– Tenho.

O homem parou e levantou o pulso, o que me permitiu observá-lo melhor.

– São sete e cinco.

– Obrigado.

Era alto, com o cabelo ligeiramente grande e marcas de varíola no rosto, mas não foi nada disso, nem sequer o cheiro a droga que exalava, que me fez suspeitar dele; foram as tatuagens nos nós dos dedos. Quando estive na cadeia, vi que muitos presos faziam tatuagens; a mais popular era PSTFP. Significava «Os polícias são todos uns filhos da puta», coisa com que não podia estar mais de acordo. Mas parecia-me estranho um polícia ter aquelas iniciais tatuadas nos nós dos dedos; tal como me parecia estranho um agente da Polícia de Essex – que eram quem estava a investigar o caso – tivesse um distintivo no boné da Polícia de Surrey. Apresentavam as mesmas cores os dois – azul e vermelho –, mas o distintivo de Essex tinha três cimitarras e o de Surrey um leão deitado. Sabia que os de Essex tinham telefonado à Scotland Yard, o que fazia sentido, mas não via por que razão pediria a polícia de Essex a ajuda da de Surrey.

Pensei comigo próprio que não tinha nada que ver com o facto de um polícia se ter posto a fumar erva às escondidas num piso superior quando as coisas estavam sossegadas; o seu trabalho devia ser extremamente enfadonho. Pensei que talvez as normas da polícia relativamente às tatuagens nas mãos já não fossem tão

rigorosas desde que deixara de ter tanto contacto com as autoridades. Pensei que o meu ódio à polícia e a desconfiança que me provocava se estavam a tornar uma obsessão e que talvez devesse falar nisso a Sonja e perguntar-lhe se achava que precisava de ajuda psicológica. Pensei que já tinha tido problemas bastantes com a Polícia Metropolitana para estar a chatear também a de Surrey. Pensei que só queria era chegar a casa, tomar um bom banho e comer o *sushi* que Sonja devia ter comprado no restaurante japonês de King's Road. Pensei que se ele estava a fazer-se passar por polícia, deitaria a fugir quando lhe pedisse a identificação e que seria melhor estar preparado para algum soco.

Assentiu e deu meia volta.

– Um momento – disse-lhe eu. – Importa-se de me mostrar a sua identificação?

– Quê?

– A sua identificação. Gostava de a ver, por favor.

– Não é necessária – respondeu-me. – Lei Policial de 1996. Além disso, não estou de serviço. Tenho-a no carro. Vim só deixar algum material para a polícia que está aqui a trabalhar. Nem sequer faço parte da polícia local. Por isso, não seria correto trazê-la. Se fosse prendê-lo, então, sim, precisaria dela. Embora a farda deva ser suficiente para os vilões mais tolos.

– Está muito bem – respondi. – Mas só se for capaz de me dizer qual é a polícia local.

– Quê!?

– É simples. Os polícias fardados daqui. São da Polícia Metropolitana ou da de Surrey? E a qual pertence você?

O homem encarou-me.

– Ouça, meu senhor, foi um dia muito longo e o que menos me apetece agora é que se arme em espertinho comigo. Porque é que não vai chatear outro?

A verdade é que não me surpreendia que um polícia falasse naqueles termos, não era a primeira vez que me acontecia, mas desta, não ia permiti-lo.

– Ouça, se eu fingisse ser polícia num edifício cheio deles, é provável que fumasse um charro para acalmar um pouco os nervos. Para me conseguir concentrar na tarefa. Seja lá ela qual for.

O homem lançou-me um sorriso sarcástico e a seguir desatou a correr.

O que foi como soltar uma lebre na frente de um cão de corrida. Quando era defesa, tive a minha quota-parte de cartões vermelhos; por vezes, pela equipa, é preciso levá-los. Há um atacante que foge e é preciso cortar-lhe as pernas, como foi o caso de Ole Gunnar Solskjaer. Também vi entradas criminosas no meu tempo. Mas nenhuma pior que a de Roy Keane a Alf-Inge Haaland em 2001. Ainda me lembro do cartão vermelho ao capitão do Manchester United, mostrado por David Elleray – uma vez mais –, quando derrubou o médio do Manchester City. Mas é futebol, como ficou famosa a frase de Denis Law.

No que diz respeito a entradas, esta estive à altura da de Roy porque, como é evidente, este também não tinha a bola; e ainda bem que o falso polícia tinha a perna no ar quando o atingi com ambos os pés no joelho pois, de outro modo, podia tê-lo magoado muito mais. O homem caiu no chão e deve ter batido com a nuca, uma vez que ficou tão atordoado que tive tempo para me levantar e telefonar a Maurice.

Segundos depois lá o levámos, ainda titubeante,

para o meu gabinete a fim de lhe fazer umas quantas perguntas.

Uma revista rápida aos bolsos do homem pôs a descoberto uma identificação de outro polícia, além de um par de charros e uma pistola automática que me deu que pensar.

– É uma *Ruger* – comentou Maurice examinando a arma com atenção.

– Esta merda é verdadeira? – perguntei-lhe.

O falso polícia sentou-se na cadeira em frente à minha secretária.

– Que te parece? – respondeu com arrogância.

– É mesmo verdadeira, chefe.

Maurice tirou o carregador e inspecionou os cartuchos.

– E está carregada.

Maurice deu-lhe uma pancada na nuca.

– No que raio estavas a pensar para trazer uma arma para o estádio, seu estúpido de merda? Há armas e armas, mas com uma destas podes causar muitos problemas.

– Vai-te foder – respondeu.

Eu continuava a vasculhar-lhe os bolsos: uma carteira, as chaves de um carro, um mapa de Silvertown Dock com um X assinalado no segundo piso, duas mil libras em notas de cinquenta, um telemóvel e a chave de uma porta com um número.

– Sabes uma coisa? – disse. – Vem mesmo a calhar toda aquela polícia no piso de cima. Torna-nos as coisas mais fáceis. E a ti também.

– Então porquê?

– Diz-nos o que estavas a fazer e deixamos-te ir embora. De contrário, entregamos-te à bófia. Tão

simples como isto.

De repente, o homem correu para a porta, mas Maurice interpôs-se, ou melhor, o seu punho. Atingiu-o na têmpora como uma bola de demolição e fê-lo cair no chão.

– Foda-se! – soltou Maurice enquanto sacudia a mão e flexionava os dedos. – Isto dói!

O homem continuava estendido no chão.

– Não tanto como a ele – comentei. – Está desmaiado, mas é melhor não confiar.

Abri a gaveta da minha secretária e tirei as algemas que encontrara na noite anterior na secretária de Zarco, algemas que, suponho, devia usar nas suas brincadeiras sexuais com Claire Barry. Tirei a chave da fechadura, meti-a no bolso e algemei o homem inconsciente de mãos atrás das costas.

– Que oportuno – exclamou Maurice. – Um presente de Natal da mulher?

– Nem perguntes.

– Tu fazes os teus jogos e eu os meus – comentou Maurice com um sorriso obscuro.

Voltámos a sentar o homem na cadeira e ficámos à espera que deixasse de respirar tão fortemente e se recompusesse. Por momentos, pensámos que fosse vomitar, e, por essa razão, pus-lhe um caixote do lixo entre os pés.

– Diz-nos o que estavas a fazer e deixamos-te ir embora – insisti. – Parece que estás habituado a estas coisas, que és um profissional. Diz-nos o que estavas a fazer e podes ir-te embora.

– É uma boa oferta, imbecil – disse Maurice. – Eu e aqui o chefe estivemos na choldra, por isso também não gostamos da bófia. Se colaborares, podes ir à tua vida.

Mas se continuares de bico calado, entregamos-te com um lacinho. Com esta pistola no bolso, apanhas cinco anos.

O homem abanou a cabeça.

– Não vos vou dizer nada.

Olhei para a chave. Pela etiqueta de plástico, era da porta de um camarote VIP, o 123.

– Era aqui que ias? Ao camarote 123? Buscar alguma coisa para alguém? Dinheiro, talvez?

– Vão-se foder, marretas.

– Então, sou marreta? – disse Maurice com um sorriso. – Tens razão, meu lindo.

E torceu a orelha do homem.

– E sabes qual é o meu marreta preferido? O Animal!

– Fica aqui com ele – disse.

Maurice voltou a meter o carregador na pequena *Ruger*.

– Sem problemas.

– E, entretanto, descobre a quem pertence o camarote 123 e tudo o mais que pudeses.

Capítulo 32

No estádio do London City havia cento e cinquenta camarotes, todos no segundo piso. Por oitenta e cinco mil libras – o mais barato nesta época – tem-se um camarote privado do tamanho de uma caravana decente, com cozinha totalmente equipada, uma casa de banho, quinze entradas para cada jogo em casa, uma equipa de elegantes assistentes para acolher os convidados e servir a alimentação e as bebidas, um televisor panorâmico e consolas para fazer apostas. Quanto mais se paga, mais próximo se fica da linha de meio-campo e maior é o camarote. Todos os camarotes têm decorações diferentes, segundo o gosto – ou a falta dele – da pessoa ou da empresa que o adquirir. A maior parte deles pertence a empresas como a Carlsberg e a Google, mas o nome que havia na porta do 123 era o de um indivíduo árabe: o Sr. Saddi bin iqbal Qatar Al Armani.

Abri a porta, acendi a luz e entrei. A sala estava fria, mais do que devia. Verifiquei as portas corrediças, que estavam fechadas e de estores corridos, e olhei à volta.

O camarote do Sr. Al Armani estava decorado como o interior de um avião privado: grossos tapetes de cor creme, painéis de ébano polido e sofás caríssimos de couro branco. Possivelmente, tinha um avião com igual

decoração. A ocupar uma das paredes havia uma prova em papel com saís de prata da conhecida fotografia de Monte Fresco em que Vinnie Jones aperta os tomates de Gazza, assinada por ambos os jogadores, e uma camisola da seleção argentina com o número dez, emoldurada e assinada por Diego Maradona. Sobre uma mesa de ébano havia uma pilha de pratos com cercadura a ouro, um faqueiro com peças banhadas a ouro e respetivo estojo, um isqueiro de mesa de ouro e vários cinzeiros também de ouro. O televisor, panorâmico, que havia na parede era um aparelho da Sony de oitenta e quatro polegadas que parecia tão grande como as portas corrediças que davam para os quinze assentos situados a cinco metros acima da linha de meio-campo. Tudo parecia da melhor qualidade embora, para mim, o gosto deixasse bastante a desejar; a ostentação à Bin Laden é coisa que não aprecio.

Era evidente que Zarco ali estivera; havia um gorro preto de lã sobre a mesa, e sobre o sofá de couro branco estava a sua pasta *Dunhill* castanha. Abria-a na esperança de poder encontrar as cinquenta mil libras e o seu cachecol da sorte – que continuava por aparecer – mas, com exceção de um par de luvas de motociclista, estava vazia.

Fui à casa de banho; as peças e acessórios eram de ouro, e na parede havia uma fotografia aérea do Al-Wakrah no Catar, o chamado *Estádio Vagina*.

Abri a porta da cozinha, acendi a luz e fui até à janela. Abri os armários e o frigorífico, abri até a máquina de lavar louça, que estava ligada e tinha completado um programa, como indicava a luzinha acesa. Dentro dela havia três chávenas de café, o que era uma carga insuficiente para ter sido posta a

funcionar. Olhei à volta e vi um par de óculos de sol *Oakley* cinzento-azulados sobre a bancada. Peguei neles. Eram de Zarco. Sabia disso porque lhos oferecera no aniversário; tinha-lhe dito que lhe ficavam bem por causa da cor do cabelo, o que era verdade. De resto, não encontrei nada que me esclarecesse porque é que um homem armado se tinha arriscado, fazendo-se passar por polícia, a entrar ali.

Assim sendo, não via razão para que alguém ali quisesse entrar. Por uma pasta vazia? Sopesei o faqueiro; por causa de um banho de ouro não merecia o risco. A camisola emoldurada de Maradona não valia mais do que umas centenas de libras; afinal, tinha assinado muitas. Com um valor entre quinze e vinte mil libras, o aparelho de televisão era provavelmente o objeto mais precioso, mas pesava uma tonelada e não era propriamente o tipo de coisa que se possa levar debaixo do casaco.

A única coisa com interesse que descobrira era o facto de o camarote pertencer a um árabe que parecia ser do Catar. O que levava Zarco a obrigar Paolo Gentile a ir ali – com tantos outros sítios – com as cinquenta mil libras? Afinal de contas, o catarense que adquirira o camarote não teria a mais pequena simpatia por alguém que se pronunciara tão claramente contra a realização do Mundial no Catar. E era evidente que cinquenta mil libras não passavam de trocos para um homem como aquele. Nada fazia sentido.

Sentei-me e reparei que a aparelhagem estava ligada; aumentei o volume e dei por mim a ouvir o *TalkSPORT*. Não me entendam mal, gosto do *TalkSPORT*; a maior parte dos comentadores sabe do que fala. Especialmente Alan Brazil e Stan Collymore.

Mas o que se ouvia era um daqueles programas *post mortem* em que os adeptos dão a sua opinião sobre os jogos do fim de semana. Diziam sempre a mesma coisa: é preciso despedir este, aquele nunca devia ter sido contratado e aqueloutro não vale absolutamente nada. Pelo que a maior parte diz, o programa bem podia chamar-se FalarBABOSEIRAS.

Desliguei o rádio, peguei na pasta, no gorro e nos óculos de sol de Zarco, fechei a porta do 123 à chave e voltei ao meu gabinete.

O falso polícia continuava onde o tinha deixado, algemado à cadeira, a olhar taciturno para o chão. Tinha um pouco de sangue no nariz; peguei num lenço de papel e limpei-lho, mas apenas porque não queria que me sujasse a alcatifa.

Maurice estava debruçado sobre o meu PC e tinha a pistola sobre a secretária.

– Ele disse alguma coisa? – perguntei.

– Ainda não.

– Que descobriste do camarote 123?

– Pertence a um cavalheiro árabe do Catar – respondeu Maurice. – O Sr. Saddi bin iqbal Qatar Al Armani, do Bank of Subara, e que, segundo a *Forbes*, tem uma fortuna de seis mil milhões de dólares. Há três anos que o Sr. Al Armani adquire um dos camarotes mais caros, embora não pareça ser grande amante de futebol. Não esteve presente em nenhum jogo desde o início da época. Talvez ande demasiado ocupado a procurar petróleo e a gastar dinheiro. Não é nada de invulgar neste clube. Há pelo menos mais uma dúzia de pessoas com camarotes que nunca vieram a um jogo. Banqueiros de merda, na sua maioria. Não admira que os adeptos fiquem danados quando veem tantos lugares

vazios. Alguns desses cabrões podres de ricos até se devem esquecer dos camarotes que têm. O que não é de surpreender, se pensarmos nisso. Que são oitenta e cinco mil libras para quem tem milhares de milhões de dólares? Uma maldita piza.

»Ontem não foi exceção, no caso do Sr. Armani. No computador, não foi levantada nenhuma das entradas a que tem direito. Quem quer que o João Zarco fosse ver àquele camarote, não parece que fosse um tipo com um pano na maldita cabeça.

– Possivelmente, foi por isso que lá foi – respondi. – Porque sabia que não ia estar ocupado. Um sítio calmo e agradável para o Gentile deixar o dinheiro e o Zarco o ir buscar. Mas não creio que o tivesse feito. O Zarco levou uma pasta, mas foi esta. E está vazia.

– É possível que, afinal, o dinheiro não tivesse sido pago – conjecturou Maurice. – E Zarco tivesse ido à procura de Gentile. Quando o encontrou, levou-o para aquela zona de apoio para lhe dizer umas quantas coisas, mas foi a ele que lhas disseram.

– E ninguém o reconheceu?

Neguei com a cabeça.

– Com este gorro e estes óculos de sol era fácil chegar ao camarote sem chamar a atenção, mas parece que os deixou lá. De quem são os camarotes ao lado do 123?

Maurice teclou os números.

– O 122 é de um chinês chamado Yat Bangguo. Dirige uma coisa chamada Topdollar Property Company. O 124 pertence à Tempus Tererent Inc., que é uma empresa que faz jogos para consolas como a *Xbox* e a *PlayStation*. Nomeadamente o *Totaalvoetbal 2014*. Os da Tempus

Tererent assistiram ao jogo de ontem, usaram todas as entradas; o Sr. Bangguo só usou metade. O 121 pertence a Tomas Uncliss.

Tomas Uncliss era o anterior treinador do London City, quando a equipa tinha jogado na segunda divisão; fora despedido sem cerimónias por Viktor depois de uns quantos maus resultados.

– Todos tiveram refeições e o serviço de assistentes. Podíamos perguntar às raparigas se repararam nalguma coisa de invulgar no 123.

– Já falaste com alguma delas antes?

– A verdade é que não.

– A maior parte não é inglesa e David Beckham é o único futebolista que seriam capazes de reconhecer. Mal também não há de fazer, não é? Vê o que consegues descobrir.

– Com certeza, chefe.

Olhei para o nosso preso.

– Que acha, senhor...?

Maurice atirou-me pela mesa uma carta de condução e um cartão de fidelidade da Tesco.

– O cabrão chama-se Terence Shelley. Vive em Dagenham. E faz compras na Tesco. Tirando isso, não sei mais nada dele.

– Bem, sempre é um começo, não é?

Peguei numa bola e atirei-a com força contra a nuca de Shelley.

– Ei! Está alguém em casa? Ou falas ou dou-te de jantar ao Sweeney Todd.

Shelley não disse nada.

– Estou cansado. O meu amigo também. Por isso, sabes o que vamos fazer? Vamos para casa. Ele e eu. Tu vais passar aqui a noite em sítio seguro para refletires

bem na tua situação. Preso a um peso russo de vinte quilos. Que achas? A não ser que fales agora. Que dizes?

– Que se vão foder.

– Sabes uma coisa, Terry? Posso chamar-te Terry, não posso? Devias telefonar para o *TalkSPORT*.

Capítulo 33

Sonja não gostava muito de futebol e tendia a passar a maior parte dos fins de semana sozinha no seu apartamento de Kensington, o que se devia ao facto de os sábados e os domingos serem os dias mais ocupados num clube de futebol. Quando jogávamos aos sábados, ela ia ter comigo no domingo de manhã, quando jogávamos aos domingos de manhã, ia nesse dia à noite. Era um acordo que parecia convir-nos muito bem aos dois.

Estava desejoso de a ver, sobretudo depois de ter passado o fim de semana numa conferência de psis em Paris. Como especialista em perturbações do comportamento alimentar, era muito solicitada a sua participação em conferências de profissionais. Cada vez que Sonja saía de viagem, sentia que a minha vida se desequilibrava, como se me faltasse uma parte importante que me motivava; pode dizer-se que, sem ela, tinha demasiado futebol na vida, que ela era o ingrediente vital que me completava como pessoa. Pondo as coisas em termos mais simples: fazia-me feliz. Falávamos muito, principalmente sobre livros e sobre arte, e também nos divertíamos muito – tínhamos um sentido de humor parecido, embora, por vezes, desse a sensação de que eu era muito mais brincalhão.

Sentíamo-nos muito atraídos um pelo outro, o que significava que tínhamos sempre excelente sexo. Nunca conheci uma mulher que apreciasse tanto o sexo comigo como ela. Gostava muito de jogos e de encontrar maneiras de me satisfazer na cama. Não é que fosse muito difícil mas, por uma série de razões – especialmente o caso que tivera quando era casado e o facto de ter uma profissão muito física –, ela pensava que eu era muito ativo sexualmente quando, na realidade, acho que não o sou. Tanto gostava do que poderíamos chamar sexo básico como dos molhos e picantes que ela lhe acrescentava. Sinceramente, acho que se havia alguém muito ativo sexualmente era ela. A Sonja, nunca lhe chegava, mas, como muitos futebolistas, eu estava frequentemente demasiado cansado para ter sexo todas as noites, coisa que a ela, acho eu, agradaria. Na verdade, tenho a certeza disso.

Antes de viajar para Paris, tinha-me dito que ia lá a uma casa de roupa interior feminina chamada Fifi Chachnil, na Rue St. Honoré, para comprar qualquer coisa sedutora que vestiria para mim quando voltasse a Londres. Sonja costumava fazer coisas daquelas e, apesar de nunca lho ter pedido, confesso que não me cansava de a ver em roupa interior. Na verdade, sempre gostara muito. Acho que era por ser a antítese completa do meu mundo masculino, feito de linimentos e de suor, de coquilhas e de caneleiras, de botas sujas e de vaselina, de sebo e de calções de compressão. A roupa interior que ela comprava e vestia era inverosímil e incrivelmente pequena e delicada, rendada, absolutamente feminina, ou, pelo menos, assim me parecia. Além, claro, da figura fabulosa que tinha. O rabo era quase perfeito e a barriga muito lisa. Para uma

mulher que passava tanto tempo num gabinete, estava realmente em forma. Cada vez que se vestia para mim, como fazia habitualmente depois de regressar de um fim de semana fora, acendia muitas velas luminárias e perfumadas e abria-me a porta com algo diáfano e delicado. Depois do fim de semana, precisava um pouco daquilo, mas, mais importante, precisava de muito amor da mulher que amava; a morte de Zarco e as revelações sobre Mackie, o amigo de Drenno – para não falar na crise com os da Autoridade Antidopagem e a pressão que todos exerciam sobre mim – faziam com que me sentisse muito cansado.

Virei para Manresa Road e vi que havia luz no meu apartamento, o que me animou. Imaginei que acabava de sair de um banho quente e que ela me secava com cuidado com uma grande toalha. Ao mesmo tempo, vi que a imprensa saía da porta do prédio. Agora que Ronan Reilly fora preso, já tinham mais que fazer. Respirei de alívio, deixei o *Range Rover* no parque subterrâneo e, já feliz por estar em casa, entrei entusiasmado no elevador. Só lamentava não lhe ter comprado flores – uma orquídea branca, quiçá; ela adorava orquídeas – ou outro presente qualquer. Gostava muito de lhe oferecer presentes.

No entanto, quando abri a porta de casa percebi logo que alguma coisa não estava bem. Para começar, não havia velas perfumadas na mesa de entrada; além disso, a mala *Louis Vuitton Bisten 70* que lhe tinha dado no Natal estava no chão, juntamente com o estojo de *toilette* a condizer oferecido no aniversário. Tinha brincado dizendo que queria fazer dela uma verdadeira noiva pateta de futebolista, coisa a que achou muita graça, embora, na realidade, não houvesse o risco de

que isso alguma vez viesse a suceder; Sonja jamais encaixaria no perfil estereotipado da mulher do futebolista. Era demasiado inteligente para isso. Peguei na *Bisten* pela asa, a avaliar o peso; estava pesada, demasiado pesada para um fim de semana em Paris. Além disso, o normal seria que já tivesse passado pela sua casa.

Outra das razões por que sabia que alguma coisa não estava bem era que ela tinha a televisão ligada; quase nunca via televisão, e muito menos telejornais, porque dizia que só falavam praticamente de desastres e de desporto. Só a ligava quando procurava abstrair-se de alguma coisa do trabalho. De uma paciente. Ou de um artigo que estivesse a preparar para uma publicação. Vestia um fato de saia travada e casaco curto com uma blusa branca que era absolutamente o contrário do que esperava que tivesse vestido. Levantou-se quando entrei na sala, o que me pareceu outro mau sinal; era como se estivesse para acontecer algo de formal. O que de facto aconteceu. Ninguém fica sentado quando tem más notícias para dar.

– Desculpa chegar tarde – disse, cauteloso. – É que desde ontem a esta hora que são coisas atrás de coisas. Mas acho que podem esperar. Parece que tens algo importante para me dizer.

– Suponho que deva dar-te os parabéns pelo teu novo trabalho – disse Sonja.

Hesitei.

– Obrigado, mas tenho a sensação de que, dentro de cinco minutos, os parabéns vão deixar de ser a palavra mais adequada. Olho para ti, querida, e tenho a impressão de que tens alguma na manga. Por isso, diz o que te vai na cabeça, hem? Antes que percas a

coragem.

– Está bem, eu digo.

– Obrigado.

– Agora que te deram este trabalho, Scott, suspeito de que nos vamos ver ainda menos. E a verdade é que quero algo mais do que os fins de semana. A verdade é que quero muito mais do que isso.

– Como por exemplo?

– Lembras-te daquele anúncio da Nike que vimos no cinema? Aquele com os futebolistas famosos e a canção do Elvis Presley?

– «A little less conversation, a little more action»?

Assentiu com a cabeça.

– É precisamente o contrário do que quero da vida. E do que preciso num homem. O meu homem.

– Entendo. Pelo menos, acho que sim.

– E devo acrescentar que na cama as coisas também não vão muito bem. Pelo menos, para mim. Estás sempre cansado, Scott.

Concordei.

– Não o nego.

Abeirei-me do humidificador de charutos e peguei num cigarro. Uma vez por semana, normalmente ao domingo à noite, fumava um cigarro; era sempre um verdadeiro prazer. Dava apenas umas quantas fumadas, como faziam os índios sul-americanos, e, dessa maneira, parecia que o tabaco quase tinha qualidades medicinais.

– Não te importas, pois não? – perguntei-lhe enquanto o acendia. – Mas dadas as circunstâncias...

Soltei um suspiro que era um terço de fumo e dois terços de decepção.

– Sabes escolher os momentos, Sonja, devo

reconhecê-lo.

– Não te compadeças de ti próprio, Scott. Não é teu. Não és desses.

– Tens razão. Estou só cansado, mais nada. Como de costume. Mas para ser sincero, não te entendo, Sonja. A sério que não. Pensei que fazíamos um belo casal. Pelo menos, era o que achava sempre que olhava para ti. Consegui até gostar de mim quando estava contigo, o que é obra, acredita.

Dizia isto mas o que estava a pensar era: «Não posso acreditar que não vá voltar a vê-la nua, nem ter a oportunidade de me casar com ela», o que era ainda mais difícil de suportar.

– Escuta, isto não vai servir de nada, mas vou tentar explicar-to, Scott. Devo-te isso. Gosto de ti, e talvez tu também gostes de mim, mas nunca poderei ser a coisa mais importante da tua vida, que, é claro, é o futebol. Tentei, acredita que tentei, gostar de futebol, mas há algum tempo que percebi que não conseguiria, por mais que me esforçasse. O facto é que não posso interessar-me por algo que está a consumir-te ainda mais tempo do que já consumia, se é que isso é possível. Percebes, não percebes? Costumava pensar que era apenas um jogo, mas não, é muito mais do que isso, quer para ti, quer para muitos outros como tu. É uma maneira de conceber o mundo. Uma filosofia. E porque não? Parece funcionar com muita gente. Não é por acaso que a I Liga é como um miniclube das empresas de maior êxito. É puro capitalismo. O forte sobrevive e o fraco é relegado.

– Não – disse. – Fazes com que pareça quase darwinista.

– Mas é-o. És uma espécie de gene egoísta, só isso. A

tua visão da evolução centra-se no futebol. Porque, para ti, Scott, tudo tem que ver com o futebol; os resultados, a equipa, o jogo seguinte, o mercado de inverno, o fazer boa figura na Taça, a pré-época, os quatro primeiros, a despromoção, os três pontos, o penákti não assinalado, o cartão vermelho que devia ter sido mostrado... Nunca tem fim, é constante, e eu não posso tomar parte nisso porque nada sinto por isso, a não ser o desejo de que o último jogo pudesse ser realmente o último. E, se o que disse até agora não tem sentido para ti, então esquece-o e fazemos o seguinte: embora uma grande parte de mim queira estar contigo, não posso fazê-lo, Scott, porque não quero ser uma viúva do futebol como essas mulheres a quem chamam patetas.

– Ninguém te pede que o sejas, Sonja.

– Tu, talvez não, mas os imperativos do teu trabalho, sim. Nunca te perguntaste porque é que as mulheres patetas dos futebolistas são como são? Porque ocupam o tempo com compras, moda, extensões, manicura e aumentos do peito? Claro que não. Mas eu sim. Elas procuram desesperadamente que os estúpidos dos namorados ou dos maridos lhes prestem atenção. É por isso. Procuram, em vão, competir com a amante ou a mulher mais ciumenta de todas: o futebol. Pois eu não quero fazer parte disso. Tenho a minha própria vida, os meus próprios interesses e as minhas próprias ambições, e o fazer boa figura na Taça não faz parte deles. Passaremos os dois umas quantas más noites, mas somos adultos e sabemos que havemos de o superar.

«Que porra de Sherlock sou eu!», pensei. «Como é que vou descobrir quem assassinou o Zarco quando nem sequer fui capaz de me dar conta de como se

sentia a mulher que amava?»

– Bolas, querida, parece que já andavas com isso aí dentro há uns tempos.

– É possível. É possível que só estivesse à espera da melhor altura para to dizer. A melhor para mim, claro. Conheci uma pessoa em Paris. Um homem de negócios. Sossega, não se passou nada entre nós. Nunca te faria uma coisa dessas. Mas vou voltar a vê-lo. É possível que não cheguemos a lado nenhum, sabe-se lá. Mas aos sábados, ele vai ao teatro, e aos domingos, gosta de ir à Tate. E nunca foi em toda a vida a um jogo de futebol.

– Então, é ele o tal.

– Diz as graças que quiseses se isso te faz sentir melhor.

– Sentir melhor, não, mas pensei que valesse a pena tentar. Depois de um discurso assim, Sonja, vejo que não serviria de nada tentar fazer-te mudar de opinião. Tens tudo muito bem pensado. Eu, não. Talvez devesse tê-lo feito. Por isso, peço que me desculpes.

– Ficarás bem, Scott. És forte. Muito forte.

– Sou?

Dei uma última fumada no cigarro e apaguei-o.

– Pois agora não me sinto nada forte.

– Claro que és forte. É só veres o teu hábito de fumar. Dás duas ou três fumadas num cigarro uma vez por semana. A tua força, às vezes, surpreende-me. Sabes, se fosses outra pessoa, não te deixaria neste momento; não depois das vinte e quatro horas por que acabas de passar.

Sorri.

– Estás a par do que se passou!

– Leio os jornais.

– Ai agora lêes?

Fiz uma careta.

– Pelo menos quando não te tenho à volta com os teus olhares desaprovadores. Há alguma lei que proíba a leitura do *Mail on Sunday*?

– Não, mas talvez devesse haver. Neste país há uma lei contra tudo o que é pernicioso.

Capítulo 34

Depois de uma noite miserável, levantei-me cedo para passar por Silvertown Dock antes de ir para Hangman's Wood. Estava uma manhã muito fria e ia um bocado preocupado com Terence Shelley, que tínhamos deixado fechado numa zona de apoio, a mesma em que Zarco fora encontrado morto. Apesar de ter um casaco da polícia e o uniforme vestidos, devia ter tido uma noite de domingo horrível a céu aberto e algemado a um peso russo de vinte quilos. Mesmo assim, duvidava de que tivesse sido tão má como a minha, depois do que acontecera. Não me sentia tão mal desde a primeira noite que passei na prisão.

No caminho, liguei o rádio para ouvir as notícias. Ronan Reilly fora posto em liberdade sob caução, o que era a indicação mais clara de que a polícia não o considerava suspeito do homicídio. Ao que parecia, polícias à paisana tinham ido à sua casa em Highgate na esperança de fazer umas quantas perguntas ao comentador do *Match of the Day* sobre a morte de Zarco e depararam-se com uma festa que estava a decorrer; julgando serem outros convidados, uma mulher de quem não se sabia o nome tinha-os deixado entrar. Aparentemente, era o aniversário de Reilly, o que podia ter sido a razão por que ele decidira festejar com várias

prostitutas e cocaína; provavelmente, fora também a razão por que decidira saltar o muro do jardim traseiro e fugir, na esperança de negar que sabia o que se estava a passar em sua casa. Quase sentia pena do Reilly, pois se há coisa que não agrada na BBC – nem mesmo nos programas para adultos como o *Match of the Day* –, são os comentadores que usam prostitutas e cocaína. Alguém se lembra de Frank Bough? Não tenho mais nada a acrescentar. Ainda assim, sorri ao tentar imaginar como Zarco teria recebido a notícia. Teria adorado.

Toyah havia-me telefonado e deixado uma mensagem a pedir que lhe ligasse; pela voz, parecia que ainda não tinha ido à cama. A morte é assim. Impedem-nos de dormir, o que, mesmo quando tudo é cor-de-rosa, nos parece demasiado negro para nos sentirmos confortáveis. Sentia-me demasiado amargurado para falar com ela; amargurado e incapaz de me compadecer. No entanto, estava a tentar superar os meus problemas; fora a última coisa que Zarco me dissera antes de sair do meu apartamento naquela manhã, que tivesse coragem.

«Vá lá, Scott», disse-me ele enquanto contemplava o excepcional retrato que Jonathan Yeo fizera do treinador português e que agora estava pendurado na minha parede. Estivera a ver na Internet outros retratos pintados por Yeo e o de Zarco era tão bom, senão melhor, que o que ele fizera de um Tony Blair com um aspeto um tanto assombrado. «Hás de superar isso, como disse a Sonja. Passaram bons momentos. É assim que tens de ver as coisas. E não lhe guardes rancor. O que ela te disse é verdade. Futebol é futebol e nada mais importa muito; pelo menos, para tipos como tu e

eu. Por isso é que estamos nisto, não é? Se nos importassem outras coisas, seríamos advogados ou banqueiros e sabe-se lá mais o quê. Gostava de ter os teus problemas. Nem sabes como gostava de estar vivo para que uma rapariga simpática como essa me deixasse. Oh, se gostava. Ambos sabemos que arranjas outra não tarda. És um tipo bem-parecido. Tenho a certeza de que já sabes quem é a próxima com quem vais dormir. A vida é assim. “Não esqueças nunca, passa a outra” – era o que o meu pai costumava dizer quando uma rapariga me deixava. É um bom conselho. Tenho a certeza de que gostavas dela e talvez ela gostasse de ti também, mas dentro de seis semanas já nem saberás porque diabo lhe deste importância. Além disso, tens mais que fazer agora. Tens de descobrir quem me matou e porquê. Descobre o meu assassino. Não merecia o que me aconteceu, tal como tu não merecias que a Sonja te deixasse. Por isso, por favor, toma as rédeas do jogo, não deixes que outros as tomem por ti, como a polícia. Para a polícia, isto é apenas mais um caso. Por favor, Scott, por mim e pela Toyah, descobre quem me matou, está bem? Não terei sossego até que o consigas fazer.»

Quando cheguei ao estádio, havia um barco da polícia atracado na marina e vários mergulhadores a entrar e a sair do Tamisa. Não os invejava, mas perguntava-me acerca do que andariam eles à procura.

Maurice já tinha levado o nosso assaltante para o meu gabinete onde, ainda algemado, se aquecia com uma chávena de chá. Da caneca que tinha presa entre as mãos ainda a tiritar de frio saía fumo, e parecia estar tão agradecido pelo calor que se libertava dela como pelo líquido quente que bebia. Senti-me secretamente

aliviado por o homem não estar com muito mau aspeto, mas, procurando manter as aparências, decidi fazer-me de duro. Tinha conhecido tipos que eram realmente duros em Wandsworth, pelo que não me era difícil fazê-lo.

– Afinal, não morreste congelado – comecei. – Pode ser que agora queiras falar, estúpido de merda.

Bebeu mais um gole de chá e assentiu de imediato. O frio tinha-lhe deixado o nariz com a cor e a forma de um tomate, e, não fosse por causa da pistola que lhe encontráramos, teria sentido pena dele. Em Wandsworth, alguns dos presos mais velhos diziam que nunca se devia levar uma arma a menos que se estivesse na disposição de a usar.

– Porque, se não comesas a falar, vais passar a merda do dia onde estiveste durante a noite. Até se te congelam os tomates.

– Soltam-me mesmo se falar?

– Dou-te a minha palavra. Até te devolvemos o dinheiro que te pagaram. Suponho que as duas mil libras sejam o teu pagamento.

– E a arma?

– Tê-la-ias usado?

– É só para impressionar. Para fazer barulho, se necessário. Teria usado cartuchos de pólvora seca, mas hoje em dia é quase impossível arranjá-los.

– Que tranquilizador – disse Maurice.

– Está bem, devolvemos-te a arma. Mas os cartuchos não. Ficamos com eles, não te vás arrepender e voltar para trás.

– É justo, chefe.

– Mas não nos fodas com mentiras. A minha namorada deixou-me a noite passada e a minha

paciência está no limite.

Acabou de beber o chá, pousou a caneca na secretária e abanou a cabeça.

– Não devia ter tentado roubar o meu próprio clube. Sou do City. Por isso, tinha as minhas dúvidas. Estava com um mau pressentimento. Com qualquer outro clube londrino, os Yids, o Arsenal, o Chelsea, o Fulham, os Hammers... teria sido um prazer fazer um trabalhinho. Não ao City.

– Deixa-te de conversa e vamos ao que interessa – disse eu.

– Só estou a dizer que não queria fazer o trabalho, mais nada. Tinha um mau pressentimento. Mas o tipo que me contratou, um tipo italiano chamado Paolo Gentile, pagava bem.

– O Gentile? Não admira.

– Bem, disse-me para ir buscar um pacote que estava no camarote 123. Ia para lá quando me apanhaste.

– Estás a mentir – disse. – Vasculhei aquilo de uma ponta à outra e não encontrei nada.

– Viste no frigorífico? Dentro do congelador?

– Não.

– Parece que é lá que está o pacote que tinha de ir buscar. Não podia ser mais fácil. Era só entrar e sair. Mas os trabalhos mais fáceis, os que não requerem planificação, são sempre os que fodemos.

– De quem foi a ideia de te vestires de chui? – perguntou Maurice.

– Minha. O italiano disse que o estádio estava cheio de bófia por causa do assassinato de Zarco, por isso, pensei que passasse despercebido se me misturasse. Achei que ninguém daria conta. Nem sequer outro polícia. Aluguei-o a um conhecido que é mesmo polícia,

em Teddington. Levou-me duzentas libras. Nem me lembrei do distintivo do chapéu até falar nisso.

– Porra! – exclamou Maurice. – As fardas dos chuis cada vez se parecem mais com os figurinos da Berman's and Nathan's.

– Está bem – respondi. – E que mais?

– Há uma caixa da FedEx no meu carro com uma guia de transporte já preenchida com um endereço de Itália e tudo o mais. Documentos comerciais, é o que diz. Pelo menos, foi o que ele me disse. Tinha que pôr o pacote do congelador na caixa e levá-la à FedEx que há em Dartford logo de manhã. Unidade 14, em Newton's Court. Parece que abre às sete e meia. Tem lá conta, por isso não teria de pagar nada.

– Como é que te contratou?

– Por telefone. Um amigo de um amigo.

– Falaste com o Gentile? Por telefone?

– Sim. Disse-me que estava em Milão. Que nem sequer ia roubar nada. Que ele próprio é que tinha lá deixado o pacote.

– E a chave do camarote? Como é que a arranjaste?

– No escritório em Kingston. Era a única parte do trabalho em que tinha de roubar por arrombamento. Tinha de lá ir no domingo de manhã e tirar a chave da gaveta da secretária dele. E as duas mil libras em notas de cinquenta que estavam na caixa do dinheiro. A sério, chefe. Juro por Deus que é verdade.

– Está bem – respondi. – Espera aqui com o meu amigo.

Capítulo 35

Voltei ao camarote, abri o frigorífico e a porta do congelador. Lá estava o pacote, tal como Terence Shelley tinha dito: um grande envelope envolto num saco plástico grosso de lixo. Abri-o e encontrei dez maços de cor rosa com notas de cinquenta libras novas. Os maços estavam um pouco endurecidos mas em boas condições, apesar de um fim de semana com temperaturas abaixo de zero. O dinheiro sujo nunca se mantivera tão fresco. Era evidente que Shelley tinha dito a verdade; se a caixa da FedEx estava no seu carro, como afirmara, então teria de o soltar como lhe prometera. Com exceção do risco para a reputação de Zarco, a última coisa que queria era que a inspetora-chefe Byrne chateasse o nosso novo guarda-redes com perguntas sobre a sua transferência.

A sucessão dos acontecimentos começava a parecer bastante clara. Zarco devia saber que o catarense que adquirira o camarote 123 não o iria usar por uns tempos e pensou que podia servir-se dele como caixa de correio. Gentile devia ter levado e deixado no congelador do camarote as cinquenta mil libras, seguindo as instruções de Zarco nas suas mensagens; mas, quando soube da notícia da morte do treinador, o italiano terá pensado que só eles os dois sabiam do

suborno e achou que podia tentar recuperar o dinheiro que para lá estava a passar frio, o que, com a chave, haveria de ser fácil. Ao mesmo tempo, Gentile não podia correr o risco de lá deixar o dinheiro por muito mais tempo, uma vez que havia um jogo contra os Hammers terça-feira à noite e, ao contrário de Zarco, não tinha maneira de saber se o dono do camarote 123 iria ou não ocupá-lo.

Estava na altura de falar com Gentile, por isso, liguei-lhe para o telemóvel e, desta vez, atendeu.

– Scott – cumprimentou –, estava mesmo para te telefonar a dar-te os parabéns. Lamento muito pelo João. Ele era sem dúvida um dos grandes e vou sentir bastante a falta dele. Mas espero que tu e eu possamos vir a fazer negócios.

Tínhamo-nos encontrado os dois em várias ocasiões; era difícil ser-se treinador adjunto de uma equipa de topo do futebol inglês com um proprietário multimilionário e não ter havido encontros com Paolo Gentile. Quando se prepara um grande piquenique num belo prado, aparecem também vespas, e Gentile era uma das maiores e das mais persistentes. A FIFA, ao que parecia, tinha-o sob permanente investigação, mas nunca conseguia nada. E, ao contrário da maior parte dos agentes ingleses, que não podiam parecer menos do que os seus clientes, Gentile era afável, calmo e extraordinariamente bem-parecido, muito italiano. Andava sempre bem vestido, de *Brioni*, e os vários *Ferraris* brancos que possuía, a sua imagem de marca, serviam justamente para aliciar os jovens impressionáveis e loucos por carros, objeto do seu implacável tráfico de pessoas. Extremamente magro – parecia sobreviver com uma dieta à base de ténis,

cigarros e café –, Gentile tinha um nariz adunco que lhe dava o perfil de um príncipe do Renascimento ou de um Doge de Veneza. E era tão astuto como qualquer um deles.

O meu italiano era melhor que o inglês dele, mas desta vez queria que fosse ele a ter de prestar mais atenção, por isso, sentei-me no sofá e prossegui a conversa na minha língua materna.

– Isso depende, Paolo – retorqui. – Sabes, acabo de ter uma pequena conversa com um dos teus amigos, o Terry Shelley. Apanhei-o ontem à noite a assaltar o frigorífico. Parece que tinha ido à procura de uma ceiazinha para ti antes de te deitares. Porque é isso que as cinquenta mil libras são para alguém como tu, não é assim, Paolo? Uma ceiazinha.

– Terry Shelley? Não conheço, Scott. A menos que seja aquele rapaz que joga adiantado no Queens Park Rangers.

– Ninguém joga adiantado no Queens Park Rangers. Se não tiverem perdido a cabeça, mantêm-se recuados e defendem. E eu, se fosse a ti, faria o mesmo. Só que a bola já está no fundo das tuas redes, meu velho. Só me falta decidir o que fazer. Se avisar a FIFA ou a Polícia Metropolitana. Afinal de contas, está em marcha aqui em Silvertown Dock uma investigação de homicídio. E tu estavas a tentar ficar com o que a polícia poderia considerar ser uma prova vital para fazer luz sobre quem matou o João Zarco.

– Não tenho nada que ver com o que aconteceu ao Zarco – retorqui Gentile. – Estou tão desconcertado com o que aconteceu como provavelmente tu estás. Mas isso já tu sabes, claro. De contrário, não me estarias a telefonar, não é? E também deves ter o dinheiro. É

possível mesmo que tenhas decidido ficar com ele para ti. Não poderia impedir-te. Portanto, a única pergunta que posso fazer-te é: que mais queres, Scott?

- Informações.

- Talvez possa ajudar-te, mas sejamos claros: é contigo que estou a falar, hem? Não com a polícia.

- Já sabes como é a minha relação com a polícia. Não falamos a mesma língua. Há algum tempo.

- Eu sei, imaginava que sim, mas queria ouvi-lo da tua boca. Em Itália temos uma atitude diferente com a polícia. Vocês gozam com os alemães por serem cumpridores da lei, mas não creio que haja na Europa ninguém que a respeite mais do que os ingleses.

- Estás a esquecer-te de que sou meio alemão, meio escocês.

- É verdade. Bem, vamos lá falar então. Que queres saber?

- Estou a par da informação privilegiada que vocês aproveitaram para comprar ações da SSAG. E, para ser justo, devo informar-te de que o Viktor Sokolnikov também sabe.

- É uma pena. Vai informar a Autoridade de Serviços Financeiros?

- Se puder evitá-lo, é provável que não. Sempre que pode, o Viktor gosta de passar despercebido. Vai falar com o advogado dele, antes de mais nada. Mas mesmo que informasse a Autoridade de Serviços Financeiros, sempre poderias assacar as culpas ao Zarco.

- Obrigado, Scott. Agradeço-te o aviso.

- Escuta, a única coisa que não sei é para que queria esta parte do suborno. E porquê tanta urgência. Por isso, conta-me o que aconteceu no sábado de manhã.

- Vais ser detetive e treinador do City ao mesmo

tempo? Ouvi falar em futebol total, mas assim, o que é? Futebol total detetivesco?

– Digamos que estou a fazer de centro-campista. A abrir espaço para a verdade, talvez. Acho que faz parte do meu trabalho resolver as coisas o mais rápido possível. O que tem que ver com o futebol e o resto. O homicídio não resolvido de um treinador do clube é muito mau para o moral dos jogadores.

– Isso é verdade.

Gentile fez uma pausa para acender um cigarro e dar uma longa fumada.

– Foi assim: o Zarco e eu já tínhamos feito negócios destes. Servia-se de um camarote quando sabia que não ia estar ocupado. Convinha-lhe a ele e convinha-me a mim. Fui ao camarote, como ele me tinha indicado. Deixei o dinheiro no congelador, segundo as instruções. O Zarco não estava lá quando cheguei, nem quando saí; é tudo o que sei do sábado de manhã.

– E para que queria ele o dinheiro? Quer dizer, parecia ter muita pressa. Nas mensagens, dizia que o queria para o fim de semana.

– Pois tinha, mas não sei porquê. Vamos lá a ver, afinal, para que querem as pessoas o dinheiro em numerário? É bom tê-lo à mão. Põe-se no cofre e gasta-se durante as férias, paga-se à *babysitter*, dá-se uma prenda à mãe no Natal. Muitos treinadores gostam de andar com dinheiro no bolso, literalmente. São conservadores. Ficarias surpreendido se soubesses a quem mais agradam os subornos; não é apenas aos suspeitos do costume. É como as drogas e o desporto. Ninguém as toma até ser apanhado, e, mesmo nesse caso, é um equívoco, a culpa é do outro, ou era um remédio para a gripe que afinal deu mau resultado.

Com os subornos, é a mesma coisa. Todos são contra até lhes oferecerem um. Não te perguntas que acontece a todo o dinheiro que se movimenta hoje em dia no mundo do futebol? A British Telecom paga novecentos milhões de libras pelos direitos de transmissão da Liga dos Campeões, e logo, na cadeia alimentar, as pessoas começam a dizer *dov'è la mia parte?* Onde está a minha parte dessa grande piza? A economia é assim, Scott. É a lei da oferta e da procura. Só que o Adam Smith esqueceu-se da lei do desporto em televisão, da lei das duzentas mil libras semanais e da lei da avareza insaciável. Não podes mudar isso. A única coisa que podes fazer é aproveitar-te disso.

– O Zarco disse-te se tinha medo de alguém? Pergunto-me se queria as cinquenta mil para saldar alguma dívida. Alguém que o tenha ameaçado, por exemplo. Imagino que tenhas ouvido falar da cova que fizeram no nosso campo e da fotografia dele que lá deixaram, não?

– Disse-me qualquer coisa sobre isso, sim. Mas não me pareceu que estivesse assustado. Achava que era coisa de *hooligans*. Para ser franco, preocupava-o mais que o Sokolnikov descobrisse que tinha comprado ações da SSAG. Que ele o despedisse ou pior.

– Que foi que te contou? Recordas-te?

– Comunicávamos quase sempre por mensagens, o que acho que percebes. Por razões de confidencialidade. Mas disse qualquer coisa a respeito disso numa conversa que tivemos. No sábado de manhã. Telefonou-me de Hangman's Wood e disse-me qualquer coisa como que não o surpreenderia se fosse encontrado a boiar no Tamisa quando o Viktor descobrisse o que tinha feito.

– Disse mesmo isso?

– Pensei que fosse uma piada. E, para ser justo, estava-se a rir quando mo disse. Mas talvez esteja enganado. Talvez fosse o medo que lhe dava para rir. Por outro lado, se o Viktor Sokolnikov quisesse eliminá-lo, duvido de que o fizesse no estádio. Com o dinheiro e as ligações que tem, teria certamente sido mais discreto. Com o dinheiro dele podia arranjar as coisas com muito mais discrição.

– A mim também me parece. E o camarote escolhido? O 123?

– É o que um árabe considera luxo. Um pouco como um camarote de um iate. Que posso eu dizer?

– Não, pergunto se reparaste nalguma coisa inusual.

– Inusual? Não. Bem, talvez uma ou duas coisas. A máquina de lavar louça estava ligada. Achei estranho, sendo um camarote que não tem grande uso. E havia um par de óculos no chão. Parti do princípio de que fossem do Zarco e pu-los em cima do balcão.

– Então já lá tinha estado quando tu chegaste.

– Sim, provavelmente para se assegurar de que estava vazio. A pasta de cabedal estava no sofá.

– Mais alguma coisa?

Fez uma pausa.

– É aquilo de que me lembro.

– Está bem.

Fiquei um bocado a pensar.

– Já agora, ouviste falar do Bekim Develi? Vem para o clube.

– O diabo vermelho? É novidade para mim. Mas não me surpreende que vá para Londres. Há duas semanas, num jogo contra o Zenit, o público estava a insultar um dos jogadores pretos do Dínamo e o Develi fez uma

«detenção cidadã» durante o jogo. Foi direto à multidão e levou um adepto, um dos que, segundo ele, era dos principais instigadores. E foi bastante duro com ele. Esteve prestes a haver distúrbios. O adepto foi para a cadeia e, desde então, o Develi passou a receber ameaças de morte.

– Vai integrar-se muito bem aqui. Em Silvertown Dock, receber ameaças de morte faz parte do dia a dia.

Quando acabei de falar com Gentile entrei na cozinha, deixei os óculos de sol *Oakley* de Zarco no chão de azulejo e abri a curiosa janela: era como uma dessas romboidais e estranhas janelas que há na sala de debates do chamado parlamento da Escócia. Assustadas, várias pombas saíram a voar num estrepitoso bater de asas que me pôs o coração aos saltos. Tinha-se falado em empregar um falcão para controlar a população de pombas no estádio; ao que parece, os falcões eram muito eficazes e, por mim, podiam começar o mais cedo possível. Como seria bom poder controlar os jogadores com tanta facilidade... Voltei à porta da cozinha e observei o espaço. Digamos que tentava ver as coisas como Paolo Gentile e Zarco as tinham visto. Vira o inspetor Morse fazer qualquer coisa ligeiramente semelhante na televisão e achei que, pelo menos, mal não faria. Inspecionei o caixote do lixo, mas estava vazio, limpíssimo.

Na parede havia uma fotografia emoldurada em que se viam o anterior emir do Catar, o xequê Hamad, com a sua glamorosa esposa Mozad, a segurar a Taça do Mundo ante o olhar orgulhoso do pequeno presidente da FIFA, Sepp Blatter, um homem cujos conhecimentos sobre futebol se deviam, sem dúvida, ao seu anterior

cargo como secretário-geral da Federação Suíça de Hóquei No Gelo. O senhor e a senhora Milhões sorriam com orgulho e pareciam dois meninos com os seus sapatos novos. Sempre era bom recordar que o futuro do futebol estava em mãos tão capazes como aquelas.

Espreitei pela janela e reparei que estava um sol pálido de inverno. Não foi a vista de Silvertown Dock que me fez bocejar, mas o ar fresco. Daquela posição estratégica, a parte exterior do estádio estava mais próxima da estrutura interna de que no primeiro piso. Quase conseguia tocar numa das vigas transversais. Olhei para baixo, para o solo, por entre o metal polido entrançado, que ficava a uns quinze a dezoito metros da janela, e voltei a olhar para as cinquenta mil libras que estavam sobre a bancada. Que ia eu fazer com um suborno daqueles? Não podia entregá-lo à polícia, mas também não podia ficar com ele, como Gentile achava que faria. Estritamente falando, é claro que era um dinheiro com que Gentile e Zarco nunca deviam ter ficado, o que fazia com que pertencesse mais do que nunca a Viktor. Parecia quase ridículo devolver-lhe cinquenta mil libras, valor que não representava nem 0,0006 por cento da sua fortuna. No entanto, pareceu-me ser o mais correto a fazer.

Tocou o meu telemóvel. Era Phil Hobday.

– Creio que o Viktor te prometeu que te deixava dar uma vista de olhos ao relatório da autópsia.

– É verdade. Não sabia se ele estava a falar a sério.

– O Viktor nunca faz ameaças vãs.

Depois do que Paolo Gentile me tinha acabado de dizer, não era precisamente o que queria ouvir naquele momento e ocorreu-me que o presidente poderia ter escolhido as palavras com mais cuidado.

– Foi outra vez a sua fonte no Ministério do Interior?

– Na verdade, não. Desde março de 2012 que todo o trabalho de prática forense no Reino Unido é entregue ao setor privado.

– Isso não parece muito tranquilizador.

– É possível que não. Seja como for, tenho-o aqui no meu gabinete se quiseres cá vir buscá-lo. De facto, gostava que viesses. Abri o envelope sem saber o que era e agora desejava não o ter feito.

– Estou aí dentro de cinco minutos.

Capítulo 36

Maurice saiu a escoltar um agradecido Terry Shelley até à saída de Silvertown Dock, e eu levantei-me, fechei a porta à chave do gabinete e preparei um café forte com a Nespresso que tinha sobre o arquivo. Caso houvesse conhaque, teria deitado um bocadinho na chávena em vez do leite do frigorífico. Se ia fazer trabalho de detetive e resolver toda aquela história, achava que precisava de qualquer coisa forte. No entanto, era impossível apanhar o assassino de Zarco sem conhecer as circunstâncias exatas da sua morte. Não via maneira de evitar isso. Ignorei uma mensagem do *Guardian* que me pedia opinião sobre a razão por que não havia guarda-redes negros nos clubes principais – porque é que, por exemplo, o City tinha escolhido um escocês em vez dos «tão talentosos» Hastings Obasanjo ou Pierre Bozizé – e pus-me a ler.

Nunca tinha visto um relatório de uma autópsia nem nada que se parecesse com isso. Na verdade, nem sequer vira um cadáver, a não ser que conte o tipo da cela ao lado da minha na prisão de Wandsworth, que foi esfaqueado no pescoço e veio a morrer no hospital. O mais próximo que tinha estado de ver uma autópsia fora na televisão, quando o quase infame anatomista alemão Gunther von Hagens dissecara um cadáver «ao

vivo» no Channel Four; tinha sido fascinante ver a musculatura humana com tanto pormenor. O que mais me fascinou foi ver aquelas partes mais vulneráveis da perna que tantos problemas dão aos futebolistas: o ligamento cruzado anterior, a cartilagem do joelho, o tendão do jarrete e a virilha. Lembro-me de ter ficado boquiaberto ao ver que algo tão simples como o tendão que temos na parte de trás do joelho podia provocar tanta dor quando se rasga, e que o tendão de Aquiles, quando se rompia, podia reduzir um homem a um cachorrinho lamuriento. Lembrei-me de quando o meu professor nos disse na escola que o teorema de Pitágoras era infalível; e no caso do ligamento anterior cruzado, não era. Gostava de ver alguns desses criacionistas americanos de merda, que passam a vida a falar em «desenho inteligente», a disputar um jogo até ao final com o adutor rasgado.

Mas enquanto a carnificina que Von Hagens tinha feito com aquele corpo humano parecia ter um propósito e um genuíno interesse científico – como um talhante faria com um porco – o que eu estava a ler naquele momento parecia algo completamente diferente. Os cadáveres pálidos e elásticos de Von Hagens não pareciam ser nada humanos, eram mais como aqueles que são usados nos Pinewood Studios para os efeitos especiais – talvez por terem sido privados da única coisa que os tornava humanos: a vida. Passar as páginas do relatório da autópsia do meu amigo era uma coisa tão pessoal que se tornava incómoda, transgressora mesmo. Não tinha estado sentado numa sauna com os cadáveres de Von Hagens, nem os tinha abraçado com força no Natal; não tinha desfrutado um bom jantar com nenhum deles, nem

festejado animadamente a vitória num jogo; não os tinha conhecido em toda a minha vida. Não tinha falado com eles havia menos de setenta e duas horas. Era um pouco como quando um informático nos abre um computador para o arranjar e este fica com as peças todas à mostra, mas com João Gonzales Zarco não havia nada a fazer. Acho que só me dei conta de que tinha morrido mesmo e nunca mais voltaria a vê-lo – de que o meu amigo e mentor desaparecera para sempre – quando vi uma fotografia dele estendido sobre a mesa de autópsias com uma sutura em forma de «Y» no torso pálido e nu.

«Que grande perda» – pensei. «Desapareceu um homem espetacularmente talentoso.»

Procurei ignorar as muitas outras fotografias a cores e concentrar-me no texto que, evidentemente, estava escrito num jargão frio e científico. O tom era medido, realista, desapaixonado como um livro de medicina, servindo-se muito pouco do condicional e praticamente de nenhuma conjectura. Os ferimentos e as lesões eram descritos e avaliados de uma maneira eficiente, o que os tornava menos extraordinários, fazendo com que, pelo menos para o detetive, fosse mais simples de lidar com eles.

Teria a inspetora-chefe Jane Byrne assistido à autópsia de Zarco? De acordo com as notas, levava uma hora a realizar na tarde anterior. Não a invejava se, realmente, tinha estado presente. Havia formas melhores de passar um domingo do que estar a ouvir-se o som de um esterno a ser cortado ou a ver serrar a calota craniana como se fosse o cimo de um ovo cozido. Talvez estivesse habituada. Parecia está-lo. Creio que uma pessoa consegue habituar-se a tudo. No entanto,

acho que ficaria em pânico se visse um jogador sofrer uma fratura feia da perna; vi bastantes e não creio que haja nada mais traumático no desporto. Vi vários jogadores desmaiar com uma daquelas fraturas que lhes acabam com a carreira. O que agora estava a ver era muito mau, mas tinha de me encher de coragem e prosseguir com a leitura, pelo Zarco. Infelizmente, não tinha à mão nenhuma injeção de cortisona que me pudesse dar a mim próprio para continuar a ler o relatório.

Pobre Zarco. As fotografias do cadáver, tal como fora encontrado por Phil Hobday e pelos seguranças do estádio, mostravam um homem que parecia ter jogado os noventa minutos à procura do golo, mas com a roupa normal vestida. O seu exame levava a concluir que estava vestido no momento da morte; o anatomopatologista comparara os ferimentos com as manchas de sangue que tinha na camisa branca *Turnbull & Asser*, na gravata cinzenta de seda *Charvet* e no belo casaco preto *Zegna* que vestia na manhã em que morreu. Tinha custado duas mil libras. Mas agora não parecia tão belo, depois de ter sido arrastado pelo chão molhado com ele e de as pombas lhe terem cagado em cima. A parte das calças à altura dos joelhos também estava suja, o que me recordou a noite em que derrotámos o Arsenal e Zarco fez «um Wayne Rooney», deslizando de joelhos desde a área técnica até à bandeirola de canto para festejar. Do seu cachecol da sorte – que era de caxemira e fora comprado numa loja chamada Savile Rogue – não havia vestígios.

Os ferimentos eram todos produzidos por golpes fortes, a maior parte na cabeça e na parte superior do

torso, o que significava que fora cruelmente espancado; um impacto violento na parte anterior do crânio tinha produzido uma fratura por afundamento que, com toda a probabilidade, lhe causara a morte. Pela forma da fratura da cabeça, o mais certo era ter sido golpeado com um objeto contundente, apesar de não ter sido encontrada ainda a arma do crime. Possivelmente, era por essa razão que havia mergulhadores da polícia no Tamisa.

A parte direita do peito tinha muitas contusões, apresentava várias costelas partidas e os dedos e as articulações estavam cheios de equimoses, como se se tivesse defendido. Por baixo das unhas da mão direita, o anatomopatologista tinha encontrado pequeníssimos vestígios de sangue e de pele que não pertenciam a Zarco. Não me surpreendeu. Zarco nunca fora daqueles que davam a outra face; certamente não enquanto jogador. Uma vez, quando jogava no Celtic, tinha respondido a dois fortes murros de Nwankwo Nkomo, jogador do Rangers, com uma cabeçada bem colocada e muito mais eficaz que lhe tinha partido o nariz. Como treinador do Braga, Zarco tivera umas quantas brigas e rixas, a mais conhecida das quais no túnel de San Siro, quando se envolveu à pancada com Howard Page, o treinador do AC Milan. Resultado: a FIFA proibiu-os de se sentarem no banco durante vários jogos. Zarco não era uma mosca-morta e custava-me imaginar que alguém lhe desse uma e ele não retorquisse.

O anatomopatologista também tinha encontrado várias fibras de lã nas unhas de Zarco que não correspondiam a nada do que levava vestido quando morreu, o que sugeria que podiam pertencer à roupa do atacante e indicava que teria agarrado o agressor pela

lapela ou pelo colarinho. Outra coisa que parecia dizer que houvera uma luta violenta era a maneira como Zarco tinha a gravata; estava demasiado apertada, como se o atacante a tivesse usado para tentar estrangulá-lo.

Tinham sido encontrados no chão restos de vômito de Zarco, o que sugeria que tinha sido fortemente golpeado no estômago.

Muito mais agradável foi saber o que Zarco tinha nos bolsos, coisa de que também havia fotografias: o telemóvel habitual – aquele que a sua mulher conhecia –, umas quantas moedas, uma mola para prender notas, uma carteira para cartões de crédito, um conjunto de chaves – entre as quais não estava a que abria a porta da zona de apoio em que fora encontrado o seu corpo –, uma aliança, um caderno de apontamentos *Smythson* no qual escrevia durante os jogos, o estojo dos óculos de sol *Oakley*, uma caneta *Mont Blanc*, um cartão de visita de vereador do município de Greenwich, um pedacinho de sanca (muito insólito), uma moeda de ouro, um passe de entrada em Silvertown Dock com um cordão de seda, que pendurava ao pescoço, o relógio *Hublot* e a pulseira de silicone azul-claro de apoio aos doentes de cancro da próstata com que andava sempre no pulso.

Depois de o pai, José, ter morrido de cancro da próstata, Zarco tornou-se um apoiante incansável da Liga do Cancro da Próstata do Reino Unido. Deixar crescer um bigode horrível todos os meses de novembro para ajudar a recolher fundos era uma das muitas iniciativas caritativas que realizava para a Liga, a qual tinha já publicado um *tweet* a dar os seus pêsames pelo falecimento.

No chão, ao redor do cadáver, haviam sido

encontradas várias vassouras e escovas, dois baldes e alguns objetos para a limpeza de janelas. Entre o lixo encontrado estavam onze beatas – a maior parte de marcas inglesas ou americanas, embora uma delas fosse russa –, fósforos usados, um botão, umas quantas moedas de cobre, uma embalagem da *McDonald's*, vários canhotos de ingressos de jogos do City, um copo de café de poliestireno da *Starbucks*, um programa de futebol, um *Evening Standard* do mês anterior e uma garrafa de vodka meio vazia. Nada daquilo parecia poder fornecer-me a pista vital com que pudesse resolver o mistério de Silvertown Dock.

Fechei o relatório e guardei-o à chave no meu arquivador antes de abrir de novo a porta do gabinete. Embora devesse ter vergonha disso, a minha primeira reação ao acabar de ler o relatório da autópsia foi felicitar-me por continuar vivo enquanto o outro – alguém que me era chegado – não podia dizer o mesmo; mas é realmente a única coisa que se pode pedir ao grande desígnio do mundo. Não é que continuar por cá enquanto outros têm a cabeça esmagada seja uma grande filosofia, mas, quando não há nada melhor, serve tão bem como outra qualquer.

Capítulo 37

Quanto terminou a sessão de treino em Hangman's Wood, sentei-me com Simon Page e, com a ajuda de alguns relatórios físicos, escolhemos a equipa para o jogo de terça-feira à noite. Christoph ficou de fora e entrou Ayrton, juntamente com alguns dos jogadores mais experimentados, como Ken Okri, na defesa, mas fomos buscar o resto da equipa às reservas e aos sub-21. Na conferência de imprensa antes do jogo, os Hammers tinham anunciado que tencionavam alinhar com a equipa na sua máxima força na Taça da Liga inglesa. Como a última que o West Ham tinha vencido fora a Taça Intertoto da UEFA em 1999 – uma competição que se jogava fora da época e era geralmente considerada por toda a gente uma anedota –, e antes disso a Taça de Inglaterra de 1980, quando derrotou o Arsenal, a equipa tinha decidido que devia aos seus adeptos lutar ativamente por conseguir a Taça.

A decisão surpreendeu-me; é um erro muito fácil de cometer: dar ouvidos ao que os adeptos querem em vez de se fazer o que é melhor para a equipa. Decidi que nos manteríamos fiéis às nossas convicções, ou seja, alinhar com os jovens. Mas a minha cabeça não estava ali. Não deixava de pensar nos óculos de sol de Zarco encontrados no chão do 123 e na razão por que lá

estariam.

Tinha uma teoria, mas como acontece com todas as boas teorias, tinha de a pôr à prova. Telefonei a Maurice.

– Preciso que me faças um favor – disse-lhe. – Em Haverfield Road, que fica em Bow, há uma casa chamada Mile End Climbing Wall. Quero que lá vás e me compres corda.

– Não faças isso – disse Maurice. – És demasiado novo para morrer.

– Sessenta metros, para sermos exatos. Na verdade, quero que compres tudo o que for necessário para escalar a Coroa de Espinhos. Um capacete, um arnês, a corda e alguém que saiba usar todo esse equipamento. Se Sir Edmund Hillary estiver por lá, diz-lhe que lhe das duzentas libras e duas entradas se vier contigo ao estádio. Se não, traz-me alguém que saiba distinguir uma picareta do cotovelo. Preciso que faça duas coisas: a primeira, que me ajude a descer em segurança de uma janela bastante alta; a segunda, que mantenha a boca fechada. Se não houver ninguém disposto a ajudar-nos, teremos de fazer nós o trabalho sozinhos. Mas quero fazer isto hoje, antes que chova ou volte a nevar.

– Está bem. Assim farei. Trata-se do teu pescoço. Para que é tudo isto?

– Explico-to quando voltarmos a ver-nos.

Umas horas mais tarde, Maurice chegou ao estádio acompanhado de um homem magro, de olhar penetrante, cabelo ruivo e barba; vestia um forro polar da *Berghaus* e trazia um grande rolo de corda e uma mochila cheia de equipamento. Chamava-se Sean e era de Bethnal Green, zona de onde saíram muitos grandes

alpinistas. Eu ainda não tinha tirado o fato de treino e as sapatilhas da sessão de treino em Hangman's Wood. Levei os dois para o camarote 123 e fechei a porta.

– Que é isto? – perguntou Sean.

– Um camarote privado. É de um tipo do Catar.

– A sério? Parece o interior do *Jaguar* do meu pai.

Levei Sean para a cozinha e abri a janela.

Espreitou por ela e assentiu com a cabeça, circunspecto.

– É um desnível de uns quinze metros.

– Mais ou menos isso, sim. Eu diria que uns seis até à viga transversal descendente e mais nove até ao solo.

– Tem a certeza de que quer fazer isto?

– Absoluta.

– A viga transversal é um pouco estranha. Seria melhor não subir por ela. Especialmente com este tempo. Parece resvaladiça.

– É provável.

– Que merda de sentido é que tem? Refiro-me à viga. Pergunto, tem alguma função?

– É arquitetura moderna – respondi. – A função não existe, apenas existe a forma.

– E porque quer fazer isto? Gosta da adrenalina ou caiu-lhe o telemóvel pelo raio da janela?

– Digamos que o faço porque o desafio está aí.

– Um humorista.

Sean esboçou um ligeiro sorriso.

– Hoje em dia, todos se julgam um Mallory e um Irvine. Já alguma vez fez escalada?

– Só subir e descer escadas.

– Tem vertigens?

– Já vamos saber.

– Oh, se vamos – comentou Sean entre suspiros. –

Duzentas libras e duas entradas, não é assim?

Anuí e dei-lhe o dinheiro e as entradas que tinha no bolso para o jogo contra os Hammers.

– Aqui tem tudo.

– Obrigado, amigo. Preferia que fossem para ver o Tottenham, mas está bem. Obrigado.

Não parava de olhar à volta, como se estivesse a analisar o que o rodeava.

Sean saiu da cozinha, entrou na sala e apontou para as portas corrediças.

– O que há ali fora?

Maurice levantou os estores e abriu a porta, deixando ver os assentos do estádio e, no centro, o campo.

– Ah!, era isto que eu andava à procura – exclamou Sean, apontando para os assentos na frente do camarote. – Primeira regra da escalada: encontrarmos algo mais forte do que nós onde atar a corda. Estes assentos vêm mesmo a calhar.

Quando acabou de atar a corda, tirou um arnês da mochila e passou-me a parte maior da cinta à volta da coxa, a seguir passou-a pela fivela e depois deu a volta para trás; fez o mesmo nas pernas. Verificou se as três fivelas estavam bem apertadas e depois puxou um nó à altura do meu umbigo na sua direção.

– Este é o nó de segurança – explicou. É o ponto mais forte do arnês. E a parte que o vai manter vivo. É canhoto ou destro?

– Destro.

Prendeu um mosquetão ao mecanismo de segurança e meteu-o no nó de segurança. Pegou depois num pedaço de corda e meteu-a à força no mecanismo de segurança.

– Esta parte de baixo da corda é o travão. A mão com que tem de travar é a direita e nunca deve soltar a corda. Em momento nenhum. A mão que guia na parte superior da corda é a esquerda. Já está seguro.

– Começo a pensar que as duzentas libras foram bem investidas – disse-lhe eu.

– Esperemos que não tenha de saber se o foram ou não – respondeu Sean. – Agora é só descer.

Depois de me mostrar as técnicas básicas e de me deixar praticar um pouco, estávamos preparados para começar.

– Se começar a descer muito rápido, baixe a mão, a direita, entre as pernas e a curvatura da corda diminuirá a velocidade. Entendeu?

– Entendi.

Deu-me um capacete e pu-lo. Uns minutos depois saía pela janela e apoiava-me com ambas as mãos na corda do travão, como me tinha dito. De cada vez que afrouxava o aperto na corda, descia.

– Não tenha pressa – disse Sean. – Meio metro de cada vez até ganhar confiança.

Fui baixando da janela da cozinha, pouco a pouco, pela corda até ter a ponta dos pés sobre uma das vigas principais da Coroa de Espinhos. Aí, pude inspecionar mais de perto a superfície de aço da viga que descia e confirmar aquilo de que suspeitava: que Zarco tinha caído pela janela da cozinha. Batera na viga principal – aquela sobre a qual me encontrava – e caíra, arrastando consigo parte da sujidade e do cocó dos pombos que havia na superfície do aço polido.

Sentei-me, soltei um pouco mais da corda guia e segui o rasto pela viga sem levantar o rabo, para baixo e dando a volta, como uma criança num escorrega

aquático, até que, a uns doze metros, o rasto da sujidade e do cocó dos pombos passava de repente para a esquerda e terminava. Era ali que Zarco devia ter escorregado da viga e caído segunda vez, batendo no betão, seis metros mais abaixo, onde se encontrava agora Maurice, o que confirmava as minhas suspeitas: que Zarco não tinha sido espancado e que todos os ferimentos descritos em pormenor no relatório da autópsia tinham seguramente que ver com a queda da janela do camarote 123.

Dado que não se conseguia ver a janela a partir do chão – nem aquela, nem nenhuma –, era normal a polícia ter cometido o erro que cometeu; eu também o cometera a primeira vez que tinha visto a cena do crime. Certo é que tinha sido um crime, não um acidente ou um suicídio: é possível que Zarco tivesse ficado preocupado com a possibilidade de Viktor Sokolnikov descobrir que se tinha servido da informação privilegiada, mas não era pessoa que se fosse atirar da janela. Não me passava pela cabeça que ele se tivesse suicidado. Além disso, no sábado de manhã estava com boa disposição. Estava sempre com boa disposição antes de um jogo importante. Especialmente se achava que íamos ganhar.

Não, alguém o tinha empurrado pela janela da cozinha. E tinha-o feito com intenção de o matar. Era a única explicação possível para o facto de Paolo Gentile ter encontrado os óculos de sol no chão.

Capítulo 38

Depois de Sean se ter ido embora e de eu me encontrar de novo sozinho com Maurice no camarote 123, falei-lhe das cinquenta mil libras que tinha encontrado no congelador e expliquei-lhe a minha teoria sobre o que acontecera com Zarco: que alguém o tinha empurrado pela janela da cozinha.

– Vi uma pequena mancha de sangue na viga que fica mesmo por baixo da janela – disse-lhe. – Deve ter sido lá que fez o golpe na cabeça.

– Tem sentido – respondeu Maurice. – Isso explica a razão por que a porta da zona de apoio estava fechada: porque ninguém a tinha aberto.

– E explica por que razão, sendo tão conhecido, ninguém o tivesse visto; porque não passou por lá. Pelo menos, não se serviu das escadas.

– Mas porque achas que o Paolo Gentile encontrou os óculos de sol onde disse? – perguntou Maurice. – Talvez esteja a mentir. Talvez ele e o Zarco tenham discutido por qualquer razão. Por causa do dinheiro, por exemplo. Pode ter sido ele que o empurrou pela janela.

– É verdade que tinham discutido antes por causa do dinheiro. Vi-os fazê-lo na estação de serviço de Orsett. Mas o suborno, afinal, foi pago. Pelo menos a parte em

numeração. Duvido muito que tenham discutido por causa disso.

– Pois, mas pôs-se a mexer para Milão nesse mesmo dia. Nem sequer ficou para o jogo. E isso é exatamente o que eu teria feito se tivesse empurrado o Zarco: apanhar o voo seguinte para casa. Uma vez em Itália, não é fácil trazê-los cá para serem julgados. Quando se tem dinheiro, pode-se untar as mãos à justiça italiana. Olha o caso do Berlusconi. Há anos que se consegue livrar.

– Continuo a não acreditar que tenha sido ele. Foi o Zarco que convenceu o Viktor Sokolnikov a usar o Gentile em vez do Denis Kampfner na transferência do Kenny Traynor. O Viktor é a galinha dos ovos de ouro para um agente como ele. É impossível saber quantos ovos de ouro o Zarco conseguiu do nosso multimilionário proprietário para o nosso amigo italiano. Não estou a ver o Gentile a fazer isso. Perde demasiado com a morte do Zarco.

– É verdade, tem lógica.

– O Viktor, pelo contrário...

– Não me digas que achas que pode ter sido ele – disse Maurice.

– Não sei. Talvez. Há um vídeo no YouTube de um direto da televisão russa em que ele dá uma cabeçada no seu compatriota oligarca Alisher Akhmedovich. E parece pôr todo o seu empenho nisso. Se o Viktor tivesse descoberto a compra das ações da SSAG, é possível que ficasse suficientemente furioso para lhe arriar.

– Mas ele estava com os tipos de Greenwich quando o Zarco desapareceu, não foi?

– Umás horas apenas. No sábado à tarde, antes do jogo, quando o Phil Hobday me foi dizer que ninguém

sabia do Zarco, comentou comigo que o Viktor também andava à procura dele. Mas ontem, quando falei com o Viktor no meu gabinete, ele disse-me que passou a tarde inteira com os tipos de Greenwich. Um deles está enganado. Ou a mentir.

– Porra de merda! Cuidado, Scott. Acabaram de te dar o lugar.

– Escuta, estive aqui alguém com o Zarco. Fosse quem fosse, estive aqui sentado e tomou um café com ele. Há três chávenas na máquina de lavar, que continuava ligada a primeira vez que aqui entrei. Lavar as chávenas é uma ótima maneira de apagar as impressões digitais. Imagina que o Viktor encontrou o Zarco aqui no camarote, que se sentaram a tomar um café, que o Zarco decidiu confessar-lhe tudo e o Viktor perdeu a cabeça. Sinceramente, quem o podia censurar por isso? Pelo que se vê no YouTube, não há dúvida de que o Viktor sabe cuidar de si. E tem um feitio difícil. Ele próprio me disse que antes era um homem de negócios que deitava mãos ao que fosse preciso. Como agarrar alguém pelos colarinhos.

– Sim, mas para quê, então, pedir-te que investigasses o homicídio do Zarco se foi ele a cometê-lo? Não tem sentido.

– Já me tinha perguntado isso, mas eu também não sou Lorde Peter Wimsey, não é? Não passo de um idiota com um fato de treino. Talvez sirva apenas para confundir a polícia e impedir que sejam capazes de descobrir quem foi que matou o Zarco. O que, até agora, funcionou bastante bem, não achas? Quer dizer, a polícia não faz puto de ideia do que realmente aconteceu. Está lá fora, a fazer de Jacques Cousteau, à procura da arma do crime, um objeto contundente que

nem sequer existe. O único tubo de metal que atingiu o Zarco na cabeça é o que pesa várias toneladas e fica por baixo da janela da cozinha. Sem aquilo que eu sei, a polícia não tem nada de nada. Não sabe deste camarote, nem do Paolo Gentile, nem do suborno na transferência do Kenny Traynor, nem do dinheiro que havia no congelador, nem das ações da SSAG, nem do facto de o Zarco andar nervoso com o Viktor Sokolnikov. Pelo menos, de acordo com a Toyah. Ela também lhe tem medo. E há outra coisa, Maurice.

– Merda, acho que não quero saber.

– O Viktor dá-me o lugar do Zarco como treinador do London City. Um dos melhores lugares que há no futebol. Ganho o mesmo que o Zarco, mais as bonificações. Dá-me até um valioso retrato do Zarco para adoçar as coisas. Para me incentivar, diz ele. Agora imagina que descubro alguma coisa. Alguma coisa que incrimine o Viktor. Que é que faço? Naturalmente, não vou ter com a polícia. Sabe que não posso com a polícia. Segundo ele, essa foi uma das razões por que me pediu que investigasse. Porque sabe que não vou denunciá-lo à polícia. Portanto, se descobrir alguma coisa, há duas hipóteses: ou falo com o Viktor e ele me convence a manter a boca calada e talvez me tente até subornar, não sei, ou faço desaparecer as provas no interesse do meu generosíssimo patrão e, é claro, do meu brilhante futuro neste clube de futebol.

– Um momento.

– Que foi?

– Há uma terceira alternativa que talvez devesses considerar. Que o Viktor Sokolnikov não te suborna

nem te convence a manter a boca calada mas, em vez disso, te assusta, te ameaça. Alguns dos guarda-costas que trabalham para ele são uns tipos assustadores. Estive na sauna de Hangman's Wood com um deles e o tipo tem mais tatuagens que uma praia de Ibiza. Tatuagens típicas da máfia russa. Nada dessas tretas de «Amor de Mãe», «Amor de Pai» ou «Viva a Escócia». As deles têm significado para quem está no meio. Ouve o que te digo: se fizeres frente ao Viktor, é bem possível que desapareças e pronto. Estamos no East End de Londres, não te esqueças. Aqui as pessoas desaparecem desde o tempo dos príncipes na Torre. Um tipo qualquer atira-te ao rio numa noite escura e é possível que nunca mais ninguém te veja. Não sou só eu que o penso. Era o que os adeptos do Leeds cantavam sobre o Zarco quando fomos a Elland Road, lembraste? É possível que os adeptos não soubessem da fotografia do Zarco na cova, mas isso não impediu que aqueles cabrões dissessem as coisas com todo o pormenor. *«Ele vai ser assassinado de manhã / Dlim dlão, os sinos vão tocar / Vik e a sua máfia / Cedo te irão apanhar / E à cova irás parar.»*

– Tinha-me esquecido disso.

– O que te estou a dizer é que tenhas cuidado, está bem? Isto não é uma discussão com o Mario Balotelli no relvado. Estás a enfrentar alguém com um passado obscuro. Eu vi esse especial *Panorama* sobre ele. O Viktor tem mais esqueletos no armário que a porra do Museu do Cairo. Por isso, promete-me que não o vais acusar ou fazer alguma parvoíce sem falar comigo primeiro.

– Felizmente, todas as provas são circunstanciais – respondi-lhe. – Não estou a pensar fazer nenhum

disparate, a menos que venha a encontrar alguma prova realmente concreta.

Encolhi os ombros.

– O facto é que ainda vou ter de decidir qual é a minha posição aqui.

– Que queres dizer com isso?

– Que se chegar à conclusão que quem matou o João Zarco foi o dono do clube, dificilmente poderei continuar a trabalhar para ele. Seria impossível. Além de tudo o resto, nunca mais deixaria de me perguntar se a razão pela qual me deu o lugar não foi para me ter do lado dele. Gostava muito do Zarco. É possível que não dissesse nada à polícia, mas também não poderia estar do lado de alguém que tivesse morto ou mandado matar o Zarco. Percebes-me, não percebes? Seria estar a atraiçoar a amizade que tinha pelo Zarco. Ele pode não ter sido sempre honesto, mas foi um bom amigo. E é isso que interessa, Maurice.

– Faria ele o mesmo por ti? Não sei.

– O que importa é o que eu penso, Maurice. É a minha maldita consciência que seria afetada, não a do Zarco. Quando eu estive na cadeia, li *O Inferno* de Dante. Parecia-me muito apropriado, estando eu como estava num inferno como o de Wandsworth. Dante põe Bruto e Cássio na pior parte do inferno porque eles decidiram atraiçoar o amigo Júlio César em vez do país. Sinto o mesmo relativamente ao Zarco.

– Está bem, entendi. Mas como é que vais decidir se o Viktor é culpado?

– Não sei. Acho que me mantereis atento às pistas que possam indicar-me se ele é culpado ou inocente. E depois de ter pensado algum tempo, tomarei a minha decisão. Sair ou ficar no clube.

Voltei a encolher os ombros.

– É a única coisa que posso fazer. Quando chegar à conclusão sobre o que realmente aconteceu, não haverá uma grande revelação num maldito vagão-restaurant ou na biblioteca. Demitir-me-ei. Simplesmente.

Capítulo 39

Um pouco mais tarde, a inspetora Considine apareceu à porta do meu gabinete. Levava um casaco preto e um vestido curto também preto. Tinha os lábios pintados de um vermelho muito vivo para uma mulher-polícia e sorria, com um ar atraente.

– Sou pior que a sarna. Cá estou eu outra vez.

– Nunca percebi muito bem o que isso significa.

– Para isso tinha de saber o valor do que tem. E parece-me que não sabe. Não com um apartamento como o seu em Manresa Road...

Sorri.

– Gosta do meu apartamento, hem?

– Quem é que não gostaria? Ao pé dele, o meu parece um quarto de arrumos.

– Apareça por lá que eu faço-lhe outro café.

– Teria muito gosto. Há duas razões para aqui ter vindo. A primeira é pedir-lhe desculpa por aquilo de ontem; receio que tenha sido um tanto brusca na maneira como lhe disse que foi o amigo do Matt Drennan quem violou a Fehmiu. Deve ter sido um balde de água fria para si. Para não falar no facto de o seu próprio amigo se ter mantido calado. Lamento. Lamento mesmo muito. Estava apenas a cumprir o meu dever, mas...

– Esqueça isso. Como bem diz, apenas estava a cumprir o seu dever.

– Deveras? Podia ter dito as coisas de outra maneira.

– Desculpas aceites. E a segunda razão?

– Vai odiar-me.

– Não vou nada.

– Receio que seja outro dever a cumprir, e não muito agradável. Mas, desta vez, vou tentar dizer as coisas com o maior cuidado possível.

– De que se trata?

– Talvez não se recorde, mas ofereceu-se para identificar o cadáver do Sr. Zarco.

– Pois foi. Oh, meu Deus!

– Tenho a certeza de que lhe ocorrem mil coisas melhores para fazer esta tarde, mas é importante. É um requisito legal. Felizmente, o cadáver está em East Ham, não é longe daqui. Por isso, posso levá-lo no meu carro. Agora, se achar bem. Se não, mais tarde.

Consultei o relógio.

– Pode ser agora.

– Muito bem. Então, vamos.

Fez um telefonema rápido para a morgue a avisar que íamos a caminho. Quanto mais a via, mais gostava dela. Talvez por ser uma pessoa chique; gosto de mulheres chiques, bem-parecidas. Mas sobretudo por ser inteligente. Segui-a até um *Audi TT* preto. Um minuto depois afastávamo-nos do estádio em direção a norte, por East Ham High Street.

– A única coisa que sei de si é que estudou Direito – disse. – Queria ser advogada? Ou viu demasiados episódios do *Inspector Morse*?

– Na realidade, queria ser veterinária, mas abandonei a ideia porque costumava desfalecer de cada

vez que via sangue. Ainda há alturas em que sou bastante sensível.

– Desculpe que lhe diga, mas ir para a polícia não me parece a alternativa mais lógica. Sobretudo nas atuais circunstâncias.

– É verdade, mas a maior parte das vezes lido bem com as situações. E adoro trabalhar na polícia. Reconheço que, de vez em quando, lá aparece uma situação mais complicada. Mas tenho várias estratégias para lidar com isso. Refiro-me aos cadáveres. E você, não vai ter problemas? Quero dizer, a ver o cadáver do Sr. Zarco?

– Dir-lhe-ei quando o vir.

– Está a dizer-me que nunca viu um cadáver?

– Diz isso como se o devesse ter feito. Só tenho quarenta anos, por amor de Deus! Os meus pais estão vivos e os meus avós também.

– Compreendo. Como se ofereceu, pensei que já devia ter passado por isto.

– Ofereci-me porque queria poupar a mulher dele e porque o conheço há mais tempo do que ela. Mas não me sinto minimamente tranquilo. De facto, podia contar-me alguma das suas estratégias para lidar com a supersensibilidade, não vá eu cair em cima de si.

– É simplesmente um frasquinho de sais de cheiros. Sal volátil. Trago sempre um na mala. Sei que parece um pouco antiquado, mas a verdade é que é realmente científico, sabe? É usado com os halterofilistas antes das competições nos Jogos Olímpicos porque o amoníaco ativa o reflexo de inalação e o sistema nervoso simpático; e eleva a frequência cardíaca, a pressão arterial e a atividade cerebral, combatendo o desfalecimento. Antes de ver um cadáver, inalo, e tem

corrido bem. Agora anda sempre no meu equipamento forense.

– Bem, se eu perder os sentidos, não se esqueça de me afrouxar a roupa, está bem? Eu também sou um pouco antiquado. Além disso, gosto de despertar com um sorriso.

– Você é uma pessoa muito engraçada, sabia?

– Ainda bem que pensa assim.

Quando estávamos próximo da morgue de East Ham, apontou para a esquerda e disse:

– Creio que o estádio do West Ham fica a uns setecentos e cinquenta metros naquela direção, por Barking Road.

– Mortos de medo como eles estão, é ótimo que joguem próximo da morgue.

– Jogam com eles amanhã à noite, não é?

– Jogamos. É a segunda mão da semifinal da Taça da Liga inglesa. Quer ser minha convidada? Depois podíamos jantar no camarote de honra.

– Como é que poderia negar-me a ser sua convidada? Mas se perderem, não vai estar de mau-humor? A atirar chuteiras aos jogadores e esse tipo de coisas? Ainda me atira com uma. Não me surpreenderia depois do que aconteceu ontem.

– Está a pensar em Sir Alex Ferguson, inspetora. Além disso, não vamos perder. Vamos ganhar. E prometo que não estarei de mau-humor. Mas, para prevenir, leve os sais.

– Está a pensar ter outra conversa inspiradora com a equipa? Como aquela do YouTube?

– Se ganharem, não será por mim, mas pelo João Zarco.

– É possível que funcione com a equipa, comigo não.

Se for ao jogo, será porque gosto de o ver sorrir a si. E só se me prometer não dizer a ninguém que vou. Não gostaria que soubessem que estive no seu jogo em Stanford Bridge.

– É Stamford Bridge. E não acredito que alguma vez tenha ido a um jogo de futebol.

Estacionou ao lado de um parque, na linha amarela dupla, frente a um pequeno edifício ao estilo dos anos sessenta e com o aspeto de uma biblioteca pública, junto ao qual se elevava o que parecia ser uma capelita. Havia uma vedação, uma sebe e um grande carvalho no jardim. A inspetora Considine fez um sorriso desarmante.

– Está bem, confesso, nunca fui a um jogo. E não sou adepta do Chelsea, menti-lhe. Mas não posso negar que José Mourinho é um homem muito atraente. Muito mesmo.

– Eu negá-lo-ia, inspetora Considine. Negá-lo-ia sobre uma pilha de bíblias.

– Trate-me por Louise. Se vou trocar de clube e passar do clube do José para o seu, acho que é melhor começarmos a tratar-nos por tu, não lhe parece?

– Concordo, Louise.

Sorri.

– Isso é para me fazeres sentir melhor antes de entrarmos ali?

– Terás de esperar por amanhã à noite para ter a certeza.

Saiu do carro, abriu o portão e seguimos por um caminho.

Já dentro da morgue, deu-me uma ampola de vidro coberta de pano.

– É amoníaco. Parte-a e põe-na debaixo do nariz se

sentires que estás a perder os sentidos.

Recebeu-nos um empregado. Era baixo, calvo e tinha um dente de ouro. Usava um alfinete do Arsenal na lapela, o que me pareceu corajoso estando tão perto do Upton Park. Levou-nos para uma sala que tinha uma janela com cortina.

– Estás preparado? – perguntou-me Louise.

Assenti com a cabeça.

Partiu uma das ampolas brancas, pô-la debaixo do nariz e inalou profundamente. A atmosfera da sala encheu-se de repente de um forte cheiro a amoníaco e ela começou a respirar pesadamente e a pestanejar como se o sol lhe estivesse a incidir na cara e bateu na janela.

As cortinas cinzentas abriram-se e vimos o cadáver de Zarco deitado sobre uma maca. A maior parte do corpo estava coberta com um lençol verde, mas desejei que a cabeça também o tivesse estado. Tinha sido um homem tão elegante... Tanto como José Mourinho, que ele conhecera bem, uma vez que eram ambos portugueses. A cara, quase sempre por barbear, estava cheia de equimoses e a cabeça esmagada como quando se pisa uma garrafa de água vazia. Era a única parte da cara que tinha alguma cor; a tonalidade cinzenta do resto fazia-o parecer um figurante num filme de mortos-vivos. Mas tratava-se realmente de Zarco. Reconheci o cabelo, que parecia um esfregão da louça, a boca taciturna e o nariz largo; reconheceria aquele nariz em qualquer lado. Tinha-o visto muitas vezes sobre um copo de bom vinho tinto, apreciando o aroma como se fosse um entendido. Lembro-me do dia em que jantámos no 181 First, um restaurante de Munique, quando me foi oferecer o lugar de treinador adjunto do

London City, e da garrafa de duzentos euros de *Spätburgunder* que pediu, para firmarmos o acordo, e de como ele apreciara aquele tinto. Lembro-me de que o restaurante era na Torre Olímpica, uma sala giratória que permitia que se tivesse uma vista fantástica de 360° de Munique. E ainda me lembro da nossa mesa e da maneira como, a exemplo do resto, tinha girado. E de que bebi demasiado nessa noite – bebemos ambos – e depois começou tudo a andar às voltas até que Louise, graças a Deus, me pôs qualquer coisa debaixo do nariz e eu afastava-me do cheiro do amoníaco e da sua mão e da janela do outro mundo.

– Estás bem? – perguntou enquanto eu cambaleava até à porta da morgue.

No exterior, ao ar livre, limpei uma lágrima e acenei que sim.

– É ele – disse eu. – É o Zarco. Desculpa o que me aconteceu.

– Não tens de pedir desculpa.

Pegou-me na mão e deu-lhe um beijo rápido.

– Anda. Vou levar-te de volta a Silvertown Dock.

Capítulo 40

A caminho de casa, de Silvertown Dock para Chelsea, parei para visitar de novo a viúva de Zarco. Não é que tivesse nada de particular para dizer a Toyah, mas, como não lhe atendera a chamada de manhã, telefonei-lhe depois várias vezes e não consegui falar com ela. Além de Jerusa, a sua governanta, não sabia em quem mais Toyah podia confiar, mas não ia abandonar a viúva do meu amigo só porque não gostava muito dela. Como acontecia com muitos australianos que vinham para Londres, ela desdenhava um bocado da Grã-Bretanha e do seu clima – horrível para o meu gosto –, o que levava a que se perguntasse: se não gostam, que raio fazem aqui? A única vez que estivera na Austrália tinha-me divertido muito; mas quando se lá vai percebe-se a razão por que tantos australianos acabam por vir viver para Londres. O clima era, de facto, o menos importante na decisão de irem viver para Londres porque, com exceção do clima, tudo o resto era melhor do que na Austrália. Sobretudo o futebol.

Toquei à campainha mas não apareceu ninguém. O polícia que vigiava a casa reconheceu-me e explicou-me que Toyah lá estava, embora não a tivesse visto todo o dia, o que nos deixava a ambos um pouco preocupados;

por isso, deixou-me gritar pela caixa do correio; e quando, por fim, ela desceu as escadas e me abriu a porta, vi que trazia vestido um roupão de seda, o que queria dizer que a tinha arrancado à cama.

– Desculpa – disse. – É que já começava a ficar preocupado. E o polícia lá fora também.

– Não sou das que se suicidam, Scott. Não por um homem. E menos ainda por um que me andava a trair com uma putita em Hangman’s Wood.

– Foi a polícia que te contou?

– Não era preciso. Já o sabia. Sabia-o e aprendi a fechar os olhos porque imaginei que aquilo não ia chegar a lado nenhum. Não me interpretes mal. Amava o Zarco, mas havia alturas em que ele era incapaz de manter a braguilha fechada. E ter um caso no local de trabalho? Que estupidez!

Acendeu um cigarro.

– Queres um chá?

Tirei o casaco e fomos para a cozinha, que mais parecia uma nave espacial, o que me deu azo a mudar de assunto.

– Desculpa ter-te acordado, Toyah.

– Não faz mal. Tomei um comprimido depois de te telefonar esta manhã e adormeci até agora. A sério, ainda bem que me acordaste. Tenho tanto que fazer.

Consultou o relógio.

– E, ao que parece, muito pouco tempo para tudo. Meu Deus!, não fazia ideia que fosse tão tarde. Devo ter dormido umas oito horas.

– Isso é bom – respondi. – Talvez seja o melhor que há para a tristeza.

Eu próprio estava ansioso por deitar-me; Sonja tinha-me mandado uma mensagem bastante neutra a

dizer que esperava que eu estivesse bem, mensagem a que respondi que sim, que estava bem. No entanto, e apesar de ter o pensamento em Louise Considine, sabia que me sentiria muito melhor logo que tivesse dormido.

– Identifiquei o cadáver – disse a Toyah. – Há cerca de uma hora. Achei que talvez quisesse sabê-lo.

– Obrigada. Agradeço que o tenhas feito. Sei que te deve ter custado.

Minimizei a questão com um gesto de cabeça.

– A polícia já tem alguma ideia? – perguntou. – Acerca de quem o matou e porquê?

– Não sei.

– E tu?

– Não – respondi, mentindo. – Ainda não, é cedo.

Serviu o chá e sentámo-nos a uma mesa comprida de madeira.

– Pediste-me que te contasse se acontecesse qualquer coisa fora do normal. «Algo que possa fazer encaixar as peças», disseste. Pois bem, aconteceu uma coisa. Veio cá o empreiteiro, o Tristram Lambton. É quem está encarregado da obra do número 12. Disse que vinha dar-me os pêsames, mas não tardou a revelar a verdadeira razão por que tinha vindo ver-me. Queria saber se o Zarco tinha deixado um envelope para ele.

– Um envelope?

– «Lamento falar nisto agora, Sr.^a Zarco», começou ele logo que achou ter cumprido o seu dever de solidariedade, «mas o seu marido tinha combinado pagar-me em numerário parte da obra. Não terá deixado nada para mim? Um envelope, talvez?»

– Quanto?

– Falou em vinte mil libras.

– Isso não cabe num envelope normal. Eu sei que os

empreiteiros gostam do dinheiro na mão, mas vinte mil libras precisam de mais mãos. Pelo menos de três ou quatro.

– Nem mais! Mas, sinceramente, não posso dizer que me tenha surpreendido. O João andava metido em todo o tipo de esquemas, como saberás. Era o típico português, sempre com o raio dos seus negócios. Eram o prato do dia, para ele. Como o Del Boy²³.

Deu uma baforada furiosa no cigarro.

– De qualquer forma, disse-lhe que o Zarco não me tinha falado em nada mas, pelo sim pelo não, fui ao cofre verificar. Não havia lá nenhum envelope. Pelo menos nenhum que contivesse uns milhares de libras. O Tristram disse-me qualquer coisa como, «bem, se o encontrar, por favor, avise-me». Respondi-lhe que não era muito provável que fosse encontrar vinte mil libras na gaveta das meias do Zarco. E as coisas ficaram por ali.

Assenti com a cabeça.

– Que tipo de homem é esse Tristram?

– Um tipo chique. Bem-parecido. Cheio de dinheiro. E conduz um *Bentley*. Mas é um bom profissional. O nosso arquiteto tem-no em grande consideração. E o Zarco também o tinha.

– Eu falo com ele. Mal termine o chá, vou falar com ele.

– Obrigada, Scott. Agradeço-te.

Fiquei mais um quarto de hora para manter as aparências. A casa era estranha sem o vozeirão e as risadas de Zarco. Até o gato parecia confuso. Fui à casa de banho, vesti o casaco, despedi-me e atravessei a praça.

Estava escuro e há muito que terminara a jornada

habitual, mas pelas luzes que se viam e os ruídos que se ouviam por detrás do tapume da Lambton Construction Company que ocultava a fachada do número 12, era evidente que continuavam a trabalhar no duro. Pareceu-me ouvir os sons típicos de um carpinteiro, martelando prego atrás de prego. Passei uma porta de madeira que havia num dos lados do tapume e fui até ao lado da casa, a qual se tinha transformado muito com uma grande janela moderna. Desci por umas escadas de pedra e encontrei um homem que levava um capuz por baixo do capacete, cigarro de enrolar na boca e uma tábua ao ombro.

– Ei, que fazes aqui, lindo? – perguntou-me com forte sotaque estrangeiro. – A roubar ferramentas ou coisa parecida?

– Não estou a roubar ferramentas.

– Porque gente rouba ferramentas a nós e chefe diz que somos nós. Ameaça tirar-nos do salário.

– Não, não foi por isso que vim aqui.

– O que quer? Queixar-se? Porque eu só trabalho aqui, hem?

– Estou à procura do Sr. Lambton. Sou amigo do Sr. Zarco.

Estreitou os olhos escuros.

– Claro, conheço. É o tipo do futebol. Scott Manson. Antes jogava no Arsenal, lembro-me. Agora é o treinador do City. Eu sou do Arsenal. São boa equipa, melhor que City, acho. Arsenal é bolo que a tua mãe faz. Caseiro. Bom bolo. City é bolo que compra na loja. Não tão bom. E mais caro.

Deu uma última fumada no cigarro e atirou-o para o chão.

– Tem entradas?

- Não, não tenho. Estou à procura do Sr. Lambton.
- Há dois senhores Lambton. Irmãos, percebe? Tristram e Gareth. Qual é?
- Tristram.
- Está bem, espere aqui, vou ver.

Pousou a tábua, desapareceu por um labirinto de andaimes iluminado por uma lâmpada nua e ali me deixou sozinho com os meus pensamentos a entremear-se uns nos outros. Se tivesse tido mais tempo, podia ter preparado melhor o encontro, para ser capaz de perceber o que era e não era importante. Os inspetores encarregados do caso de Zarco enfrentavam mais desafios do que se tivessem de defrontar o West Ham na sua máxima força terça-feira à noite. Sabia muito bem que estava sob pressão. Na casa de banho de Toyah vira um jornal com um artigo que falava do divertido que era ser treinador de futebol virtual; aquilo fez-me pensar que se fosse só lidar com a parte futebolística, podia realmente ser engraçado, mas eram todas as outras porcarias que a vida nos impõe, a namorada que nos deixa, o Fisco que diz ao contabilista que considera que devemos mais impostos, os sacanas dos jornalistas que nos acampam à porta de casa, os jogadores homossexuais que tomam drogas, um dos nossos amigos mais antigos que se enforca, tudo isso faz com que o trabalho seja muito complicado.

Tirei o *iPhone* da mochila na esperança de tratar de alguma da porcaria que me estava a atravancar a porta. Como me pareceu improvável que tivesse tempo para retocar um *email* que estivera a escrever para Hugh McIlvanney sobre João Zarco, mandei-o tal como estava, com cópia para Sarah Crompton. Jane Byrne queria fazer uma reconstituição dos últimos

momentos de vida de Zarco com a ajuda do *Crimewatch*²⁴ no nosso jogo seguinte em casa. Respondi que sim. Outro da DCO convidava-me para uma reunião na sede da FA, para me recordarem quais eram os protocolos dos controlos de dopagem. Cabrões de merda. Se podia conceder uma entrevista à *Football Focus*. Que fossem à merda. Já tinha dito que não à *Gillette Soccer Saturday* e à *TalkSPORT*. Um velho amigo do Southampton tinha sido contratado como treinador do Hibernian e pedia-me conselhos. Conhecendo Edimburgo como conhecia, dei-lhe um: não deixes que esses cabrões te deitem abaixo.

Depois fui passando outras mensagens: da *Rape Crisis* pediam um donativo, disse-lhes que sim; Tiffany Drennan informava-me que o funeral de Drenno se realizava sexta-feira e respondi também que sim. Viktor Sokolnikov tinha-me enviado uma mensagem a dizer que voltaria da Rússia a tempo de ver o jogo de terça-feira à noite e que traria Bekim Develi com ele; e o próprio diabo vermelho me tinha enviado uma mensagem a dizer que queria muito jogar no City e que tinha a certeza de que a nossa relação seria muito frutuosa. Respondi-lhe com um «Bem-vindo». Entretanto, procurei Warwick Square no Google do *iPad* e descobri que tinha a sua própria página na Internet, com uma ativa associação de residentes e uma útil tabela de preços das propriedades. Os apartamentos custavam o impressionante valor de dois milhões de libras e as poucas casas que estavam para venda começavam por uns incríveis oito milhões.

Nunca nos surpreendemos com o valor da nossa casa, mas o que os outros pedem pelas deles deixa-nos sempre assombrados.

– Em que posso ajudá-lo?

O homem que estava na minha frente teria os seus trinta e tantos anos, era magro e media cerca de um metro e oitenta; vestia um casaco *Crombie* castanho com o colarinho de veludo e trazia um capacete amarelo.

– Sou amigo do Zarco.

– Sim, eu sei. Vi-o na televisão, não? No *A Question of Sport*?

– Tem boa memória. Podemos falar noutro sítio?

– Sobre quê?

– A Sr.a Zarco contou-me que tinha ido vê-la a propósito de uns dinheiros que diz que o marido lhe devia. Vinte mil libras, para ser exato.

Tristram Lambton hesitou.

– Tenha calma. Disse que me reconhecia da televisão, não foi? Isso devia tranquilizá-lo, não sou do Fisco nem do Ministério do Interior. Não quero saber quem é que contrata e como lhes paga. Estou aqui para ajudar a Sr.a Zarco, se for possível.

– Vamos para o meu carro. Falamos lá.

O *Bentley* era cinzento-prateado e estava equipado com todos os extras; ao fechar-se, a porta soava como se tivéssemos entrado num seletor clube de cavalheiros. E o cheiro também: couro, charutos e grossos tapetes.

– Não sabia que a Sr.a Zarco não estava ao corrente do que eu tratara com o marido – disse Lambton. – Senti-me muito mal depois, mas pensei que, viúva ou não, o melhor seria acabar o projeto de construção o mais rápido possível para que pudesse vender e continuar com a sua vida. O que parece ser o que ela quer fazer. Sinceramente, este trabalho tem sido um autêntico pesadelo desde o princípio.

– É a impressão que eu também tenho. Mas o que é que acertou com o Sr. Zarco?

– Os Zarcos tinham muitas queixas dos vizinhos por causa das obras. Em particular, como pode imaginar, da parte dos do número 13, os que vivem mesmo ao lado. Por isso, pressionavam-me muito para que acabasse a obra o quanto antes. E a única maneira que tenho de conseguir que os meus homens façam as horas extra que lhes exijo é pagar-lhas a dobrar em numerário. O dinheiro é a única coisa que lhes interessa. O que acordei com o Sr. Zarco foi que seria ele a pagar essas horas extra. Incluindo os fins de semana. No sábado, devia dar-me as vinte mil libras, e, assim, poderia ter tudo acabado antes do fim de março, antes do prazo, portanto, mas sabe o que aconteceu... É uma tragédia. Gostava muito dele. Agora não sei o que vou fazer. Quer dizer, assim acabaram-se as horas extra e o trabalho aos fins de semana.

– Não necessariamente.

Tinha antecipado aquele momento. Na casa de banho de Toyah separara o dinheiro do suborno em dois montes, um de vinte e outro de trinta mil. Os vinte mil deixei-os ficar no envelope grande e o resto pu-lo numa divisão da mochila.

– Aqui tem os vinte mil que ele tinha ficado de lhe dar.

– Fantástico! Sei que parece muito, mas estes romenos trabalham duramente e merecem tudo o que ganham. Quer dizer, é gente que quer trabalhar, não é como alguns daqui. Mas não vou começar com isso.

Soltou uma gargalhada.

– E agora, se me pudesse resolver a questão do senhor e da senhora Van de Merwe, no número 13,

seria perfeito.

- O que é que sugere?
- Está a falar a sério?

23 Personagem principal da série televisiva humorística britânica *Only Fools and Horses*. (N. do T.)

24 Programa da televisão britânica produzido pela BBC que reconstitui crimes por resolver com o intuito de obter informações do público. (N. do T.)

Capítulo 41

Pimlico é como Belgravia, mas sem ricos. Não é que as pessoas sejam propriamente pobres, acontece é que a maior parte da sua riqueza está ligada ao valor dos apartamentos ou das casas que possui.

O número 12 era a última de um renque de casas, e ao lado dela havia uma mansão de estuque branco com seis andares, de inícios do séc. XIX, com um elegante pórtico dórico e uma porta preta tão polida como as botas de uma sentinela; ou, pelo menos, tê-lo-ia estado, pois tinha uma camada de pó das obras a cobri-la. Na parede havia uma placa azul, mas estava escuro para que conseguisse ler o nome da famosa personagem que lá tinha vivido. No entanto, conhecia a zona bastante bem: Gianluca Vialli tinha vivido ali perto até 2001, quando era jogador e treinador do Chelsea, e se havia alguém que merecesse uma placa azul, era ele: os quatro golos que marcara contra o Barnsley estavam entre os melhores que me fora dado ver na I Liga.

Toquei à antiquada campainha e pus-me a escutar o som do outro lado da porta, mas acho que teria conseguido ouvi-la em Manresa Road.

Ao fim de um minuto, e quando já estava para me ir embora, acendeu-se uma luz no pórtico; ouvi dar várias voltas e o que parecia ser uma grande chave a girar

numa fechadura vitoriana. A porta abriu-se e apareceu um senhor idoso vestido com um fato castanho de bombazina. Tinha umas barbas parecidas com as de um pintor holandês, brancas mas manchadas de nicotina, e um cabelo desgrenhado e grisalho que dava a impressão de crescer em várias direções ao mesmo tempo, o que me fez recordar a marinha de Maggi Hambling pendurada na parede da minha casa. Usava uns óculos meia-lua no nariz e um lenço de seda bege folgado no pescoço. Tinha um dos rostos mais cansados que vira na minha vida, não tanto pelas rugas, mas pelos sulcos que mostrava; não seria de admirar muito se se desfizesse em pedaços.

– Sr. Van de Merwe?

– Sou.

– Desculpe incomodá-lo – disse. – Chamo-me Scott Manson. Importa-se que entre e falemos um pouco?

– Sobre quê?

– Sobre o Sr. Zarco.

– Quem é você? É da polícia?

– Não, não sou da polícia.

– Quem é, querido? – disse uma voz.

– Alguém que quer falar do Sr. Zarco – respondeu o Sr. Van de Merwe. – Diz que não é da polícia.

A sua voz cansada, tal como o rosto, parecia de algum modo a de alguém que estava a sintonizar um rádio de ondas curtas. E tinha um sotaque vagamente sul-africano.

No vestíbulo surgiu uma mulher com uma expressão tão angustiada que mais parecia saída d'O *Grito* de Munch; era idosa e pequena, com uma cabeleira loura e farta, e vestia uma suéter grossa de cor branca com a bandeira sul-africana num dos seios que eram tão

grandes como a minha mochila.

– É melhor entrar – disse o homem, afastando-se para me deixar passar, e só então reparei que usava uma bengala para caminhar.

No vestibulo destacava-se um cartaz de um filme antiquíssimo, *Passaporte para Pimlico*, uma comédia da Ealing Studios rodada poucos anos depois da II Guerra Mundial. Dava a impressão de o casal de anciãos ter participado nela. Sobre uma mesa havia uma estatueta de vidro azul, possivelmente de vidro Lalique, de uma mulher seminua, e, ao lado, umas cartas abertas de um Sr. John Cruikshank. Cheirava fortemente a cera para madeira e nas escadas havia uma pilha de panos amarelos e recém-lavados do pó.

Levaram-me para uma grande sala com um mobiliário que já tinha visto melhores dias e talvez até as duas guerras mundiais. Havia livros e quadros e tudo parecia estar ali há muito, muito tempo; uma fina camada de pó recente cobria as costas do grande sofá de couro em que me convidaram a sentar. No lado oposto estava uma mulher mais nova, bastante atraente e vestida com uns *jeans* e um forro polar. Reparou que eu estava a limpar os dedos com a mão e pegou imediatamente num pano amarelo do pó e pôs-se a limpar nervosamente o sofá.

– É a minha filha, Mariella – disse o Sr. Van de Merwe. – Mariella, este é o Sr. Manson. Quer fazer-nos umas perguntas sobre o pobre do Sr. Zarco.

Mariella resmungou, irritada.

– Não são exatamente perguntas – disse eu. – Vivem só os três aqui?

– Pois isso parece exatamente uma pergunta – atirou Mariella.

– É apenas uma troca de impressões – retorqui. – Embora talvez haja quem não goste.

– O meu genro também vive connosco – disse o Sr. Van de Merwe –, mas não está em casa.

– Toma qualquer coisa, Sr. Manson? – perguntou a esposa. – Um xerez, talvez?

– Sim, por favor.

Saíram os três da sala e deixaram-me a olhar para o teto durante uns minutos. Através da parede, ouvi um dos trabalhadores romenos de Lambton a pregar pregos e a seguir outro com um berbequim. Era fácil compreender por que razão os Van de Merwes tinham decidido queixar-se do ruído; a mim ter-me-ia posto louco estar doze horas a ouvir aquilo. Apesar de tudo, era difícil imaginar que fossem capazes de censurar um carteiro que chega tarde, quanto mais enfrentar um grupo de trabalhadores romenos.

Voltaram todos juntos, como um trio: o Sr. Van de Merwe trazia um copo numa bandeja de prata, a esposa a garrafa de xerez e a filha um prato com presunto fatiado.

– É um Stanley Spencer? – perguntei apontando para um dos quadros na parede.

– É – respondeu o ancião.

– É bonito – disse, com grande subtileza. Spencer era um dos meus preferidos.

– O Sr. Zarco gostava de xerez – explicou o ancião. – Em particular, deste *Oloroso*. E acompanha bem o presunto ibérico.

Provei o xerez; era delicioso.

– Quando foi a última vez que Zarco aqui esteve?

– Há várias semanas. E em várias ocasiões. Vinha pedir desculpa pelas obras no edifício ao lado, que já

decorrem há quase seis meses. É intolerável. Avalie por si se alguém consegue viver com este ruído desde que se levanta de manhã até às oito da noite. Com a nossa idade, queremos é paz e sossego. Para ler e ouvir música. Não seria tão mau se estivéssemos surdos, mas não estamos.

– Entendo perfeitamente como deve ser irritante. Têm a minha solidariedade.

Mariella viu cair do teto outra nuvem de pó sobre o aparador e levantou-se furiosa a limpá-lo.

– Tentámos chegar a um acordo com ele – continuou o Sr. Van de Merwe –, mas não conseguimos.

– Que tipo de acordo?

– Financeiro. Tínhamos esperança de poder voltar à África do Sul por uns tempos. Somos de lá.

– De Pretória – disse a mulher, prestimosa. – É linda nesta época do ano. Vinte e cinco graus. Todos os dias.

– Mas os voos são caríssimos – continuou o marido. – Até os hotéis baratos custam muito dinheiro.

– Conhece a África do Sul, Sr. Manson? – perguntou a Sr.^a Van de Merwe.

– Um pouco. Estive lá no Mundial de 2010. Ainda tenho as vuvuzelas a ressoar-me nos ouvidos.

Os dois anciãos ficaram a olhar para mim como se não me entendessem. Mariella explicou:

– As *lepatata mambus*.

Olhou para mim e encolheu os ombros.

– É o nome que os Tswana lhes dão.

– Entendo.

– Pretória é muito bonita nesta época do ano – insistiu a senhora Van de Merwe.

– E não podiam ir para outro sítio? – perguntei. – Um sítio mais próximo, sei lá, para Espanha. Nesta

época do ano está melhor tempo que aqui. E é mais barato.

Meti uma fatia de presunto na boca; também sabia muito bem e talvez me poupasse a tarefa de fazer o jantar. Agora que Sonja já não vivia comigo, o meu entusiasmo pela cozinha resumia-se a fazer café.

– Nunca gostámos de Espanha, não é, querida?

– Não falamos espanhol – respondeu a mulher. – A única alternativa para nós era a África do Sul.

– O Sr. Zarco fez-nos uma oferta – disse o homem – para cobrir as despesas da nossa acomodação temporária, mas não era suficiente, por isso declinámo-la. Acho que ele pensou que queríamos mais dinheiro, mas não era verdade. Foi frustrante.

– Importam-se que pergunte quanto dinheiro lhes ofereceu? Para os compensar de tudo o que sofreram desde que as obras começaram?

– Dez mil libras, não foi? – respondeu o ancião.

Ela acenou que sim com a cabeça.

– Sim, eu sei que parece muito dinheiro, e é-o, mas só os voos já custam três ou quatro mil.

Fiz um rápido cálculo mental, peguei na mochila e tirei quatro maços de notas. É maravilhoso ser-se generoso com o dinheiro dos outros. Não é que tivesse sido de toda ideia minha; fora Tristram Lambton quem ma semeara no espírito e pareceu-me uma maneira tão boa como outra qualquer de me desfazer do suborno.

– Estão aqui vinte mil libras – disse, sentindo-me aliviado por me desfazer de um pouco mais do suborno de Zarco.

– Para pagar todas as vossas despesas e compensá-los pelo que tiveram de passar estes meses.

– O quê!?

O queixo do Sr. Van de Merwe começou a descair de maneira tão alarmante que parecia estar a ter um enfarte.

– Não entendo. O Sr. Zarco morreu, não morreu?

– Por favor, não me peçam explicações, mas tenho a certeza de que teria gostado que ficassem com este dinheiro.

Os Van de Merwes olharam um para o outro, perplexos.

– Vinte mil libras? – disse a Sr.a Van de Merwe.

– É muito generoso da sua parte – disse o homem – ou da parte da Sr.a Zarco. Mas na realidade...

– Está a falar a sério? – perguntou a filha.

– Estou.

– Não, não podemos... – disse o ancião. – Não agora que ele morreu. De modo algum, não me parece bem. É que na televisão dizem que foi assassinado. Não podemos aceitar, não é, querida? Mariella, que achas?

– Oh, paizinho – disse a filha, irritada –, é claro que podemos. Parece injusto, mas não é. Depois de tudo o que passaram, é o que a mãe e o pai merecem.

– Mas a Sr.a Zarco ficou viúva – disse a mãe. – De certeza que não pode permitir-se fazer uma coisa destas. Aquele pobre homem... Como deve estar a sentir-se a mulher... Devíamos falar com o John. Perguntar-lhe o que é que ele acha.

– Aceitamos, Sr. Manson – disse Mariella com firmeza.

Os pais entreolharam-se, vacilando, e a Sr.a Van de Merwe começou a chorar.

– Tem sido muito difícil para a minha mulher – explicou o ancião. – Com tanto ruído e tudo o resto. Está exausta.

– Aceitamos – repetiu a filha. – Não aceitamos? Acho que devíamos. E agora também estou a falar pelo John. Se aqui estivesse, diria que era o que devíamos fazer. Sim, aceitamos.

O ancião assentiu com a cabeça.

– Se achas que sim, querida, então, aceitamos.

– Muito bem – disse eu. – Acho que estão a fazer o que está certo.

Levantei-me para me ir embora e o Sr. Van de Merwe acompanhou-me à porta.

– Foi muito amável connosco, Sr. Manson. Não sei mesmo o que dizer. Estou sem palavras. Foi extremamente generoso.

– Não me agradeça a mim, agradeça à Sr.^a Zarco. Mas não o faça agora, hem? Quando as obras tiverem terminado e ela viva finalmente ao vosso lado, agradeçam-lhe.

– Sim, sim, fá-lo-emos.

Deu-me um longo aperto de mão; as lágrimas corriam-lhe.

– A placa azul na fachada... – disse, no vestíbulo, ansioso por me afastar da minha boa ação. – Tenho curiosidade em saber, quem viveu aqui?

– Isadora Duncan – respondeu, e apontou para a estatueta de vidro azul que estava sobre a mesinha do vestíbulo. – É ela.

– A que fazia *striptease*?

– Se quiser – respondeu esboçando um sorriso tímido. – Sim, acho que ela fazia *striptease*.

Não é que Isadora fosse mesmo *stripper*; não atuava como tal. Sabia disso. Foi a maneira que arranjei de fazer com que não ficassem com uma ideia tão elevada de mim. Pareceu-me adequada porque, afinal de contas,

o dinheiro não era meu. Eu apenas o tinha dado.

Capítulo 42

Não devia estar nervoso, mas como era o meu primeiro jogo como novo treinador do London City, estava-o. O jogo anterior, de sábado, contra o Newcastle não contava; naquele dia, falei para uma equipa que tinha escolhido Zarco e jogava para ele. Todos os jogadores tinham assumido, erroneamente, que, a certa altura, ele apareceria no balneário e elogiaria os que tivessem jogado bem e, o que era mais importante, passaria um raspanete aos que tivessem jogado mal. Ninguém queria levar um raspanete de João Zarco.

O jogo contra o West Ham seria muito diferente e todos sabiam disso. O primeiro jogo de um treinador dá o tom para a forma como é encarado o seu cargo, e não só da parte do proprietário do clube e dos jornalistas desportivos, mas acima de tudo da massa associativa, que é mais supersticiosa que uma carreta cheia de ciganos. O irmão da minha ex-mulher recusa-se a ir ver o Arsenal sem o seu bigode de gato da sorte; é uma das muitas pessoas sérias e racionais que acompanham o futebol mas acreditam no mau-olhado, nas maldições e nas ações de um Deus caprichoso que decide quem vai ganhar e quem vai perder. Uma derrota clara neste primeiro jogo seria como uma corda à volta do pescoço.

Não sei qual seria a opinião de Napoleão sobre a I Liga, mas sabia o valor que a sorte tinha e desejava com todas as minhas forças ter sorte neste primeiro jogo. Apesar do que diz Geoff Boycott, a sorte é a mais valiosa matéria-prima do futebol.

Nunca me convencera de que a Taça da Liga merecesse qualquer esforço; no entanto, se vencêssemos o West Ham, estaríamos na final, e, agora, a menos de uma hora do começo do jogo, a ideia de conseguir o meu primeiro troféu como treinador do City parecia-me cada vez mais sedutora. Não tinha a Taça da Liga servido para cimentar a reputação de José Mourinho na sua primeira época como treinador do Chelsea, em 2005?

Claro que nada disto significava que fosse mudar a minha forma de pensar contra os Hammers; ia avançar com os jovens, acontecesse o que acontecesse. Alinhava apenas com cinco jogadores regulares da equipa principal: Ayrton Taylor, Kenny Traynor, Ken Okri, Gary Ferguson e Xavier Pepe. Três dos defesas que constituíam a nossa linha de quatro – Ken, Gary e Xavier – eram habitualmente titulares, claro, e confiava em que motivassem os outros, nenhum dos quais – com exceção de Kenny e de Ayrton – ultrapassava os vinte e dois anos. Nunca acreditara naquela famosa frase de Alan Hansen de que com miúdos não se ganha nada.

O nosso segundo jogador mais novo, Daryl Hemingway, que tínhamos comprado no verão à Academia de Futebol do West Ham por dois milhões e meio de libras, tinha dezassete anos. Vira-o jogar quando ainda estava em Hainault Road, e o que pensei foi que já há muito tempo que não encontrava um médio tão prometedo; lembrava-me muito Cesc

Fàbregas. Queria mostrar ao seu antigo clube o erro que cometera ao desfazer-se dele. Daryl atuava ao lado dos jogadores mais novos que tínhamos, Zénobe Schuermans, um belga de dezasseis anos, e Iñárritu, o mexicano de vinte que Zarco tinha comprado ao Estudiantes Tecos, em Guadalajara.

A história de Iñárritu era interessante. Raptado por um bando ligado ao cartel do Golfo, o jovem foi libertado pela polícia e fugiu do seu país. Iñárritu escapara à morte por pouco, quando uns membros do cartel de droga o filmaram pendurado da janela do apartamento com os seus telefones – no Plaza, de Cuauhtémoc, um edifício com noventa metros de altura – na esperança de que o pai, um riquíssimo banqueiro do BBVA Bancomer, pagasse um resgate de dez milhões de dólares ao vê-lo. Acidentalmente, os sequestradores tinham-no deixado cair e o jovem sobrevivera porque caíra no cesto de uns limpadores de janelas que se encontravam uns andares mais abaixo. O mexicano estava desejoso de jogar, embora, depois de ter partido uma perna contra o Stoke City – que era muito bom a partir pernas – ainda não estivesse ao nível físico do resto da equipa principal.

Para se jogar num esquema de 4-3-3, é necessário que os médios sejam muito resistentes mas, uma vez que a idade dos três somada era de apenas cinquenta e três anos, achei que talvez fossem capazes de correr durante todo o jogo sem grandes problemas. Inclusive Iñárritu. Também não estava preocupado com ele. Iñárritu gostava muito de Zarco e tinha chorado abertamente quando soube da sua morte; sabia que, se havia alguém que se ia empenhar afincadamente em homenagem ao português, era o jovem mexicano.

Dos três que alinhariam na frente, Jimmy Ribbans, a jogar como médio-ala, vinha de uma recuperação de uma distensão na virilha. Há muitos jogadores destros – demasiados, para ser franco –, mas o estranho com Jimmy é que era esquerdino por natureza com os pés e destro com as mãos. Diz-se que os esquerdinos são uma espécie em vias de extinção, mas costumam ser muito bons tecnicamente. Não se pode menosprezar a importância de um grande esquerdino nas equipas e a maior parte esforça-se por ter um. Messi é esquerdino, tal como Ryan Giggs, Patrice Evra e Robin Van Persie. Mas Jimmy também era bom com o pé direito e púnhamo-lo muita vez a jogar a médio-ala direito, o que fazia com que o seu maravilhoso pé esquerdo fosse ainda mais imprevisível. Como defesa, sempre achei mais difícil enfrentar um esquerdino natural, e talvez o melhor de todos fosse Giggs.

Na ala esquerda tinha posto Soltani Boumediene, um israelita de vinte e quatro anos que era quase tão bom com o pé esquerdo como com o pé direito. Era conhecido como o Comediante por razões óbvias – era, de facto, um brincalhão. Anteriormente, Soltani tinha jogado no Maccabi Haifa e fora o jogador árabe mais importante de Israel antes de ter ido para o Portsmouth, onde o City o fora buscar depois de o Pompey ter descido de divisão em 2010.

Ayrton Taylor era, evidentemente, o nosso avançado-centro. Os jornais diziam que perdera a pujança e que não tinha hipótese de voltar a jogar na seleção inglesa mas, embora tivessem passado cinco semanas desde a última vez que marcara – sem que o golo tivesse sido anulado –, sabia que desejava mostrar-lhes que estavam enganados. Esperava que tivesse

ultrapassado os seus problemas disciplinares. Suspeitava que os problemas tinham mais que ver com as incessantes provocações que sofrera dos companheiros de equipa depois do incidente num clube noturno de Londres, em que duas raparigas lhe tinham deitado Rohypnol na bebida e, ao voltar ao apartamento, o haviam fotografado com o *iPhone* num estado lastimoso, fotografias e história que depois venderam a um jornal dominical. Tinha sido, frase que ficara conhecida, como tirar um rebuçado a uma criança. Os futebolistas são muito cruéis e, durante semanas, tinham enchido os bolsos do casaco de Ayrton de embalagens de gomas e de chupa-chupas. Se havia alguém que ia marcar um golo na nossa equipa, era Ayrton Taylor, apesar de as probabilidades da William Hill, Bet 365 e Ladbrokes contra ele serem de 4-1.

Probabilidades daquelas eram demasiado boas para que as deixasse passar, até para mim, sobretudo tendo em conta que ainda me restavam na mochila dez mil libras do suborno.

– Tem cuidado – disse-me Maurice quando lhe contei o que tinha pensado fazer com o dinheiro. – Não é uma aposta de cinco libras nos Yankees. Se a Sportradar ou a FA descobrem que estás a apostar dez mil através de um corretor estás tramado.

Ele tinha razão. O que ia fazer era expressamente proibido pelo regulamento de apostas da FA, mas já o tínhamos feito antes, claro. *Toda a gente* no futebol fazia apostas nos jogos, semana após semana, e, desde que não se fizesse nada tão suspeito como apostar contra a própria equipa, em minha opinião, não tinha nada de mal. Não difere em nada do que a malta

da *City* faz continuamente.

– Suponho que queiras que chame o Dostoiévski – disse Maurice.

Dostoiévski era o nome que dávamos a um jogador profissional que tínhamos conhecido na cadeia. Por cinco por cento, apostava no que quer que fosse e por quem fosse.

– Claro. Pela comissão habitual. Além disso, se ganhar, o dinheiro não será para mim. Será para a Kenward Trust. Uma doação anónima. Parece-me apropriado, não achas? Que ex-condenados tirem proveito de uma aposta ilegal?

Maurice riu-se complacente.

– Que sentido do humor o teu! Um dia ainda te arranja problemas.

– Eu também sou um ex-condenado, Maurice. Que esperavas?

– Por outro lado, talvez devesse falar disso na conversa antes do jogo. Pode ser que joguem um pouco mais determinados se souberem que apostaste dez mil no Ayrton Taylor.

– Hoje é a noite do Zarco, Maurice, não a minha. Serei eu a falar à equipa, mas será para ele que jogarão. Garanto-te. Assim que entrarem no balneário, saberão exatamente o que significa este jogo. Não só para mim, mas para todos os que apoiam este clube. Quem fizer asneira esta noite vai ter de prestar contas ao Zarco, não a mim. Sabes, Maurice, ele vai estar lá. O Zarco vai estar com todos nós no balneário.

Capítulo 43

Zarco podia estar morto, mas tinha a certeza de que a memória do português ainda poderia levar o City à vitória. E não só a sua memória. Não o culpava, mas é provável que Maurice me achasse louco ou, ainda pior, religioso, ao dizer-lhe que o espírito de Zarco estaria efetivamente presente no balneário. É claro que não acreditava nisso, tal como ele, mas queria que os jogadores acreditassem, razão por que, antes de eles chegarem – enquanto Manny Rosenberg ainda estava a preparar os equipamentos –, entrei com uns pregos e um martelo e pendurei o retrato de Zarco na parede. Tinha-o levado de Manresa Road especialmente com esse fim.

Manny era um homem alto, de cabelo espesso e encanecido que usava uns óculos grossos e pretos; parecia o irmão mais velho de Michael Caine. Até falava como ele.

Ia começar a pôr os fumos sobre as camisolas dos jogadores quando o detive.

– Manny, se não se importa, esta noite serei eu a dá-los.

– Como queira.

E entregou-mos.

– Quero fazer com que isto pareça pessoal –

expliquei.

– Presumo que o quadro não seja para ficar aqui permanentemente – comentou, enquanto olhava para ele. – Eu não deixaria aqui nada tão bonito. Sabe como são estes tipos: bolas chutadas aqui dentro, botas atiradas daqui para ali. Pregam partidas, como se diz.

– Não, é só esta noite.

– É sensato.

Manny assentiu e ficou a observá-lo durante um bom bocado.

– Quem foi que o pintou?

– Um artista chamado Jonathan Yeo.

– Conheço-o. É filho do político conservador. Li sobre ele no jornal. É um bom retrato, sim. O tipo tem talento. Não é fácil captar com o pincel uma pessoa como João Zarco e o que o tornava tão especial, mas fê-lo muito bem, acho eu. Uns olhos castanhos meigos mas com centelha, o nariz grande e largo, uma boca taciturna, com um leve desdém. Se pensar um pouco, o rosto dele parecia uma máscara tribal africana. Dura como a porra da madeira, mas cheia de malícia. Por detrás dos olhos dele está sempre a passar-se muita coisa, sabe? Como agora. O que quero dizer é que se olha para o quadro e se percebe exatamente o que lhe vai na cabeça.

– E o que é, Manny? Diga-me, que eu estou interessado.

– É fácil. Está a pensar: «Se estes cabrões, com os salários chorudos que têm, não ganham a porra do jogo esta noite por respeito para com a minha memória, vou atormentá-los o resto das suas vidas. Vou sentar-me na merda dos seus *Ferraris* e nos seus ridículos *Lamborghini*s e assombrá-los atirando com eles

para a valeta. Merecem.»

Sorri.

– Talvez devesse ser o Manny a falar à equipa antes do jogo.

– Não. São tão ingénuos que ainda acreditam em mim. Além disso, você sabe muito bem o que há de dizer-lhes, Sr. Manson.

– Espero que sim.

Claro que tinha pensado longamente no que ia dizer aos jogadores. Cada palavra, cada inflexão de voz seria importante. Sabia que esperavam algo mais de mim esta noite, que lhes recordasse para quem e para que iam jogar. E enquanto olhava Zarco nos olhos ouvi o conselho que me tinha dado certa vez sobre a forma como um treinador devia falar com os seus jogadores. Estava grato a Manny por me ter recordado o que Zarco dissera:

«Ouvi muitas conversas nos balneários quando era jogador, Scott. Ambos as ouvimos. A maior parte era uma piada: David Brent de fato de treino, um delegado sindical numa tribuna improvisada, uma paródia do que significa treinar jogadores. E sabes porquê? Porque a maioria dos treinadores e dos adjuntos é estúpida, ignorante, sem formação e sem imaginação. Pensa em alguns dos nossos jogadores como treinadores. Por amor de Deus, nem sequer são capazes de adestrar os seus cachorrinhos de estimação, quanto mais treinar homens! Têm o cérebro nos pés. Não sabem falar, usar palavras de mais de quatro letras. Não sei porquê, mas muitos tipos do futebol acham que têm de se comportar como aquele sargento-instrutor do *Nascido para Matar*. Foda-se para aqui, foda-se para ali, uns pontapés nos armários, uns murros no ar. Ridículo. Vergonhoso.

Fútil. Quando era jogador e ouvia aquelas coisas, só me apetecia rir, sempre. Motivar-me, aquela conversa? Duvido. Gritarem-me ao ouvido como se fosse um soldado é que me faria marcar golos? Nem por sombras. Metade das vezes, acho que os treinadores gritam porque não sabem que dizer. Estão furiosos porque não têm solução para os problemas que viram no campo.»

«Claro, por vezes, é preciso amedrontá-los, mas motivar os jogadores é muito diferente. Motivar os desportistas é como motivar qualquer outro ser humano em qualquer outro aspeto da vida. São precisas duas coisas. A primeira é entender as pessoas, o que só se consegue ouvindo-as; a maior parte fala sem primeiro ouvir. Ouvir é essencial. Conhecer os jogadores; falar-lhes com tranquilidade e respeito; e tratá-los como indivíduos. Como seres humanos. A segunda coisa que é preciso é ter conquistado o respeito das pessoas. As pessoas respeitam a experiência que, em geral, quer dizer experiência de vida. Não conheço muitas pessoas que tenham tanta experiência de vida como tu, Scott. Depois de tudo aquilo por que passaste, vejo em ti alguém a quem os outros escutarão sempre. Sim, jogaste futebol profissional durante muitos anos, estiveste onde eles estão, mas isso é o mínimo que se pode esperar de um treinador, que tenha feito o mesmo. Mais importante do que isso é teres sobrevivido às piores coisas que a vida te pôs na frente e tê-las ultrapassado. És um sobrevivente. Isso faz de ti uma pessoa que os outros ouvirão. Eu inclusive.»

«Mas quando se fala, o que se diz? Na realidade, falar aos jogadores é simples; tem de se dizer muita coisa mas com a menor quantidade de palavras

possível, porque eles têm períodos curtos de atenção. Cada palavra que se disser é importante. A simplicidade é a ferramenta motivacional mais sofisticada do mundo. É preciso ser-se verdadeiramente inteligente para, além de se saber o que é preciso dizer, saber *o que não se deve dizer*. Não tem de se fazer em cento e quarenta caracteres mas, sinceramente, os homens capazes de dizer o que é preciso em menos de mil palavras são os melhores no mundo do futebol.»

Duas horas antes do jogo, Simon Page chegou com a equipa de Hangman's Wood; a gritarem, a dizerem piadas e muito excitados por irem jogar, os jogadores entraram em tropel no balneário, mas foram-se calando quando me viram sentado debaixo do retrato de Zarco. Tinha vestido um fato preto, uma camisa branca e uma gravata preta e, provavelmente, parecia o diretor de uma funerária. Pelo menos, era o que estava à espera.

Mudaram de roupa e esperaram em silêncio que lhes dissesse qualquer coisa. Por uma vez, ninguém tinha os ouvidos cheios de música ou uma *PlayStation Vita* nas mãos; acho que se tivesse visto algumas dessas consolas de jogos portáteis, a teria atirado para o lixo. Não era momento para brincadeiras. Mas eu não estava preparado para dizer nada. Queria que as minhas palavras lhes ressoassem nos ouvidos como o barulho da multidão que escutavam quando esperavam no túnel. Em vez disso, dei a cada jogador um fumo, disse que o pusesse no braço esquerdo e se recordasse de que seria feito um minuto de silêncio antes do começo do jogo.

Estava a equipa para sair para o campo com Simon Page para fazer o aquecimento, quando Sokolnikov entrou no balneário com Bekim Develi. Tinham

acabado de aterrar no Aeroporto da Cidade de Londres, que ficava próximo, no avião privado de Viktor. Silvertown Dock era o único estádio do país a vinte minutos do aeroporto. Vinha vestido para o frio russo, com um casaco comprido de pelo de castor, e Develi trajava de maneira semelhante; com a barba que os dois tinham, pareciam os Irmãos Karamázov.

O balneário ficava sempre muito tenso quando Viktor aparecia; era uma pessoa essencialmente tímida, e, apesar da sua grande generosidade, não tinha habilidade para se relacionar com as pessoas. Talvez por ser ucraniano ou por, às vezes, se comportar como se tivesse vergonha de ser tão rico, havia alturas em que se expressava um pouco desajeitadamente.

– Só cá vim para vos desejar sorte esta noite – disse Viktor – e para vos apresentar Bekim Develi, que, concordarão comigo, é certamente o melhor médio da Europa. Agora que as objeções à vinda de Bekim para o clube foram atiradas janela fora, junta-se a nós vindo do Dínamo São Petersburgo, onde estava, como muitos saberão, emprestado pelo Paris Saint-Germain.

Não tinha a certeza do que Viktor quis dizer com aquele comentário. Afinal, ele não sabia que eu tinha descoberto – mais ou menos – a forma como Zarco morrera. Seria possível que estivesse a referir-se inconscientemente à maneira como ele tinha sido atirado pela janela? Um ato falhado ou coisa parecida? Uma piada de mau gosto? De certeza que não. As palavras de Viktor começaram então a parecer-me uma pedra no sapato.

– Na conferência de imprensa que vamos dar amanhã – continuou Viktor –, o Bekim será apresentado ao mundo como a nossa última, e com todo o respeito

pelo Kenny Traynor, mais importante contratação de janeiro. Estou certo de que querem tanto dar-lhe as boas-vindas como de que vão derrotar o West Ham esta noite.

Viktor tinha certamente visto, pendurado na parede do balneário, o presente que me dera, mas não fez qualquer referência a Zarco; talvez quisesse deixar-me isso a mim, mas surpreendeu-me um pouco, tal como o facto de trazer posto o cachecol da sorte de Zarco, aquele de que eu tinha andado à procura no camarote 123.

Bekim Develi apertou a mão a todos à medida que iam saindo para o campo, para fazer o aquecimento. Era um homem alto – à roda de um metro e oitenta e cinco –, de compleição forte mas elegante, usava barba, ruiva e quadrada, e felizmente não estava tão gordo como constava; cheirava muito a tabaco e desejei que não fosse fumador. Apertei-lhe a mão e dei-lhe um crepe.

– Que é isto?

– É estranho que perguntes. O Viktor não te disse?

– O quê?

Preparava-me eu para responder de maneira rude à nossa nova estrela quando Viktor se aproximou e começou a falar com ele em russo. Apesar de não entender a língua, foi para mim bastante claro que a morte de Zarco era uma novidade para o futebolista, o que fez com que me perguntasse como é que era possível que, depois de terem partilhado um avião privado de São Petersburgo a Londres, os dois homens não tivessem falado no assunto. Fiquei estupefacto.

– Esse é o cachecol da sorte do Zarco – comentei enquanto entregava a Viktor outro crepe.

– Ai sim? – respondeu com indiferença.

– Comprou-o em Savile Rogue – disse apontando para as iniciais J. G. Z. escritas no logo para o caso de ser roubado. – Fazem cachecóis de caxemira com as cores das equipas.

– De caxemira, hem? Agora sei porque gostava tanto dele.

– Talvez ainda estivesse vivo se o tivesse posto – disse sem rodeios. – Onde é que o encontrou?

– Deixou-o na sala de executivos no sábado – respondeu Viktor. – Peguei nele quando fui à procura do Zarco. Achei que alguém o devia usar esta noite. Para o caso de precisarmos de sorte. Precisamos? Precisamos de alguma sorte esta noite?

– Claro que precisamos – respondi-lhe. – Porque se perdermos, a sorte, ou a falta dela, será a melhor maneira de explicar porque é que a outra equipa ganhou.

Capítulo 44

– Quando saí da prisão, uma das primeiras coisas que fiz foi ir de férias a Nîmes, na França, e quando lá estava, assisti a uma corrida de touros no anfiteatro romano da cidade. Foi um prazer do princípio ao fim. E não foi só comigo. Nunca tinha visto um estádio tão cheio, um público tão subjugado, tão cego pela paixão e com lágrimas de alegria. Quando voltei, falei nisso a alguns palermas da BBC; mostraram-se muito críticos, como quase toda a gente com a tourada; disseram «isso não é um desporto», e eu respondi-lhes «têm razão, não é um desporto, não é algo que se veja ou se desfrute como uma porcaria de um jogo de ténis; não, é algo que se sente em cada fibra do corpo porque se sabe que, a qualquer momento, o toureiro pode escorregar ou cometer um erro, e então será o Miúra negro que, com a sua meia tonelada de peso, tentará cravar-lhe as pontas dos mortíferos cornos na coxa. Claro que não é um desporto, é muito mais do que isso. É viver o momento, porque ninguém tem o futuro garantido».

»Com o futebol, é a mesma coisa. Só fingimos que é um desporto para não assustar as mulheres com a paixão que sentimos pelo jogo. A verdade é que o desporto é para as crianças no verão, ou para idiotas de chapéus estúpidos que gostam de namoriscar com tipos

sem personalidade que vestem fraque ou, quiçá, de olhar para cavalos maravilhosos. Porque se vocês forem lá fora agora e perguntarem a qualquer dos nossos adeptos se estão aqui para se entreterem ou para verem algo bonito, garanto-vos que vão olhar para vocês como se fossem doidos. E teriam razão. Dir-vos-iam que não pagaram setenta e cinco libras para *serem entretidos*. Alguns de vocês ganham cem mil libras por semana, mas para aquela gente lá fora, o futebol vale muito mais do que isso. Muitíssimo mais. Para a maior parte daqueles homens e mulheres, esta equipa é a sua maldita vida, e o resultado de qualquer jogo significa *tudo* para eles. Tudo.

»Por isso, meus senhores, deixem-me esclarecer uma coisa: nesta equipa ninguém joga para ganhar cem mil libras por semana. Aqui joga-se para que os nossos adeptos vão para o trabalho no dia seguinte cheios de orgulho porque a sua equipa ganhou em grande estilo na noite anterior. E todo aquele que não pensa assim devia pedir agora mesmo a transferência, porque não o queremos em Silvertown Dock. Não importa quem seja, jogadores ou adeptos, o que nós aqui queremos são crentes. É para os crentes que jogamos, meus senhores. É o que somos. Crentes.

»Se tudo isto parece um tanto religioso, é porque o é; o futebol é uma religião. Não estou a exagerar. A religião oficial deste país não é o cristianismo nem o islamismo, é o futebol. Já ninguém vai à igreja. Pelo menos aos domingos. As pessoas vão ao futebol. Deem uma volta pelo estádio e ouçam o que os nossos crentes pedem; esta é a sua catedral. Este é o seu lugar de culto. Esta equipa é o seu credo. Desculpem-me se parecer a alguém que estou a blasfemar, mas é a

verdade. É aqui que os crentes vêm comungar com os seus deuses. Todas as semanas, quando saio do banco, vejo faixas nas bancadas em que se lê *Tenham Fé em Zarco*. Mas, neste momento, a sua fé está a ser posta à prova, meus senhores. A sua fé está a enfrentar um duro desafio. Neste momento, têm um tremendo sentimento de dor e perda. Tal como eu, e espero que também vocês. Não venho aqui com aquela treta do *Treinador Carter* dizer-vos que este é o jogo mais importante da história do clube. Não quero insultar-vos. O que vos vou dizer é que depende dos onze que vão jogar conseguirem que os nossos adeptos recuperem a fé. Mais do que tudo, é isso que importa.

Apontei para o quadro de Zarco.

– Olhem bem para este homem antes de entrarem em campo. Façam a pergunta a vocês mesmos: o que significaria para ele ganharem o jogo de hoje? Olhem-no bem nos olhos e ouçam o que vos diz no vosso interior, pois garanto que vai falar convosco, tão claro como água. Acho que vos vai dizer isto: «Vocês não vão ganhar este jogo por mim, nem pelo Scott Manson ou pelo Sr. Sokolnikov. Vão ganhar este jogo por todos os crentes que estão ali fora.»

– Há alguns de vocês que lutarão esta noite. Há alguns de vocês que não irão fazer o seu melhor jogo. E sabem que mais? Não me importa. A única coisa que me importa é que deem o vosso melhor e não se rendam. Não desistam até ouvir o apito final. Caso nunca se tenham dado conta, essa é a razão por que os adeptos ficam até ao final do jogo, porque não se rendem. E vocês também não o devem fazer. Os que hoje vão jogar os noventa minutos, juntos, como equipa, não pensem que vou fazer substituições, a

não ser que partam uma perna. Estou a falar a sério, meus senhores. Não haverá substituições, nem ao intervalo, nem em momento nenhum. Vocês são o melhor com que esta equipa pode alinhar esta noite. Por isso, esqueçam o que leram nos jornais ou ouviram na rádio; escolhi-vos porque acho que são onze jogadores que têm algo para provar aos adeptos, ao Zarco, a mim e a vocês mesmos. Mas escolhi-vos sobretudo porque acho que vocês irão derrotar aqueles tipos esta noite. Creio-o, sinceramente, e é por isso que ninguém será substituído. Ninguém vos ajudará. Nem o espírito de Zarco, nem Deus, nem eu. Só eles. Os crentes.

Capítulo 45

Todos os adeptos tinham encontrado nos seus assentos em Silvertown Dock uma folha de papel quadrada; era cor de laranja de um lado, a cor do clube, e preta do outro lado. Quando o árbitro apitou para que se iniciasse o minuto de silêncio por Zarco, toda a gente levantou a folha, a virou ao contrário e o estádio passou de laranja a preto. Podia ouvir-se um bilhete a cair e eu sentia-me agradecido por ir jogar com um clube de classe como o West Ham, pois sempre oferecia a garantia de respeitar as tradições do futebol. Foi comovente.

O jogo ia finalmente começar. Agasalhado com o meu casaco de caxemira, sentei-me no banco aquecido *Recaro*, com Simon Page ao lado, e olhei para o estádio com admiração. Como sempre, Colin Evans parecia ter feito um trabalho fantástico. Apesar de estarmos quase abaixo de zero, parecia um relvado de *bowling* num dia de verão, embora depois de o jogo ter começado se mostrasse um pouco mais duro que o habitual. Recebi uma mensagem no *iPad* a informar que o estádio estava repleto, e assim se me afigurava tanto pelo que via como pelo que ouvia. O ambiente era extraordinário, uma mistura estranha de dor e emoção. Havia tributos e imagens de Zarco por todo o lado e quando acabou o

minuto de silêncio, a claque começou a cantar (com a melodia do *Hello Goodbye* dos Beatles): «João, João Zarco, não sei porque nos dizes adeus, nós dizemos-te olá.» Também cantaram o *Speedy Gonzales* de Pat Boone: «Speedy Gonzales, porque não voltas para casa?»

Uma tentativa dos adeptos dos Hammers de se fazerem ouvir com uma animada interpretação de *Bubbles*²⁵ mostrou-se vã.

A minha satisfação pela forma como as coisas tinham começado durou precisamente trinta e oito segundos. Carlton Cole roubou a bola a Ayrton Taylor no pontapé de saída e fez um passe cruzado rapidíssimo para Ravel Morrison, que despachou habilmente para Jack Collison que, por sua vez, fez correr Bruno Haider a toda a velocidade pela direita. O jovem atacante austríaco do West Ham levantou a vista como se fosse fazer um cruzamento, mas apenas tinha uma ideia. Mesmo na margem da grande área, driblou Ken Okri e disparou com o pé esquerdo, o seu pé mais forte. A bola levava tanto efeito que parecia batida por Andy Murray e, traído por uma defesa adormecida, o pobre Kenny Traynor não teve hipótese de chegar à bola. 0-1.

Era previsível que os adeptos do West Ham que estavam por detrás da nossa baliza delirassem de alegria; pelo contrário, foi tal o choque dos adeptos laranja que se podia pensar que estávamos a fazer um segundo minuto de silêncio. Pus o *iPad* a tapar a cara para que as câmaras de televisão que me seguiam todos os movimentos, examinando-os minuciosamente, não conseguissem ler-me os lábios e eu pudesse praguejar em voz alta como me apetecia. Tinha sido um golo

espetacular do austríaco e, dada a sua idade e experiência, o árbitro podia ter-lhe perdoado o facto de despir a camisola púrpura e azul e correr para as câmaras de televisão para festejar. Francamente, se eu tivesse uns abdominais como os dele, também o teria feito, mas o árbitro sentiu-se obrigado a mostrar-lhe o cartão amarelo, razão por que foi apupado com justiça por todo o campo, inclusive pelos nossos adeptos, capazes de apreciar a excelência do disparo de Haider. Pessoalmente, não culpo os árbitros mas o IFAB pela estúpida Lei 12 sobre faltas e incorreções, a qual só pretende garantir que ninguém faça publicidade sem pagar.

– Bem, é um bom começo – comentei para Simon. – Para sermos justos, o tiro só lhe saiu bem por acaso. O miúdo ficou tão surpreendido como nós que tivesse entrado.

A sensibilidade típica de Yorkshire fazia com que Simon não fosse tão indulgente como eu.

– Acho que a nossa defesa se deixou adormecer durante o minuto de silêncio. Filhos da mãe preguiçosos! Surpreende-me que o seu número dez não lhes tenha lido uma história para dormir enquanto ele marcava a merda do golo.

O jogo recomeçou e, durante um bocado, os nossos jogadores deixaram o guarda-redes em apuros; o problema é que não era o guarda-redes deles que estava em apuros, mas o nosso: um passe desajeitado de calcanhar de Gary Ferguson fez com que Kenny Traynor tivesse de correr pela grande área e afastar a bola com as duas pernas para evitar que Kevin Nolan rematasse; e Xavier Pepe afastou uma bola de canto do West Ham com a cabeça de tal maneira que

bateu no nosso poste, ressaltou na cabeça de Ayrton Taylor e quase acabou no fundo das redes. Quando George McCartney perdeu a bola, Nolan, persistente como um *fox terrier*, recuperou-a; estava sempre a causar-nos problemas, roubando a bola a Schuermans e a Iñárritu e fazendo depois passes longos para Downing na esquerda. A certa altura, numa combinação com Mark Noble, Nolan fez um passe alto diretamente para Cole e Haider e ambos tiveram boas oportunidades, que foram salvas por Kenny Traynor. O resto do tempo andámos em círculos e podíamos facilmente estar a perder por três bolas a zero aos vinte minutos.

Cole parecia muito mais novo do que era; custava a crer que o jogador que estava a causar tantos problemas à nossa defesa tivesse começado a sua carreira no Chelsea em 2001. A cada minuto que passava, parecia mais em forma e confiante, correndo por entre a nossa defesa com um objetivo claro. Mas o segundo golo do West Ham resultou de um erro colossal. Raphael Spiegel, o guarda-redes dos Hammers, passou a bola com a mão a Leo Chambers, que a pontapeou antes de tocar o solo na esperança de que Cole corresse e a aproveitasse; a bola caiu diante da linha da grande área, na frente de Kenny Traynor, que se encontrava tão longe da linha de golo que bem podia estar a voltar para Edimburgo a pé. A bola ressaltou e é provável que Traynor esperasse ser capaz de a parar com o peito; mas para infelicidade dele e nossa, a bola continuou a subir, talvez por o campo estar mais duro, e, percebendo finalmente que ia passar por cima da sua cabeça como um balão, quando foi atrás dela era demasiado tarde. Quando Kenny apanhou a bola,

estava dentro da baliza; e se já parecia um idiota, ainda acabou por se tornar mais ridículo a tirar a toda a pressa a bola pelo lado direito da linha de golo. Leo Chambers tinha marcado o segundo golo do West Ham a uma distância de pelo menos setenta metros.

– O estúpido do escocês acha que ninguém reparou que foi golo ou quê!? – disse Simon.

Resmunguei e enterrei a cabeça na gola do casaco esperando não ouvir as risadas dos adeptos do West Ham ou os nossos a praguejar.

– Só lhe faltou esconder a bola debaixo da merda da camisola – continuou Simon. – Deve pensar que é o maldito Paul Daniels.

– Meu Deus!

Começava a notar o sabor do desastre no fundo da boca.

Maldizendo a sua própria estupidez, irritado consigo mesmo, Traynor chutou a bola com tal força que foi parar às bancadas.

– Estava mais perto de se tornar num imbecil completo do que da baliza! – rematou Simon.

Levantei-me de um salto e fui até ao extremo da minha área técnica na intenção de gritar qualquer coisa a Traynor, mas quando lá cheguei percebi que seria inútil. Sabia que ele se sentia triste e a minha aprovação de uma opinião partilhada naquele momento por sessenta mil pessoas em nada iria ajudar o jovem escocês a recuperar a confiança. Nem o facto de o árbitro lhe mostrar o cartão amarelo por chutar a bola para as bancadas; provavelmente, sentia-se culpado pelo amarelo mostrado a Bruno Haider e procurava uma oportunidade para acertar contas. Às vezes, os árbitros são assim.

– Mas que merda é esta!? – gritei. – Porque é que lhe mostras o cartão amarelo, idiota de merda!? Os guarda-redes devem chutar a bola, palerma!

O quarto árbitro encaminhou-se na minha direção com os braços estendidos, como se estivesse à espera que eu fosse saltar para o relvado como um ultra qualquer e atirar-me ao pescoço do colega. Ao ver este «incidente», o árbitro, Peter «Paedo» Donnelly, veio a correr para nós. Pregador laico e antigo sargento do exército, Donnelly era o árbitro nacional que mais gostava de notoriedade e havia pouco tempo que ficara em primeiro lugar numa sondagem na Internet sobre o pior árbitro da I Liga – na época anterior, tivera a média mais alta de cartões amarelos por jogo: 5,14. Devia ter ficado calado, mas não me contive.

– Porquê a merda do cartão amarelo? – gritei de novo. – Por perda de tempo não deve ser. Vê, os jogadores do West Ham ainda estão fora do campo a festejar. O rapaz só estava irritado consigo próprio e deu-lhe um pouco mais forte do que o normal. O vento deve ter levado a bola. E não me venhas dizer que o amarelo é por protestar. O palerma sabe que foi golo, porra! Não é assim tão estúpido.

– Se não controla a sua linguagem, leva um cartão por protestar – respondeu Donnelly –, e mando-o sentar nas bancadas. Dadas as circunstâncias especiais em que se joga esta partida, estou a ser indulgente consigo, Sr. Manson. Da próxima, será diferente. Estamos entendidos?

Virei costas, irritado, e sentei-me.

– Odeio este gajo – disse Simon. – Deve pensar que ainda está na merda do exército.

– Cabrão!

– É melhor controlares a língua a partir de agora. Tem-te debaixo de olho. Não há nada que lhe agrade mais do que fazer de quem blasfema um exemplo, que é o que ele acha do dizer asneiras. Considera-o o flagelo do futebol moderno. Pelo menos foi o que disse ao Alan Brazil no *TalkSPORT* a semana passada. Cabrão!

Não estava muito preocupado; ainda não. Pregámos um susto a Raphael Spiegel quando Ayrton Taylor atingiu o poste a quinze metros; e Jimmy Ribbans, que correu para a bola depois de um movimento inteligente de Iñárritu, só lhe faltava bater Spiegel, mas foi-lhe assinalado um fora de jogo – apesar da repetição da jogada mostrar claramente que não. Além disso, os jogos da Taça têm geralmente resultados volumosos – como esquecer o 6-3 do Arsenal ao Liverpool nos quartos de final de 2006-2007? –, por isso, achei que podíamos facilmente anular os dois golos de desvantagem.

Pelo menos foi o que achei até o West Ham marcar o terceiro golo a poucos minutos do final do primeiro tempo. Na sequência de uma falta duvidosa e de outro cartão amarelo, desta vez assinalada a Iñárritu por um choque com Leo Chambers, Cole marcou o livre contra uma massa de corpos laranja que se encontrava perto da marca de grande penalidade. A bola fez ricochete no joelho de Ken Okri e foi cair aos pés de Kevin Nolan, que fez passar a bola por cima do nosso muro defensivo. Bruno Haider mergulhou e rematou de cabeça como um suicida, qual piloto *kamikaze* em Pearl Harbor. Kenny Traynor conseguiu tocar na bola com os dedos, mas por pouca a sorte só serviu para que ela acabasse por entrar nas redes. 0-3.

– Não está nas suas noites – observou Simon.

– Até agora, ninguém está nas suas noites – disse eu com a mão na frente da boca. – Muito menos nas de Zarco.

– Deve estar a revolver-se na tumba.

Não parecia valer a pena recordar-lhe que Zarco ainda não estava enterrado; que o mais provável é que continuasse sobre uma mesa fria a três quilómetros a norte dali, na morgue de East Ham; mas não me admiraria que se tivesse sentado na mesa e soltado uns palavrões em português: *caralho* ou *cona*. Tinha-o ouvido dizer muitas vezes estas palavras.

Sentei-me, levei as mãos à cabeça e fiquei a olhar para o teto negro que era o céu nessa noite. Começava a nevar suavemente e, sob os potentes focos que rodeavam toda a circunferência de Silvertown Dock, parecia que um deus colérico tinha feito em mil pedaços e lançado pelos ares a grande aposta que fizera a nosso favor. Uma grande aposta, mas não tão elevada como a minha.

– Foram os quarenta minutos mais miseráveis que jogámos na vida – disse Simon. – Desarticulados, sem inspiração, cansados e preguiçosos; além da falta de sorte. E só estou a falar da defesa. Os outros mais parecia que queriam que o William Webb Ellis jogasse por nós, apanhasse a porcaria da bola e saísse a correr com ela para nunca mais o virmos. Digo-te uma coisa, o apito do final da primeira parte vai soar como um armistício. Quanto à merda do árbitro, deve pensar que estamos a jogar bridge, tal é o número de cartões que mostra.

Não respondi. O árbitro assistente tinha levantado a bandeira e assinalado canto. Mas foi mal marcado por Jimmy Ribbans. Parecia que a bola era feita de

betão e balançava na ponta de uma grua, tal era a relutância dos nossos avançados em rematar de cabeça, e Spiegel agarrou-a facilmente, sem oposição, como se tivesse subido a uma árvore a colher uma maçã reluzente.

– Que é que vais dizer no balneário? – perguntou-me Simon. – O que é que se *pode* dizer para dar a volta a um resultado de 0-3 na primeira parte?

– O Liverpool fê-lo – respondi. – Contra o AC Milan em 2005 – disse, encolhendo os ombros. – Além disso, acabas de me dizer o que hei de fazer, Simon. Dar a volta ao resultado. E acho que não vou dizer nada de nada.

O árbitro apitou a assinalar o fim da primeira parte. Gostaria de respirar de alívio, mas, como ainda faltavam mais quarenta e cinco minutos de jogo e os nossos jogadores se retiravam de cabeça curvada enquanto eram assobiados e vaiados como se tivessem passado o primeiro tempo a colaborar com os nazis, não o fiz. Os adeptos do West Ham que se encontravam num dos cantos do campo começaram a cantar o *Bubbles* de novo e desta vez ouvia-se cada uma das estúpidas palavras da canção como se se estivesse em Upton Park, na Bobby Moore Stand.

25 *I'm Forever Blowing Bubbles*, por extenso, do musical *The Passing Show of 1918*. (N. do T.)

Capítulo 46

Segui a equipa para o balneário. Um forte cheiro a linimento, a *Deep Heat* e um sentimento vincado de vergonha receberam as minhas dilatadas fossas nasais. Pela parede contígua ouvíamos a outra equipa a festejar ruidosamente a sua excelente primeira parte. Apeteci-me abrir caminho a soco através dos tijolos para que os meus jogadores pudessem ver os outros.

«Vejam» – queria dizer-lhes –, «os Hammers acham que têm o jogo no bolso. E quem é que pode censurá-los depois da forma como vocês jogaram? Eu não. Até a equipa feminina lhes teria dado mais problemas esta noite. Tenho vergonha de ser o treinador de uma cambada de inúteis e desgraçados. O que estavam a cantar fala de vocês, de como se aproveitaram e sopraram a palhinha como com aquelas bolhas da merda da canção.»

Em vez disso, enfiei as mãos nos bolsos e fiquei a olhar para o teto como se estivesse à procura de inspiração. Mas não a encontrei. E, afinal, que ia eu dizer-lhes? Já lhes tinha dito tudo o que havia a dizer antes do começo do jogo; estar a falar mais agora só faria parecer que tinha estado a gastar o meu latim da primeira vez. Além disso, o mais provável é que me pusesse a praguejar e a trepar pelas paredes como

Hitler e isso não ajudaria nada. Não agora. Diz-se que os atos valem mais do que as palavras, e, em vez de me pôr a atirar botas, a dar murros no ar e pontapés nas paredes, decidi que só havia uma coisa a fazer.

Os jogadores olhavam-me expectantes, à espera que fizesse como o Al Pacino em *Um Domingo Qualquer*, ponto por ponto, que lhes soltasse um «Não sei que dizer» que operasse o milagre nas suas cabecinhas e servisse para que dessem a volta ao resultado. Já estava cansado da história da motivação. Mas talvez pudesse oferecer-lhes um momento de epifania, um gesto simples e simbólico que permitisse chegar onde todas as palavras não tinham conseguido.

Abeirei-me do quadro de Zarco e tirei-o da parede. Fiquei um momento a olhá-lo, a observar a expressão dos seus olhos e assenti com a cabeça; a seguir, virei-o contra a parede para que o português não tivesse de ver aqueles jogadores que, até ao momento, tinham desonrado a sua memória. Ou pelo menos era aquilo que eu queria que pensassem. Depois peguei no *iPad* e saí do balneário.

Por um bocado, mantive-me no corredor, com todo o ruído do estádio a ressoar-me nos ouvidos, perguntando-me para onde ir. Havia dezenas de pessoas com os olhos postos em mim: polícias, funcionários, seguranças, apanha-bolas, técnicos de televisão e assistentes. Também queria afastar-me deles e o mais breve possível.

Lembrei-me de que ainda tinha a chave das instalações de controlo de dopagem; fui para lá e fechei a porta à chave.

Fui à casa de banho e bebi um pouco de água. Sentei-me à mesa com o seu pano preto e consultei quer

o *iPhone* quer o *iPad*. Como era habitual, não recebia mensagens nem chamadas no *iPhone*, o que agradei; mas como o sinal de WI-FI era bom, significava que tinha alguns *emails* no *iPad*, incluindo um de Louise Considine, preocupada com o meu estado de espírito e fazendo-me saber que não havia problema se não pudéssemos jantar juntos depois do jogo. Percebi que quase me tinha esquecido que a encantadora Louise estava sentada lá em cima, no camarote de honra, e respondi-lhe de imediato a dizer que o que mais desejava depois do jogo era a companhia dela: fosse para festejar ou, o mais provável, para afogar as mágoas.

Ignorei um *email* de Viktor a dizer-me que já era tempo de pensar em fazer algumas substituições; suspirei e abri outra garrafa de água desejando que fosse de uísque. Brian Clough disse uma vez que eram os jogadores que perdiam os jogos, não as táticas, e, ainda que fosse evidente que podia ter escolhido uma equipa diferente, estava convencido de que tinha procedido bem. Dizem-se muitos disparates quer nos bares, quer nos estúdios de televisão acerca das táticas, quase sempre gente que nunca treinou uma equipa e nem uma lista de compras consegue fazer. Para mim, a tática é aquilo que os generais usam para que os homens que têm sob o seu comando, tipos decentes, morram no mais curto espaço de tempo possível. Sabia que tinha tomado a decisão acertada porque, dissessem as pessoas o que dissessem, tomar decisões no futebol é muito mais fácil que tomá-las na vida; é por essa razão, em primeiro lugar, que tanta gente prefere o futebol.

E não é que me importasse, fosse com o que fosse, porque, naquele momento, as minhas dúvidas acerca

de Viktor Sokolnikov eram tão fortes que não via qualquer alternativa à minha demissão mal o jogo acabasse. Porque é o que há a fazer quando se é tomado por tolo por um vigarista. Não podia provar nada, claro, mas talvez pudesse, depois do jogo, partilhar as minhas suspeitas com Louise. Dado o provável resultado do jogo, a minha demissão agradaria não só a Sokolnikov, mas também aos adeptos. As vaias no final da primeira parte não tinham sido só para os jogadores. Ainda ouço um adepto a gritar-me: «Devias ter vergonha, Manson!» quando saía do campo no final do primeiro tempo.

Não é que me preocupasse muito; quando o mundo nos caiu uma vez em cima, já sabemos onde estão os capacetes da segunda vez. Quando se tem uns quantos idiotas a insultar-nos das bancadas é sinal de que se está a fazer um bom trabalho, porque se toda a gente estivesse de acordo connosco, é óbvio que esse trabalho podia ser feito por qualquer um.

Era de Zarco que sentia pena. Acreditava sinceramente que os seus jogadores queriam honrar a sua memória com uma vitória histórica. Não é que o West Ham fosse uma equipa assim tão boa; a nossa é que parecia estar a disputar um particular – umas quantas personalidades muito importantes e ex-jogadores convidados para dar uns chutos e angariar algum dinheiro para uma antiga estrela.

Também tinha pena pelos amigos e familiares de Zarco – aqueles para quem ele arranjava sempre entradas gratuitas para os jogos do City. Não podia estar a ser muito agradável para eles ver-nos a jogar tão mal. Sabia que estavam no campo porque Maurice me tinha enviado uma lista com os nomes antes do começo

do jogo; muitos deles eram presenças habituais em Silvertown Dock e também tinham assistido ao jogo no sábado em que Zarco tinha sido assassinado. Os seus irmãos, Aníbal e Ermenegildo, o seu tio, Jacinto, e a sua irmã, Branca; Dominique Racine, o seu melhor amigo, que treinara o PSG até ter sido despedido – era o que se dizia – por não ter conseguido obter o melhor de Bekim Develi; e jogadores retirados como Paul Becker e Tano Andretti, que tinham jogado com ele no Braga. Dois *tweets* de Andretti acerca de Zarco tinham sido citados em todos os jornais, em especial porque era um pouco inusual que um futebolista italiano tivesse escolhido quatro versos de *Adonais*, o poema de Percy B. Shelley, para honrar a memória do seu amigo português:

*Calai, que ele não morreu nem está dormindo,
Ele acordou da vida, simples sonho findo*

E:

*Somos nós, perdidos em visão tempestuosa,
Que mantemos com fantasmas luta desvaliosa...*

Naquela noite em particular, contra um desenfreado West Ham que parecia ir marcar pelo menos mais três golos na segunda parte, sentia, de facto, que era uma luta desvaliosa aquela em que estávamos agora envolvidos.

Consultei o relógio. Faltavam cinco minutos para começar a segunda parte. Abri a porta e voltei para o banco no campo, onde o estado de espírito da multidão era uma estranha mistura entre desalento e alegria: os

nossos apoiantes, calados e desanimados, temendo o pior; e os do West Ham, que achavam que iam ter uma grande vitória e ousavam, porventura, sonhar com a sua maior goleada desde que tinham batido o Bury por 10-0 em 1983.

Parecia que a minha carreira como treinador de clubes de gabarito tinha acabado antes de ter começado, pois toda a gente presumiria que não tinha capacidades para tal. Eu pouco podia fazer a esse respeito; talvez me dessem a oportunidade de treinar um clube pequeno, um clube cujo proprietário não atirasse o treinador por uma janela fazendo depois uma piada com o assunto.

Ouvi o aviso da chegada de outro *email* ao meu *iPad*: uma lista de nomes que Viktor Sokolnikov pensava que deviam estar em campo em vez dos «miúdos e idiotas» que tinha escolhido e começavam a sair do túnel. Ignorei-o também.

Além disso, havia outra lista de nomes que tinha na cabeça quando Simon Page se sentou ao meu lado. (Era difícil imaginar que Viktor fosse dar o meu lugar àquele rude de Yorkshire quando me demitisse.)

– Que merda é que te deu? – perguntou. – Que um treinador desapareça neste clube, é uma desgraça, agora dois já parece negligência! É que para o caso de ainda não teres percebido, o teto está a desabar. Estamos acabados. Talvez devesses ter torcido uns pescoços e dado uns pontapés nuns quantos rabos. Eu sei em que rabos. No desse idiota escocês, para começar. Nunca se devia ter afastado tanto da baliza. Não em igualdade de circunstâncias.

– Ainda podemos ganhar isto.

– E não achas que lhes devias ter dito isso?

– E disse, mas à minha maneira. Como o Frank Sinatra.

– Lembro-me de ter tido alturas em que se arrependeu de querer abarcar o mundo com as mãos ambas, mas não me lembro de nenhuma situação em que tivesse tido de recuperar de uma desvantagem de três golos.

– Simon, cala a boca.

– Está bem, chefe.

Os jogadores ocuparam as suas posições no círculo central; aquele era sempre o meu momento preferido do jogo, quando tinha a sensação de que tudo podia acontecer. Mas durante uns segundos não prestei muita atenção; tinha acabado de abrir no *iPad* a lista de nomes que Maurice me tinha enviado e estava a lê-la outra vez.

Todos os nomes da lista de entradas gratuitas de Zarco me eram familiares, à exceção de um.

Capítulo 47

De algum modo, o público tinha conseguido animar-se em Silvertown Dock. Para qualquer adepto, a esperança é a última coisa a morrer. Isto é que é maravilhoso neste desporto; tem que ver com muito mais coisas do que só com o futebol. Isto é que é o que as pessoas que não vão ao futebol nunca conseguirão entender. É que se assim não fosse, ninguém iria. Por isso, quando os adeptos dos Hammers começaram com o *Over Land and Sea*, os nossos escavaram bem fundo nas suas reservas de otimismo e rapidamente os fizeram calar com uma animada interpretação de *Sitting in Silvertown Dock*, com a melodia de Otis Redding (*Sittin' on) The Dock of the Bay*. Foi um daqueles momentos transcendentais em que sentimos fazer parte de uma alma muito maior e percebemos, ao fim do dia, que o futebol foi a única coisa realmente importante. A única que o será sempre.

A Inglaterra deu muitas coisas boas ao mundo, mas o futebol é a maior de todas.

Não sei grande coisa sobre a esquizofrenia. Uma vez vi um filme chamado *Uma Mente Brilhante*, sobre John Nash, um economista que ganhou o Nobel e era esquizofrénico. Parece que tinha sido um génio durante metade da vida e na outra metade um louco. Não tenho

a certeza de querer comparar o jogo com este filme, mas a questão é que logo que começou a segunda parte, tornou-se-me claro que os nossos «miúdos e idiotas» estavam a mostrar uma personalidade muito diferente da do primeiro tempo. Não digo que a equipa estivesse à beira da genialidade, porque essa é uma palavra estafada no mundo do futebol, mas, tal como Nash, pareciam muito dotados e, verdade seja dita, extraordinários.

Pelo contrário, os jogadores do West Ham pareciam ter chumbo nas chuteiras e não voltaram a ter outro remate à baliza até ao nonagésimo quarto minuto, em que Kenny Traynor defendeu um tiro fulminante de Bruno Haider com uma atuação que mais parecia uma audição para o papel do deus romano Mercúrio, tal foi a distância que percorreu e a velocidade a que o fez.

Quando Ayrton Taylor marcou golo aos doze segundos com um daqueles tiraços que parecem um foguete do herói da banda-desenhada *Roy of the Rovers*, castigando um mau desvio de Spiegel, percebeu-se qual ia ser o tom da segunda parte. Foi a loucura no estádio. 1-3.

– Bestial! – exclamou Simon quando acabou de festejar. – Isto é que eu chamo um golo do caralho. Pode bem ser o golo mais rápido da história da I Liga.

– Não. Esse marcou-o o Ledley King do Tottenham contra o Bradford em 2000. Dez segundos. Além disso, este não é um jogo da I Liga.

– Sabes ao que me refiro. Dos três mais rápidos, então.

– É possível.

– Se o Taylor conseguir fazer isto mais duas vezes, lambo a bola no final do jogo. E as bolas dele também,

se me pedir com educação.

– Podes ter a certeza que não me esqueço do que disseste, meu grande doido de Yorkshire!

Mas foi Zénobe Schuermans que marcou o nosso segundo golo ao minuto cinquenta e oito, e só depois de ver a repetição várias vezes é que percebi exatamente o que tinha feito. É aquele tipo de golo saído do nada que Picasso podia ter pintado sobre uma placa de vidro com um simples e único traço ininterrupto. Mais tarde, a Sky Sports passou o golo em câmara lenta, acompanhado da *Variação Goldberg N.º 1* de Bach, tocada por Glenn Gould, o que só parecia sublinhar a sublime e artística perfeição do que estava a acontecer nas imagens. (Hoje em dia, é um golo que até os futebolistas profissionais não se cansam de ver para tentar entender o que torna um futebolista perfeito.) Xavier Pepe faz um passe longo e baixo para Schuermans, que o recebe de costas para a baliza. Com o pé direito, o jovem belga controla a bola e, com uma pirueta elegante, chuta e dribla Chambers, apanhando a bola do outro lado do defesa ao mesmo tempo que lhe bloqueia a passagem com o braço e a anca e, friamente, faz um remate cirúrgico com a ponta do pé esquerdo por baixo de Spiegel e a bola entra pelo outro extremo da baliza.

O golo não teve nada de vistoso, nem a maneira como Zénobe o festejou; não fosse o belga ter apenas dezasseis anos e dir-se-ia que foi um golo de um jogador maduro. Apanhou a bola do fundo das redes e foi a correr até ao centro do campo, saudou Jimmy Ribbans e Ayrton Taylor com um «dá cá mais cinco!» e olhou à volta como se só quisesse que o jogo prosseguisse quanto antes com o menor alvoroço

possível. 3-2 a favor do West Ham.

– Já tanto se me dá ganhar como perder – disse Simon. – Acabo de ver um dos melhores golos da minha vida e marcado por um dos jogadores que treino.

– Não posso estar mais de acordo. Caramba!, com que cara é que lhe vou dizer seja o que for no treino de quinta-feira? Acho que nos podia ensinar aos dois umas coisitas, hem?!

– O rapaz podia jogar mais quinze anos e não voltar a marcar um golo melhor que este.

Sorri ao ver que alguns do West Ham baixavam a cabeça.

– Olha para eles. Os planos deles foram por água abaixo. Sabem que estão por um fio e só o apito final os pode salvar.

Quando o jogo recomeçou, Sam Allardyce, o treinador do West Ham, começou a gritar aos seus jogadores – ninguém grita tão alto como o *Big Sam* – para manterem a posse da bola. Como tinham perdido o ritmo do jogo, era realmente o melhor conselho que lhes podia dar; manterem-se atrás e trocarem a bola entre si para nos obrigarem a adiantar e a ir ter com eles, era a melhor maneira de conservarem a vantagem de um golo. Infelizmente para eles, não tinham tido em conta a velocidade do nosso ponta-esquerda. Jimmy Ribbens intercetou um passe descuidado para trás de um defesa, o que obrigou Spiegel a sair e a atirar-se ao chão. Como a relva estava dura e escorregadia, o guarda-redes atingiu o nosso ponta-esquerda como um camião articulado, levando pela frente a bola e as pernas de Jimmy.

O árbitro não teve dúvidas e assinalou grande penalidade.

A marcação do castigo por parte de Ayrton Taylor foi magistral: uma corrida longa e veloz seguida de um petardo carregado de litros de veneno, qual Mike Tyson a socar um adversário, como se pretendesse dar uma bolada na cara de Spiegel e fazer-lhe entrar o septo nasal no cérebro. Foi o tipo de penáti que faz com que os guarda-redes se queiram afastar da trajetória da bola. 3-3. Faltavam cinco minutos para acabar o tempo regulamentar da partida.

Saltei do banco, dei um murro no ar e fui até à ponta da minha área técnica aplaudindo furiosamente.

– É assim mesmo que se marca um penáti! – gritei.
– Muito bem, Ayrton! Espetacular! Vamos mostrar a esses cabrões o que valemos!

O quarto árbitro olhou para mim.

– Já foi advertido para não usar palavrões – disse ele, e fez um gesto a Paedo Donnelly para que se aproximasse.

– O quê!? – exclamei. – Estás a gozar!

Donnelly ouviu o quarto árbitro durante uns momentos e depois veio até à minha área técnica.

– Já lhe tinha dito para não insultar os jogadores – disse Donnelly.

– É meu jogador – respondi. – E não estava a insultá-lo, mas a felicitá-lo.

– Sendo a noite que é, pensava que moderaria a sua linguagem. Por respeito pela memória do Sr. Zarco.

– Não admito que me dê lições de como respeitar a memória do Zarco. Ninguém a respeita mais do que eu. Por isso, nem penses em expulsar-me.

– Chega – disse Paedo. – Considero o seu comportamento inapropriado, Sr. Manson. E expulso-o da área técnica. Saia. Já.

Apontou para as bancadas atrás de mim e escreveu o meu nome num cartão amarelo. Deu meia volta e voltou para o centro do campo para reiniciar o jogo.

Virei-me para o quarto árbitro e disse-lhe:

– Sabes uma coisa? Ele é um cabrão, mas tu também.

Entretanto, a multidão tinha começado a vaiar o árbitro e a cantar: «Pae-do, Pae-do, Pae-do, Pae-do.»

Um dos assistentes apontou-me um lugar vazio por detrás do nosso banco e, aflito, sentei-me próximo do corpo técnico. Mas o sítio não estava suficientemente longe aos olhos do quarto árbitro e, para meu espanto, seguiu-me e ordenou-me que também não me sentasse ali. Irritadíssimo, obrigaram-me a levantar segunda vez e a sentar-me entre os adeptos.

– Doeui-te a tirar o cartão do cu? – gritou um dos adeptos a Paedo.

– Grande jogo – disse-me outro, apertando-me a mão. – Muito bem, parceiro.

– Espantoso! – exclamou ainda outro.

– Deixa, já sabes como é o Paedo.

Consultei o relógio. Tinha acabado o tempo regulamentar. Olhei nervoso para o quarto árbitro para ver quanto tempo mais havia de jogo. Se não estivesse a olhar para ele, não teria perdido o nosso quarto golo. E até ver a repetição no ecrã gigante que havia do lado do rio, não fazia ideia de quem tinha marcado. O West Ham, através de Bruno Haider, tinha rematado uma última vez à baliza, mas Kenny Traynor fizera uma grande defesa e, com um pontapé longo, lançara em corrida Soltani Boumediene. Se os Hammers não estivessem tão recuados, o árabe teria ficado fora de jogo; de facto, até ele olhou antes de entrar na área de

grande penalidade. Simulou o remate para um lado, o que enganou o infeliz guarda-redes, e bateu tranquilamente a bola para o outro. 4-3. Os adeptos estavam em êxtase e dei por mim a ser abraçado por todos os que me rodeavam.

– És um génio, Manson! – gritou um adepto. – Que equipa!

Assenti. Para um conjunto jovem e com falta de experiência, era difícil imaginar que uma equipa composta só por titulares tivesse feito melhor. O nosso meio-campo parecia tão bom como o do Arsenal; talvez até melhor. Tinha todas as razões para me sentir satisfeito.

Entretanto, o quarto árbitro levantou o quadro eletrónico revelando que haveria mais quatro minutos de jogo.

Mas este era o momento que eu vinha a temer. Em memória de João Zarco, os adeptos começaram a cantar outro dos clássicos do City – *Auf Wiedersehen, Sweetheart*, de Vera Lynn –, o que me pareceu especialmente apropriado àquela noite. Não há ser mais sentimental do que um adepto do futebol, que é outra das razões por que adoro este desporto, pois eu também sou um sentimental de merda.

Claro que uma coisa é a canção dizer que não se deve chorar, outra, muito diferente, é não o fazer quando sessenta mil pessoas começam a cantar uma canção daquelas. E foi assim que perdi também o quinto golo. Estava a chorar que nem um desalmado quando os adeptos que me rodeavam saltaram em unísono; e, uma vez mais, tive de esperar pela repetição no ecrã gigante para ver o golo.

Zénobe, que tinha marcado um golo soberbo,

recebeu um passe estupendo, correu todo o campo com dois defesas atrás, deixou-os como mortos e fez um fantástico centro cruzado para a área de penálti, onde, qual *Aston Martin* de James Bond no final do *Casino Royale*, chegou Iñárritu. Dizer que o mexicano pontapeou a bola com muita força antes de ela tocar no solo não descreve o que tinha acontecido; pontapeou-a de tal maneira que a bola girou no ar com tanto efeito que parecia viva e tentava escapar às mãos do guarda-redes.

Com um 5-3, a derrota do West Ham era certa. O jogo recomeçou com os adeptos a cantar pedindo o sexto golo.

Um minuto depois, o árbitro apitou para o final da partida e o estádio entrou em ebulição. Nunca na vida me tinha sentido tão orgulhoso. A homenagem prestada a João Zarco não podia ter sido melhor.

E essa sensação só aumentou quando percebi que quase tinha a certeza de quem era o seu assassino.

Capítulo 48

– Que aconteceu ao jantar? – perguntou-me Louise Considine enquanto nos afastávamos rapidamente do estádio no meu *Range Rover*.

Os adeptos ainda festejavam ruidosamente e assim continuariam durante várias horas.

«Veremos quantos chegam de ressaca amanhã ao trabalho», pensei.

– Receio que esta noite não tenhamos tempo para jantar – respondi. – Temos uma coisa muito mais importante para fazer agora.

– O quê? Estou com fome. O que é que pode haver de mais importante do que convidar-me para jantar?

– Verás.

– Estás a ver se me levas, é?

– Que queres dizer com isso?

– Bem, vejamos – respondeu ela –, dirigimo-nos para oeste. É um pouco tarde para ir a qualquer restaurante do West End. E, dado que sou detetive, diria que nos dirigimos para tua casa em Chelsea. Onde imagino que não estejas a pensar dar-me de comer, mas levar-me para a cama.

Não respondi. Era uma boa ideia e, por momentos, deixei a imaginação correr à solta. Era uma boa rapariga: inteligente, divertida e muito bonita, e,

sempre que estava com ela, custava-me perceber por que razão se tinha feito polícia. E o que ainda me custava mais perceber era como podia gostar dela apesar disso. Levá-la para a cama era uma ideia muito atraente e que talvez me mantivesse desperto o resto da noite. Sobretudo agora que ela tinha dado a entender que não era avessa à ideia.

– Imagino que estejas demasiado excitado para comer depois de um jogo assim – acrescentou. – E que queiras tirar o maior proveito de toda essa emoção. Imagino que, na tua idade, tenhas de malhar o ferro enquanto está quente.

Sorri.

– O Viagra do futebol? Sim, talvez haja alguma verdade nisso. Não estou é certo de que o meu coração o pudesse suportar. Mas sinto-me como se estivesse nas nuvens depois do que aconteceu esta noite. E isso, na minha idade, já não acontece muitas vezes.

– Não me entendas mal, mas gosto da ideia de te ver suado, excitado e ansioso por marcar.

Ri-me.

– É isso que pensas?

– Claro. Para mim, foi por essa razão que viemos a fugir do estádio quando toda a gente parecia estar a festejar. Mas ainda bem. Na verdade, a mim também me agrada e, depois de um jogo como este, estou disposta a tudo. E mesmo com prolongamento.

– E como é que vai haver prolongamento?

– Estava a pensar ficar para o pequeno-almoço.

– Gostas do meu café, não é?

– Gosto, mas o café é a segunda melhor coisa que posso pôr na boca em tua casa.

Ri-me de novo. Que mulher endiabrada!

- A propósito, que idade é que tens? – perguntou.
- Quarenta. Não sou assim tão velho.
- Era só para saber. Nunca dormi com ninguém com mais de trinta. Mas primeiro tenho de te fazer uma pergunta.
- Pergunta à vontade.
- Pareceu-me que tinha namorada, Sr. Manson.
- E tinha. A Sonja deixou-me na noite de domingo.
- Por alguma razão?
- Disse-me que quando acaba o trabalho à sexta-feira quer ter um fim de semana decente.
- Sim, sei o que isso é. Tive namorados que não suportavam que trabalhasse a qualquer hora.
- Queria uma pessoa que pudesse ir às compras com ela ao fim de uma semana de trabalho. Esse tipo de coisas. Passar o sábado e o domingo a ler os jornais, o que não inclui o futebol.
- E agora queres arranjar uma substituta, é isso?
- Encolheu os ombros.
- Bem, porque não? Acho que isso não me incomoda. Desde que não seja um caso de amigos de sexo.
- Dificilmente isso podia ser assim. Além disso, já sabes que não gosto muito da polícia.
- Fez um sorriso de orelha a orelha.
- Então, como é que vai ser?
- Por alguma razão, parece que estou a superar isso.
- Alegra-me muito sabê-lo.
- E agora sinto que te devo um pedido de desculpa.
- Porquê?
- Por te ter induzido em erro. Não te estou a levar para o meu apartamento de Chelsea.
- Ah, estou a entender.

Parecia dececionada, o que me satisfez. Peguei-lhe na mão e beijei-a.

– Não, não estás. Ainda não. Desejo muito que passemos a noite juntos, Louise. Não me ocorre nada melhor. E, sinceramente, espero que a passemos juntos. O mais rapidamente possível. Mas o facto é que tenho estado a investigar a morte do Zarco; e, agora mesmo, vou levar-te a conhecer a pessoa que creio que o matou. Para que a prendas e fiques com os louros.

Louise afastou a mão e levou-a à boca.

– Estás a brincar!

– Não, não estou. Quase não penso em mais nada desde sábado à noite e agora tenho quase a certeza de que descobri o culpado.

Voltou-se no assento e deixou escapar um grito.

– Oh, meu Deus, estás a falar a sério, Scott? Tens a certeza de que sabes o que estás a fazer?

Contei-lhe parte do que sabia. Não tinha necessidade de saber do suborno nem da compra de ações com o acesso a informação privilegiada. Por agora, era suficiente.

– Isso parece-me bastante convincente – admitiu. – Mas agora sinto-me um bocado envergonhada.

– Porquê?

– Porque fizeste o meu trabalho. Como é que te sentirias se eu fizesse o teu?

– Qualquer um pode fazer o meu trabalho. Ser treinador de futebol consiste apenas em escolher os melhores ovos.

– Não entendo.

– Não importa. Escuta, não queres os louros? Achei que seria um ponto alto na tua carreira.

– Sim, claro que é, mas...

– Prefiro que sejas tu a ficar com os louros do que aquela cabra para quem trabalhas. Para lho dizer a ela, prefiro não o dizer a ninguém.

– A Jane Byrne? Sim, é um pouco cabra, mas a verdade é que a devia informar de tudo. De contrário, dá cabo de mim.

– Porque não esperas até confirmarmos as minhas suspeitas? Podes dizer-lhe que não sabias o que ia fazer e depois já era tarde. Que não tiveste outro remédio senão deixar-me atuar para saberes do que se tratava.

Ficou a pensar por uns momentos e concordou.

– Está bem. Tu és o treinador.

– Além disso, deves-me isto depois da maneira como me disseste que tinha sido o Mackie, o amigo do Drenno, quem tinha violado a Fehmiu.

– Isso é verdade.

Encolheu-se e disse:

– Merda!

– Que foi? – perguntei.

– Parece que, afinal de contas, vou ter de trabalhar esta noite.

Fiz-lhe um sorriso.

– Tinhas outros planos?

– Até entrar no teu carro. Mas vão ter de esperar. É uma decepção.

– Sou da mesma opinião.

– Ótimo. Ainda bem.

– Mas preciso de ver isto arrumado. Pelo Zarco.

– Não te preocupes, eu compreendo. Mas vais ter de me compensar.

– Como?

– Tenho estado a pensar nisso.

Assentiu com a cabeça.

– Sim, quando isto acabar, terás de me levar para o teu encantador apartamento e fazer-me tudo o que te apetecer durante vinte e quatro horas. Eu diria quarenta e oito, mas sei que vão jogar fora contra o Everton no sábado.

– Que convite, Louise!

– Alegra-me que assim penses.

– Tudo o que me apetecer?

– Absolutamente tudo.

– Bolas!, nunca me tinham dito nada assim.

Virei para uma rua secundária e parei o carro.

– Que estás a fazer? Porque é que paraste?

– Sou um bocado antiquado – respondi. – Não sou capaz de pensar em mais nada sem te beijar primeiro.

– Nem eu – respondeu ela.

E não só deixou que a beijasse como me deixou também meter a mão por baixo da saia.

– Mete o dedo – disse, ao fim de um bocado. – Quero que saibas o que perdeste esta noite de cada vez que tocares na cara.

Capítulo 49

Estacionei frente à porta da grande casa branca que Toyah Zarco tinha em Warwick Square e desliguei o motor. O carro fez uns silvos, como os de um *flipper*, e uma rajada de vento agitou as árvores dos jardins comunitários. O polícia que continuava de guarda à porta de Toyah olhava para nós pacientemente. Com o grosso casaco e o colete à prova de bala, o seu corpo parecia demasiado grande para as pernas; teria sido um grande guarda-redes. A imprensa já tinha desaparecido; devia haver outra viúva em lágrimas a quem queriam filmar e incomodar com as suas perguntas. Um homem que passeava o cão afastou-o das rodas do carro para que não urinasse nelas. A lua cheia brilhava sobre uma fila ordenada de bicicletas públicas frente à igreja; parecia uma série de máquinas de *fitness* num estranho ginásio, aberto vinte e quatro horas por dia, como se o vitral de S. Seja-o-Que-For pudesse acender-se a todo o momento como uma televisão gigante. Mas o templo fez-me lembrar que na sexta-feira tinha de ir ao funeral de Drenno, coisa que me apavorava.

– A família do Drenno sabe o que o Mackie fez? – perguntei a Louise. – E que o Drenno o ajudou a encobrir?

– Não, ainda não.

- E não podemos deixar ficar as coisas como estão?
- perguntei. – Pelo menos, até decorrer o funeral.

Assentiu.

- Obrigado.
- É estranho.
- O quê?

– Que sejas tu quem vá tentar obter a confissão e não eu.

– Sossega. Já ganhei um jogo esta noite. Estou a ter uma boa prestação. Além disso, espero não ter que dizer grande coisa. A simples presença do polícia de serviço à porta dá-nos a margem de manobra de que precisamos.

– A única coisa que te digo é que tenhas cuidado. Isto não é um jogo.

– E achas que o futebol é? Depois de veres um jogo como o de hoje devias ter mudado de opinião.

- Talvez tenhas razão. Que queres que eu faça?
- Tens a tua identificação?
- Claro.

– Mostra-a ao polícia e põe-no às tuas ordens. E espero que faças o mesmo quando chegarmos ao meu apartamento. Gosto de mulheres dominadoras.

Sáímos do carro e acercámo-nos do polícia. Parecia sinceramente satisfeito por nos ver, como um cão deixado muito tempo sozinho à porta do supermercado.

– Boa noite, senhor – cumprimentou-me. – Um bom resultado esta noite. O Sr. Zarco teria ficado orgulhoso.

Tinha-me esquecido de que o polícia era apoiante do City. Vinha mesmo a calhar.

– Obrigado, senhor guarda. Eu também acho que sim.

- Cinco a três. Espero que o meu Sky Plus tenha

gravado.

– Se não tiver gravado, diga-me, que eu mando-lhe um DVD.

Dei-lhe o meu cartão de visita. Estava a tornar-me mole com a idade. Imaginei que fosse o efeito que Louise Considine estava a ter sobre mim; ela era a prova viva de que nem todos os polícias eram uns sacanas. Talvez ainda houvesse esperança de que me viesse a tornar um membro decente da sociedade e respeitador da lei.

Louise mostrou-lhe a identificação.

– Sou a inspetora Considine, do Departamento de Investigação Criminal de Brent. Como é que se chama?

– Agente Harrison, minha senhora. Da esquadra de Belgravia.

– Pensava que em Belgravia não precisavam de esquadras – comentei.

– Preciso da sua ajuda, agente. Importa-se de nos acompanhar?

– Sim, minha senhora – respondeu ele sem demora.

– De que se trata?

– Prefiro não dizer já – replicou Louise.

Fomos até ao lado oposto da praça.

O tapume frente ao número 12 agitava-se de tal modo com o vento de janeiro que as tranquilas ruas de Pimlico pareciam prestes a sofrer um abalo; e, em certo sentido, assim era, pelo menos para os vizinhos da casa ao lado. Tinham as luzes todas acesas. Depois das vinte mil libras que lhes tinha dado, é provável que considerassem que já não precisavam de se preocupar mais com a fatura da luz. Ao subir as escadas da entrada, vi por uma nesga entre as cortinas da janela da frente que a Sr.^a Van de Merwe e a sua filha estavam a

ler e no sofá estava um homem sentado a ver televisão. Mas não era o Sr. Van de Merwe; era um homem mais novo, atlético, que estava a ver as repetições das melhores jogadas do desafio realizado em Silvertown Dock na ITV. É estranho como é diferente ver um jogo na televisão que se viu ao vivo.

Toquei a velha campainha e ficámos à espera até que ouvimos dar a volta à fechadura e o Sr. Van de Merwe abriu a porta. Quando viu o polícia atrás de mim, a maçã de Adão mexeu-se-lhe debaixo do colarinho como um velhinho tresnoitado.

– Oh – disse num tom de resignação tranquila. – É melhor entrarem.

Entrámos os três para o vestíbulo. O agente Harrison fechou a porta e logo a casa pareceu pequena. Havia várias malas no chão, como se os Van de Merwes estivessem de partida para algum lado – provavelmente, para a África do Sul – mas, se eu estava certo, de momento bastava-lhes um passaporte para Pimlico.

Fomos até à sala e, ao verem o agente, puseram-se todos de pé. Mariella cruzou os braços e afastou-se imediatamente, enquanto a mãe abafou um gemido curto com as costas da mão e voltou a sentar-se; pegou num lenço delicadamente bordado e começou a chorar.

– Esta é a inspetora Considine, do Departamento de Investigação Criminal de Brent – expliquei. – E o agente Harrison. A inspetora Considine tem estado a investigar a morte de João Zarco no sábado em Silvertown Dock.

Não lhe chamei assassínio; achei que tínhamos mais possibilidades de conseguir uma confissão se tentasse minimizar a gravidade do que acontecera.

– E em relação a ela, creio que o Sr. Cruikshank sabe

alguma coisa.

Falava com o homem que tinha estado a ver televisão. Rondava os trinta e cinco anos, media cerca de um metro e oitenta de altura, era entroncado, tinha o cabelo castanho-claro e os olhos verdes e vestia *jeans* e uma camisola azul de lã grossa que parecia ter sido feita pela sogra.

– Estou a falar com o Sr. Cruikshank, não é verdade?

– É. – respondeu com enfado.

Suspirou e fechou os olhos durante uns segundos.

– Foi um acidente – acrescentou. – Por favor, acredite, não era minha intenção.

– Acho que o melhor é contar-nos exatamente o que aconteceu – respondi.

Assentiu.

– Sim, acho que sim.

– Importa-se que nos sentemos? – perguntei.

– Não, façam o favor.

Apontou para um sofá no qual Louise, o agente Harrison e eu nos sentámos e, de seguida, desligou o televisor.

– Querem beber alguma coisa? perguntou.

Abanámos a cabeça.

– Importam-se que eu o faça? – perguntou. – Preciso de uma bebida.

– Força – disse eu.

Serviu-se de um bom copo de uísque *Laphroaig*, bebeu-o de um trago e voltou a encher outro.

– A ver se a bebida me dá coragem – disse, sentando-se na nossa frente.

– É pena que não a tivesse mostrado no sábado – comentei.

– Sim, também acho. A propósito, como é que

soube...?

– Porque estava na lista de entradas gratuitas de Zarco, Sr. Cruikshank – respondi. – Por si só, como é evidente, isso não provaria que o matou, mas, quando o cadáver foi encontrado, ainda tinha no bolso o pedacinho de sanca que lhe tinha dado.

Olhei para o teto e tirei do bolso do casaco a fotografia do pedaço de sanca que alguém da morgue de East Ham tinha tirado.

– Coincide com o que falta no teto. O pedaço que lhe deu quando se foi queixar dos trabalhadores. Foram eles que causaram o dano, não é verdade?

Cruikshank assentiu.

– Não faz ideia do sofrimento que estas obras causaram aos meus sogros. Dia após dia. São velhos. Têm direito a gozar da reforma em paz e tranquilidade.

O Sr. Van de Merwe sentou-se ao lado da mulher noutro sofá. Juntos, davam a impressão de ser dois anciãos que tentavam gozar tranquilamente a reforma.

– Compreendo – disse.

– Compreende? – disse Mariella com amargura. – Duvido muito. Toda esta situação nos pôs loucos, não me importo de lho dizer.

– Por favor, Mariella – disse o marido. – Deixa-me tratar disto. Sozinho. Como devia ter feito desde o princípio.

– Zarco deu-lhe, portanto, as entradas – continuei eu. – Para o jogo de sábado e para o desta noite também. Em sinal de boa-fé, suponho. Uma demonstração de que queria continuar o diálogo na esperança de resolver a disputa.

– Qualquer coisa assim – disse Cruikshank.

– Ora! – explodiu Mariella. – A tentar calar-nos com

uns bilhetes.

– Isso não é justo – disse o marido.

– Ai não?

– Por favor, Mariella, não estás a ajudar. Eu gostava dele, Sr. Manson. Bem, quase sempre. Ele sabia que eu era apoiante do City – há muito que o sou – e, bem, como o senhor disse, ele achava que se continuássemos a falar acabaríamos por resolver as nossas diferenças. Daí as entradas. E talvez tivéssemos podido resolver alguma coisa, não sei. Seja como for, pediu-me que no sábado fosse ter com ele antes do jogo, para podermos falar. Ao camarote 123. Pertence a um homem de negócios do Catar que não se serve dele, ao que me disse. Também me disse que ia fazer-nos uma oferta melhor para que os meus sogros pudessem retirar-se até as obras estarem terminadas. Lá fui. E falámos. Estávamos na cozinha a tomar um café. De início, foi muito amigável. A seguir, disse-lhe que esta casa iria ter de ser arranjada quando as obras dele tivessem terminado. Como podem ver, está tudo cheio de pó por causa das vibrações causadas pelas constantes perfurações. Para o provar, dei-lhe um pedaço da sanca que tinha caído em cima da cabeça da minha sogra na semana anterior. Dei-lhe um valor, com o orçamento feito por um pintor e um decorador, de vinte mil libras, e disse-lhe que teria de as somar às dez mil que já nos tinha oferecido. Foi então que começou a acusar-me de estar a tentar enganá-lo. Disse que pensava que estávamos a falar de um valor que permitisse que o Marius e a Ingrid, quer dizer, o senhor e a senhora Van de Merwe, fossem de férias. E que eu estava a pedir três vezes mais para incluir a decoração da casa.

»A conversa azedou. Insultou-me em português. Sei

um bocadinho de português porque trabalhei no Brasil. Chamou-me *cadela*. E *cona*. Não vale a pena estar com explicações, acho eu. Irritei-me e dei-lhe um empurrão. Um simples empurrão, mais nada. Nem sequer lhe bati. Chocou com a janela, que se abriu, vá-se lá saber porquê, e caiu. Tentei agarrá-lo... acho que o agarrei pela gravata... e talvez ele me tivesse agarrado também, não tenho a certeza. A gravata começou a escorregar-me das mãos, tropecei e foi-se.

»Ouvi um som muito estridente quando bateu em qualquer coisa na queda. Espreitei pela janela, mas não consegui vê-lo. Deviam ser uns dezoito a vinte metros até ao solo. Percebi logo que era impossível que tivesse sobrevivido à queda. Foi o que pensei na altura. Fiquei em pânico e fugi. Vim para casa, fiquei a pensar naquilo e estava para telefonar para a polícia a dizer o que tinha acontecido quando ouvi a notícia de que tinha sido assassinado. Perdi a coragem. Mas até essa altura, a minha ideia era entregar-me. A sério que era. Não sou nenhum assassino, Sr. Manson. Como lhe disse, gostava dele. Lamento, lamento muito.

– Compreendo, Sr. Cruikshank.

– Que me vai acontecer? – perguntou a Louise.

– Não sou eu que determino isso, Sr. Cruikshank.

– O que não entendo – disse eu –, é porque entrou no estádio, abriu uma cova no centro do campo e deixou lá dentro a fotografia de Zarco. Isso é que foi muito estranho; e não se pode considerar um acidente. Quer que lhe diga porque sei isso também? Porque, por descuido, deixou lá umas ferramentas. Uma delas tinha as iniciais LCC no cabo. A princípio, pensei tratar-se do London County Council, o predecessor do Greater London Council, mas o nome tinha mudado há

demasiado tempo, mesmo para uma pá. Mais tarde, vi no tapume da empresa que está a restaurar a casa de Zarco: Lambton Construction Company. Estive a falar com um dos trabalhadores e ele contou-me que lhes tinham roubado ferramentas. Também foi o senhor, não foi?

Cruikshank reconheceu.

– Era para ser uma espécie de justiça poética, se quiser – respondeu. – Queria que ele soubesse o que era passar o que nós estávamos a passar, ter a vida virada do avesso. Sinceramente, espantou-me que tivessem conseguido reparar o terreno tão rápido como repararam.

– Foi ideia sua? – quis saber. – Abrir o buraco no campo? Ou foi da sua mulher?

Virei-me para Mariella, que continuava de braços cruzados, e vi que olhava com tal fúria para as cortinas que lhes podia ter pegado fogo com os olhos. Pela primeira vez, apercebi-me claramente do ódio que tinha dentro de si.

– Que me diz, Sr.^a Cruikshank? Ajudou-o, não é verdade? Não vejo outra razão para o seu marido ter roubado duas pás. Pelo que vejo, não lhe importou que a culpa caísse sobre algum daqueles pobres romenos.

Não respondeu.

– Vejamos, Sr. Cruikshank – continuei. – Não me entenda mal, acho muito nobre da sua parte tentar arcar com a responsabilidade toda. Compreendo-o; fiz uma coisa parecida uma vez, mas não serve de nada, sabe? Por mim, acho que só serviu para piorar as coisas.

– Desculpe, mas não estou a perceber, Sr. Manson.

– Claro que está a perceber. Pelos registos

informáticos dos torniquetes do estádio, foram usadas as duas entradas que Zarco lhe tinha dado no sábado. Não estou a ver o Sr. Van de Merwe a ir ao estádio. Não com a perna como ele tem. Nem a Sr.^a Van de Merwe. O que significa que Mariella também lá esteve, não é assim? No camarote 123, juntamente com Zarco e o seu marido. Para o ajudar a negociar.

Depois do que acabava de dizer, o silêncio dela era revelador.

– Já imaginava. Sabe, aposto que foi você que teve a presença de espírito suficiente para fechar a janela e pôr a lavar a máquina com as três chávenas de café. Um toque feminino? Ou foi apenas para se assegurar que parecesse que não tinham lá estado?

A mulher tirou os olhos das cortinas e olhou-me com repugnância. Era uma mulher bonita; e estava em bastante boa forma. Como se fosse muito ao ginásio. A camisola de algodão fino permitia-me ter uma ideia de como era a parte superior do seu corpo: ombros fortes, bíceps poderosos e peitos bem definidos. Mas só quando se dobrou sobre o sofá para pegar no casaco de malha é que percebi o que se devia ter passado realmente no camarote 123 de Silvertown Dock.

– Acha-se muito esportinho, é? – disse com ar de desprezo. – Mas não pode provar nada disso.

– Não?

– Não passam de conjecturas, Sr. Manson.

– De facto, Sr. Cruikshank – continuei –, creio que não foi o senhor que empurrou João Zarco pela janela.

– Como se não tivéssemos já passado bastante com a merda das obras da casa ao lado! Com que direito é que se atreve a vir aqui lixar-nos a vida?

– Creio que foi a sua mulher que empurrou Zarco

pela janela, não foi Sr.^a Cruikshank? Provavelmente quando ele lhe chamou puta, não foi?

– John, não digas mais nada a não ser na presença de um advogado, ouviste?

– É isso que significa *cadela*. Como vê, eu também sei um pouco de português. E ainda que perceba que lhe tivesse chamado cabrão, Sr. Cruikshank, não percebo porque iria chamar-lhe puta. A menos que Mariella estivesse no camarote.

– Saiam!

– Não é que o conheça há muito tempo, mas a impressão que tenho é que quem manda aqui em casa é a sua mulher. Foi você que empurrou Zarco pela janela, não foi, Sr.^a Cruikshank? Foi o seu marido que tentou agarrá-lo para que ele não caísse, mas quem o empurrou foi você.

– Fora desta casa, ouviram?

– Não posso prová-lo, claro. Uma vez mais, não tenho forma de o fazer. Serão os peritos forenses que irão comparar esse arranhãozinho que tem no pescoço com a pele e o sangue que encontraram por baixo das unhas de Zarco. Mas sabe uma coisa? Não me surpreenderia nada que tivesse sido você que o empurrou pela janela, Mariella. Afinal, isso explica muito melhor porque não tentaram ajudá-lo depois. Porque esperava que estivesse morto e que todos esses maus bocados que sofreram por causa das obras desaparecessem para sempre. É assim, não é?

Nunca ouvi uma Banshee e, sinceramente, não faço ideia com que se pareça, mas imagino que o grito lançado por Mariella em africânder ao atirar-se através da sala com as mãos estendidas ao meu pescoço foi uma imitação bem conseguida.

Felizmente que eu não me encontrava ao pé de uma janela aberta.

Capítulo 50

– Que lhes *vai* acontecer? – perguntei a Louise.

A minha reconciliação com as forças policiais avançava a bom ritmo. Estávamos na tarde do dia seguinte e Louise não chegara há muito do comissariado de Greenwich; encontrávamo-nos estendidos na cama, no meu apartamento de Manresa Road, e eu acabava de passar uma energética hora a fazer amor. Tinha em grande consideração a polícia e o trabalho que fazia, sobretudo quando a polícia se parecia com Louise Considine, que estava nua na cama, com as pernas à volta da minha cintura e o meu pénis a encolher-se lentamente dentro dela.

– Aos Cruikshank?

– Sim.

– Isso depende do Ministério Público – respondeu –, mas como estudei Direito, acho que será mais fácil provar que foi um homicídio involuntário do que um assassinio. O arranhão no pescoço da Mariella Cruikshank e as fibras da camisola encontradas por baixo das unhas do Zarco serão suficientes para provar que foi ela que o empurrou, mas não para provar que o fez com intenção de matar. Até agora, tem sido um osso duro de roer. Não revela grande coisa nos interrogatórios. Não tenho a certeza

de que ela própria saiba se queria ou não matá-lo. Francamente, é ainda mais cabra que a Jane Byrne.

– Quase acredito. A Jane Byrne tem-te chateado com o que aconteceu?

– Um pouco.

– Lamento.

– Não lamentos. Aguento-me bem.

Assenti com um ar taciturno.

– Dos velhotes é que sinto mesmo pena. Se os Cruikshank forem para a prisão, os Van de Merwes vão ter uma vida difícil.

Louise encolheu os ombros como se não se importasse com eles.

– Não achas? – insisti.

– Também não me preocuparia muito com eles. Apanharam o avião esta manhã para a África do Sul.

– Estás a brincar!

– Em primeira classe. Ao que parece, acham que tanto a filha como o genro podem bem lidar sozinhos com o que se passar. A perspetiva de terem vinte e cinco graus de temperatura em janeiro é demasiado tentadora.

– Só que estamos em fevereiro.

– Estamos?

– Podes acreditar, sei o que estou a dizer. Hoje é dia 1 de fevereiro. O mercado de inverno acaba de fechar e o Viktor não pode comprar mais jogadores. O que talvez não seja mau, porque não estou muito seguro a respeito do último jogador a entrar.

Louise protestou um pouco quando saí dela; rolou até se pôr em cima de mim e beijou-me na testa.

– Seja como for – continuou –, só daqui a uns meses é que eles irão a julgamento, e nessa altura os Van

de Merwes já terão voltado. O mais provável é que as obras e a época do futebol já tenham terminado.

– Suponho que sim.

– E tu terás sido confirmado como o novo treinador e gestor do plantel do City.

– Isso já está – respondi. – Falei com o Viktor depois de te deixar à noite e contei-lhe dos Cruikshank. Sexta-feira assino o novo contrato. Ele cumpriu a palavra.

– Disseste-lhe que houve uma altura em que estavas convencido de que tinha sido ele que matara o Zarco?

– Não. Mas pedi-lhe que me explicasse exatamente o que tinha querido dizer com aquele comentário de que as objeções à vinda de Develi para a equipa tinham sido atiradas janela fora. Disse-me que estava a referir-se ao Ministério do Interior. Ao que parece, tinha-se oposto porque o Develi planeava abrir também um clube noturno, o que é contra as leis dos, como eles lhe chamam, emigrantes desportistas de nível 2. Seja como for, desistiu da ideia e vai só jogar futebol, que é como deve ser. O futebol está em primeiro lugar. Sempre. Sem futebol, a vida não teria sentido.

– Isso não parece propriamente do Aristóteles, Scott.

– Pois estás enganada. É dele.

Louise franziu o sobrolho.

– Aristóteles achava que o futebol continha o verdadeiro sentido da vida.

– Tretas.

– A sério. Escuta. No seu *Ética a Nicómaco*, diz...

Fiz uma pausa para me recordar da citação exata.

– Estás a brincar comigo, não estás?

– Pelo contrário. Além disso, acho que sabia exatamente o que estava a dizer e, como de costume, estava certo. Aristóteles diz: «Toda a arte e toda a

indagação, e do mesmo modo toda a prossecução prática e toda a tomada de posição parecem visar um bem; pois tem sido dito, e bem, que o bem é aquilo que cada coisa visa. Tudo é realizado com um fim e o dito fim é o bem.»

Encolhi os ombros.

– Estás a ver? Um fim muda tudo.

A isto chama-se verdade filosófica.